

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música

Ano 5 - Nº 31 - Edição Maio e Junho 2025

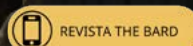
www.revistathebard.com

MATÉRIA DE CAPA

Páginas de Pedra:
“A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas”

ISSN 2764-9768

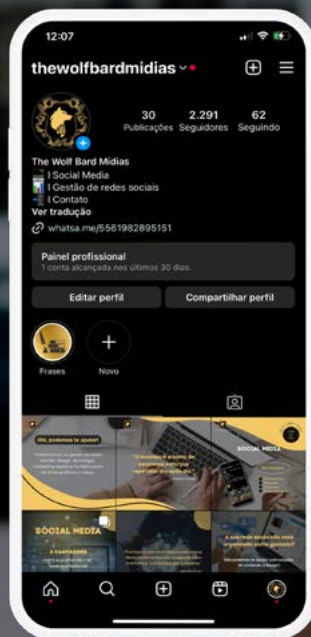
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?

Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagem semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL



Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

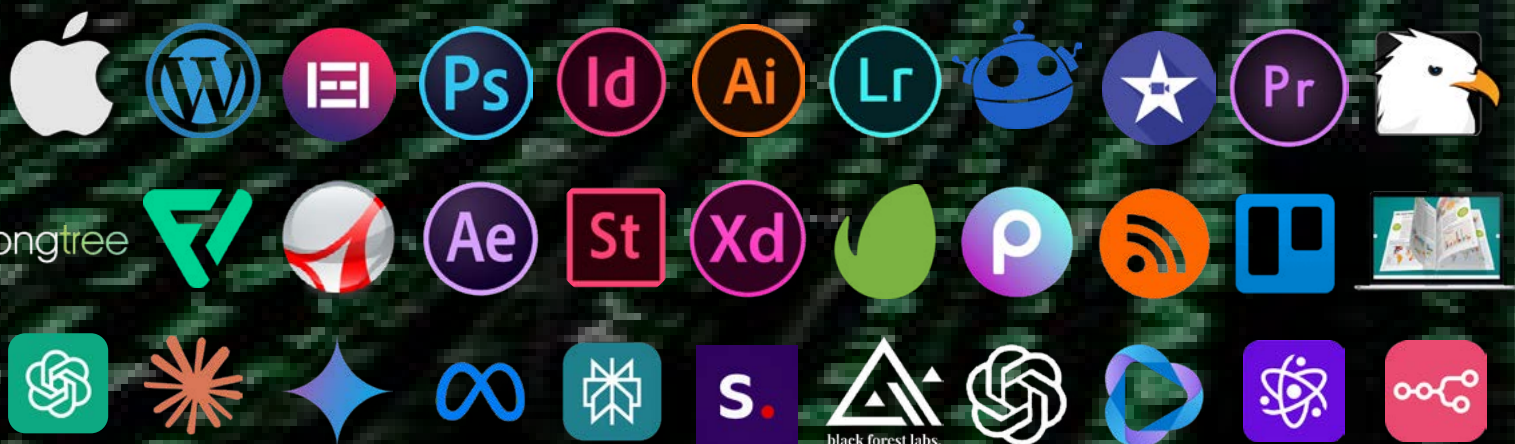
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e treze Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS





Edição da Revista

ED. MAI/JUN 25

Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25

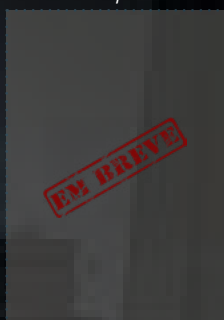
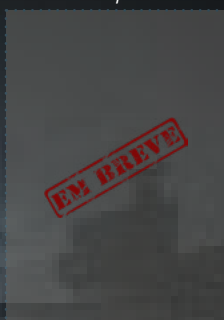
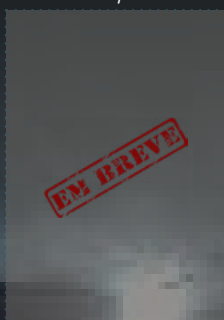
ED. SET/OUT 25

ED. JUL/AGO 25

ED. MAI/JUN 25

ED. MAR/ABR 25

ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24

ED. SET/OUT 24

ED. JUL/AGO 24

ED. MAI/JUN 24

ED. MAR/ABR 24

ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23

ED. JUL/AGO 23

ED. MAI/JUN 23

ED. MAR/ABR 23

ED. JAN/FEV 23





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imenso entusiasmo que damos as boas-vindas à 31ª edição da Revista Interativa The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

Nessa edição o tema da Matéria de Capa é “Páginas de Pedra: a arquitetura e o legado das grandes bibliotecas históricas”, contando um pouco sobre as grandes bibliotecas que abrigam as memórias do mundo, por Vanina Sigrist.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Canadá e EUA;

Apresentamos algumas colunas como: Raízes do Brasil, por Renata Munhoz, Inclusão e Acessibilidade em foco, por Sandra Santiago. E outras colunas que retornaram como: Grandes Autores, por Angela Daneluci, Crônicas Tons do Cotidiano, por Adriana Moura, Mãe África, por Fátima Moniz e Caldeirão Cultural, por Luiz Solrak. Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Letras e Músicas”, Minicontos”, “Contos”, “Crônicas”, “Soneto” e “Resenha de Livros”. Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, a nossa Agência de Marketing Digital, um projeto para trabalhar na gestão de redes sociais, site, design, tecnologia e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.

Clique aqui

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR DOS PRÓXIMOS EDITAIS

Acesse o EDITAL da Revista Internacional THE BARD



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

31ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 31ª edição Maio e Junho 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 31ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Ilze Maria Almeida

Nasceu em Caxias, Maranhão, terra de Gonçalves Dias. É engenheira agrônoma, ex-bancária e poeta. Atualmente, mora em São Luís do Maranhão. Sempre teve na alma e no coração poesia, música e muitos sonhos. Sua trajetória começou no Rio de Janeiro, no Parque Guinle, onde, refletindo sobre a vida e observando as pessoas ao seu redor, começou a rabiscar no caderno tudo o que via. A escrita é uma forma de expressar os sentimentos guardados em seu coração, e ela vibra quando suas palavras tocam o coração de alguém. Escreve simplesmente para tocar corações.

INSTAGRAM



Marcelo Guido Beker

Professor. Nasceu em 29/03/1977. É autor de 10 livros lançados pela Editora Filos entre os anos de 2020 e 2025. Participou de dezenas de antologias literárias. Em dezembro/2023 foi premiado, juntamente com outros autores, pela Academia Independente de Letras e Ordem Scriptorium com o título de Referência e Qualificação Literária Polímata pela notoriedade no trabalho de semear conhecimento e assim enriquecer a Cultura Nacional com a essência prima. Já no ano de 2024, tornou-se membro da Academia Independente De Letras (AIL) - cadeira 311 (O Cavaleiro Do Fogo) e em 25.1.2025 foi agraciado no Rio de Janeiro com o Troféu "Machado de Assis" de Excelência e Inovação como símbolo de excelência e inovação literária em em celebração aos artistas que dão vida para obras inesquecíveis.

INSTAGRAM



Fagner Lima

Jornalista, criou o Projeto "Turma do Faguinho" em 2008 e é composto por quatro CDs lançados entre 2009 e 2022. Além dos produtos audiovisuais, o grupo roda por cidades da Região Metropolitana do Recife e outras regiões de Pernambuco em apresentações ao vivo.

YOUTUBE



João Batista Londe

Imortal da Academia Internacional de Literatura Brasileira, com sede em New York-USA, J Londe nasceu na cidade de Patos de Minas-MG, em 20 de setembro de 1959. É poeta, professor, jornalista profissional e escritor. Membro imortal da Academia Interamericana de Escritores, com sede em Fortaleza-CE. Licenciado em matemática; licenciado em Ciências Biológicas; Especialista em Biologia pela Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais. Autor da série de romance histórico: Histórias De Minas, onde procura resgatar heróis esquecidos da história oficial brasileira e, sobretudo, mineira. É também autor da série Pedagnose, onde aborda, de forma quase científica, a aplicação da lei de diretrizes e bases na prática educacional e seus desdobramentos, fundamentada em conhecimentos técnicos e na sua vivência como professor da rede básica de ensino por 40 anos.

INSTAGRAM





Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

30ª edição



Vozes Eternas:

"A Ópera e seu papel na cultura e arte universal"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 30ª edição Março e Abril 2025, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 30ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Neri Luiz Cappellari

Natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). Arquiteto e escritor. Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. Tem participação em diversas Coletâneas. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

FACEBOOK



Patrícia Proença

Natural do Rio de Janeiro, professora da rede privada. Graduada em Pedagogia. (UCB) Especializada em Psicopedagogia com ênfase na Educação Especial. (UVA) Escritora, compositora e poeta. Acadêmica da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes. Academia de São Pedro da Aldeia e Academia de Letras e Artes do Rio Grande do Sul. Autora de quatro obras literárias: O sentido da vida. O mar de Eneida. Uma viagem mágica. Direcionados ao público infantil e infantojuvenil. O quarto livro: Entrelaços Antes do Adeus, é o livro de poesias mais recente e tece um mosaico de emoções. Participante da Revista The Bard, BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO e de diversos projetos literários.

INSTAGRAM



José Mauro Severino

Residente em Santo André (SP), profissional de TI escreve Contos e letras para canções. Em 2024 foi selecionado da FLIST(RJ) com uma música homenageando Gilberto Gil, venceu o Concurso Gustavo Teixeira da cidade de São Pedro (SP) e fez parte da Revista The Bard com uma canção (set/out24); em 2023 venceu o Concurso Um poema para Niterói; em 2008 fez parte de O livro de todos (Editora Imprensa Oficial); participa de e-books e antologias.

SITE



Rute Ella Dominici

Escritora e Poetisa. Paulistana, odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'lava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/ Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA



Matéria de Capa
VANINA SIGRIST



ACESSE A COLUNA



Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA



Autopoesse & Narrativas
STELLA GASPAR



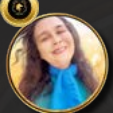
ACESSE A COLUNA



Frases e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA



Vida de Autor
LILIAN STOCO



ACESSE A COLUNA



Grandes Autores
ANGELA DANIELUCI



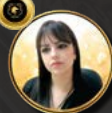
ACESSE A COLUNA



Recita-me
JULIANA ROSSI



ACESSE A COLUNA



Semando a Escrita
LILIAN BARBOSA



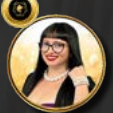
ACESSE A COLUNA



Nossa Literatura
VIRTUDES POÉTICAS
MARCIA NEVES



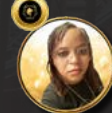
ACESSE A COLUNA



Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA



Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



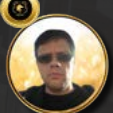
ACESSE A COLUNA



A Língua em movimento
ALINE ABREU SANTANA



ACESSE A COLUNA



Dialética
CLAYTON ZOCARATO



ACESSE A COLUNA



Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



ACESSE A COLUNA



Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



ACESSE A COLUNA



Humanliterar
SUELI LOPES



ACESSE A COLUNA



Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO



ACESSE A COLUNA



As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA



Raízes de Moçambique
DANY AMADO



ACESSE A COLUNA



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPASIA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA



Recanto das Culturas tradicionais
EDNA BRENNAN



ACESSE A COLUNA



Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA



Literatura de Cordel
BETH DALTAN



ACESSE A COLUNA



Mãe África
FÁTIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA



Vai um livro aí?
ARELLY SOARES



ACESSE A COLUNA



ResilienteMENTE
ADRIANA STRELLA



ACESSE A COLUNA



Caldeirão Cultural
LUIZ SOLHAK LIMA



ACESSE A COLUNA



Desnuda em Palavras
TÔMA LAVINA



ACESSE A COLUNA



Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



ACESSE A COLUNA



Letras & Músicas
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Não te conto
FÁBIA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA



MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Crônicas
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Coluna Soneto
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Resenha de Livros
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA



Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGAA REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Diretora da Equipe de Marketing

ACESSE



SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Redator de Marketing

ACESSE



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



ANFRÉ FERREIRA
Escritor
Divulgador

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



LARISSA RESENDE
Escritora
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGAA REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



LUIZ SOLRAK
Redator Digital

ACESSE



SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



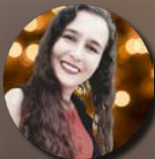
Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



COLABORAÇÃO
& PESQUISA

Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA





Vanina Sigríst



Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, professora em cursos de graduação, autora do livro infantil "De quem é a rua?" (2021) e criadora da Casa na Arte (com canal no YouTube). Adoro ser mãe, cuidar de plantas, comer bem, meditar e curtir amigos, artes e livros.



"Como templos erguidos para a eternidade, as bibliotecas acolhem todas as vozes do tempo—ecos de civilizações, segredos de eras, sonhos que repousam entre páginas à espera de serem despertados."

Como templos sagrados, bibliotecas abrigam todas as memórias do mundo

Imagino que bibliotecas sejam encantadoras até para aqueles que não apreciam a leitura. Por mais simples e pequenas que possam parecer, não adianta, elas têm o seu charme, e, claro, o seu cheiro muito próprio. Talvez eu me lembre menos da arquitetura e da dimensão das bibliotecas que já visitei, e bem mais do cheiro, sabem, aquele cheiro de papel acumulado, das prateleiras empoeiradas, dos volumes ali envelhecidos, do peso da história e da tradição. São lugares, por

natureza, sagrados, porque acolhem de bom grado preocupações, fantasias e dores humanas.

Também são lugares antiquíssimos, que respondem bem às urgências dos povos e suas culturas: provocam recolhimento, instigam a criatividade, reúnem estudiosos, curiosos e dilettantes, promovem encontros fortuitos e intensos, entre os vivos e os mortos. Desde quando existem, afinal, o que chamamos aqui nesta edição da The Bard de páginas de pedra?

A mais antiga biblioteca do mundo está localizada em continente africano. Fundada em 859, a Biblioteca al-Qarawiyyin, em Fez, atual Marrocos, guarda manuscritos com mais de 12 séculos. Sua estrutura física sofreu evidentemente, ao longo dos anos, danos substanciais, e provavelmente não tenha recebido a atenção mais que merecida, até que, recentemente, em 2012, o Ministério da Cultura marroquino decidiu investir na restauração para poder reabri-la ao público, sob a coordenação da arquiteta Aziza Chaouni. O projeto logrou seu intento, para o bem de todos os seus frequentadores e visitantes.



De posse dessa informação, passei a ficar ainda mais curiosa a respeito da história desses monumentos arquitetônicos e culturais imprescindíveis à nossa existência (por mais que haja milhares de pessoas que não tenham essa percepção e que provavelmente jamais tenham pisado numa biblioteca). Onde fica, aliás, a maior biblioteca do

mundo? Nos Estados Unidos, em Washington. A Biblioteca do Congresso (Library of Congress) é a maior em espaço físico e em quantidade de obras no acervo, sendo cerca de 155 milhões de exemplares em mais de 400 idiomas distintos. Uma biblioteca e tanto, esplêndida, imponente.



Imagem de Viajadores por Google - Washington DC: Biblioteca do Congresso – a maior do mundo



Imagem de JornalNota por Google –
Little Free Library



Porém, a maior biblioteca particular não está na América, e sim em Poona, na Índia. Trata-se da coleção de Osho, líder espiritual indiano falecido em 1990, com cerca de 100 mil volumes. Sua biblioteca de Lao Tzu ocupa uma série de corredores em sua antiga residência - e eu, vejamos só, que pensava que o acervo monumental de 30 mil obras do autor italiano Umberto Eco, cujos registros em vídeo vi há poucos meses, já fosse uma tara intelectual das mais escandalosas.

Em sentido oposto, segui com minhas pesquisas para descobrir qual a menor biblioteca pública do mundo. Titica mesmo. Uma pequena estrutura amarela instalada em Nova York permite que uma única pessoa ali entre para retirar ou deixar um livro. Com jeitinho, talvez caibam duas pessoas, e no máximo 40 livros em sua estante. A Little Free Library foi montada com resíduos reciclados, assemelha-se a uma cabine telefô-

nica que se destaca por seu amarelo chamativo, resistindo às intervenções climáticas.

Será, então, que o espaço físico realmente importa para a criação e a preservação de uma biblioteca? Porque elas brotam espontaneamente de algumas prateleiras que temos em nossas casas ou em cantinhos de praças, comércios e cafeterias, em esquema colaborativo de leve-um-traga-um, e, de repente, muito vivas, exigem mais acomodações, em escrivaninhas e mochilas, vitrinas protegidas por vidros duplos e cadeados, ou sobre os tapetes do escritório de um poeta um tanto atormentado. As nossas casas possuem bibliotecas, grandes ou pequenas, e as nossas casas inteiras são a biblioteca, muitas das vezes (tais como as residências de escritores renomados da nossa literatura, agora abertas a visitação). Ou, projetadas para grandes públicos como polos turístico-culturais, são as bibliotecas que viram a nossa casa.

Conheçamos algumas dessas, com ajuda da mais recente seleção realizada pela Casa Cor no Brasil, das “12 bibliotecas com arquitetura impressionante ao redor do mundo”, de agosto do ano passado. A proposta parece justamente querer destacar os desenhos mais criativos e as soluções mais inovadoras no mundo da arquitetura de bibliotecas, em relação, inclusive, aos materiais, à iluminação, à estética, ao conforto e, óbvio, à acessibilidade. A seleção me surpreendeu, já confesso. À primeira vista, poderíamos supor que tais atrações estivessem concentradas na Europa e nos Estados Unidos, regiões conhecidas por sua longa valorização da literatura e das artes em geral, incluindo museus e galerias. Dentre as 12, no entanto, 6 bibliotecas são asiáticas, incluindo China, Coreia do Sul, Vietnã, Índia e Japão. Uma ultracolorida, outra quase toda transparente, uma terceira com cara de cabaninha na floresta, são todas elas muito convidativas.

A brasileira (sim, estamos na lista!) é a Biblioteca Nacional do Brasil, que tem por nome oficial instituição Fundação Biblioteca Nacional, depositária de um patrimônio bibliográfico e documental considerado pela UNESCO um dos maiores e mais importantes da América Latina. A Fundação vale, e muito, a visita, dada a sua imponência tão deslumbrante. Inaugurada em 1910 com o propósito de substituir a Livraria Real Portuguesa, perdida num incêndio em Lisboa, abriga cerca de dez milhões de itens que não param de se multiplicar, visto que ao menos um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional deve ser enviado para lá.



Imagem de Biblioteca Nacional do Brasil por Wikipédia

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)



COLUNAS E COLUNISTAS

Eu a conheci há cerca de 2 anos. Assim tenho na vida colecionado bibliotecas. Desde a minha biblioteca municipal de infância, para onde corria quando precisava me reunir com colegas e buscar informações para trabalhos escolares, escritos à mão, preservada até hoje, até as inúmeras bibliotecas das tantas faculdades da Unicamp, em Campinas, onde me encontrei sentimentalmente com minha profissão, somando aquelas das muitas viagens que fiz, aqui e fora do Brasil. São um tanto minhas essas bibliotecas, assim como vocês têm as suas. Todos, acho, deveríamos colecionar bibliotecas. Estar dentro delas, senti-las, cheirá-las. Porque esse cheiro, para quem ama livros como nós, não nos abandona nunca. Ele fica, persiste. Nos protege contra a aspereza de uma vida sem alma e sem cultura. Ótima leitura para vocês, e até a próxima!

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e torne-se um escritor

**Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0**

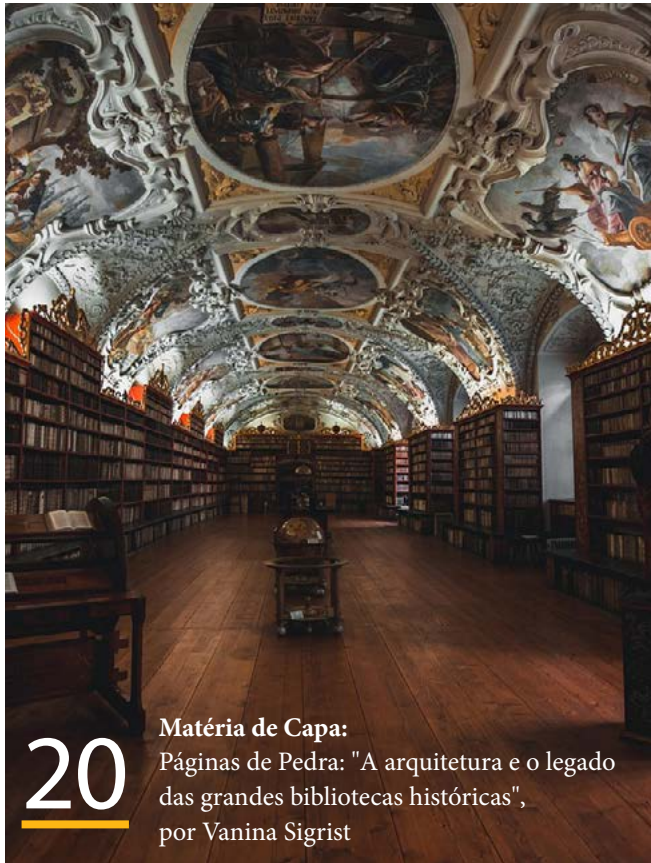


CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI



Sumário



20

Matéria de Capa:
Páginas de Pedra: "A arquitetura e o legado das grandes bibliotecas históricas", por Vanina Sigrist



62 Grandes Autores

Mário Quintana: o poeta das coisas simples, por Angela Daneluci

68

Recita-me
por Juliana Rossi

72

Semeando a escrita
Sobre aqueles que se tornam poesias... em nós, por Lilian Barbosa

80

Nossa Literatura
Além das pedras e das bibliotecas, a vida, por Márcia Neves

86

Prosa Poética
por Jeane Tertuliano

94

Mitologias e Crônicas
Mitologia Chinesa, por Ladylene Aparecida

100

A Língua em Movimento
Entre paturrilhas, barrigas e trattorias, por Aline Abreu Santana

Edição Mai/Jun 2025

30

Tudo sobre Cinema
Por Claudia Faggi

38 Autopoiese & Narrativas

Um lugar onde se vê e lê o mundo: entre as letras, artes e palavras, por Stella Gaspar

50 História das Artes

A história das bibliotecas, por Betânia Pereira

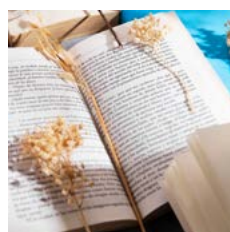
58 Vida de Autor

Tempestade de ideias, por Lilian Stocco



106

Coluna Dialética
A biblioteca como prelúdio de conhecimento e destruição, por Clayton Zocarato



114

Crônicas Tons do Cotidiano
por Adriana Moura



120

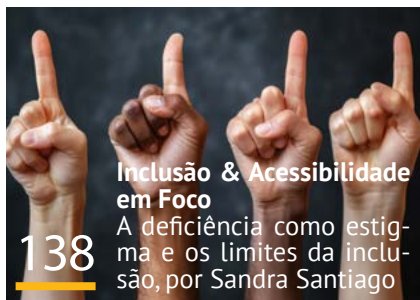
Raízes do Brasil
Manuscritos que enraizam nossa história e cultura, por Renata Munhoz



Humaniliterar

O poder de humanização da literatura, o percurso das águas e a diplomacia, por Sueli Lopes

128



Inclusão & Acessibilidade em Foco

A deficiência como estigma e os limites da inclusão, por Sandra Santiago

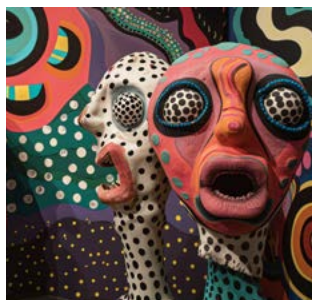
138



As Cores da Sociedade

As mulheres na literatura brasileira, por Elke Lubitz

142



160 Nau Literária

Entrevista: Escritor Hekuran Rapaj, por Magna Aspásia

168 Recanto das Culturas Tradicionais

A cultura alegre e vibrante do Carnaval, por Edna Brennand



150 Raízes de Moçambique

Por Dany Amado

174 Florescendo em Pensamentos

Você não está só, por Cris Gomes

178 Literatura de Cordel

Das feiras livres às cordelotecas, por Beth Baltar



184

Mãe África

Benguela minha herança, minha cidade
Por Fátima Moniz

204 Caldeirão Cultural

A banalidade da vida e a utilidade morte, por Luiz Solrak

210 Desnuda em Palavras - Erótico

por Tônia Lavínia

220 Poetas e Poetisas

por Edna Lessa

188

Vai um livro aí?

Resenhas de Livros,
Por Arely Soares

200

ResilienteMente

Autossabotagem,
por Adriana Strella



232

Nem te conto - Minicontos

por Fabiana Francisco



Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 31, Maio e Junho 2025
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Betânia Pereira,
Cristina Gomes, Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavínia

Redatores Digitais: Mía Koda e Luiz Solrak

Redatora Intérprete de Libras: Sandra Santiago

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado em Moçambique 
Dany Amado Vasco

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Vanina Sigrist
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lilian Stocco
- Grandes Autores - Angela Daneluci
- Recita-me - Juliana Rossi
- Semeando a Escrita - Lilian Barbosa
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Recanto das Culturas Tradicionais - Edna Brennand
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Mãe África - Fátima Moniz
- Vai um livro aí? - Arely Soares
- ResilienteMente - Adriana Strella
- Caldeirão Cultural - Luiz Solrak
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Nem Te Conto - Minicontos - Fabiana Francisco
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 18 e 19

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

ISSN 2764-9768

SNIIC AG-217193

Revista The Bard

Poesia, arte e música



116 Países



19



Tudo
SOBRE

CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



Caros leitores da Revista Internacional The Bard, sejam bem-vindos a mais uma edição da Tudo sobre Cinema!

Nesta edição de março e abril, reunimos um compilado dos filmes mais marcantes de 2024 – obras que surpreenderam, emocionaram e desafiaram o público com suas narrativas envolventes. Do terror psicológico à reconstituição histórica, passando por dramas intensos e histórias de sobrevivência, a seleção deste bimestre promete impactar e provocar reflexões.

Entre os destaques, temos *A Entidade*, que mergulha no sobrenatural; *A Favorita*, um drama aprimorado sobre poder e ambição; *A Sociedade da Neve*, uma emocionante história real de resistência; *Einstein e a Bomba*, que explora a genialidade e os dilemas éticos da ciência; *O Mal que nos Habita*, um terror arrepiante que desafia a lógica; e *Somos o que Somos*, um thriller perturbador sobre tradições e segredos de família.

Prepare a pipoca, acomode-se e embarque nessa jornada cinematográfica com a gente!

INSTAGRAM

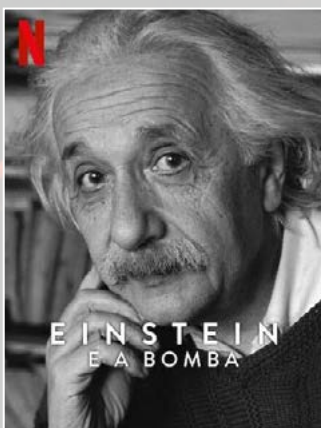


YOUTUBE



POST NO SITE







A ENTIDADE



Na trama de *A Entidade*, um autor de livros policiais luta para encontrar a história do seu próximo livro e se muda com sua família para uma casa onde uma família inteira foi assassinada. Porém, depois de encontrar uma caixa de filmes que mostra que outras famílias foram mortas na mesma casa, sua investigação o leva a identidade sobrenatural do assassino. Ele precisa então evitar que sua família tenha o mesmo destino trágico. Derrickson escreveu o roteiro de *A Entidade* com C. Robert Carrigill.

Para mim e para muitos fãs do gênero *A Entidade* é um dos filmes mais assustadores de todos os tempos. Se você já assistiu aos clássicos *O Exorcista* de 1973, *A Profecia* de 1976 e *O Bebê de Rosemary* de 1968 você não pode ignorar essa obra de terror inteligente e perspicaz.

Uma pesquisa científica da BroadbandChoices revelou que *A Entidade*, dirigido por Scott Derrickson é o filme de terror que mais causa instabilidade psicológica e emocional nos espectadores.

A pesquisa intitulada Projeto Ciência do Pavor foi aplicada em 50 pessoas de idades variadas, que assistiram a mais de 100 horas de filmes do gênero.

Através do rastreamento de batimentos cardíacos, os pesquisadores foram capazes de determinar os 50 filmes mais assustadores da história do cinema, e *A Entidade* alcançou o topo da lista.

A frequência cardíaca média em repouso era de 65 batimentos por minuto e, durante o filme de Derrickson, 95% dos espectadores atingiram entre 84 e 86 BPM.

O 2º lugar ficou com *Sobrenatural* (2010), do diretor James Wan, que elevou a pulsação do público a 80 BPM, mas foi o filme que teve a maior pontuação em cenas jump scare (quando acontece um susto inesperado), elevando o ritmo a 133 BPM.

Então prepare a pipoca e se prepare para encarar os seus medos!

Beijos

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo



A FAVORITA

É na Netflix que você encontra A Favorita! Sim, um filme de época, com base em história real. Segundo uma historiadora a película não é 100 por cento fidedigna, o que não tira o charme desse filme indicado a muitos prêmios.

A coisa não está boa para a Inglaterra em 1708 na guerra contra a França. A rainha Ana (Olivia Colman), que também dirige o filme, arrasou no longa Meu Pai e quebrou tudo como protagonista no filme A Filha Perdida, está fragilizada e mal consegue se locomover por causa da gota, para você ter uma ideia, em uma época sem antibióticos essa doença poderia até matar!

Enquanto isso, duas mulheres disputam ferozmente pelo posto de "favorita" da monarca, a fim de terem influência no palácio e nos rumos da política do país: Elas são, Lady Sarah (Rachel Weisz) e Abigail Hill (Emma Stone).

Está armado o circo da sátira política que é A Favorita, longa-metragem dirigido pelo grego Yorgos Lanthimos (O Lagosta) e que estreou no Brasil em 24 de janeiro de 2019.

O que me chamou a atenção foi a interação perfeita entre essas três magníficas atrizes! Por esse

e outros motivos A Favorita está na categoria dos imperdíveis aqui no tudo sobre cinema.

Indicada ao Oscar 2019 em dez categorias, incluindo melhor filme, e a vencedora de Melhor Atriz para Colman, a produção deve ser tratada pelo que ela é: uma obra de ficção com muitas qualidades e feita para nos distrair de forma leve e original.

Beijos e bom filme!

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo





A SOCIEDADE DA NEVE



A Sociedade da Neve, filme sobre sobrevivência da Netflix traz uma história baseada em acontecimentos reais super conhecida.

Em 1972, um voo vindo do Uruguai colide com uma geleira nos Andes. Apenas 29 dos seus 45 passageiros sobreviveram ao acidente. Presos em um dos ambientes mais hostis do planeta, eles são forçados a lutar pelas suas vidas.

Aliás A Sociedade da Neve é um filme que merece ser assistido, admirado e aclamado por vários motivos: Fotografia impecável, excelente atuação, muita pesquisa e muita emoção!

Separe os lencinhos...

Mas antes de você assistir quero te contar o que é real e o que é produção na película.

Piloto do avião

Em A Sociedade da Neve, vemos o piloto ainda vivo após a queda do avião, inclusive conversando com o restante dos sobreviventes. Ele acabou não resistindo, mas na vida real a morte foi instantânea com o impacto da aeronave nas montanhas.

Helicópteros

O resgate de helicóptero aconteceu em duas viagens e não apenas uma, como explicou o diretor de A Sociedade da Neve, Juan Antonio Bayona, imagina a ansiedade de quem ficou para o dia seguinte.

Copiloto

O copiloto do avião, na vida real, também sobreviveu inicialmente à queda, mas estava preso no banco. Então, ele pediu para que os passageiros atirassem nele para evitar o sofrimento que sentiria, mas o pedido foi negado. Ele morreu um dia depois.

Parada em Mendonza

Outro detalhe deixado de lado na trama é a parada que o voo precisou fazer em Mendonza, cidade da

Argentina, devido às condições climáticas. O avião decolou novamente em direção ao Chile no dia seguinte, mas essa parte foi deixada de fora para que o filme não ficasse ainda mais extenso.

Comida

Quando Nando e Roberto partem para suas caminhadas em busca de resgate, o personagem Antonio diz ao grupo que a dupla tem comida suficiente na bagagem para sobreviver por 10 dias. Porém, na vida real, a quantidade serviria para apenas três dias.

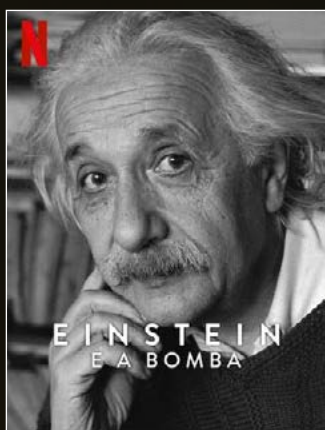
Canibalismo

O filme da Netflix também não mostra que, inicialmente, os passageiros sobreviventes esconderam dos repórteres a informação sobre terem consumido carne humana, por razões óbvias. Porém, nas entrevistas futuras, acabaram revelando todos os detalhes sobre a decisão.

Bom filme e super beijo!



Assistir ao vídeo



EINSTEIN E A BOMBA

O documentário Einstein e a Bomba está na Netflix e com certeza veio para agradar os fãs de temática histórica.

O filme retrata o conflito moral sofrido pelo cientista alemão Albert Einstein ao se envolver com a criação da bomba atômica. A arma de destruição em massa foi usada pelos Estados Unidos contra o Japão durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945).

A produção conta com a direção de Anthony Philipson e o ator Aidan McArdle no papel de Einstein.

Além de momentos encenados por McArdle e outros atores, o documentário também apresenta imagens de arquivo e citações ditas pelo próprio cientista alemão, e é exatamente isso que faz toda a diferença nesta produção!

Em 1933, Albert Einstein já era o cientista mais famoso do mundo, mesmo assim se viu ameaçado pela perseguição sistemática de judeus que começava em seu país. Ele decide se refugiar em uma cabana na Inglaterra.

A relação do cientista com o Projeto Manhattan e com o criador da bomba, Robert Oppenheimer, já foi abordada pelo filme de Christopher Nolan "Oppenheimer" que levou o Oscar de 2024 de melhor filme entre outras premiações.

O documentário aprofunda as razões e os arrependimentos de Einstein na época, em uma mescla de imagens de arquivo e recriações.

A carta assinada por Einstein

A beira da Segunda Guerra, a descoberta da divisão do átomo fez com que a comunidade científica percebesse o potencial devastador da tecnologia nuclear.

Em 1938, Albert Einstein e Leo Szilard, um físico húngaro radicado na Alemanha, enviaram uma carta ao então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, para alertar sobre o potencial militar dessa descoberta e a possibilidade de que a Alemanha nazista conseguisse desenvolver uma bomba atômica.

Os dois cientistas haviam saído da Alemanha após a ascensão do nazismo e atualmente trabalhavam em universidades americanas. Seu alerta fez com que o governo americano tomasse medidas: em outubro do mesmo ano, os Estados Unidos passaram a destinar os primeiros fundos para pesquisas nucleares com fins militares.

Tais pesquisas dariam origem ao Projeto Manhattan e, consequentemente, à devastação de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, matando mais de 110.000 pessoas.

Se você assistiu Oppenheimer, assistir Einstein e a Bomba oferece um plus a mais no conhecimento histórico do que realmente aconteceu na época.

Vale cada segundo!

Beijos

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo





O MAL QUE NOS HABITA



O “Mal Que nos Habita” é um filme argentino de terror dirigido por Demián Rugna. A trama se passa em uma pacata cidade do interior, onde dois irmãos encontram um corpo mutilado perto de sua propriedade e se reúnem com os moradores locais para investigarem o ocorrido. Eles acabam descobrindo que o homem encontrado está infectado pelo diabo e está prestes a dar à luz a um demônio real. Desesperados, os habitantes tentam escapar do local antes que o ser maligno venha à terra, mas o tempo parece não estar a seu favor e o caos é instaurado por completo. O filme é considerado um dos mais perturbadores e sangrentos de 2023 e tem recebido elogios por sua intensidade e originalidade.

Além disso, “O Mal Que nos Habita” teve sua estreia mundial no Festival de Toronto em 2023 e é estrelado por Ezequiel Rodríguez, Demián Salomón, Silvina Sabater e Luis Ziemkowski. A história se passa num futuro não muito distante, em uma Argentina onde possessões demoníacas se tornaram uma pandemia. A possessão é vista como um vírus e não se pode simplesmente matar a pessoa. Se isso acontecer, o mal começa a se espalhar para quem está por perto, seja humano ou animal.

O filme está na Netflix e o seu sucesso vem da originalidade e ausência de clichês tão conhecidos em filmes do gênero.

Beijos e bom filme

Claudia Faggi



Assistir ao vídeo



SOMOS O QUE SOMOS

Em sua pequena cidade, os Parker são conhecidos por sua descrição e reclusão. Por trás das portas fechadas, o pai, Frank, conduz sua família com bastante severidade. Com a morte inesperada e brutal da mãe, as filhas mais velhas, Iris e Rose tem de tomar conta do irmão mais novo, Rory.

Um roteiro conduzido de uma forma tensa.

Somos o Que Somos é um filme que flerta com o terror psicológico e foi vendido como terror genuíno.

O clima sombrio e a tensão que permeiam a película são oscilantes, mas nos brinda com boas e inovadoras cenas.

Nada é totalmente explicado, cabendo ao espectador supor e deduzir o que realmente leva a estranha família Parker a agir daquela forma.

Essa é uma característica forte do cinema moderno.

Acho que o grande objetivo da película é gerar verossimilhança, é extrair se de fato algumas pessoas se encaixam na vulnerabilidade e medo em que uma família pode viver.

Somos o Que Somos é um filme que divide opiniões, mas são muitas críticas positivas que destacam aspectos interessantes da obra.

O filme coloca em questão o fundamentalismo da tradição, família e religião.

A película consegue transmitir um forte suspense e tensão, em contraponto com a melancolia dos personagens.

Algumas pessoas acreditam que já não se faz mais suspense ou terror como antigamente, devido ao excesso de produções focadas em mortes e sanguinolência.

“Somos o Que Somos” é uma exceção, pois consegue envolver o espectador com sua trama intrigante, com diálogos estruturados e acontecimentos surpreendentes.

Bom filme e beijos no coração.

Claudia Faggi



COLUNAS E COLUNISTAS



Assistir ao vídeo





Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

"Porque eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura... Fernando Pessoa". (1998, p.208)

Caros leitores, buscamos na nossa coluna "Autopoiese & Narrativas", dialogar com narrativas possíveis, nesse universo criado na Antiguidade, em conjunto com o desenvolvimento da escrita, cerca de 3.500 a.C. Para explorar este universo, é necessário termos um olhar não anestesado, disposto a reelaborar, e construir conhecimentos, com a capacidade humana que temos de protagonizar e interpretar o universo dinâmico de conhecimentos.

O conceito de biblioteca é atribuído a um espaço onde se armazena vários tipos de matérias, sendo eles classificados por diferentes mecanismos, estes: físicos e digitais.

No entanto, esses recursos tiveram grandes mudanças ao longo do tempo. A proliferação das bibliotecas, foi iniciada na Antiguidade, vistas como depósitos para seus criadores, onde deram início ao armazenamento da informação, que ajudaram a preservar a memória ao longo do tempo. Destacamos as principais bibliotecas: Alexandria por sua grande imponência informacional, a de Nínive construída por um Rei, localizada em seu grande palácio, a de Pérgamo, por seu grande acervo informacional e, por ser a pioneira no desenvolvimento do pergaminho, este que trouxe grandes atribuições para o armazenamento e descrição dos seus materiais (MARTINS, 2002).



O que define a condição de biblioteca é a existência de uma forma de organização que permita encontrar o que se deseja, e que o máximo de usuários tenha êxito nessa busca. Essa ideia de organização se estabeleceu desde os primórdios, iniciando esse processo, nas práticas do homem, de registrar o cotidiano, percebendo, posteriormente, a importância de se preservar o conhecimento.

As bibliotecas modernas foram desenvolvidas com o intuito de tornar o conhecimento acessível à população estruturada mediante quatro características: laicização; democratização; especialização; e socialização, para auxiliar no processo da difusão da informação, a qual foi marcado pelo desenvolvimento das bibliotecas nacionais, instituições para preservar a memória da social, através de suas bibliotecas específicas por país (MARTINS, 2002). Assim, a biblioteca é designada a ser um local de transição do conhecimento, e não somente um ambiente de depósito documental. Ela só terá sua efetivação mediante a sua participação conjunta com a sociedade, público a que se destina.

Um lugar onde se vê e lê o mundo: entre as letras, artes e palavras

Considera-se que, no caso das bibliotecas, seus estilos arquitetônicos, podem ser um dos fatores determinantes na conquista e, até mesmo, na fidelização de usuários; por isso, os projetos de planejamento das bibliotecas devem ser pautados em espaços adequados para ocorrer uma atração do público, cumprindo com o seu papel social de “Ser o fio condutor entre indivíduos e o conhecimento de que eles necessitam.” (OLIVEIRA, 2005, p. 23), e de desenvolver o interesse e o hábito da leitura, fazendo assim com que os usuários adquiram novos conhecimentos, os quais podem modificar suas realidades pessoais e, até mesmo, de suas comunidades, permitindo ao homem filosofar, refletir e até mesmo pensar o indizível.

As bibliotecas, com seus acervos, nos levam a conhecimen-

tos por meio de diferentes registros de linguagens. A cada leitura, uma nova descoberta, por vezes convencional e literal, abrindo assim nossos olhos para analogias e comparações passíveis de interpretações e concepções, as mais diversas sobre aquilo que nos cerca. Entretanto, bibliotecas mais antigas, de modo geral, se encontram presentes nos guias turísticos e servem como pontos importantes por terem seu exterior e interior visitados com frequência, tanto por turistas quanto por moradores da cidade, para conhecer ou se aproximar de uma determinada época. O mesmo acontece com bibliotecas públicas que possuem arquitetura moderna, com fachadas diferentes do padrão a que se está acostumado, chamam a atenção do usuário pelo estilo arquitetônico de seus edifícios fazendo em alguns momentos com que o público dê pouco valor ao seu objetivo real.



Imagem de Anja por Pixabay



Imagem de jerOme82 por Pixabay



1- As grandes bibliotecas históricas

As grandes bibliotecas históricas incluem a **Biblioteca de Nínive**; **Biblioteca de Pérgamo**; **Biblioteca de Alexandria**.

1.1- Biblioteca de Nínive. Uma das bibliotecas mais importantes da Antiguidade. Sua origem se caracterizou pelo desejo do Rei Assurbanipal de ter um acervo particular em seu palácio, então, ele ordenou a construção da Biblioteca, que tinha como matéria-prima placas de argila, sendo seu acervo voltado ao estudo da geografia, astrologia, religião e matemática. Segundo Battes (2003) a prática de escrita utilizada para compor o seu

material era chamado de “cuneiforme” por conter “caracteres silábicos”. O acervo de Nínive era composto por 25 mil tábuas de argila, ressaltando que, ela voltava-se para a lógica 18 do depósito, e que continha também uma vasta coleção de profecias, fórmulas de encantamento e hinos sagrados e diversas peças literárias escritas em diferentes dialetos. Sua organização pode ser destacada como um dos elementos. As placas componentes de uma mesma obra eram reunidas num único bloco, no qual se punha um rótulo identificador do conteúdo. A Biblioteca de Nínive pode ser considerada a primeira coleção indexada

e catalogada da história. Cabe ressaltar, que a “Biblioteca de Nínive” era localizada nas dependências do palácio do Rei Assurbanipal, assim, o acesso às informações contidas na mesma, era de acesso restrito ao Rei, sua família, amigos da nobreza, e a seus servos (Escribas), que tinham o papel de guardião, conselheiro e organizador do acervo. Com a morte Assurbanipal, a Biblioteca de Nínive sucumbiu, sendo esquecida. Séculos depois, ela foi redescoberta por Layard e boa parte da sua coleção está no Museu Britânico, podendo, enfim, ser mostrada ao grande público.



Biblioteca de Pérgamo

1.2 Biblioteca de Pérgamo, uma das bibliotecas mais importantes da Antiguidade. Segundo Martins (2002), a biblioteca de Pérgamo tinha o intuito de confrontar com a Biblioteca de Alexandria. Naquela época a disputa por matéria-prima era grande, em um certo momento, da Antiguidade, a cidade de Pérgamo ficou sem o papiro, material utilizado para armazenar seus escritos, o rei com temor em não poder dar continuidade a Biblioteca, ordenou a construção de um novo suporte para registrar seus textos, surgindo o “pergaminho”, feito de pele de animais, sendo vantajoso para a escrita, pois se podia escrever em ambos os lados, e

reutilizado novamente, apagando o que já estava registrado. A biblioteca de Pérgamo abrigava 200 000 volumes em seu acervo, possuía uma sala de leitura central, onde se reunia um grande grupo de sábios para o estudo da literatura e linguística. O acesso à Biblioteca era em suma voltado ao Rei e aos estudiosos, estes, conhecedores da literatura e da linguística, a qual estava voltada toda a sua coleção.

1.3 Biblioteca de Alexandria. A mais famosa e importante biblioteca do mundo antigo, reunindo o maior acervo de cultura e ciência entre 280 a.C. e 416 a.C. Símbolo de imponência, através da História. Durante a Antiguidade, a biblioteca de Alexandria, foi construída com o propósito, de ser uma biblioteca agregadora, ou seja, que tinha a pretensão de agrupar as coleções do mundo inteiro. Seu fundador Ptolomeu gostava de estar envolvido com o intelecto, inclusive era discípulo de Aristóteles. A biblioteca de Alexandria era dividida em duas partes: quatrocentos mil volumes foram depositados num bairro da cidade chamado Bruchium; e trezentos outros mil volumes formaram uma biblioteca suplementar, num outro bairro chamado Serápio. (MARTINS, 2002, p. 75). A biblioteca foi dividida em dois prédios, com a finalidade como já citado anteriormente, de agregar tudo já escrito pelo homem, de diferentes partes do mundo, uma biblioteca, de coleções antigas e a outra parte, coleções atualizadas, construindo um

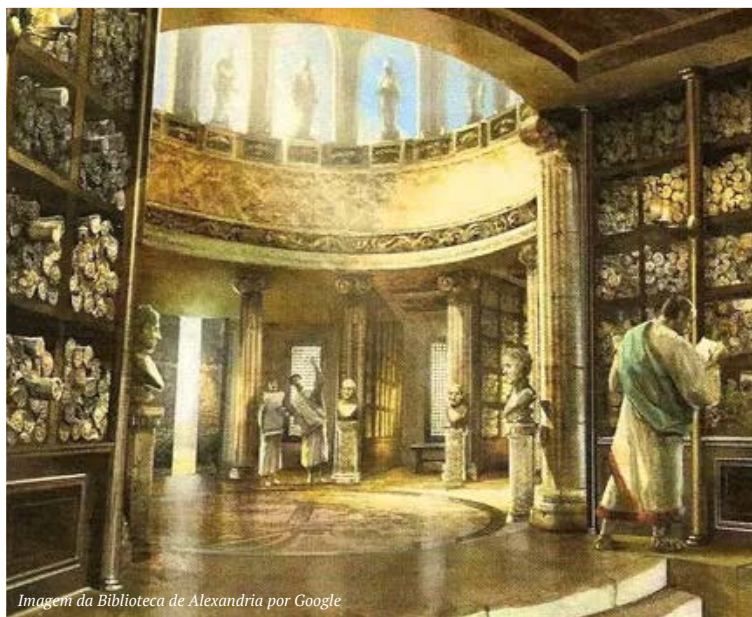


Imagem da Biblioteca de Alexandria por Google

círculo de preservação e organização do conhecimento perante a História.

A biblioteca de Alexandria foi a precursora na universalidade, o que mais tarde a tornou referência para as bibliotecas da era moderna.

2- Bibliotecas na Contemporaneidade/Modernidade

É fundamental resgatar a etimologia da palavra contemporâneo, cuja origem procede do Latim “contemporaneus” e “contemporanii”. Este termo é formado pelo prefixo con (relacionado à convergência), pelo substantivo tempus/temporis (tempo, duração, fração de tempo) e pelo sufixo aneus (aneio), denotando pertencimento. Segundo Cunha (2010), o adjetivo contemporâneo indica ser algo que é vivenciado na mesma época. Nessa perspectiva, aborda-se o perfil da biblioteca atual, ressaltando seu papel na sociedade moderna.



Imagem de Bugphai por Freepik



Imagem de Frame Studios por Freepik

As bibliotecas na modernidade chegam para ajudar, no processo de socialização, através do grande fluxo de circulação dos livros, estes, que passam a ter um conteúdo variado, de múltiplas opções e gostos, deixam de ser, obras meramente didática e de cunho religioso e cumpre o papel de universalismos, obras, que atuam para o crescimento e desenvolvimento geral da sociedade, exercendo, influência nesse espaço, como a nação, o estado, o município, o bairro, a escola e a família.

Citamos algumas das mais importantes bibliotecas da era moderna. Biblioteca Nacional; Biblioteca pública; Biblioteca Particular; Biblioteca Escolar; Biblioteca Infantil; Biblioteca Comunitária; Biblioteca Especializada; Bibliotecas Digitais; Biblioteca Híbrida. O papel da biblioteca contemporânea é fornecer, gerir e disseminar o conhecimento, tornando a mesma acessível à comunidade a qual está inserida, isso ocorre por meio do acesso às ferramentas e suportes informacionais, seja no meio impresso ou digital, podendo, ainda, serem acessadas tanto presencialmente como virtualmente, para garantir a interação e socialização do saber.

3- Arquitetura das bibliotecas. Aproximações de olhares, imagens, formas e imaginário

O lugar onde se vê traduz interpretações ou ponto de vista do público que ali está. Assim sendo, no caso das bibliotecas públicas, acredita-se que a influência de sua arquitetura no imaginário coletivo pode interferir no seu uso ou não uso, por parte do público.

A composição do espaço físico, nos livros que o preservam ou ainda na memória dos que o fazem, é a de um ser, que tece amplitudes de referências a que remete “obras de arte”. Não há discriminação nas diferentes áreas culturais e científicas e nas sínteses culturais. Todavia, definimos o que é o projeto arquitetônico de uma biblioteca, equivalendo a compreender ele como sendo um conjunto de possibilidades escritas, literárias e argumentativas, evocando sentidos que transcendem as

obras de amplos mundos, na perspectiva histórica ou contemporânea.

Tal fato faz com que a biblioteca se torne um lugar onde convergem informações e dados locais e globais, reais e de ficção, fragmentos de saber e da realidade, os quais confirmam a ideia que relaciona a biblioteca à cultura. Segundo Cunha (2000), as bibliotecas, no caso as universitárias (BUs), são organizações complexas, com múltiplas funções e uma série de procedimentos, produtos e serviços informacionais, que refletem as mudanças oriundas da sociedade. A arquitetura das bibliotecas não tem a predominância de um espaço estático, na sua anatomia podemos incluir olhares, imagens, formas e imaginário.



Imagem de Engin Akyurt por Pixabay

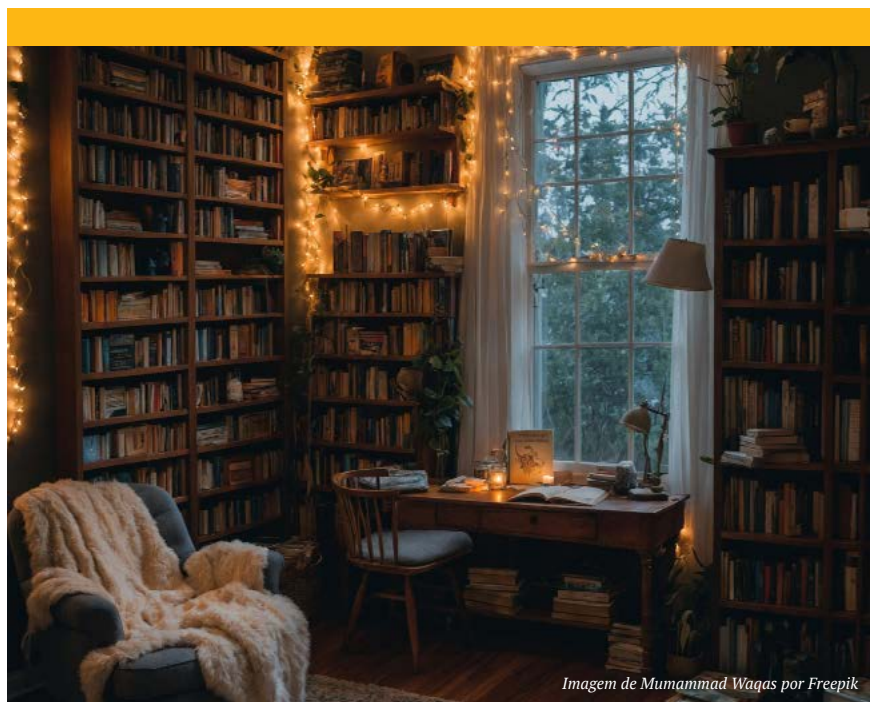


Imagem de Mumammad Waqas por Freepik

Entendemos, portanto, que o espaço livresco deve ser um espaço um local dedicado à leitura, que deve ser confortável e aconchegante. O documental... equilibra o conteúdo, a pesquisa em expressões, inseridas nos vários campos do conhecimento. É importante ressaltar que a biblioteca se difere dos museus, centros culturais e galerias de artes e instituições afins, e sua intenção cultural não é ocupar seus espaços, do mesmo modo que não é se tornar uma influenciadora de opiniões, mas aderir à cultura do cotidiano, uma forma de relação do homem com o mundo, com tudo aquilo que a natureza lhe impõe e, como ele, homem, altera formas e sentidos impostos, adequando-os às suas necessidades físicas e morais. Assim, as bibliotecas passam por constantes e dinâmicas reformulações de utilização. Hoje o acervo é organizado de tal maneira, amanhã de outra. Dependendo do tipo de biblioteca, é necessário espaço de ampliação constante ou não. Assim, as formas de organização das bibliotecas nem sempre vão combinar com as edificações que, muitas vezes, poderão não ser adequadas para novos usos.

Considerações Finais



Imagem de Bella H. por Pixabay

As bibliotecas vêm se tornando espaços de conhecimento, cujo reconhecimento social tem aumentado significativamente. Por outro lado, enfrentam vários desafios neste novo milênio, uma vez que as transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas têm impactado diretamente as estratégias de ação, a mediação da informação, os objetivos dos serviços prestados e as finalidades dos produtos elaborados aos diferentes públicos. Em relação aos desafios contemporâneos, pode-se citar as novas

formas de ensino-aprendizagem, as quais são: cursos a distância, salas de aula virtuais, materiais didáticos e científicos em repositórios institucionais; a interação com as tecnologias de informação e comunicação (TICs) móveis, por exemplo, o tablet, o smartphone; as novas formas de mediação relacionadas às necessidades/demandas da sociedade em rede; o desenvolvimento da competência em informação no público usuário, para saberem manejar a informação no ambiente eletrônico e digital; o acesso aberto

(open access) e gratuito à informação (copyleft); entre outros. Esses são desafios que exigem uma nova maneira de atuar, um novo papel a cumprir junto ao público usuário. Para se manter como uma instituição relevante à comunidade, a biblioteca deve fornecer a informação de forma cada vez mais confiável, rápida e, principalmente, com qualidade, para a apreciação de mundos, de uma relação dialógica, com posturas epistemológicas diferenciáveis.

Concordo com as diferentes concepções de que a leitura é uma experiência de amplos aprendizados, que nos levam a desafios, buscas de respostas e melhores condições de aprender a aprender fatos, fenômenos da própria vida, compreensão e produção de conhecimentos.



COLUNAS E COLUNISTAS

MEUS AGRADECIMENTOS

Muito, muito obrigada por suas leituras, apoio e generosidade ao me permitir compartilhar essa narrativa autopoiética. Aprendi com esses escritos, foi particularmente útil e sugestivo. Infinita gratidão aos extraordinários autores pesquisados. Juntos aprendemos, com paixões pelas palavras, Devemos aprender durante toda a vida, sem imaginar que a sabedoria vem com a velhice. Deve-se aprender sempre, até mesmo com um inimigo. É impossível para um homem aprender aquilo que ele acha que já sabe. Discursos de Epicteto (livro II, capítulo 17).

Colunista Stella Gaspar.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)



Imagem de Pasja1000 por Pixabay

INSTAGRAM



POST NO SITE



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

FRASES E PENSAMENTOS

“Em uma boa biblioteca, você sente, de alguma forma misteriosa, que você está absorvendo, através da pele, a sabedoria contida em todos aqueles livros, mesmo sem abri-los.”

Mark Twain

“Um país se faz com homens e livros.”

Monteiro Lobato

O livro é um pássaro com mais de cem asas para voar.”

Ramón Gómez de La Serna

“Dupla delícia – o livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.”

Mário Quintana

“Sempre que sai um livro novo, leia um velho.”

Samuel Rogers

“A verdadeira universidade de nossos dias é uma coleção de livros.”

Carlyle

“Temo o homem de um livro só.”

S. Tomás de Aquino

“A leitura é para a mente o que o exercício é para o corpo.”

Richard Steele

“É claro que meus filhos terão computadores, mas antes terão livros.”

Bill Gates

“Se ao lado da biblioteca houver um jardim, nada faltará.”

Cícero

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUMNISTAS

“Biblioteca e bibliotecário ... cúmplices da intelectualidade!”

Findes Fátima

“Um bom livro é um bálsamo...uma biblioteca é desfrutar do paraíso por inteiro.”

Luiza Gosuen

“Clássico é o livro que nunca acabou de dizer o que tem para dizer.”

Italo Calvino

“Sempre imaginei o paraíso como uma grande biblioteca.”

Jorge Luis Borges

“SUA FRASE AQUI”

“Não há problema que a leitura não possa solucionar”.

Charles Bukowski

“Há pessoas que têm uma biblioteca como os eunucos um harém.”

Victor Hugo

“A leitura é, provavelmente, uma outra maneira de estar em um lugar”.

José Saramago

“No Egito, as bibliotecas eram chamadas “Tesouro dos remédios da alma”. De fato é nelas que se cura a ignorância, a mais perigosa das enfermidades e a origem de todas as outras.”

Jacques Bossuet

“A leitura é o caminho mais curto para o conhecimento”.

Aristóteles





História das Artes



Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

A história das bibliotecas

Bibliotecas são pulmões, livros são o ar fresco que inspiramos para manter o coração batendo, manter o cérebro imaginando, manter viva a esperança.
Janet Skeslien Charles

Penso o quão seria difícil para nós se não houvesse homens para guardar, arquivar e repassar tão sabiamente os acontecimentos da história, permitindo que cheguem até nós, acervos preciosos como os das grandes bibliotecas. E que triste olhar uma geração que se diz escritor e não ler, não conhece bibliotecas e pouco se conhece da literatura, não sei que caminhos iremos percorrer e qual a qualidade dos futuros livros que estarão nas prateleiras de nossas bibliotecas se continuarmos nesse percurso. A história das bibliotecas,

no mundo, acompanha a própria história da escrita e das formas de registro do conhecimento humano. Ao longo do tempo o velho conceito de "depósito de livros" foi redefinido para ambiente físico ou virtual destinado à coleção de informações para auxiliar pesquisas e trabalhos escolares ou para praticar o hábito de leitura, material este seja impresso em folhas de papel ou ainda digitalizadas e armazenadas em outros tipos de materiais, tais como CD, fitas, VHS, DVD ou bancos de dados (arquivos em PDF ou DOC).



Imagem de Freepik



Imagem de Travelphotographer por Pixabay

Como historiadora e apaixonada pelos livros, desde bem cedo adentrei o universo das bibliotecas, e nem mesmo as crises alérgicas me afastaram delas e de fato não abandonei ainda o sonho e estar entre livros numa biblioteca, talvez como responsável por uma.

A importância da biblioteca para a preservação e conservação do conhecimento é inquestionável e todas as pesquisas que fazemos observa-se unanimidade nesse quesito. Desde o início da humanidade, o homem se preocupa em registrar o conhecimento por ele produzido, de diversas formas, permitindo que este chegasse a nós. Ao bibliotecário foi destinada à missão de realizar os processos de: organização, preservação e efetivar a disseminação de todo o conhecimento registrado. Convido você a conhecer um pouco mais sobre o surgimento das bibliotecas em nível global e Brasil, traçarei aqui um paralelo, não há pretensão de elucidar a curiosidade do leitor sobre o tema tão vasto, mas de aguçar mais ainda o desejo de pesquisa e busca pelo conhecimento. Vamos juntos?

“

SE AO LADO DA BIBLIOTECA HOUVER UM JARDIM, NADA FALTARÁ.
CÍCERO



Imagem de Google

As primeiras bibliotecas, na forma como conhecemos hoje, surgiram na Mesopotâmia, entre os povos sumérios no segundo milênio a.C. a quem também se atribuem as primeiras formas de escrita da humanidade e a elaboração dos primeiros livros. Nessas bibliotecas foi constatada a organização de documentos acompanhada de representações para fins de recuperação: tábuas de argilas eram protegidas por espécies de envelopes nos quais estavam dispostos resumos.

Mais tarde Entre os séculos VII e VIII a.C surgem as grandes bibliotecas da Antiguidade. A Biblioteca de Alexandria representa o ápice desse período, um enorme complexo cultural construído na cidade de Alexandria, no Egito, durante o período ptolomaico. Durante sete séculos, entre os anos de 280 a.C a 416 d.C. A biblioteca reuniu o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade. É considerada a mais famosa e importante do mundo antigo. Sobreviveu a muitos saques e incêndios. Seu acervo era organizado em rolos, etiquetados com os nomes dos autores e títulos das obras, dispostos em pilhas. Mas, quanto ao seu acesso não se tem conhecimento se a biblioteca era reservada somente aos eruditos, ou se a um público mais amplo.

No Egito, as bibliotecas eram chamadas "Tesouro dos remédios da alma". De fato é nelas que se cura a ignorância, a mais perigosa das enfermidades e a origem de todas as outras.

Jacques Bossuet

Na Biblioteca de Alexandria o bibliotecário tinha um papel muito importante, pois as suas funções transcendiam as obrigações habituais. Além de ser encarregado de reorganizar as obras dos autores, atuava também como tutor dos príncipes reais, orientando-os nas leituras que deveriam fazer. Devido a esse papel de destaque o bibliotecário-chefe deveria possuir uma cultura humanista e ser um filólogo. Na Idade Média, como a educação era responsabilidade da Igreja e estava restrita a poucos, as escolas funcionavam em mosteiros, catedrais, paróquias e anexas às igrejas e nesse cenário predominaram as bibliotecas ligadas a ordens religiosas. Tanto no Ocidente, como no Oriente. Os mosteiros e conventos foram os responsáveis pela preservação da antiga cultura greco-romana e definiam-se como bibliotecas. Todos os grandes mosteiros possuíam um scriptorium,

oficina de copistas em que o trabalho era distribuído aos monges. Mas, o acervo era fechado ao público em geral, pois os monges consideravam que a biblioteca era a guardiã dos livros. Entre os séculos, XIII e XV, importantes mudanças intelectuais e sociais afetaram a Europa, com o renascimento, as cruzadas, surge uma nova classe social, mais exigente e urgente nas suas necessidades. Surgem nesse contexto social, as universidades e para atender os estudantes universitários foi criado o primeiro catálogo unificado, contendo o nome dos autores e obras, bem como a indicação das bibliotecas onde poderiam ser encontradas tais obras. Considera-se que foi a partir da criação das bibliotecas universitárias que o bibliotecário surgiu de fato como o organizador da informação e no Renascimento consolidou seu papel como disseminador do conhecimento.



Imagem de Freepik

As bibliotecas estavam cheias de ideias, talvez a mais perigosa e poderosa de todas as armas.
Sarah J. Maas



Imagem de Ofuss por Pixabay

No Renascimento, a livre circulação de livros, e o surgimento das bibliotecas universitárias acendem no homem conhecedor das letras o desejo de organizar bibliotecas com coleções de livros raros e importantes tendo como objetivo expandir o prestígio junto aos pares e súditos. Foram então criados novos tipos de livros surgindo uma maior preocupação com a situação física e a organiza-

ção interna.

Com o surgimento da imprensa no Ocidente a produção de livros foi estimulada, o livro ficou mais barato e mais fácil de distribuir e o advento da imprensa provocou o rompimento do monopólio que a Igreja exercia sobre a produção dos livros, fazendo com que as bibliotecas passassem a ter maior importância enquanto elemento social.

No Brasil as bibliotecas só começaram a surgir a partir da segunda metade do século XVI, em Salvador, com a instalação do Governo Geral, por ação das companhias religiosas, principalmente à Companhia de Jesus, foram criados os primeiros acervos no país, que se tornaram centros de cultura e formação intelectual.

Já no século XVII, com o impacto das grandes navegações e o encontro de mundos, civilizações e culturas, os avanços científicos e tecnológicos, a relevância pública e social das bibliotecas ganhou impulso, primeiramente nos países mais desenvolvidos da Europa e depois nos Estados Unidos, com o surgimento do conceito de biblioteca pública moderna, constituída de acervos gerais de livros e aberta gratuitamente ao público em horários regulares.

Desde então, a biblioteca pública passou a representar a modernidade, em oposição às bibliotecas da antiguidade e da idade medieval que a antecederam.

No Brasil com a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal, em 1773, e o consequente confisco de seus bens, as Bibliotecas se tornaram amontoados de livros que se deterioraram com o tempo. Somente depois da vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1807, a Biblioteca Nacional foi inaugurada, graças ao encarregado da biblioteca real, Alexandre Antônio das Neves, que sugeriu ao príncipe Dom João que despachasse os caixotes de livros para o Brasil, a biblioteca foi efetivamente aberta ao público em 1814, ou seja, sete anos após a chegada da família real.



Imagem de Itamara2 por Pixabay



Imagem de Freepik

A partir do século XIX o livro torna-se socialmente imprescindível e o bibliotecário passa a ter como missão promover a leitura e buscar leitores. Contudo, o contínuo desenvolvimento técnico-científico e a consequente explosão bibliográfica que o advento da imprensa ocasionou a partir do século XV, alteram esse papel. Desde então, o bibliotecário passa a desenvolver uma relação conflituosa com o livro, pois a quantidade de livros é tão gigantesca que supera os limites de seu tempo e de sua capacidade de assimilação do conteúdo que cada livro contém. Para dar conta dessa explosão bibliográfica, o bibliotecário passou a se preocupar mais com os processos técnicos, em especial a catalogação e a classificação, do que com os serviços aos leitores, sedimentando a imagem de um profissional tradicionalmente afundado entre livros.

Aqui no Brasil, a primeira

biblioteca de caráter genuinamente público, foi a Biblioteca Pública da Bahia, fundada no dia 13 de maio de 1811, por iniciativa de um rico senhor de engenho, Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco e de um grupo de homens inteligentes e cultos que, às escondidas, liam em clubes maçônico livros franceses com ideais iluministas. Apesar da louvável iniciativa, a biblioteca ficou abandonada até 1820. Em 17 de novembro de 1900 ela foi transferida para o Palácio Rio Branco e, em 1911, no seu centenário, já contava com 42 mil volumes, mas apenas 300 deles sobreviveram ao incêndio ocorrido em janeiro de 1912. Ela só nasceu em 1939, sob a administração de Jorge Calmon, que se dedicou à sua modernização durante três anos.



Imagem de Biblioteca do Estado da Bahia, a primeira do Brasil, por Google

No atual século, num contexto mundial marcado pela globalização, que se conjectura acesso às novas tecnologias de informação e de comunicação, reforçando de tal maneira a informação como mola propulsora das transformações que afetam a sociedade contemporânea. A ênfase dada à informação e ao seu acesso ocasiona transformações profundas nos sistemas de produção da economia mundial, fazendo surgir a sociedade da informação que, por sua vez, apoia-se no avanço tecnológico, intimamente vinculado com o processo de globalização. Novos desafios aos profissionais bibliotecários surgem e são impostos com o advento da sociedade da informação. Essa perspectiva leva ao surgimento da expressão profissional da

informação, que deve procurar estar sempre atualizado, capacitar-se para desenvolver pesquisa e manusear suportes variados de informação, privilegiando sempre as demandas informacionais do público. Em seu papel fomentadora do conhecimento, as Bibliotecas podem inserir em seu meio uma simples dona de casa à grandes pesquisadores dos diversos ramos dos saberes. O papel social das bibliotecas, além da disseminação da informação, é também, a inserção das comunidades em geral ao conhecimento e suas práticas. E isso é de fundamental importância para a perpetuação da história, reconhecimento e pertencimento social, para que os seres se reconheçam no outro e busque respostas par suas indagações.



Imagem de Tima Miroshnichenko por Pexels

Na minha opinião, investir em bibliotecas públicas é investir no futuro da nação.
Bill Gates



*Um leitor vive mil vidas
antes de morrer. O homem
que nunca lê vive
apenas uma.*
George R. R. Martin

Até A próxima! Vejo flores
em você!



COLUNAS E COLUNISTAS



Imagem de Freepik

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



BLOG



LINKS



POST NO SITE





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

20



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca. Para 2025 está produzindo o primeiro volume de um romance LGBTQIAPN+ e sua primeira ficção científica.

VIDA DE AUTOR

Será que já aconteceu com vocês? Vocês já passaram por aquele dia em que tudo que aparece na sua frente se torna uma ideia fantástica para sua nova história? Cada fala, cenário, ação te leva a pensar em detalhes da sua narrativa. Faz com que anote diversas formas diferentes de desenvolver seus personagens. Isso é

fantástico! Porém pode ser assustador também. Quando as anotações e ideias se multiplicam e parecem não ter mais fim, o que podemos fazer com elas? É exatamente nesse ponto que irei conversar com vocês nessa matéria, e apresentar formas de como utilizar essas ideias ao longo de sua carreira na escrita.

TEMPESTADE DE IDEIAS

Este é um tema que chega a dar calafrios em muitos autores. Tempestade de Ideias ou “Brain Storm” como muitos podem ter ouvido falar. Uma série de ideias que você autor, coleciona ao longo do seu processo criativo e que em seguida, como próximo passo para desenvolver sua história, deverá afunilar e deixar fluir apenas o melhor do melhor. Mas aí

é que mora o perigo. Como filtrar essas ideias para compreender o que pode ou não fazer parte da sua narrativa? Se você tem essa dúvida, está passando por esse processo, ou já se encontrou nessa situação, segue comigo para descobrir algumas dicas de como trabalhar essas ideias.



UM MAIS UM, PODE SER MAIOR QUE DOIS



Imagens de:

Peoplecreations por Freepik
Imagem de Parabol por Unsplash

Uma das primeiras dicas que possa dar a vocês é a técnica da soma. Uma técnica simples, mas que facilita em muito nossa vida na hora de selecionar as ideias. Basta você pegar todas as ideias que você anotou e somar elas. Isso mesmo, você deve combinar elas em duplas. Se sua primeira ideia foi "um monstro que voa e solta fogo pelas ventas" e sua segunda ideia foi "um planeta totalmente roxo" Que tal juntar essas duas ideias e ver no que pode surgir? As vezes por mais estranha que seja a ideia sozinha, somadas a uma segunda ideia ela pode se transformar em algo surpreendente. Pensando em nosso exemplo de



soma, olha só que legal poderia ficar essas ideias juntas:

Na ânsia de encontrar seu único filho raptado por uma gangue de seqüestradores intergalácticos, Tug o dragão esmeralda, sai em uma busca desesperada até o planeta Tot. Ao chegar percebe que sua coloração começa a mudar para roxo como tudo que está ao seu redor, diminuindo seu tamanho e força. Será que ele terá tempo de resgatar seu filho antes que sua força e cor mudem completamente? E qual será o mistério que tingiu e enfraqueceu um planeta inteiro? Venham desvendar esses segredos e acompanhar essa jornada.

O que acharam desse plot?

Ficou interessante?

Conseguem imaginar um pouco do cenário e dos personagens?

É exatamente esse resultado que podemos conseguir ao juntar ideias que inicialmente parecem desconexas, mas ao serem somadas, explodem de significado na nossa frente.



Imagens de:

Gerada por Leonardo IA
Geralt por Pixabay



Imagem de:

Frolopiaton Palm por Freepik

A segunda dica é: após fazer vários pares de ideias, veja se algum par pode ser somado a outro, ou mesmo se existem ideias muito parecidas. Se as ideias ficarem mais interessantes juntas, realize a soma novamente. Caso tenha algum par de ideias parecido, veja qual está melhor para eliminar a segunda.

A terceira dica é muito legal. Com as ideias compostas, pense em qual gênero e formato cada uma poderia ser escrita. O exemplo que dei poderia ser um “conto” (formato) de Ficção - fantasia (gênero).

Para fechar a quarta e última dica para vocês é: Escolha uma ordem. Qual ideia você deseja desenvolver primeiro? Qual ideia será a segunda e assim por diante. Trace um plano de escrita para que todas as suas ideias saiam do papel e ganhem vida a longo prazo.

Essa fluidez e aderência na escrita pode trazer novas ideias, que a partir desse momento, você já poderá organiza-las de uma maneira mais confortável, para seu ritmo de criação na escrita.

E não se preocupem com o ritmo de escrita ou criação. Respeitar sua velocidade é de extrema importância para gerar fluidez na sua construção e desenvolvimento de cada história.

E aí? Gostaram das dicas?

Nos encontramos na próxima edição onde iremos continuar a conversar sobre o processo criativo na vida de autor. Após organizar suas ideias, qual seria o próximo desafio?

Aguardo vocês na nossa próxima edição!



OLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES



FOTOGRAFIA



DESIGN



INSTAGRAM



POST NO SITE





Angela Daneluci



Professora e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora e poeta, especialista em Matemática pela UNICAMP e possui licenciatura em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia. Autora do livro *Poetize-se: Literatura Poética Escrita por uma Mulher* (2024) e coautora de *Florilégio do Brasil XVIII e Eu Brilho com as Estrelas* (2024).

Inicar esta coluna é um verdadeiro privilégio. A literatura sempre foi uma paixão e um campo infinito de descobertas, e agora, por meio da Coluna Grandes Autores, terei a oportunidade de compartilhar essa admiração pelos mestres das palavras que moldaram a cultura e o pensamento ao longo do tempo.

Sou Angela Maria Daneluci Crespo, professora, acadêmica e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora, poeta e entusiasta da vida, carrego comigo uma paixão inabalável pelo conhecimento e pela troca de ideias. Minha trajetória foi construída sobre a educação e a literatura, áreas que sempre caminharam juntas em minha vida. Como especialista em Matemática pela UNICAMP e licenciada em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia, dediquei anos ao ensino, tanto na rede pública quanto na rede particular, ocupando também cargos de coordenação e vice-direção escolar. Aposentei-me como professora de Matemática, mas sigo sendo, com todo o coração, educadora para sempre.

A escrita sempre esteve presente nessa jornada. Em 2024, lancei meu livro *"Poetize-se. Literatura poética escrita por uma mulher"*, e tive a honra de ser coautora das obras *Florilégio do Brasil XVIII* (Editora Pindorama) e *Eu Brilho com as Estrelas: Manual Prá-*

tico para Iniciação à Escrita de Poesia para Crianças, Jovens e Adultos (Editora Consciência Nova). Acredito no poder da literatura como um legado, capaz de atravessar o tempo e inspirar gerações.

Na Coluna Grandes Autores, meu objetivo é resgatar e destacar os nomes que marcaram a literatura nacional e internacional, revisitá-los com novos olhares e revelar detalhes de suas trajetórias que, muitas vezes, permanecem ocultos. Cada artigo será uma imersão em suas histórias, processos criativos e no impacto que suas obras tiveram e continuam a ter sobre leitores e escritores ao redor do mundo.

Mais do que uma análise literária, esta coluna será um espaço de diálogo e reflexão sobre o legado desses autores. Suas palavras transcendem o tempo, moldam pensamentos e inspiram novas gerações. É exatamente essa força transformadora da literatura que desejo compartilhar com você, leitor.

A cada texto, um novo encontro com a genialidade e a sensibilidade dos grandes nomes da escrita. A cada página, um convite para descobrir, redescobrir e se encantar com a literatura.

Seja bem-vindo à Coluna Grandes Autores, onde a literatura vive, inspira e atravessa o tempo.

Bem-vindo à Coluna Grandes Autores! Este é um espaço onde a paixão pela literatura ganha vida, onde cada palavra escrita carrega histórias, emoções e legados inesquecíveis.

Aqui, mergulharemos no universo dos grandes nomes da literatura, explorando suas trajetórias, inspirações e a marca que deixaram no mundo. Mais do que uma leitura, cada texto será uma jornada pelas páginas que moldaram gerações e continuam a encantar leitores de todas as épocas.

Prepare-se para descobrir, se surpreender e se apaixonar ainda mais pelo poder das palavras. A cada nova edição, uma imersão em narrativas que ultrapassam o tempo e seguem iluminando mentes e corações. Vamos juntos celebrar o imenso tesouro que a literatura nos oferece!

Bem-vindo à Coluna Grandes Autores, um espaço dedicado àqueles que moldaram a literatura com suas palavras imortais. Aqui, celebramos os gigantes das letras, mergulhando em suas trajetórias, obras e legados que atravessam gerações.

Dos clássicos atemporais aos escritores contemporâneos que desafiam as fronteiras da escrita, nossa coluna explora o impacto cultural, as inovações narrativas e as influências que esses autores deixaram no mundo literário. Cada artigo é uma jornada pelo universo da literatura, resgatando histórias fascinantes e reflexões profundas sobre a arte de escrever.

Seja você um amante da literatura ou um curioso em busca de novas leituras, este espaço é um convite para conhecer mais sobre os grandes nomes que transformaram palavras em eternidade.

Grandes Autores: onde a literatura vive e inspira!



Mário Quintana: O Poeta das Coisas Simples



Imagem de Mário Quintana por Google

Introdução

Mário Quintana é um dos poetas mais queridos e respeitados da literatura brasileira. Conhecido por sua linguagem simples e ao mesmo tempo profunda, Quintana capturou em seus versos a essência do cotidiano, da vida e da passagem do tempo. Este artigo explora sua trajetória, contexto histórico, impacto de suas obras e apresenta alguns de seus poemas mais icônicos, ilustrando seu estilo singular.

1. Biografia e Influências Iniciais

Mário de Miranda Quintana nasceu em 30 de julho de 1906, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. Filho de Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana, cresceu em um ambiente familiar que estimulava a leitura e a escrita. Desde cedo demonstrou grande interesse pela literatura, escrevendo seus primeiros versos ainda na juventude. Em 1919, mudou-se para Porto Alegre para estudar no Colégio Militar, onde teve contato com autores como Charles Baudelaire e Rainer Maria Rilke, que influenciaram seu estilo poético. Posteriormente, trabalhou como jornalista, tradutor e editor, colaborando com importantes jornais como Correio do Povo e O Estado de S. Paulo (BOSI, 2006). Mário Quintana nunca se casou e não teve filhos, dedican-



do sua vida inteiramente à literatura e ao jornalismo (CANDIDO, 2000; MOISÉS, 2013)

2. Contexto Histórico e Social

Quintana viveu em um período de grande transformação na literatura brasileira, acompanhando o Modernismo e suas inovações estilísticas. No entanto, diferentemente dos modernistas de 1922, ele seguiu uma linha mais lírica e reflexiva, preocupando-se menos com rupturas formais e mais com a beleza do cotidiano. A ditadura militar no Brasil (1964-1985) também impactou sua trajetória, e sua poesia, mesmo sem ser panfletária, refletia um olhar crítico sobre a sociedade e a existência humana (ZILBERMAN, 1991).

3. Principais Obras e Temas Entre suas principais obras, destacam-se:

- Livro *A Rua dos Cataventos* (1940): uma coletânea de sonetos que revelam sua habilidade técnica e sensibilidade (QUINTANA, 1940).



- Livro *Sapato Florido* (1948): obra que reflete sobre a infância, sonhos e fantasias (QUINTANA, 1948).

- Livro *O Aprendiz de Feiticeiro* (1950): um de seus livros mais famosos, com reflexões filosóficas e existenciais (QUINTANA, 1950).

- Livro *Esconderijos do Tempo* (1980): coletânea que aprofunda sua visão sobre o tempo e a efemeridade da vida (QUINTANA, 1980).



Os temas mais frequentes em sua poesia incluem:

- O tempo e a efemeridade da vida: Quintana via o tempo como um fluxo contínuo e inevitável.
- A simplicidade do cotidiano: Pequenos gestos e momentos eram transformados em poesia.
- A infância e a nostalgia: Muitos de seus poemas evocam lembranças da juventude e a infância perdida.
- A solidão e a existência: Reflexões sobre a passagem da vida e o isolamento humano.

4. Poemas Marcantes

A seguir, apresentamos dez poemas emblemáticos de Mário Quintana de cada um de seus principais livros.

Livro: *A Rua dos Cataventos* (1940)

Este livro é uma coletânea de sonetos que revelam a habilidade técnica e sensibilidade de Mário Quintana. Os poemas abordam a passagem do tempo, a solidão e as memórias, refletindo sobre a existência de maneira melancólica e musical (QUINTANA, 1940).

Temas Principais:

- A nostalgia e o tempo

- O lirismo do cotidiano
- A reflexão sobre a existência

Lista de Poemas e Análises:

1. O Tempo - Analisa a inexorabilidade do tempo e como ele molda a existência humana, mesclando melancolia e resignação.

2. Os Poemas - Reflexão metalinguística sobre o próprio ato de escrever e a imortalidade das palavras.

3. O Silêncio - Trabalha a ausência e a contemplação, explorando como o silêncio pode ser tão significativo quanto as palavras.

4. Canção do Dia de Sempre - Expressa a rotina e a busca pela beleza nos detalhes do dia a dia.

5. Da Felicidade - Questiona a natureza efêmera da felicidade e como ela pode ser encontrada nas pequenas coisas.

6. Poeminha do Contra - Traz um tom irônico sobre as críticas e a liberdade de ser autêntico.

7. Das Utopias - Reflete sobre os sonhos e ideais que impulsionam a humanidade.

8. O Mapa - Metáfora sobre as possibilidades e caminhos da vida.

9. O Sonho - Aborda a importância da imaginação e do desejo como motores da existência.

10. O Outono - Utiliza a estação como símbolo da maturidade e da passagem do tempo.

Os poemas desta obra estão protegidos por direitos autorais, pois Mário Quintana faleceu em 1994. Sua obra ainda não está em domínio público (QUINTANA, 1940).

Livro: Sapato Florido (1948)

Esta obra reflete sobre a infância, os sonhos e as fantasias. Quintana transita entre o lírico e o filosófico, sempre com sua leveza característica (QUINTANA, 1948).



Temas Principais:

- A infância e a nostalgia
- O imaginário e o sonho
- Reflexões filosóficas sobre a vida

Lista de Poemas e Análises:

1. Esconderijos do Tempo - Metáfora sobre como as memórias moldam a nossa identidade.

2. O Menino Azul - Exalta a inocência e o olhar puro da infância.

3. O Eco - Jogo de palavras que trabalha a ideia de repetição e lembranças.

4. O Velho Poema - Reflete sobre a passagem do tempo e a permanência da poesia.

5. Da Preguiça como Método de Trabalho - Ironiza a produtividade e valoriza os momentos de contemplação.



6. Canção para um Natal - Poema sobre a magia e o sentimento de esperança do Natal.

7. Os Três Mal-Amados - Analisa diferentes formas de amar e de se sentir incompreendido.

8. Relógio - Representação simbólica da passagem do tempo e sua inevitabilidade.

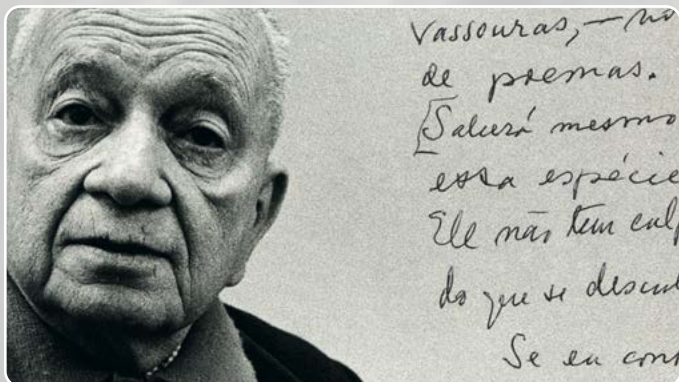
9. A Rua dos Cataventos - Um passeio pela memória e pela infância.

10. Pequeno Poema Didático - Reflexão lúdica sobre a importância da poesia na vida.

Os poemas desta obra estão protegidos por direitos autorais, pois Mário Quintana faleceu em 1994. Sua obra ainda não está em domínio público (QUINTANA, 1948).

5. Contatos Literários e Influências

Mário Quintana teve contato com diversos escritores renomados ao longo de sua vida (ANDRADE, 1985; BANDEIRA, 1966; VERÍSSIMO, 1973). Carlos Drummond de Andrade o chamava de "o poeta das coisas simples", Manuel Bandeira apreciava sua linguagem concisa e lírica, e Érico Veríssimo foi um de seus grandes incentivadores (BOSI, 2006). Cecília Meireles e Mario de Andrade reconheceram sua poesia como essencial para a literatura brasileira, trocando correspondências com o poeta.



6. Recepção Crítica e Dificuldades

Embora muito admirado por leitores, Mário Quintana enfrentou dificuldades para ser reconhecido por instituições acadêmicas. Tentou por três vezes ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL, instituição literária brasileira fundada em 1897 e sediada no Rio de Janeiro, dedicada à preservação da língua portuguesa e à valorização da literatura nacional), mas nunca foi eleito. No entanto, sua popularidade cresceu ao longo dos anos, e hoje é considerado um dos maiores poetas brasileiros (ZILBERMAN, 1991).

7. Prêmios e Homenagens

Mesmo sem ocupar uma cadeira na ABL, recebeu importantes prêmios:

- Prêmio Machado de Assis (1981)
- Prêmio Jabuti (1980)
- Doutor Honoris Causa pela UFRGS (1984)
- Medalha Negrinho do Pastoreio (1976)
- Casa de Cultura Mário Quintana: em Porto Alegre, um centro de arte e literatura leva seu nome (CASA DE CULTURA MÁRIO QUINTANA, 2025).

8. Livros Cobrados em Vestibulares

As obras de Mário Quintana são frequentemente cobradas em vestibulares devido à sua linguagem acessível e profundidade temática. Algumas das principais são:

- A Rua dos Cataventos (1940) - Uma coletânea de sonetos que abordam o tempo e a memória (QUINTANA, 1940).
- Sapato Florido (1948) - Um livro que explora a infância e a nostalgia (QUINTANA, 1948).

- Esconderijos do Tempo (1980) - Reflexões sobre a passagem do tempo e a efemeridade da vida (QUINTANA, 1980).

9. Influência e Legado

Mário Quintana influenciou gerações de escritores e leitores. Seu nome está imortalizado em prêmios literários, teatros e bibliotecas. Sua poesia continua sendo estudada, declamada e apreciada, provando que sua arte transcende o tempo (ZILBERMAN, 1991).

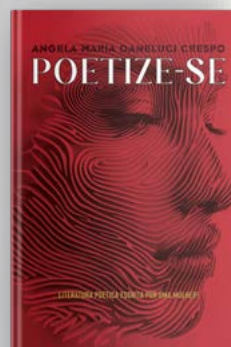
10. Momento marcante com a análise do poema "Deixe-me envelhecer"

No poema "Deixe-me envelhecer", Mário Quintana nos convida a refletir sobre o envelhecimento como um processo natural e belo da vida. Através de uma linguagem simples e tocante, o autor expressa o desejo de abraçar cada fase da existência com sabedoria e serenidade. Quintana destaca a importância de aceitar o passar do tempo, valorizando as experiências acumuladas e a sabedoria que vem com a idade.

O tom do poema é de resignação e paz, sugerindo que o envelhecer não deve ser visto como uma perda, mas como uma oportunidade de cresci-

mento e autoconhecimento. Essa perspectiva ressoa profundamente com muitos leitores, que encontram nas palavras do poeta um consolo e uma inspiração para encarar as mudanças da vida. Ao publicar este poema, a revista The Bard oferece aos seus leitores uma reflexão poética que celebra a beleza do envelhecer e a riqueza das memórias.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)



COLUNAS E COLUNISTAS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



TIKTOK



POST NO SITE



Recita-me

06



Juliana Rossi



Sou a escritora e poeta Juliana Rossi, nascida em 23 de outubro de 1976 na cidade de São Caetano do Sul em São Paulo, porém residente na cidade de Americana interior de SP há mais de 23 anos. Sou Mãe, Pedagoga, e atuo como Monitora de alunos na APAE de Americana. Sou também a Escritora do Meu Baú de Poesias, e a poesia é meu lugar de refúgio.

Caros leitores, nesta coluna exaltamos a tradição vibrante dos poetas trovadores, mestres em tecer sentimentos em versos e dar vida à poesia para além do papel, transformando palavras em melodias que ecoam na alma.

Quando recito uma poesia, mergulho em seus sentimentos e emoções, para expressá-la e trazer à tona tudo que elas nos fazem sentir e refletir. Convido você a conhecer a coluna recita-me onde realizo essa paixão, e pode ouvir e assistir a interpretação e declamação das poesias, minha e dos demais autores destaques nessa edição, basta clicar no botão Recita-me.

Nessa edição, trago uma poesia reflexiva, sobre o tempo e a vida, leia e clique no ícone do vídeo para assistir o recital.

Aproveite a leitura e a experiência desta jornada poética!

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

INSTAGRAM





TEMPO, VIDA!

Nascemos com todo tempo do mundo
E sem nenhuma preocupação, o desperdiçamos
O tal sentido da Vida vamos procurando
Onde se dizem donos da verdade, buscamos
Instituições, política, filosofias, religiões
Vamos zanzando de opiniões em doutrinas
Seguimos a multidão muitas vezes cheios de ilusões
E então já se passou 40 anos ou mais, de sentimentos reprimidos
De sonhos não vividos
Seguimos pro lado oposto
Nadando contra a correnteza em busca de certezas
Conspirações, revoltas e especulações
E só perdemos o que tínhamos de sobra
"Tempo"
Que agora escorre pelos dedos
Já estamos envelhecendo
É aí que entendemos que nada sabemos
O princípio do entendimento
O tempo perdido, roubado por verdades absolutas
Só causou peso e labutas
O corpo cansado, a pele enrugada
Mas ainda quer viver e reluta
A Vida pulsa, pulsa, pulsa ...
Enfrenta o tic toc do relógio
Medidor do senhor tempo
A Vida não quer respostas
Ela quer fluir, da mesma forma que o Tempo passa
Um pouco tarde ganhamos discernimento
E entendemos que, viver é dançar com o Tempo.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Recita-me

Maria L. Haddad



Poetisa

EU QUERIA UM AMOR

Eu queria um amor que coubesse nas mãos,
como um café morno num dia qualquer.
Um amor de passos lentos, de silêncios que abraçam.
Que desarruma os lençóis sem pressa,
que encontra poesia no desalinho,
que entende que o tempo, esse que não nomeamos,
não precisa ser medido.
Eu queria um amor que amanhecesse bem devagar...

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Rilnete Melo



Poetisa



PRIMAVERIL

Despetala- se em fibra primavera
o lápis que rabisca o papel
e os vocábulos em carpeles
no vago ponto esmera flor
lanço-me sem medo
no mundo do outro
em alguma estação sem cor
a refrear o estigma da dor

e na poesia abro a janela
do recôndito escuro
clareando o jardim
de algum tempo futuro
no momento catártico da criação
nas ricas rimas coloridas
no estrume das estrofes,
eu vou plantando flores em feridas.



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





08



LILIAN BARBOSA



Natural de Brasília-DF. Mãe, esposa, advogada, pós-graduada em Direito Público Licitatório, cursando LLM em Direito Empresarial e concursada em uma Autarquia Federal. Participante de várias Antologias, inclusive como Prefaciadora e Autora Convidada. Colunista da Revista Internacional The Bard. Bisneta do Poeta Centenário – finalista do Prêmio Jabuti 2024 na categoria “Escritor Estreante de Poesia” – Arnaldo Júlio Barbosa (@arnaldojulio Barbosa), do qual se orgulha imensamente.

SOBRE AQUELES QUE SE TORNAM POESIAS... EM NÓS!

É com muita alegria que cumprimento a todos vocês, leitores da The Bard! Bem-vindos a mais uma linda edição!

Convido-os, na Coluna desta edição, a refletirem sobre como somos habitados pelas reminiscências de cada pessoa que temos a oportunidade de conhecer, seja pessoalmente, seja pelo relato de seus feitos, seja de forma vista, ouvida ou escrita.

Confirmam a reflexão abaixo e, em seguida, não deixem de

ler alguns escritos de minha autoria que se relacionam a temática aqui proposta! Ficarei honrada se, de alguma maneira, puder me tornar poesia aos que se dispuserem a doar um pouco de atenção e absorverem para si as palavras que aqui escrevo.

O viés da poesia alheia a nos habitar engloba as minúcias que assimilamos e que nos tornam quem somos. Fato é que, de cada um que conhecemos, parte é assimilada e se integra, de algum modo, a nós: moldando-nos, ensinando-nos e, até, instigando-nos a

ponderações mais profundas sobre as dialéticas da existência.

Afunilando ainda mais, chamo a atenção para algo: também nos habitam os autores que nos propomos a ler. Ouso dizer que os primeiros semeadores da escrita são, naturalmente, aqueles que se propõem a escrever, inspirando e semeando a leitura e a escrita, mesmo que esta última seja registrada longe de papéis; para além dos papiros de nossas almas. Lembranças diversas, pessoas marcantes, preceitos... Tudo é eternizado, sobretudo, no coração!



Imagem de:

Produzida por Lilian Barbosa através
de IA (Bing Image Creator of Microsoft).



Imagem de:

Imagem de Moshehar por Pixabay

**"Cada um carrega na alma doses de poesias
externadas a cada manifestação de amor.
Somos todos poetas nesta vida!"
(Lilian Barbosa)**

Muitas pessoas se tornam poetas para nós e, a partir disso, passam a nos habitar. Ao longo da vida, inúmeros são os exemplos de pessoas e ações para os quais somos apresentados. E, sem limitar em um quantitativo, temos a incrível

capacidade de agregar e compilar diversas manifestações e modelos em nossos valores, personalidades, ações e sentimentos: somam-se ao que somos!

Quanto mais meditamos e nos propomos a absorver e a compreender os ensinamentos para os quais somos submetidos, mesmo que ao acaso, mais sentido encontramos. E quanto mais reflexões tecemos a partir de um olhar apurado, mais caminhamos à verdadeira poesia do viver. E assim, o

caminho consequente se torna o do querer desvendar novas poesias que possam, porventura, habitar os recônditos mais profundos de nossos corações, tamanho o poder de nos instigar. Nessa toada, peço licença para lhes indagar:

*"Diante de tantas infinidades que lhe habitam o peito, quantas eternidades ainda lhe cabem? Quanto espaço lhe sobra para aquilo que nunca se acaba?"
(Lilian Barbosa)*

“Aos olhos de outros, você também é uma leitura. E daquelas escritas da forma mais poética possível. Recomende-se!”

(Lilian Barbosa)

Imagem de:

Stewmanfoo por Pixabay

Controverso e, simultaneamente, incontroverso. Paradoxos também possuem o condão de serem poéticos. Em um viés metafórico, sempre há de sobrar espaço para aquilo que não tem fim, desde que exista o claro anseio de não pausar as buscas e a recepção para o que nos é destinado como dádivas do pensamento, do saber e da inspiração por meio de pessoas que, afortunadamente, cruzam nossas jornadas.

Mesmo os questionamentos que nos colocamos a produzir se tornam metafóricos e passíveis de ressignificações diante da vasti-

dão de poetas e poesias (em sentido amplo) pelos quais nos deparamos em nossos caminhos.

Vale a pena destacar algo precioso, mas que nem sempre nos atentamos: todos nós fazemos parte de alguma lembrança e/ou ensinamento guardados com carinho por alguém. Todos somos aptos a deixar marcas indeléveis. Por onde passamos, parte de nós permanece. No fim das contas, somos, realmente, poetas – por vezes, poesias – inspiradores e disseminados nas histórias de uma infinidade de pessoas nesta longa caminhada chamada VIDA.



POST NO SITE



COLHEITAS DA COLUNISTA

Imagem de Lisafrom por Pexels

QUANDO TU VAIS

É quando tu vais que muito de ti ainda fica.
Deixas comigo o teu cheiro, o amor, todas as
lembranças...
Levas contigo as saudades, o querer, o coração
quebrantado...
É quando tu vais que em tudo te encontro...
Encontro-te em tudo quando regressas.
Entrego-te o meu cheiro, o amor, todas as lem-
branças...
Devolve-me a presença, o querer, o coração
revigorado...
É quando tu vais que nunca há de partir.
É em tua partida que permaneces em mim.



Imagem de:

Produzida por Lilian Barbosa através de IA
(Bing Image Creator of Microsoft).



LEIA-ME

Falta-me coragem para dizer tudo o que gostaria. Os sentimentos ficam aqui, entalados, presos na garganta. Confesso que escrevo o que não digo. E, se olhar com afinho, verás que em vários versos há o teu semblante, o teu jeito de olhar e, até mesmo, a descrição do teu corpo... As palavras me faltam quando tento definir o teu sorriso, este que invade meus pensamentos diários e me insere em devaneios de amor e admiração. Quisera poder te ter além da manifestação escrita. Você está em quase tudo: em meus versos, em minha alma, em meus sonhos... Preciso que interprete o que sinto e tome para si tais sentimentos. Almejo ser aquela leitura agradável antes de dormir, que lhe passe tranquilidade e que lhe traga abrigo em meio às turbulências. Que possas entender que o livro que lês é a minha visão de tua própria história, expressada sob a autoria de quem lhe tem profundo amor.

Que entendas o significado oculto dessa tentativa de recriar a ti em páginas da existência. Que admire, em reciprocidade, a quem se sentiu invadido pela vontade de escrever sobre você. E que atente ao fato de que é possível construir uma história em coautoria, onde autores e personagens possam, enfim, aceitarem-se como um. Até que eu possa te ter em meus braços, na esperança de que, um dia, terei permissão para escrever sobre a beleza de compor páginas que jamais serão arrancadas de seu coração.



Imagem produzida por Lilian Barbosa através de IA (Bing Image Creator of Microsoft).

A SABEDORIA DAS FERIDAS

Tinha um sentir profundo, proveniente de uma mente profunda, esculpida pelas ulcerações da vida. Foram anos de sofrimentos – dos mais angustiantes – que forjaram a intensidade e o preço do sentir. Experienciar as piores dores lhe tornou mais interpretativa e lhe concedeu a liberdade de pensamento que, até então, não detinha. Não fossem tais dores, jamais teria se despedido do conforto de outrora; jamais teria experimentado a mais densa sabedoria. Compunham-lhe a alma as mesmas angústias que lhe aguçavam toda e qualquer sensação. Para o bem ou para o mal, as feridas aprofundaram-lhe o conhecimento... Doses intensas do saber degustados em apurados sentimentos, todos resultantes da clarificação das mazelas que a tornavam, resignadamente, humana!



Imagem produzida por Lilian Barbosa através de IA (Bing Image Creator of Microsoft).



PARA SEMPRE

Cogitei visitar tuas lem-
branças
Habitar teus pensamentos
Fazer morada em teu peito
Brincar nos quintais de teus
sonhos
Quando pensasse em ir
embora
Talvez pedisses para que
ficasse
E eu ficaria
Abrigar-me-ia em ti
Por todo o sempre



Imagem de:

Freepik
Pikisuperstar por Freepik



HAICAI

Ao vento, dispersos
– deste coração em pedaços –
deixei-te os meus versos



Imagem de Stwul por Freepik



Imagem de Alexandrgrant por Freepik

O QUE NÃO DIGO

Minhas palavras passeiam pelo
teu corpo...
Tocam-te, livremente
Adentram a tua mente
E, mesmo que eu não as transcreva...
Escuta-as!
Audível se torna tudo o que não digo
E, talvez, até...
O que hei de ter vontade de dizer.



Imagem de:

Imagem de Halalstock por Freepik

ECOS DA MEMÓRIA

Ecoava...
O som da tua voz em meus pensamentos
As batidas aceleradas do coração
As palavras não ditas...
Engasgadas
Apenas ecos restaram
Perpetuaram-se na memória



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

09



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mamãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia *Grades de liberdade* (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil *Poesia – o lugar encantado das crianças* (Editora Asinha) e haicais *Bucólicos* (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto *Korja Sacrillega*, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias). Participou da 1ª Copa Poesia Portugal e da IV Copa de Poesia Brasil em 2022 pela Cronópolis. Com mais de cem textos publicados no site Recanto das Letras. Há mais de 20 anos reside no litoral sul do estado de São Paulo. Acredita na força reflexiva de sua escrita e busca tocar o coração de seus leitores a cada escrito que publica. Atualmente, colabora para a Revista Internacional *The Bard* escrevendo na coluna *Nossa Literatura – virtudes poéticas*.

Páginas de pedra

Por Márcia Neves

Folhas rígidas e frias
Sobre ecos rochosos
A arquitetar histórias
Indelévels no tempo

Ecos de vozes
De versos e estilhaços
De sombras que perduram
Ensinam e até curam
Estalagmites de amor

Linhas sobre linhas
Feito lágrimas que escorrem
Por cima de cada página
Que vive e nunca morre

Rochas se fincam
Em páginas inapagáveis
Tombadas pelo tempo
E, em água transformadas

Páginas de pedra
Digamos, alicerçadas
Tecidas e bem narradas
Por olhares que vivem

Caro(a) leitor(a),

Em um espaço onde a literatura se entrelaça com a essência da vida, e onde cada palavra encontra seu lugar em nosso coração e no mundo, eis-me aqui, mais uma vez, convidando você a confinar-se conosco no tema Páginas de Pedra: A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas.

As bibliotecas são, de fato, verdadeiros templos do conhecimento, como pedras preciosas que preservam em sua essência o legado de gerações em dias lapidados na história da humanidade. São espaços projetados não apenas como armazéns de livros, mas celebrados além da resistência e da beleza das palavras, edificadas por ideias que constroem e inspiram.

São colunas que celebram não só a estética da arquitetura universalmente, mas também a sabedoria adquirida ao longo dos anos. Espaços que precisam ser lidos, estudados, contemplados e favorecidos. Lugares que narram a evolução do tempo e da humanidade, que representam a vida em todas suas etapas; não à toa, muitas bibliotecas marcam para além da arquitetura, a beleza da arte arquitetônica e um fragmento eterno de uma cultura; para mim, um lugar sagrado.

Assim, a 31ª edição da Revista Internacional The Bard nos permite adentrar o mundo por páginas amareladas de um tempo rochoso para, além de recondicionar o nosso olhar, refletir sobre a indeclinável importância das bibliotecas e arquitetura que as envolve.

Reitero minha satisfação e gratidão por escrever a Coluna Nossa Literatura – virtudes poéticas e por ser parte da Revista Internacional The Bard. Espero afetar sua vida pedra por pedra, ou melhor, página por página, afinal, cada edição desta revista é um novo lapidar de mundos, os nossos; e a literatura, uma jornada de transformação.

Abraços literários!

Márcia Neves - A autora

Além das pedras e das bibliotecas, a vida

“Um monte de pedras deixa de ser um monte de pedras no momento em que um único homem o contempla, nascendo dentro dele a imagem de uma catedral.” – Antoine de Saint-Exupéry

Certa vez, participei de uma conferência que tinha como tema a vida útil das rochas. Confesso ter provocado meu nível máximo de ignorância, ao ser questionada se pedras têm vida, sentindo-me tão estática e rude quanto elas em sua essência geológica. Bastou-me a poesia, em todas suas concepções, para mostrar-me essa essência, das pedras, de forma transversal e bela. Só assim, e prontamente, pude enunciar a vida delas com precisão. Mas foi em bibliotecas, determinantemente, que tive olhos abertos à forma e ao belo em suas estruturas. Percebi que não só de livros vivem as bibliotecas, mas sem eles, a vida nelas não existiria.

O encanto e o inusitado me assaltaram o tempo (além da visão e todas as emoções) quando, pela primeira vez, visitei uma biblioteca com uma arquitetura histórica, como a Livraria “El Ateneo” (a mais linda da América Latina) em Buenos Aires (capital do livro). Considerada a segunda livraria mais bonita do mundo pelo jornal The Guardian em 2008.



Imagem arquivo pessoal, por Márcia Neves (2010)



Imagem arquivo pessoal, por Márcia Neves (2010)

A vida, assim como o espaço construído, é um processo contínuo de lapidação, onde precisamos nos adaptar e superar. Nesse sentido, bibliotecas são espaços de conexões para além dos muros, que nos convidam a pensar sobre nossa jornada, missão diante das pedras que encontramos ou usamos para arquitetar nossas histórias.

O poema *No meio do caminho* (1928 – Revista *Antropofagia*), uma das obras-primas de Carlos Drummond de Andrade, icônica da literatura brasileira, apresenta temas atemporais, que vão desde a aceitação ou recusa de obstáculos à permanência de elementos edificantes na vida.

No Meio do Caminho - Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Toda a trajetória do ser humano é marcada por processos criativos e de muita construção, que nem sempre é conduzida de forma linear. Um processo de escolhas e caminhada que a todo tempo é mapeado por decisões e caminhos limitantes, desafios que precisam ser superados com soluções inovadoras e suportáveis. Com base nisso, pedras no meio do caminho no poema citado, podem ser entendidas não só como metáforas dos enfrentamentos da vida, mas também, recurso de construção; com elas pode-se erguer icônicas arquiteturas; nelas pode-se abrigar preciosas matérias como exemplo de superação jamais esquecida por olhos fatigados, no andar de quem, de fato, caminha.

Assim como no poema, em que a pedra se torna um elemento central na construção do texto, nossas ações tornam-se modalizadoras de nossa trajetória, resultando em um paralelismo diário, tal qual foi a pedra no meio do caminho do Drummond, construindo e reconstruindo nossas experiências, valores e inspirações.

Nessa abordagem das pedras como significante para construções diversas, cito alguns poetas, escritores, nomes reconhecidos na literatura brasileira que as tiveram como marco na construção de seus textos.



Imagem de Hello Aesthe por Pexels

Paulo Leminski (1944 – 1989), por exemplo, além de poeta e escritor, foi também músico, jornalista, professor, tradutor, publicitário, crítico literário e professor brasileiro. Escritor marca a geração

mimeógrafo e um dos fundadores da tão necessária Literatura Marginal (anos 70). Com seu estilo único, despojado e profundo de escrita, inclusive e também inspirado em haicais, dando preferência a curtas e breves produções apresenta a pedra em sua poesia como elemento estático, obviamente objeto, e metáfora para a vida e o tempo, que seguem seu curso independentemente de nossas fragilidades e necessidade de perceber o mundo e a natureza que nos cerca.

Nesta pedra – Paulo Leminski

Aqui
nesta pedra
Alguém sentou
olhando o mar

O mar
não parou
pra ser olhado
Foi mar
pra tudo que é lado
[...]



Imagem de Tamar Dundua por iStock

Entre as dimensões apresentadas: a pedra como obstáculo e símbolo de resistência e como apoio para a contemplação de algo, surge a poeta e contista Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889 – 1985), apresentando a pedra para além do inusitado, sua própria edificação, como segue:



Imagem de Lepta Studio por Pexels

Das pedras - Cora Coralina

Ajuntei todas as pedras
Que vieram sobre mim
Levantei uma escada muito alta
E no alto subi
Teci um tapete floreado
E no sonho me perdi
Uma estrada,
Um leito,
Uma casa,
Um companheiro,
Tudo de pedra
Entre pedras
Cresceu a minha poesia
Minha vida...
Quebrando pedras
E plantando flores
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude dos meus versos.

São versos que aludem às adversidades e sabedoria ao fazer das pedras recursos de superação e entendimento do próprio processo. É impossível não relacionar a essa interpretação a expressão popular “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, a qual enaltece a ideia de persistência à mudança do comportamento humano. Cora, por sua vez, com sua linguagem simples e profunda, fortalece o nosso pensamento, quando nos permite lembrar que “liberdade caça jeito” como muito bem disse o escritor mato-grossense Manoel de Barros (1916 – 2014), e que, dentre as mil e uma utilidades das pedras, há marcos de proteção, independentemente de sua rudeza. Além disso, o eu-lírico nesse poema “Das pe-



dras” reconhece que elas fazem parte da jornada de cada um de nós e se coloca entre a aceitação e a gratidão, construindo uma visão otimista da vida e das possibilidades de crescimento que surgem entre as pedras que esmagam.

Consoante à mitologia persa (syngué saour), ou (pedra-da-paciência), pedra é denominada como mágica, uma vez que, além de guardar segredos e angústias, liberta o ser humano de seu sofrimento ao explodir.

Independentemente de crenças, etimologia ou ciência, na geologia tem-se pedra como uma formação rochosa, e na literatura, diversos significados simbólicos, que vão desde a solidez e permanência a frieza e indiferença, marcadas especialmente em contextos emocionais; a exemplo temos a expressão “coração de pedra” ilustrando a insensibilidade e incapacidade de afeto de alguém. Assim, em linguagem literária, realmente é uma palavra edificante, capaz de arquitetar e construir legados.



Imagem de Tamar Dundua por iStock

Além das pedras e das bibliotecas, a vida. Sim, ademais dos elementos físicos e do conhecimento acumulado nas bibliotecas, existem fatores preponderantes a serem considerados, dentre eles, há vida (do verbo haver). A vida, portanto, é um espaço de intersecção entre esses dois aspectos (simbólicos), onde se enfrenta o novo (desafios e dificuldades – pedras) e alcança crescimento, conhecimento e evolução (bibliotecas), a fim de realizarmos uma travessia para além dos significantes. Diante do exposto, trago a escritora, poeta, jornalista, pintora e professora brasileira Cecília Meireles (1901 – 1964) e o po-

eta, tradutor e jornalista brasileiro Mário Quintana (1906 – 1994) para uma bela reflexão.

Pedras - Cecília Meireles

Eu vi as pedras nascerem,
do fundo do chão descobertas.
Eram brancas, eram róseas,
– tênues, suaves pareciam,
mas não eram.
Eram pesadas e densas,
carregadas de destino,
para casas, para templos,
para escadas e colunas,
casas, plintos.
Dava a luz da aurora nelas,
inermes, caladas, claras,
– matéria de que prodígios? –
ali nascidas e ainda
solitárias.
E ali ficavam expostas
ao mundo e às horas volúveis
para, submissas e dóceis,
terem outra densidade:
como nuvens.

Inscrição para um portão de cemitério – Mário Quintana

Na mesma pedra se encontram,
Conforme o povo traduz,
Quando se nasce — uma estrela,
Quando se morre — uma cruz.
[5] Mas quantos que aqui repousam
Hão de emendar-nos assim:
“Ponham-me a cruz no princípio...
E a luz da estrela no fim!”

Já que “viver é superdifícil e o mais fundo está sempre na superfície”, usando palavras poéticas do Leminski, andemos pelas profundezas do que edifica o nosso coração e arquiteta nossa vida, com emoções que educam nosso olhar para ver com serenidade os legados da vida, e emoções que escrevem a nossa existência em pedras que eternizam nossas histórias.

Até a próxima edição!
Com carinho, Márcia Neves.



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

SITE



INSTAGRAM



INSTAGRAM



POST NO SITE





JEANE TERTULIANO



Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas, é professora, escritora e palestrante com 20 livros publicados. Graduada em Letras, com pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina, é autista, com altas habilidades, TDAH e baixa visão. Feminista e ativista sociocultural, recebeu prêmios como o 1º lugar no Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (2023). Em 2024, foi eleita delegada para representar o setor "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura. Colunista da The Bard e membro da AIL e UBE, organiza projetos antológicos e utiliza a literatura como ferramenta de transformação.

A Prosa Poética

E escrever prosa poética é carregar uma névoa no peito, sabendo que, a qualquer instante, ela pode escapar pelos dedos. É habitar um espaço de ausências, onde as palavras não apenas dizem, mas sussurram entre as frestas do que se perdeu. Cada frase é um reflexo distorcido, um eco que retorna carregado de melancolia.

Clarice Lispector transformou esse vazio em matéria-prima. Seus textos respiram como janelas entreabertas, por onde o tempo entra sem pedir licença. Ser mulher, para ela, era um desafio de existir sem se dissolver, de suportar a lucidez sem naufragar. E a escrita era seu refúgio e seu exílio, a forma mais bela e cruel de permanecer.

A prosa poética não se constrói apenas com palavras, mas com silêncios. Cada pausa é um abismo, cada metáfora, uma tentativa de nomear o que nunca se deixa capturar. Não precisa rimar, mas pre-

cisa do ritmo das coisas que partem. Precisa pesar nos ombros, como lembranças que insistem em ficar.

Seu lirismo nasce do equilíbrio entre o narrar e o sentir. O pensamento flui como um rio, mas suas águas carregam vestígios de sonhos e ruínas. Não há enredo rígido, mas há uma cadência, um pulsar quase musical que conduz o leitor por entre imagens e sensações. Assonâncias e aliterações criam melodias invisíveis, enquanto sinestesias desvendam o peso das cores e o som das ausências.

Escrever é como tocar o invisível. É sentir a pele do tempo escorrer entre os versos, soprar vida no que já se desfez. A palavra, quando bem lançada, não voa — desaba. E a prosa poética é esse instante de queda suspensa, onde o mundo inteiro cabe num único suspiro.

COLUNA



Prosa

Poética



Medo

Clarice Lispector

Meu Deus, me dê a coragem de viver trezentos e sessenta e cinco dias e noites, todos vazios de Tua presença. Me dê a coragem de considerar esse vazio como uma plenitude. Faça com que eu seja a Tua amante humilde, entrelaçada a Ti em êxtase. Faça com que eu possa falar com este vazio tremendo e receber como resposta o amor materno que nutre e embala. Faça com que eu tenha a coragem de Te amar, sem odiar as Tuas ofensas à minha alma e ao meu corpo. Faça com que a solidão não me destrua. Faça com que minha solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo. Receba em teus braços o meu pecado de pensar.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Jeane Tertuliano

Feminista, Literata e Professora

O retrato da solidão poética

Em um quarto silencioso, onde as sombras dançam ao ritmo das velas tremeluzentes, a poeta se encontra imersa na essência solitária que é sua companheira mais constante. Seus pensamentos fluem como um rio incessante, navegando pelas águas turvas da introspecção.

Às vezes, a solidão se assemelha a um manto pesado, envolvendo-a em seu abraço frio, sufocando-a com a ausência de vozes e presenças. No entanto, é nesse silêncio profundo que suas palavras ganham vida, dançando livremente nas linhas de seus versos.

Ela observa o mundo através da janela da alma, absorvendo cada nuance, cada suspiro, cada raio de luz que penetra nas brechas da escuridão. Seus olhos são testemunhas de histórias não contadas, de emoções não expressas, de sonhos não realizados.

Nesse isolamento, as palavras se tornam sua única companhia, tecendo um intrincado tapete de significados e sentimentos. Cada verso é um eco de sua alma, uma tentativa de capturar a essência fugidia da existência humana.

Às vezes, ela se perde nos labirintos de sua própria mente, navegando por caminhos tortuosos e sombrios. Contudo, mesmo nas profundezas desse retiro, há uma centelha de esperança, uma crença inabalável no poder transformador da arte.

Sem titubear, a poeta persiste, navegando pelos mares turbulentos da vida, guiada pela luz tênue de sua própria inspiração. Pois nessa eterna jornada entre a luz e a escuridão, sua alma encontra uma verdadeira morada.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Ubertam Santos
Poeta e Escritor

Máscaras!

Pessoas que choram não sabem sorrir, pois mesmo rindo com o rosto não adianta, seu coração está sentindo o oposto.

Há máscaras que podem ser usadas, mas acredite, para a alma não adiantam nada!

Podem até esconder a tristeza, camuflar a angústia e a solidão, mas não tiram a dor que arde dentro do coração!

Não fazem passar a mágoa que sinto quando vejo teu olhar indiferente, vazio e transparente como o ar!

Será que por de trás da máscara não percebes meu sofrer?

Nem o sangue que corre do coração no momento de te ver?

Ou será que não percebe simplesmente porque não quer, que de todas que existem no mundo eu só quero uma mulher!

INSTAGRAM



POST NO SITE





Rute Ella Dominici
Escritora e Poetisa

Palmeiras Esquías

A história dos lugares não é apenas a história dos lugares. Quando um espaço carrega as marcas das almas e dos corpos que nele existiram, a geografia se dissolve na memória. O que se conta, então, não é sobre a terra em si, mas sobre a experiência de estar, pensar e descobrir.

Há quem observe apenas formas. Eu, porém, busco enxergar além das aparências. Vejo as mentes em seu estado bruto, sem contornos definidos, até que se revelam. Com o tempo, compreendi que as matérias se desgastam e que o homem, tão sólido quanto pensa ser, se esfarela na passagem do tempo. No entanto, é na consciência que a história permanece – uma resiliência silenciosa, muito além da inércia das coisas.

Os lugares não guardam suas histórias em muros ou ruínas, mas no ar que se respira, nos pulmões que sustentam a existência.

A memória é meu ponto de partida. O que fui e o que serei se entrelaçam em um tempo fluido, onde sou tanto a lembrada quanto a esquecida. O passado é um tecido rendilhado, com suas lacunas preenchidas por recordações, devaneios e descobertas. Minha trajetória é uma reconstrução, um resgate que se materializa nas ruas literárias desta cidade que se reinventa.

Ao me deparar com um vilarejo vazio de letras, sigo rumo à Ilha de Dentro. O caminho é moldado por palmeiras esquias, que oscilam entre a rigidez e a leveza, tal como os espíritos das novas gerações que ali se firmam. Mas há também aqueles que chegam para modificar a paisagem, desfazendo a essência bucólica e romântica dos arredores. O que era belo não resiste à repetição do presente, e Sophia percebe que a mesmice do hoje apaga as cores do que poderia ter sido.

O encontro com seu próprio Eu é paradoxal, mas real. A felicidade, quando autêntica, nasce do contato mais profundo com o ser. A vida não é um documento imutável, mas um fluxo de pensamentos, conversas íntimas consigo mesma, com Deus, com lembranças ancestrais. É um diálogo contínuo entre finitude e eternidade.

COLUNA *Prosa* Poética



COLUNAS E COLUNISTAS

As ondas, ao se chocarem contra a terra, esculpem palavras. As memórias e imaginações se transformam porque um dia existiram.

Reconhecer a sombra é perceber a casca do ovo que se rompe e encontrar, na gema, o legado da criação. Na escrita, a metamorfose acontece. Sophia compreende que, ao se lançar na liberdade da linguagem, está também recriando sua própria existência.

Ela ainda tem muito a dizer, muito a ouvir. O tempo, afinal, não é um limite.

As palmeiras, eretas, enfrentam os ventos em desalinho. Não obedecem a paralelismos, não se submetem a métricas rígidas. Sua dança imprevisível na planície aberta é poesia sem rimas, liberdade sem fronteiras.

INSTAGRAM



POST NO SITE



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

19


Ladylene Aparecida


Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Mitologia Chinesa

Olá, querido leitor, mas uma vez é um prazer estar aqui com você, nesta edição vamos dar sequência sobre a história da China. Na última edição falamos um pouco sobre as religiões e seus conceitos e confesso que fiquei fascinada pela história de Buda, confesso que não sabia que ele foi uma pessoa real de uma poderosa dinastia que abriu não de sua riqueza e privilégios para cuidar e acolher aqueles que precisavam de alento em suas almas. Sempre tive muito respeito e carinho pelo budismo, agora sabendo um pouco mais sobre sua história, me cativou mais ainda.

Então sem mais delongas, vamos de história... Pegue sua bebida favorita, acomode-se e boa leitura...

China e seus Mistérios

Curiosidades sobre a cultura chinesa

Um fato curioso sobre os mistérios da China, entre tantos mistérios, está a lenda da “Escritura do Imperador Amarelo”. Muitos pensam no Imperador Amarelo, Huangdi, como uma figura mítica que trouxe avanços incríveis à civilização chinesa, mas poucos sabem que ele também é creditado como o autor de um dos textos fundadores da medicina tradicional chinesa, o Huangdi Neijing.

Esse texto é tão complexo e cheio de sabedoria que se acredita ter sido transmitido pelos imortais e até mesmo inspirado diretamente pelas forças divinas.

Essa lenda é tão incrível que dizem que os seus textos são usados até hoje como base na medicina chinesa.

Outro ponto interessante da intrigante China é a existência das chamadas “montanhas sagradas” (Wu Yue), que são cinco montanhas veneradas tanto no taoísmo quanto no confucionismo. Cada uma representa um ponto cardinal, sendo associada a elementos naturais e simbolismos profundos. Menos conhecida, porém fascinante, é a tradição de peregrinação que envolve não apenas oração, mas também desafios físicos, como subir milhares de degraus esculpidos na rocha.

O monte Hua (Hua Shan), considerado uma das montanhas sagradas, é conhecida por ter trilhas extremamente estreitas e íngremes, o que exige muita coragem e habilidades dos peregrinos. Reza a lenda que alcançar o topo simboliza não apenas devoção, mas também a superação espiritual e física dos desafios da vida.



Imagem de Monte Huashan por Tripadvisor - Google

Panteão Chines

Os mitos e lendas da mitologia chinesa são um verdadeiro tesouro literário, repleto de deuses e entidades que desafiam o tempo e encantam a todos. Se você for como eu, que se encanta com as histórias orientais, dragões mágicos e tudo mais que essa cultura pode nos mostrar.

Então tenho um convite muito especial: venha comigo mergulhar no mundo fantástico dos deuses chineses e perceba a magia em cada palavra.

O soberano Yu Huang – O Imperador de Jade

Imperador de Jade, o chefe do céu e da terra. Um rei celestial! Com uma coroa reluzente, sentado em seu trono dourado, governando todos os outros deuses e seres espirituais. Ele é o juiz supremo que governa o destino dos mortais e imortais.



Yu Huang é visto como um guardião da harmonia e da ordem cósmica, uma representação da justiça universal, e é particularmente reverenciado durante o Ano Novo Chinês. As pessoas fazem oferendas em sua honra para buscar bençãos e prosperidade.

Dizem as más línguas celestiais que O Imperador de Jade se parece com Zeus, o deus grego, pois sempre está envolvido em escândalos e intrigas entre deuses e humanos.

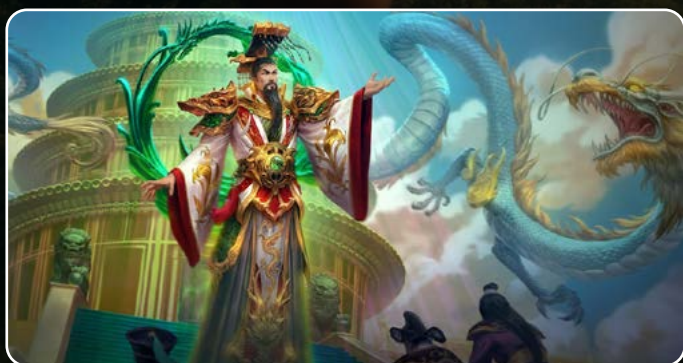


Imagem de Imperador de Jade por Portal de Mitos - Google

Guan Yin – A deusa da Compaixão

A Deusa da Compaixão ou da Misericórdia é conhecida por sua bondade infinita e por ouvir os pedidos de socorro dos seres humanos. Seu nome significa “Aquele que observa os sons do mundo”. Isso reflete sua capacidade de ouvir as preces e os lamentos dos mortais em busca de ajuda.

Reza a lenda que Guan Yin nunca abandona ninguém em sofrimento. Mesmo à beira de alcançar o nirvana, ela escolheu permanecer no ciclo de reencarnações para ajudar todos os seres vivos. Em algumas representações, a Deusa tem mil braços e olhos, simbolizando sua capacidade de alcançar e ajudar a todos ao mesmo tempo.

Uma das lendas mais conhecidas sobre Guan Yin é a da princesa Miao Shan. Contam que Miao Shan foi uma jovem que escolheu a vida monástica e o altruísmo, mesmo contra a vontade da família. Ela se sacrificou para salvar seu pai e acabou sendo divinizada como a Guan Yin, evidenciando sua natureza compassiva e altruísta.



Imagem de Era Dourada - Google

Nuwa – A Criadora da Humanidade

Na mitologia Nuwa, a deusa criadora que, segundo lendas, moldou os primeiros humanos a partir do barro. Ela moldou figuras com as próprias mãos e, ao soprar sobre elas, deu-lhes a vida. Para acelerar o processo, ela começou a usar ramo para salpicar barro, criando humanos de forma mais rápida. Este ato simboliza a diversidade entre os homens.

Ela é frequentemente associada à criação e à fertilidade, sendo associada à criação e à fertilidade, sendo um símbolo poderoso de feminilidade. Um verdadeiro ícone de Força que nos lembra que as mulheres têm um papel fundamental na construção e na preservação do mundo.



Imagem de Natrilhadotao por Google

Uma das façanhas mais famosas é a reparação do céu. Após uma grande batalha entre dois deuses, Gong e Zhaanxu, um dos pilares que sustentavam os céus foi destruído, criando o caos na Terra. Então Nuwa derreteu pedras coloridas para reparar o céu e usou as patas de uma tartaruga gigante para substituírem o pilar quebrado.

Zhong Kui - O caçador de Fantasma

Esse deus é uma figura fascinante, conhecido como o caçador de Fantasma e o Rei dos Demônios. Sua história é cheia de reviravoltas que o transformaram em um herói popular e na divindade reverenciada.

Zhong Kui era um homem brilhante, porém na visão de muitos sua aparência física era considerada feia e alguns até diziam que ele era “desengonçado”. Com seus olhos salientes e uma barba negra

espessa, o tornava pouco atraente aos olhares de muitos. Contudo, como já diz o ditado: “BELEZA NÃO PÔE MESA”, com sua astúcia e inteligência o jovem alcançou as maiores notas nos exames imperiais, um feito notável naquela época.

Mas como a maioria das histórias boas são trágicas, mesmo o Imperador o tendo como o melhor entre os melhores em seu palácio, por conta de sua aparência rudimentar ele foi deposto de seu cargo e expulso do palácio. Decepcionado e com autoestima e seus sentimentos esmigalhados, pois ele outras tão mil qualidades que eram anos luz melhores que sua beleza. Zhong Kui embainhado em sua melancolia cometeu suicídio ali mesmo, nos portões do majestoso palácio, em uma tentativa insana de melhorar a aparência de seu rosto, ele bateu por várias vezes sua face contra o portão, até morrer.

Todavia, como nem tudo está perdido nessa vida, ou na vida pós a morte, Yanluo Wang, o juiz do submundo, reconheceu toda sua inteligência e capacidade, então o Juiz do submundo o nomeou como o Rei dos Fantasmas, encarregado de caçar e capturar espíritos malignos. Com essa nova posição, Zhong Kui ganhou a habilidade de comandar 80 mil demônios para usar como achasse melhor.



Imagem de Natrilhadotao por Google



Está vendo que as vezes não é VOCÊ, é o ambiente que você está que não sabe valorizar suas qualidades e simplesmente jogam o livro pela capa...

A Lenda do Rei Macaco

Sun Wukong é uma criatura incrivelmente poderosa, nascida de uma pedra mágica e dotada de habilidades extraordinária, como imortalidade, superforça e a capacidade de se transformar em diferentes formas. Ele também é famoso por sua audácia, inteligência e um bastão mágico chamado Ruyi Jingu Bang, que pode mudar de tamanho e peso conforme ele desejar.



Imagem de Clube de Chinês por Google

O Rei Macaco é conhecido por seu espírito rebelde e por desafiar os céus e as autoridades divinas antes de ser subjugado por Buda. E com a ajuda de outros deuses o ele ficou preso em uma montanha por 500 longos anos.

Uma das maiores aventuras do Rei Macaco, foi depois que ele foi libertado pelo monge Tang Sanzang, para ajudá-lo em uma missão de buscar textos sagrados na Índia. Para ajudar na busca, junta-se a eles o Porco-Guia; comilão e o Monge de área exilado.

Esse grupo nada convencional, embarca em uma aventura cheio de desafios, lutas memoráveis contra demônios, deuses e seres malignos. Para proteger seus companheiros o Rei Macaco usa o seu humor e coragem e claro utilizando de suas habilidades mágicas e usa astúcia.

Apesar de sua natureza travessa, O Rei Macaco, sempre demonstrou compaixão com aqueles que rogam o seu nome, lealdade com seus companheiros e amigos.

Sua jornada nos ensina sobre redenção, autoaperfeiçoamento e amizade.

POST NO SITE



Crônica: Chang'e — A Deusa da Lua

Chang'e é uma das deusas mais poéticas e misteriosas da mitologia chinesa. Sua história, é envolta de romance, tragédia e magia, é celebrada há séculos e tem conexões profundas com festivais e tradições culturais na China.

“Era uma vez, um jovem arqueiro, Hou Yi, o mais belo e habilidoso de sua província na antiga China, onde deuses e deusas coexistiam entre os humanos.

Todas as donzelas daquela província suspiravam de amor, pelo arqueiro, mas em seu coração havia lugar apenas para uma jovem Chang'e, seus cabelos negros e pele tão alva e brilhante quanto a lua fez com que Hou Yi se apaixonasse por ela perdidamente.

Em uma noite de lua de prata ele faz o tão esperado pedido de casamento que é aceito pela jovem e visto com alegria por toda a família.

Conta os antigos que foi a cerimônia mais linda de toda a China, que até o Imperador de Jade estava presente para abençoar aquela união.

Todavia, como nem tudo são flores, um demônio perverso, com ódio de toda aquela alegria e festividades em torna da Terra 10 sóis. Mesmo ali desfrutando de sua Lua de Mel, Hou Yi decide ir nessa arriscada aventura para salvar o mundo e sua amada Chang'e.

Com sua precisão de arqueiro, o jovem consegue destruir nove dos dez sóis, trazendo a harmonia mais uma vez para o mundo, em gratidão pelo feito heroico, o Imperador de Jade o presenteia com um elixir da imortalidade. Porém ele não queria passar a eternidade sem sua amada e por isso resolve não beber da poção.

Com isso os anos foi passando e a harmonia e felicidade reinava em toda China, Hou Yi, fundou a sua própria escola de arqueiros, e era um homem prospero com a vida que escolheu.

Mas o destino quis ser cruel com aqueles amantes, em uma noite, onde o Hou Yi, teve que aceitar uma missão, aproveitando que Chang'e estaria sozinha e invade a casa para roubar o elixir, em uma briga pela poção, a jovem é golpeada, por medo da morte e de nunca mais ver seu amado, ela bebe o liquido, e sendo assim se transformando em uma imortal, porem ela não poderia viver entre os humanos, então os deuses compadecido daquele amor, envia Chang'e para lua, seria uma vida solitária, mas toda vez que olhasse para o céu, Hou Yi, veria o seu amor e ela, da lua poderia o proteger.

Tornando assim de uma certa forma protetora dos guerreiros e amantes.

Em suma, a lenda de Chang'e e o Festival da Deusa da Lua são partes integrantes da cultura e tradição chinesa. Essa história não é apenas mais uma mitologia, mas também um símbolo de amor, sacrifício e devoção familiar. Festival da Lua, que celebra está lenda, é um momento de reunião familiar, celebração e gratidão. É uma celebração que não só une as famílias, mas toda a não chinesa.

Até a próxima edição...

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





03



ALINE ABREU SANTANA



Autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, professora de Português e Literatura, colunista da THE BARD e escritora. Recebeu o título de Comendadora do Brasil, é Doutora Honoris Causa, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e AMLH e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Fundadora do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

Entre Panturilhas, Barrigas e Trattorias

Cá estou eu, na Toscana, embriagada com o perfume das flores, os matos das roças e o sol que parece ter sido desenhado à mão só para dourar as colinas. O horizonte dança entre vinhedos antigos, muros de pedra, ciprestes que riscam o céu, e casas de tom terracota que parecem cochilar sob o calor da tarde.

Simplesmente, o que não dá pra ser nessa parte da Itália... é triste. Aqui, até o silêncio tem sabor — e é doce.

Andando pelas ruas estreitas de uma vila qualquer, dessas que parecem cenário de um filme que a gente nunca quer que acabe, me dei conta de que a Toscana não grita: ela sussurra. Sussurra pelas janelas com cortinas rendadas, pelas varandas com roupas dançando no varal, pelos velhinhos sentados à sombra com seus olhos de história. Os passos ecoam em pedras centenárias e o tempo, aqui, caminha mais devagar. Cada esquina oferece um convite: “pare um pouco, olhe ao redor, respire”. E eu obedeco. Como não obedecer? A Toscana não

pede pressa. Ela te embriaga de beleza e te embala num abraço de calor, vinho e cheiro de alecrim.

E andando entre vielas de pedra e muros cobertos de hera, com o céu tingido de dourado pelas últimas horas da tarde, deparo-me com uma lembrança. Algo simples, quase bobo, mas que veio como quem encontra um bilhete esquecido dentro de um livro: uma frase de um amigo, dita sem compromisso, lá no Brasil.

Ele achava engraçada a palavra “**empanturrado**”. Dizia que era daquelas palavras que já carregam no som o próprio sentido — pesada, farta, quase estufada. Eu ri na época, sem dar muita atenção. Mas ali, na Itália, cercada de queijos curados, pães artesanais, pratos de massa feitos com o afeto de gerações e taças de vinho que se renovam sem nem perceber, “**empanturrado**” ganhava uma nova dimensão.

Empanturrado. Encher a barriga. Comer demais.



Imagem de Emrah Tolu por Pexels

Na Toscana, essa palavra não é exagero: é destino. Aqui, empanturrar-se é quase um ato cultural. E não falo só de comida, mas de beleza, de sossego, de paisagem. A barriga fica cheia, sim — mas os olhos, o peito e a alma também.

Foi então, em uma ruazinha sem nome, entre um vaso de manjerição e uma bicicleta encostada ao muro, que avistei algo curioso. Uma senhora, de lenço no cabelo e sorriso nos olhos, varria com leveza a frente de sua casa de pedra. Ao lado dela, um cachorro dormia com a barriga para cima, e no batente da janela, pendurado com pregadores de madeira, havia um pequeno cartaz bordado à mão, com uma única palavra: “Gonfia”.

Imagem gerada Leonardo AI



Achei que fosse um nome, talvez de alguém da família, ou quem sabe do cão esparramado no sol. Mas a imagem daquela palavra ficou comigo, como uma música que a gente não sabe cantar, mas não consegue esquecer.

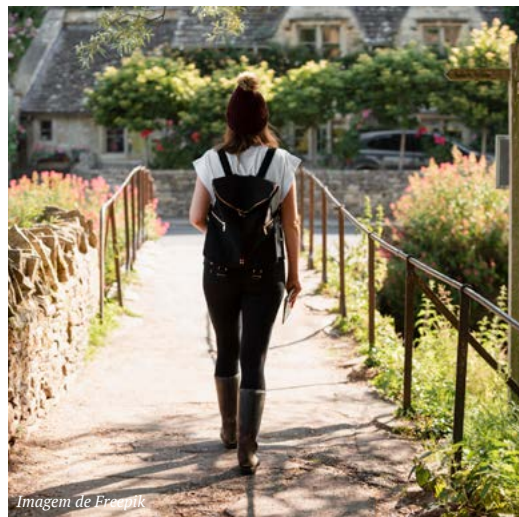


Imagem de Freepik

Segui meu caminho, mas levei “gonfia” comigo. Algo naquela palavra parecia inflar, arredondar, crescer dentro de mim. Mais tarde, sentada com um café na mão e uma dorzinha honesta nas pernas, fui procurar.

Eu estava muito curiosa. A palavra me rondava como um perfume que insiste em ficar no ar. Quando vi um senhor sentado num banco de madeira, lendo calmamente o jornal, não resisti. Parei ao lado dele, com aquele meu italiano hesitante de quem mistura sotaques e coragem, e perguntei:

— Scusi, signore... cosa vuol dire “gonfia”?

Ele abaixou os óculos até a ponta do nariz, me olhou por cima das lentes com aquele ar meio sério, meio curioso, e sorriu.



— Ah... gonfia... — repetiu a palavra como quem saboreia. — Dipende... può essere tante cose. Não me deu uma tradução direta. Apenas levantou a mão, como se fosse moldar o ar, e completou com um gesto circular, imitando algo que cresce, infla, se expande. — Gonfia è... quando qualcosa... si riempie. Agradei, mesmo sem ter compreendido tudo. Ou melhor, compreendi o que importava. Porque às vezes, é o gesto que explica. E a palavra... bem, a palavra ficou ali, ainda mais presente, como um segredo prestes a se revelar. Guardei a palavra numa caixinha da memória. Depois de tanto andar — subindo ladeiras de pedra, descendo ruelas estreitas, desviando de bicicletas e senhores sorridentes com cestos de pão — as pernas começaram a reclamar. Um incômodo sutil aqui,

uma fisdada ali... o que fizeram de nós, meros mortais, diante da beleza infinita da Toscana e de seus caminhos sem fim?

Foi aí, no meio de uma pausa à sombra de uma figueira, que me veio outro pensamento curioso: panturrilha. Sim, aquela parte da perna que começa a se manifestar quando a gente exagera na caminhada. E aí o estalo:

Panturrilha... panturra... será que essas palavras têm algo em comum? Panturra, no português falado com alegria de mesa cheia, é a barriga farta. Aquela que se enche de lasanha, pão com azeite, vinho tinto e riso solto. Empanturrado é o estado em que ficamos quando o prazer da comida vence qualquer noção de medida.

Será, então, que a panturrilha tem origem no mesmo canto da língua onde vive a panturra?

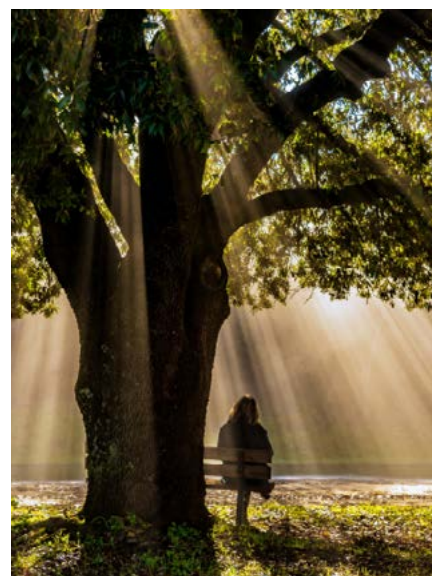


Imagem de Wirestock por Freepik

“Pus-me a pensar, é claro. E, como curiosa professora de português que sou, fui pesquisar, de novo.”



Imagem de User por Freepik

Descobri que a origem da palavra panturrilha, embora envolta em algumas controvérsias, pode sim estar ligada ao latim: pantex, panticis, que significa barriga, tripas, intestinos. Sim! A mesma raiz de onde vem “panturra”.

E não é poético pensar que a parte da perna que mais incha quando caminhamos seja irmã, na origem, da parte do corpo que mais incha quando comemos demais?

A panturrilha queremos inchadinha — sinal de que estamos ativos, caminhando entre vinhedos e aldeias medievais. A barriga, coitada, essa queremos magrinha, embora nem sempre resistamos aos encantos de uma boa comida.



Imagem de Minervastudio por Freepik

Segui o dia com aquela outra palavra ainda quente na memória. “Gonfia”... si riempie, dissera o senhor. Algo que se enche. Mas o quê? O estômago? O coração? O ar? Foi só mais tarde, sentada à mesa de uma pequena trattoria, depois de um prato generoso de pici al ragù e uma taça de vinho da casa, que tudo fez sentido. As panturrilhas doíam, sim — as benditas. A barriga, essa, descansava sob a toalha xadrez com um suspiro. E eu, completamente entregue àquele estado de quem se deixa tomar por tudo ao redor, me peguei rindo sozinha.

Gonfia. Era isso. Eu estava “gonfia”, ‘cheinha da Silva!’.

Das pernas aos sentidos. Da panturrilha à panturra. Da palavra ao significado. Inchada de beleza, de comida, de caminhada, de descobertas e de silêncio bom.



Imagem de EyeEm por Freepik



Imagem de The Yuri Arcurs Collection por Freepik

E assim segui, rindo sozinha da descoberta, com as panturrilhas gritando e a barriga feliz. Porque viajar também é isso: tropeçar em palavras e perceber que até o corpo fala — e às vezes, fala em latim.

Naquela esquina entre uma trattoria e um jardim escondido, entendi que empanturrar-se, às vezes, é preciso. É deixar-se levar sem culpa. Comer demais. Sentir demais. Viver demais. Porque há lugares no mundo onde o verbo viver pede excesso — e a Toscana é um deles.

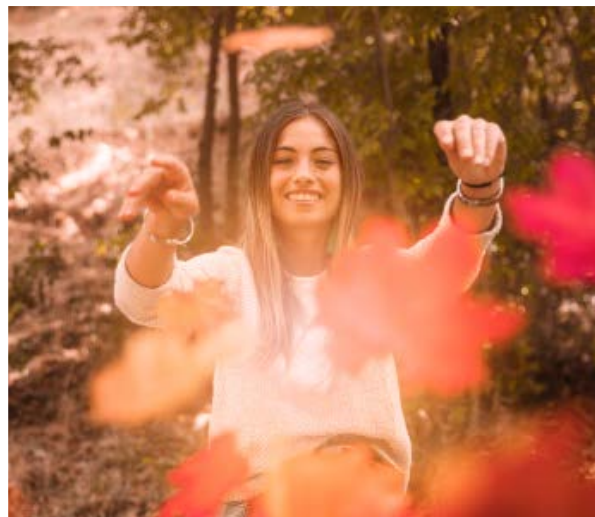


Imagem de Freepik

Para viajar:



COLUNAS E COLUNISTAS



PALAVRA EM ITALIANO	SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS
“Cosa vuol dire”	“O que significa”
“Dipende”	“Depende”
“Gonfia”	“Inchada”, “cheia”
“Pici al ragù”	Tipo de macarrão grosso com molho de carne
“Può essere tante cose”	“Pode ser muitas coisas”
“Scusi, signore”	“Com licença, senhor”
“Si riempie”	“Se enche”, “se preenche”
“Trattoria”	Restaurante familiar, rústico e tradicional

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard

[Clique aqui](#)



Colunista Aline Abreu Santana

INSTAGRAM

LINKEDIN



POST NO SITE



COLUNA

Dialética

18



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

A Biblioteca como Prelúdio de conhecimento e destruição

Dedicado a Lúcia e ao Sidney, amigos, professores e mestres.

A Biblioteca ou o Espaço dos Livros passou por grandes transformações, como um local de lapidação do aprender, como também um subterfúgio entre o querer, e o entender em se aventurar por suas obras, buscando tanto o esclarecimento, como também sendo uma afronta diante os desafios, a uma simbiose de inteligência, que possa desenvolver caminhos de consciências culturais, que venham a lutarem contra feroz dádiva, que a leitura possa estar morrendo diante os postergados atrativos de aparelhos eletrônicos, que embalsa um herói do senso-comum que busca se deliciar, com a fuga da realidade, através dos seus aplicativos.

A Biblioteca passando na antiguidade por Alexandria se coloca, como uma portadora dos mais doces mistérios, em uma mentalidade, que necessita dançar diante os desafios, para a formação de uma criticidade, que venha compor novas flâmulas comportamentais a fugirem de um senso-comum nostálgico, e que tente colocar a importância do livro, como um instrumento que não seja outorgado como uma peça de museu, mas sim a se produzir novos cânones de leitura e inteligência.

A ganância de aprender passa por princípios a lá "Jean Piaget, em que o construtivismo das pri-

A Biblioteca como Prelúdio de conhecimento e destruição

Por Clayton Zocarato

meiras habilidades críticas da criança contenham a contação de histórias”, como também venha a interrogar, os perigos, que frequentar Bibliotecas podem causar, diante os desatinos de aceitar o convite para se chegar até o desconhecido mudo da ficção e fantasia.

Um desconhecido, que como coloca Umberto Eco no seu clássico *O Nome da Rosa*, “exagera na questão de que o riso é uma heresia”, e que Deus, necessite sempre ser levado a “sério”, e conter a repetição constante das orações, sem haver uma compreensão do seu seio existencial desconhecido, perante os olhares mais inocentes.

As Bibliotecas podem ser vistas somente como um amontoado de quinquilharias, todavia em suas pilhas se encontram caminhos, para uma elucidação da “alma humana”, que angaria compreender e entender seus desafios mais profundos em se sedimentar psicologicamente comiserações de questionamentos, em se lançar diante as Bibliotecas, constituindo um lampejo de conhecimento, de “pré-saberes”, e de que o valor do livro, também é um ato contestador de univocidade da interpretação diante fatos e dados.



Imagem de Hatice por Pexels

Robert Escarpit “coloca um separação entre os cânones de leitura e do livro, pois a leitura pode

ser classificada por polivalentes estilos de letramentos como também de identificação de ideogramas, que gravados tanto nas pinturas rupestres, como em argila ou papiro, vão elidindo o desenvolvimento da inteligência, e o livro é um utensílio entre tantos para se chegar ao pensamento livre e crítico”.

O Professor da Universidade Nacional de Brasília, Guilherme Veiga Rios, “entende, que o letramento tem que necessariamente em algum momento passar pelo livro”, seja ele físico ou digital, e que assim necessariamente se chega até a Biblioteca.

“A biblioteca venha a ser aclamada, não somente pelos livros, mas como um testemunho polifônico da história diante o aperfeiçoamento e lapidação da ‘informação’, e que sirva tanto para se compreender que as escrituras assim como imagens estão no “cartesianismo de arquitetura de pensamento argumentativo”.



Imagem de Sean Fleming por iStock

Aristóteles já colocava, “que a argumentação, passa por uma assimilação do símbolo, para se chegar à filosofia da perguntar”, e dentro de uma comparação com Gilles Deleuze “a filosofia da mentira, passa por uma força de leitura, acumulando aprendizagens, que possam tanto libertar o homem, como bem aprisioná-lo”.

O que se fazer diante um produção incessante de obras, e enquanto muitas bibliotecas são fechadas, ou estão abandonadas?



A Sala de Leitura, como alguns teóricos e aproveitadores culturais classificam as Bibliotecas Escolares, pode ser classificada como um, grande equivoco, pois não existe especificamente um local apropriado para leitura, esses atos podem ocorrer em qualquer espaço, canto, ou local, sem precisar de um planejamento específico, para ocorrer.

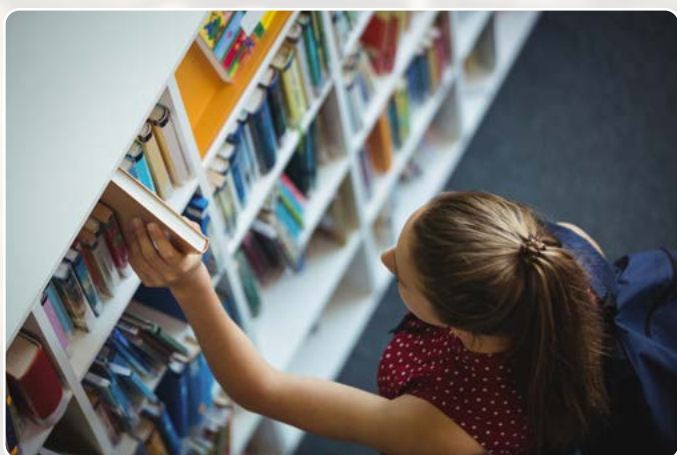


Imagem de Wavebreakmedia por Freepik

Biblioteca e Leitura, de certa forma foram separadas, de um plano arquitetônico específico, perante se possa haver uma construção de excitação, para uma experimentologia tanto para se conhecer ou que seja conhecê-la, como também oferecer atrativos para vim a se deliciar com seus múltiplos sabores de provocação, se conectando com uma individuação, que vá além do tempo.

Um tempo pelo qual Marcel Proust “classifica que a leitura, não precisa de um horário específico de funcionamento, ou de abertura, para que ocorra”, enquanto que a Biblioteca passa por certa crise de identidade, quanto a sua real função na elaboração de uma personalidade que possa conhecer seu passado, oferecendo atenção para o seu presente, e mergulhando nos mistérios do seu dia a dia.

“A filosofia da leitura, está dentro de que é fundamental, que a criança passe com mínimo tempo pelo espaço da Biblioteca”, coloca a pesquisadora Roxanae Rojo da Unicamp, enfocando que é fundamental um multiletramento, que tenha polivalentes

formas de mídias e disseminações do conhecimento, que não seja unicamente para alfabetização, mas sim para uma construção de ética de aprendizagem, que leve o estudante a se colocar como detentor do seu próprio destino, diante o “universo existencial”, que esteja prostrado, tanto no campo da reflexão, como da introspecção.

A introspecção é uma força motriz que move a Biblioteca como antrope de construção intelectual, de que por entre suas estantes, se esconde os mais profundos mistérios de uma metafísica, em se fazer da leitura, uma conjectura de historicidade, que possa se compreender que o conceito estrutural, está concatenado no caminho da erudição como da emoção, gerando uma boa diversão.

Dentro do universo das HQs, Batman possui a passagem secreta para Batcaverna, dentro de sua Biblioteca, como também detém uma base de dados, acerca de diversificados agentes e disseminadores da criminalidade, que coloca a informação como um fator de arquitetura de base de dados, que assim venha esmiuçar, que a Biblioteca, pode ser tanto um local para disseminação do conhecimento, como também para se esconder perante os segredos mais obscuros que a mente humana detém.

Adolf Hitler tinha dentro de seu bunker, uma Biblioteca particular, ao qual traçava seus planos mais histriônicos para construção do III Reich, mas que também não pestanejou em fazer das Bibliotecas dos “chamados povos inferiores”, tanto um ambiente de destruição como de doutrinação.

Para Jurgen Habermas “a doutrinação ocupa do espaço público para a locução de uma massificação, que coloque em um mesmo patamar de consciência a louvação de doutrinas, como a destruição de mentalidades cíclicas, de compreensão que passam por diferentes cunhos de construções do conhecimento”.

De certa forma, os Regimes Totalitários, consideravam as Bibliotecas como inimigos em grande escala, para consolidação de sua destruição no sentido de um indivíduo, que saísse da epistemologia do

A Biblioteca como Prelúdio de conhecimento e destruição

Por Clayton Zocarato

histórico - pessoal, e que se chegasse até uma historicidade que lutasse contra extermínio da sua liberdade de pensamento aos quais os livros propõem. Roger Chartier classifica que as Bibliotecas, “além de contar histórias, e testemunhar histórias, é também um afluente campo de elaboração de conceitos, que possam valorizarem a intelectualidade crítica, argumentativa e criativa”.

A Biblioteca é criativa, pois, o conhecimento que jus, se faz digno de provocação e indagação, é adquirido diante horas diante linhas, e textos de compreensão difícil, e que se faz primordial colocar uma “desconstrução derridariana”, em se conter vários olhares críticos diante um mesmo assunto.



Imagem de Jarmoluk por Pixabay

Assuntos, Bibliotecas, Leitura, Livros? Bem..., para se produzir fugas de uma assimilação ingênua e tacanha da realidade, a presença dos livros, é uma dádiva do fundamentalismo que a maiêutica se constrói tanto através da oralidade, como também da leitura sendo um objeto de reconhecimento de como indivíduo se coloca ou esteja alojado defronte a “sociedade da informação”, como classifica Octavio Ianni.

A Biblioteca é em um primeiro momento, um interlúdio entre nostalgia e a bagunça.

Uma nostalgia que leve as pessoas mais atentas a viajarem por caminhos, de uma educação que

seja tanto concentrada, na compreensão de que é necessário se entender o mundo para se ter uma informação que cative, um entendimento, acerca dos lamentos, e que seja uma bagunça de mentalismo, acerca da importância dos livros, se tornando uma arma letal contra um batistérios de contaminação pelo senso-comum, em colcoar que o aprender possa ser angariado da noite para o dia.

Nas escolas, em alguns momentos históricos, a Biblioteca, foi colocada como um local de castigo e punição para os estudantes mais peraltas, o que venha a identificar que se poderia conter um sentimento de erro e revolta, para muitos estudantes.

Ao invés de ser agraciada, com contemplação dos livros, há um forte labor, para a valorização de uma tessitura, de que a sutileza do conhecimento lúdico e a paixão pelos livros foram transfiguradas, como uma metodologia, de pedagogia do medo, que contemplava a loucura, e que os livros, seriam uma forma de confrontação contra a indisciplina dos estudantes, e “alunos”.

Ou seja, a Biblioteca Escolar foi transformada, em uma espécie de prisão, ou de mini - reformatório, que viesse assim a trabalhar possibilidades sublimes, que antes de se destruir os livros, é de vital amplitude, usar uma reflexão que o livro, tem que ser colocado como desafio, para a construção polida de uma imaginação que trabalhe tanto em virtude de agradar a si mesmo, como também em subverter ângulos psicossociais de que o conhecimento pertença somente a um grupo especial de pessoas, e que dificilmente era alcançado por pessoas “marginalizadas”, dentro de um elitismo cultural, que eleva a padronização, em tempos de aniquilação do que não enquadra nos interesses mais elitistas e preconceituosos.

Uma boa aula precisa de um bom livro, e um professor bom, seja de qualquer área do conhecimento, necessita do saber das Bibliotecas, que de tão fundamental que se faz, é aberto para todos e todas, mas que diante o index do preconceito e da intolerância foi perdendo sua assiduidade epistemológica, para a liquidez de fake-news, que prolonga uma gnose, da coagulação de “formação de uma mente social”,



como almejou Lev Vygotsky, que passasse tanto pela Antiguidade, para se destinar a uma Modernidade, e que contivesse a percepção, de que o universo bibliotecário, teria que ser frequentado por antagônicas classes sociais, e não somente por especialistas, ou intelectuais, que são taxados como, “ratos de biblioteca”, ou esquisitos, defronte um eixo populacional que contempla de maneira intrépida a ignorância como sendo a sujeição, de que conhecimento e a leitura é coisa e procedimentos de pessoas ditas estranhas.

Estranho mesmo seria viver, diante as pulsões “de que as vontades corporais, são mais eloquentes que as necessidades espirituais”, como diria Santo Agostinho, pois diante os segredos mais profundos do livros, estão leitores, que desejam um progresso de jactâncias, de saúde mental, que a liderança do conhecimento sábio e profundo, possa a vir a tirar narrativas preconceituosas, de que a diplomação seja mais importante de que a construção de conhecimentos intelectuais, possam mudarem as pessoas de suas condições socioculturais adversas.

As bibliotecas virtuais como físicas, necessitam conter um traçado de diversão, como também de comoção, em fazer crescer um estrangulamento da ignorância, fazendo crescer uma ânsia, de intermitentes caminhos, para se chegar ao conhecimento e apreciação de Homero, Cervantes, Shakespeare, Camões, Balzac, entre outros, como aportar a procurar literaturas juvenis, que conquistaram as telas do cinema como a saga “Crepúsculo”, como exemplo, e que é princípio sagaz, em estar dentro tanto de livrarias e bibliotecas produz, um efeito dominó fascinante, sendo uma peça caída de entendimento, possa se derrubada mecanicamente, por tablets de discriminação e indiferença perante as pessoas que frequentam as Bibliotecas.

A Biblioteca possui seu pragmatismo burocrático, como também a compreensão de que o “ensino necessita ser itinerante, e que requer sacrifícios, e a companhia da mente particular de cada pessoa, que assim vai navegar por mares de estilos e imagísticas que possam ser sublimes, para um involucro

de cântaros, de informação e conhecimento que somente os livros possam oferecer”, ou seja, o ensino, como a recepção de suas aquiescências de garantas de características individuais, são uma marca de que tanto a leitura, como os livros dificilmente, vão, morrerem.

A Biblioteca, não é somente uma filha do “estudo”, mas sim é uma transposição de “grupos criativos, que dialoguem entre si, em busca da construção do seu próprio jeito de pensar”, como diria Domenico De Masi, e que assim faça com que o leitor, em muitos momentos se encontre sozinho diante os labirintos, de curiosidades, que são adornadas culturalmente, indo procurar “as bibliotecas”, forjando novas visões de mundo, como também de interpretação do local ao qual se vive se reinventando no meio do que é comum e cotidiano”, como diria Jorge Luis Borges.



Imagem de Wavebreack Media por Freepik

A Biblioteca, é um sinal das mudanças de paradigmas egoístas, em dialogar com as letras na busca de uma confrontação consigo mesmo, para que assim se chegue a uma felicidade, que possa por si só, abrir fissuras de entendimento da inteligência, para a introspecção justa, que durante seus períodos de hibernação chegue a compartilhar seus frutos mais saborosos, de fortalecimento do amor pela sabedoria, que realize as mais eloquentes formas perguntas acerca da condição humana, em ser dependente, que

Por Clayton Zocarato

alguns “doidos”, se aventurem pela profundidade do ler, para se criar novas alternativas tanto para uma ciência que seja ética em respeitar seus próprios limites, como também se faça um frutífero, caminho de que diante a solidão, que muitos colocam que as Bibliotecas representam, está uma conjectura de vontades, em se lançar na “aventura dialética”, que segundo Merleau Ponty é a base do aprender, que se faz com conhecimentos prévios, que estão incutido nas mais estranhas anunciações do comportamento humano, ou usando de Burrhus Skinner “todo reflexo condicionado, é uma compreensão dos hábitos particulares do indivíduo”, assim como a leitura e as idas na Biblioteca, se tornam acontecimentos que dependem das tradições e culturais perpassados de geração a geração.

A Memória e a Biblioteca formam um caminho de enxergar entre as demências do senso comum, lembranças que possam assim construir caminhos, para “uma história seja inserida por entre sentimentos e palavras, que deixe seu legado para posteridade, de sua intelectualidade, bem como de uma subjetividade ética de leitores, que possam gerar sua própria percepção da realidade”, como classifica Jacques Le Goff, quanto à Biblioteca como sendo um caminho de semiologia da criticidade, que venha a assim acelerar como compreender o papel do hábito de “ler”.

Steven Roger Fischer é intrínseco, em classificar a leitura está diretamente atrelada em “um sentimento de compreensão como também a se reinventar realidades”, que, possam passarem, do inconsciente coletivo, como da massificação, para um processo alteração de funções mentais, que estejam inteiramente ligadas, para superarem o “deserto da ignorância”, e parafraseando com Dino Buzzati, estando “não determinismo de uma solidão, em são somente esperar que algo de fantástico venha acontecer”, mas, porém que esse fantástico, na forma de cada um enxerga o “mundo de acordo com a sua interpretação e intelectualidade”.

Um mundo que seja interpelado por diferenças argumentativas construídas, em torno de Bibliotecas, que podem tanto serem malditas, como

a angariarem um espaço de criação, e também de absorção de alcunhas, para um questionar, que produza prolegômenos de pensamentos políticos que respeitem o próximo, e que estão acima do princípio da doutrinação cega, levando para um fanatismo de ideologias, que são colocadas, como uma dinamite mental do bom questionar.

Um questionar, que possa combater dogmatismos como também fazer com que a Biblioteca seja um estabelecimento físico, servindo, de um baratismo da falsa intelectualidade, que venha a se colocar como monumento ou espaço cultural, que não tenha atividades, que possam elevar um comportamentalismo que não é essencial, mas sim que venha a construir genótipos, para uma elaboração de intelecto, que se coloque entre a diversão e o prazer da leitura, como também não seja locado como um caminho de solidão, na interpretação pessimista que são locais, para a frequência de pessoas que possam conter as artimanhas, de uma sabotagem, quanto as suas vontades e desejos, sendo classificadas como solitárias ou fracassadas.



Imagem de Mehmet Turgut Kirkgoz por Pexels

As Bibliotecas são um fracasso necessário, para a laboração de regimentos empíricos e críticos pelos quais, John Locke “coloca que fundamentalmente é primordial uma primeira compreensão do mundo, através dos costumes passados pela família par depois se chegar até o aprendizado filosófico”.



A Filosofia da Biblioteca pode conter duas divisões, bem sucintas, contando de um lado pelos entraves burocráticos em ter suas obras somente expostas, e mofando por milhares de prateleiras, ou se constituir como um caminho para os solitários, que encontram algum tipo de alento perante os desafios de compreensão dos seus materiais, que podem tanto partir de obras clássicas, como também de documentos, tratados, acordos, atas, que venham a se constituírem como documento histórico, e que sofrem com o descaso de valorização de seus instrumentalismos factuais, apresentando características marcantes de uma data ou acontecimento, importante para humanidade, ou para nação, cidade, bairro, rua, agrupamento, tribo, entre outros acampamentos de panaceias intelectuais, pelas quais a leitura, reunidos em concordância que é fundamental fugir, de um tecnicismo em não gerar uma imaginação que possa tanto estar em dia, com uma “uma psico-higiene”, como diria José Bleger eminente psicólogo argentino, quanto a se chegar em “um eu”, que possa tanto fazer a leitura do mundo, como também em reinventar e construir novos universos através da sua cultura, que pode ser cogerida gradativamente através de incentivos internos e externos da mente, tanto para se lapidar, como também, para um “aprender”, que seja sua emancipação intelectual, e que se comporte, em narrar as histórias e estórias da vida cotidiana, e que dentro da Biblioteca do Mundo, não fique encarcerada dentro de respirações da leitura, que venha disseminar valores preconceituosos, encrustados entre a segregação e o ódio para com as pessoas.

É sublime um pensar, que possa estar na solidificação do pensamento libertário, passe pela frequência nas bibliotecas, e que venham a estarem em comunhão, com um fator combativo, tanto de enfrentamento de sistemas políticos e sociais, causando a opressão das pessoas, como também a se empenharem, para uma humanização para as mais diferentes gerações de dilemas éticos, quanto à comisseração de uma espiritualidade particular, que não seja somente atrelado ao sentimento religioso ou metafísico, mas sim que venha a colcoar no fator de uma ordem consciente, de uma senciência que as Bibliotecas, devem trazer tanto a intimida-

ção para que o leitor enfrente os desafios de devorar suas obras, como também a não causar espanto diante a gama de metamorfoses que o fato da leitura prazerosa, crítica e livre de doutrinações e dogmatismos, podem afetarem (e devem!) tanto as formas de “estar”, em consonância com uma concentração de sentimentos, que venham causarem, sacrilégios e destruições de inteligências, que estejam interligadas, visando o bem comum, como um conhecimento que seja engenhoso a se reinventar a cada instante.

Um instante em uma Biblioteca, equivale a uma eternidade de alegrias e entusiasmo, para enfrentar as armadilhas, de uma intimidação, com ditames, em se incorporar um brio neurológico, que somos responsáveis, por diversos atos maléficos, que podem ser substituídos pelo prazer da leitura, e que o incentivo a visita as bibliotecas, é um plenário de altivez, de uma consciência que se reinventa a cada momento, e também de garantias que práticas de cidadania pode serem, elevadas para um crescimento da moral, ou da boa moral, perante as falácias de discursos que pregam um sentimento de aversão, para os que se colocam “contra” idealismos e ideologias, que exalam o fedor do senso-comum barato e escasso.

Sidney Barbosa, pesquisador brasileiro aposentado da UNB e da UNESP, “coloca que as Bibliotecas, são agentes de formação política e social, e que seu público contem o privilégio de fazer parte da história, como sendo um registro da importância, que as letras têm para orientar e formar múltiplas opiniões acerca de um objeto de estudo, apreciação e leitura em comum”.

O bom-leitor sofre diante as balburdias e críticas, dos que não leem fazem, e também é um viciado, em sempre pensar em determinados momentos, que sabe pouco, e precisa cada vez mais de um consumismo frenético de leitura e sabedoria.

Não basta somente namorar obras, há que se deixar conquistar, e se envolver plenamente por seus enredos e provocações e assim se chegar a um campo de conhecimento, em que o mental, venha a se sobressair sobre o material.

A Biblioteca como Prelúdio de conhecimento e destruição

Por Clayton Zocarato

Acompanhe o diagrama abaixo:



Imagem de Google

A Biblioteca é um antrope de intersubjetividade, que desperta a curiosidade e que anda de mãos dadas com efeitos culturais que venham a se contraporem, a vigência psicológicas, de um peremptório profícuo, que possa se chegar a preâmbulos argumentativos, que procurem propiciarem alternativas de vivências que componham esclarecimentos quanto a ciência, bem como tenham faculdades eloquentes, a despertarem a empatia, pelo que pode ser colocado, julgado ou classificado como sendo diferente, para assim produzir uma ética que não fique só aos certames de aulas e livros e sim que se produza uma profundidade de deter a ignorância como precursora dos comportamentos mais funestos da mente humana.

Como coloca o psiquiatra Karl Menninger, “a loucura, é a necessidade de construir novos arca-bouços de vivência divergentes”.

É fundamental disseminar a divergência, das Bibliotecas, para que se chegue à amenização e harmonização do que seja uma apresentação de conhecimento que não venha a julgar civilizações e aspectos multiculturais, como sendo dignos de serem classificados como sendo ou não eruditos.

A erudição passa por livros, mas também não se pode deixar de lado as Bibliotecas, que é sempre necessário adentrar, em suas dependências e se deixar envolver, por suas variedades de temas, assuntos, gêneros, e provocações.

A Biblioteca é uma eterna provocação ao espírito cômodo do homem, e que o convida a sair da sua zona de conforto, e a enfrentar as realidades e diversidades que as letras traçam para que ouse duelar com suas artimanhas indutivas, e formativas.



COLONAS E COLUNISTAS

Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE





ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

"A principal matéria-prima para a crônica são as relações humanas. O modo como as pessoas se amam, se enganam, se aproximam ou se afastam num ambiente social definido. Ou qualquer outra coisa."

Luís Fernando Veríssimo

*"O essencial é simples."
Berth Hellinger*

Olá, como vai? Começo nossa conversa já me apresentando: sou Adriana, a nova cronista da Revista The Bard, responsável pela coluna Tons do Cotidiano. Eu não sei você, mas sou apaixonada mesmo é pelos detalhes. Nada grandioso e eloquente me desperta. Gosto da pequenez, do singelo, do sutil, do que parece insignificante. Da flor no cabelo, do colar, do perfume, da toalha bordada, do bilhete, da flor singela, do bombom inesperado, da ligação despreziosa. Gosto do pequeno que se revela imenso na trama das relações humanas. Gosto de olhar o que todo mundo olha e reconhecer, ali, inesperadamente, uma camada de profundidade. Você já viu uma espiral? Gosto de circularidade e de aprofundamento em níveis que se sobrepõem com sutileza e delicadeza. Aos poucos. Sei ser bem direta quando necessário, sim, mas me encantam as inesperadas delicadezas que surgem do que é visto, mas não é enxergado. Já diz o ditado: "Se podes ver, repara." É preciso ter olhos de ver. Para mim, a crônica é isso: olhar de descoberta. Para o que todos olham com indiferença – pedra bruta sem cor nem brilho atraentes –, o cronista vê um diamante e, por estar certo da sua beleza, o esculpe e traz à luz para admiração coletiva.

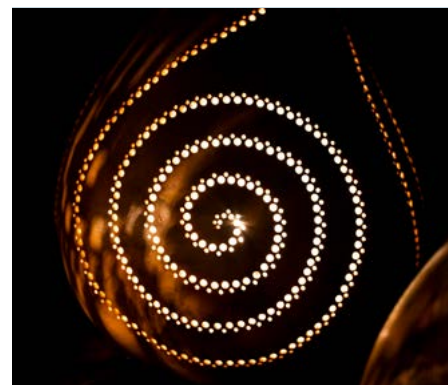


Imagem de EyeEm por Freepik

A crônica é multifacetada, pois pode transitar por qualquer temática, de modo leve e informal, como em uma conversa – no mínimo – interessante, manifestando a multiplicidade de perspectivas pelas quais a realidade se apresenta a partir da visão do cronista. Meu ilustre professor Antônio Candido disse assim:

"A crônica não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. "Graças a Deus", - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".



Sendo assim, o que esperar desta coluna? Esperar tudo o que couber na vida, ué! Sou linguista, contadora de histórias e terapeuta, assim, meu universo de interesse é muito vasto! Linguagem, educação, temas Psi, literatura e arte me nutrem e instigam a ir sempre além, logo, meus textos sempre esbarram nessas lentes pelas quais gosto de enxergar o mundo, ok? A vida em abundância é o terreno fértil em que a crônica brota: um esbarrão, uma conversa na fila do supermercado, um encontro inesperado, uma tristeza, uma alegria. Se é da dimensão do humano, então, é fonte de inspiração para um cronista.

Por meio de um olhar investigativo a partir da subjetividade, a crônica flerta com o jornalismo e a literatura, ocupando, assim, um espaço criativo de experimentação que propõe novos contornos à linguagem e à vida. Ao contrário da notícia, cujo alicerce é o fato e seus desdobramentos objetivos, a crônica parte do fato para explorar o seu percurso subjetivo na sensopercepção do cronista. Assim, a criação textual também encontra o terreno estimulante da imaginação.

Como leitora de crônicas, sempre tenho a impressão de que sou convidada a atravessar um portal, pois, para além do acontecimento que motiva a escrita do texto, há uma revelação, um descortinar de véus: uma realidade ampliada é apresentada ao leitor. Bom, a esta altura, será que você já ficou um pouqui-

nho curioso (a) para conhecer esse gênero textual mais de perto? Este é meu convite e conto com sua presença amorosa para me acompanhar, ok?

Desde já, agradeço pela sua companhia e me comprometo a estar aqui por inteiro, de modo visceral, humano e fértil. Para a estreia, trago como mote uma cena cotidiana em minha rotina: um simples passeio matinal com meus cachorros. Vou ficar muito feliz de conhecer sua opinião, por isso, não se acanhe e, se sentir no coração, me escreva, está bem?

Então, você está pronto (a) para segurar na minha mão e embarcar nessa jornada repleta de revelações? Com gratidão pela sua companhia e pelo seu tempo, um abraço terno,

Adriana



Imagem de Pikisuperstar por Freepik

Imagem de EyeEm por Freepik

POST NO SITE



O portão, a trava e a vida

Dia destes, estava fazendo um passeio habitual com meus filhotes – o Flic e a Princesa – cachorrinhos e companheiros centrais em minha vida quando uma senhorinha que, frequentemente, brinca com eles fez um gesto, despertando minha atenção. Na verdade, não tinha sido a primeira vez.

Enquanto eles brincavam e cheiravam suas plantas – muitas – do lado de fora, ela – do lado de dentro do portão – se esforçava para acariciá-los. Dizia “Vem aqui, pequenininho” e “Vem aqui, Princesa”. Seu corpo, no entanto, estava quase imobilizado diante daquele encontro e nada parecia denunciar sua real vontade de brincar com eles. Naquele momento, meu estranhamento e incômodo aumentaram. Pensei:

“Ué, quando a gente quer muito alguma coisa, há movimentos internos e externos que precisam ser

construídos e mobilizados. Para isso, como uma sinfonia habilmente orquestrada, nosso corpo (emocional e físico) se move em direção ao nosso desejo. Se ela gosta tanto de cachorros, por que nunca abre o portão para usufruir da presença deles? Será mesmo que ela quer experienciar este encontro? Estará disponível para tudo que ele apresentar?

A experiência do encontro – conosco e com o outro – é sempre mobilizadora. Será por isso que, cada vez mais, as pessoas o temem e buscam anestésicos de todas formas? Lembrei do clássico livro “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley: em uma sociedade distópica (nem tão distópica assim, pois é fértil o diálogo entre literatura e realidade, não é?), as personagens são compulsoriamente orientadas a ingerir Soma em doses regulares e frequentes. Na referida ficção, o Soma nada mais é que uma droga potente e,

enquanto alegre, também aliena e promove controle social. Quantos Soma você consegue identificar na sociedade atual? Em outras palavras, quantos mecanismos existem para anestesiá-lo e afastar o homem da própria humanidade, ampliando o espectro de desconexão consigo mesmo e com o outro?

Conviver é arte desafiadora: relacionamentos são espelhos que nos devolvem uma porção de nós. Viver é mergulhar no imponderável e no imprevisível: isso assusta você? A interação mobiliza seus contornos, aguça sua curiosidade ou parece algo desagregador? São muitas as possibilidades para o espaço potencial de criação que surge a partir do encontro de duas pessoas, no entanto, nem todos estão disponíveis para viver essa abertura e mergulhar nesse vazio que pode ser criativo ou ameaçador.

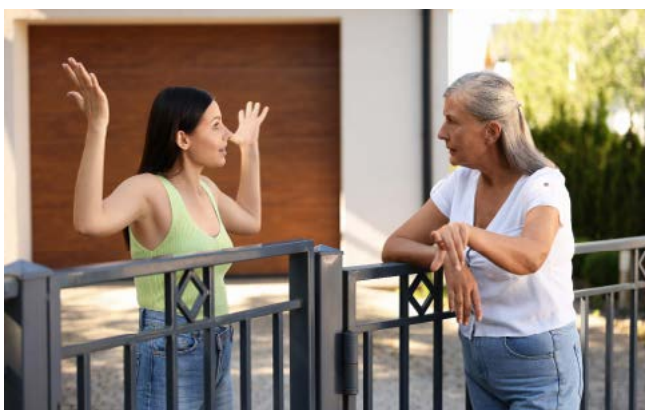


Imagem de Towfiq Barbhuiya por Freepik



Imagem de arquivo pessoal - Flic e a Princesa



Imagem de Freepik

Assim como vocês, ouço tantas pessoas reclamando da solidão e vejo o quanto estão, ainda, ensimesmadas. Não querem sair do casulo em direção à luz. Que tal um check-list? Neste momento, como está seu corpo diante da vida e de suas relações? Travado como o da senhora desconhecida? Apático, fragilizado, desvitalizado ou energizado, criativo e pulsante? E seus olhos: abertos, quentes, conectados ou frios e dispersos? Seus ombros: caídos, alinhados ou levantados? E suas pernas? Sente-se firme nelas e consegue avançar na caminhada? Por último e o mais importante: como anda sua respiração? Aliás, ela percorre seu corpo, abastecendo e mobilizando a vida que pulsa ou está

quase paralisada, truncada, fraca e espremida? A respiração é o elo direto com nossa vida emocional. Parafraseando o adágio popular, “Me diz como respiras, que direi quem você é.” Sem respiração profunda, resta a superfície árida da vida... Faz sentido pra você?

Intrigada fiquei o dia todo, pensando na simbologia daquela cena cotidiana e na postura emocional-corporal daquela idosa.

Quantos portões fechados existem na nossa vida?

De que forma nos relacionamos com nossos desejos: de portão fechado ou aberto?

Hoje, no seu momento existencial, em uma escala de zero a 10, o quanto você se permite viver?

Ali, trancada do lado de dentro do portão, não havia como existir entrosamento nem alegria plena: apenas uma migalha tênue de ilusão de felicidade. Nossos encontros eram, assim, sempre furtivos, uma fresta de alegria, numa dosagem absolutamente controlada e, quem sabe, contida da parte dela. Nós, ao contrário, sempre estávamos presentes, inteiros e entregues à experiência. Lembrei que, em outros dias, ela até dissera: “A Princesa não gosta de mim.” Mas, o que ela fez para que a Pri se aproximasse? Para muitos, essa postura cômoda de reclamar do que está fora e de apenas esperar da vida basta, não é?

Pois é, mas, para ser feliz, é preciso coragem. É preciso investimento. É preciso disposição. É preciso abandonar o lugar de vítima. Em suma, é preciso “arregaçar as mangas” e ir para a vida. Felicidade é ação.

Hoje, honestamente, quais travas impedem seu caminhar? Em qual porão escuro e úmido você ainda está trancado (a)?

Quais movimentos você tem criado para alterar essa situação?

Você reconhece o melhor da vida?

A felicidade decorrente de nossas interações está, por exemplo, acontecendo aqui e agora enquanto você me lê: percebe isso? Mas, para que nosso encontro seja potente e criativo, ele exige uma condição inegociável: que estejamos abertos para tudo o que ele suscitar. Qual é o grau de sua abertura para o ineditismo da vida?

A felicidade não gosta de gente distraída. Ela aprecia pessoas atentas: preste atenção. Eu disse atentas; não tensas. Porque o estado de

atenção pressupõe entrega, interação e conexão. Pessoas que veem a beleza cotidiana não são alienadas: são operárias da própria felicidade... porque ser feliz é jeito, escolha. Não é destino.

Não se engane, leitor, a felicidade passeia colorida, livre, leve e solta por aí, tal como borboletas, e está à espreita de alguém que seja capaz de reconhecê-la, senti-la, integrá-la, compartilhá-la e multiplicá-la. Você compartilha – na vida real – sua felicidade e deixa expandir o convite que ela traz?

Bom, quero fazer uma provocação: será que você consegue encontrar felicidades na sua rotina? Proponho que crie uma lista de pequenas felicidades a qual pode ser atualizada e ampliada frequentemente. Vou compartilhar minha lista provisória pra você já ir conhecendo minhas alegrias, paixões e ternuras, ou seja, tudo que aquece meu coração, enfeita meu dia e dá sentido a ele! Espia aí e, depois, me conta se compartilhamos algumas felicidades comuns, tá?



Imagem de EyeEm por Freepik

- beijar meus cachorros
- fazer muita bagunça com meus cachorros
- dormir abraçada com meus cachorros
- chegar em casa e ser recebida pelos meus cachorros
- tomar banho
- sentir cheiro de roupa limpa
- colocar flor no cabelo
- usar vestido
- saber que o Outono vai chegar
- usar xale
- conversar com minhas plantas
- tomar sorvete
- sentir cheiro de chuva
- olhar o céu
- tomar chá de canela
- curtir muito o friozinho do Outono
- comer doce

- ouvir música
- tomar Tubaína
- apreciar flores
- sair da rotina no meio da semana
- estudar temas Psi (especialmente Análise Bioenergética)
- atender meus clientes
- comer abacaxi
- encontrar amigos
- dançar
- admirar mandalas
- ouvir passarinho cantando
- escutar o vento
- admirar as cores do mundo
- sentir cheiro de mato
- abraçar árvores
- admirar a lindeza de minhas plantas
- comer bolinho de chuva



Imagem de DenisW por Freepik

Então, se inspirou? Que tal fazer sua lista de pequenas felicidades? Na verdade, gigantes, né? Olha só: aposto que, depois de ler minha lista, você foi mentalmente criando a sua também.... Estou muito enganada? Percebe o que o encontro possibilita? Ele nos leva de volta a nós, só que modificados, expandidos e acompanhados de todos que passaram por nós e nos germinaram com suas sementes. Bonito isso, né? Eu celebro nosso encontro aqui, abençoo e reverencio nossos próximos encontros porque sei que sempre sairei mais inteira, aprofundada e criativa. Como diz a canção “Maior”, de Dani Black e Milton Nascimento, “Eu sou maior do que era antes / estou melhor do que era ontem...” Eu saio mais feliz deste nosso primeiro encontro. Saio, também, animada pelas novas amizades que surgirão a partir deste contato inicial. É preciso cuidar das conexões, concorda? Me vi e me senti muito presente, conectada e viva ao me preparar para estrear aqui. E você, como sai deste primeiro encontro comigo? Me conta? Desejo que nosso – o meu e o seu – caminhar seja mais leve, com mais portões abertos e menos porões; mais corações amorosos e menos resistências. Enfim, que a gente tenha a coragem de compartilhar a nossa melhor versão com a vida: o nosso presente para o mundo! Para finalizar nossa conversa, trago as palavras poéticas e amorosas de um colega de profissão, Alexandre Coimbra Amaral, em seu livro recém-lançado “A esperança a gente planta”, pela Editora Paidós. Ele diz assim:



Imagem de Pixabay por Pexels

“Há pétalas de você esperando para embelezar o mundo. O mundo anda precisando, demais, da sua beleza. E você é reserva abundante disso, dessa materialidade. Coloque no mundo. Haverá um beija-flor, um só que seja, que fará par com a beleza disponibilizada por você. Toda beleza é convite para um beija-flor”.

Fica meu convite: vamos florescer? Um beijo carinhoso, paz no seu coração, movimentos potentes e conexões nutritivas para sua alma. Até!



COLUNAS E COLUNISTAS

Colunista Adriana Moura Salles

INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE





01



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

MANUSCRITOS QUE ENRAIZAM NOSSA HISTÓRIA E CULTURA

Esta coluna, intitulada “RAÍZES DO BRASIL: fascinantes histórias da cultura brasileira”, abordará temas diversos, a partir do estudo pormenorizado de documentos do passado. Em geral manuscritos, os registros históricos do Brasil são fontes ricas de nossa cultura. São como verdadeiras janelas que abrimos para um passado que se perderia totalmente fora da cultura escrita. Os detalhes que a documentação manuscrita oferece aos estudiosos da história são ricos e permitem que muito se construa nas artes. Exemplo disso são os filmes

e séries históricos. Nisso o Brasil está ficando perito, certo? Vide o show do Oscar em 2025!

Sendo assim, aqui trarei temas de interesse atual e que já fizeram parte do repertório de vida de nossas antigas gerações! Sendo assim, entendemos que muito do que será apresentado por mim, nesta e nas próximas edições da Revista The Bard, tratará sobre os documentos manuscritos enquanto valiosas janelas para o nosso passado histórico e cultural. E aí, vamos juntos espiar pelas tantas janelas de nossos monumentais palácios?



Imagem de Maison Gabriele por Google
Bumba me Boi

A IMAGEM DO FEMININO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL BRASILEIRA

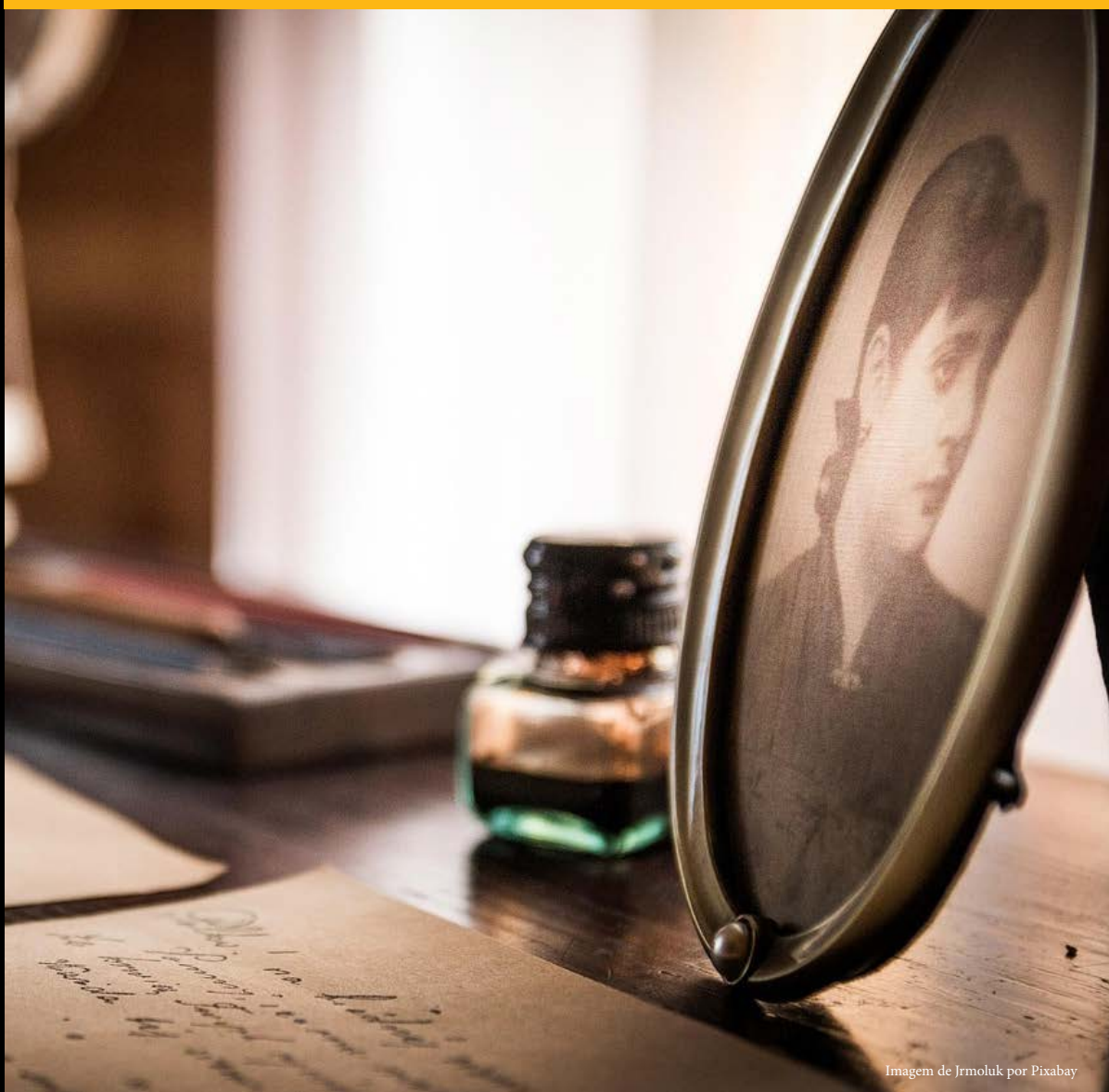


Imagem de Jrmoluk por Pixabay

COMO DESVENDAR A IMAGEM FEMININA NO BRASIL COLONIAL?

Poucos são os registros históricos do período colonial brasileiro escritos por mãos de mulheres. Apesar desse silenciamento da voz feminina, sempre decorrente da desigualdade de gêneros, muito se tratou das mulheres em documentação do período colonial brasileiro. Essa perspectiva masculina permite compreender um olhar alheio às verdades das mulheres. Trata-se de olhar construído pelos

homens sobre elas, via de regra para justificar situações que os envolviam. Trataremos sobre esse instigante assunto, a partir desses registros, nesta primeira edição desta coluna. Além de textos escritos por homens, será também usada uma fonte documental peculiar: cartas redigidas por uma mulher, Dona Leonor de Portugal, a esposa do Morgado de Mateus, governador

de São Paulo no século XVIII. Essa escolha foi feita porque essa mulher não representa apenas uma figura histórica. É possível entendê-la como o estereótipo do que se esperava de uma mulher neste período. Ela reunia todas as qualidades exigidas para ser “alguém com dignidade para servir de esposa a um homem do período das luzes, o Iluminismo.”

UMA PINCELADA HISTÓRICA



Imagem de Visão História por Google – Marquês de Pombal

No século XVIII, Portugal, embora palco do Iluminismo em suas diversas correntes, ainda se encontrava fortemente influenciado pelas ideias do século XVII. O movimento intelectual das "Luzes", que revolucionava a Europa, ecoava de forma indireta na cultura portuguesa. A par disso, a economia do reino enfrentava um período de decadência, agravado pela crise do ouro no Brasil. Portugal, à frente de um império vasto e complexo, lutava para manter sua sustentabilidade. Diante dos desafios coloniais, marcados pela cultura jesuítica, carência demográfica e economia fragilizada, o Marquês de Pombal assumiu o papel de primeiro-ministro durante o reinado de D. José I. Seu governo ambicionava combater a negligência fiscal, o contrabando, proteger o território de invasões estrangeiras, especialmente espanholas, e impulsionar a agricultura. Nesse contexto, a capitania de

São Paulo, outrora subordinada ao Rio de Janeiro, sofria com o enfraquecimento demográfico, econômico e político, resultado da perda das zonas de mineração. Em 1765, a capitania recuperou sua autonomia com a nomeação de Morgado de Mateus como governador. Nobre português, fidalgo da Casa Real e militar de carreira, Morgado de Mateus foi escolhido por sua lealdade e confiança, características valorizadas pelo sistema absolutista. Ele assumiu a missão de fortalecer a capitania, combatendo os espanhóis, militarizando a região, explorando o território, fomentando a economia e promovendo a urbanização. Ao partir para São Paulo, deixou sua esposa, Dona Leonor, e seus quatro filhos no Palácio de Mateus, em Vila Real. Inicialmente nomeado para um mandato de três anos, permaneceu na função por dez anos, resultando em doze anos de separação familiar.



Imagem de Solar do Rosário por Google



Imagem de Wikipédia - Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão

Morgado de Mateus, Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, foi um governador emblemático, considerado o mais dinâmico e carismático do período. Além de ter deixado imensa quantidade de material escrito de próprio punho, ele contribuiu significativamente para o desenvolvimento de São Paulo, implementando projetos

em diversas áreas. Apesar de seus esforços, não recebeu a condecoração de Conde de Mateus ao retornar a Portugal, mas persistiu em buscar reconhecimento, obtendo o posto de Brigadeiro. Faleceu em 1798, e jaz enterrado na Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, dentro de sua propriedade.

Dona Leonor Ana Luísa José de Portugal Sousa Coutinho, esposa de Morgado de Mateus, nasceu em Lisboa em 1722. Proveniente de família nobre e tradicional, recebeu uma educação primorosa, dominando diversas línguas e possuindo vasto conhecimento. Sua mãe, Dona Maria Antónia, era uma figura de destaque nas Letras. Dona Leonor casou-se aos 34 anos e, durante o período em que

esteve casada, dividiu-se entre Lisboa e Mateus, onde criou seus quatro filhos. Embora não haja registros de pinturas com sua imagem, sua personalidade e inteligência são evidentes em suas cartas. Como algo pouco comum ao período, Dona Leonor decide divorciar-se do marido após o retorno dele a Portugal. Após a separação conjugal, permaneceu ao lado dos filhos e netos, tendo falecido em 1806.



Imagem de Wikipédia - Palácio de Mateus

O LEGADO FEMININO EM CARTAS PESSOAIS

A voz de Dona Leonor revelava sua personalidade e seu intelecto desenvolvido em suas cartas, escritas com muita emoção e perspicácia para seu marido, Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, que governou a capitania de São Paulo entre os anos de 1665 a 1775. Mais do que meros registros históricos, as cartas endereçadas ao marido, que esteve no Brasil por dez anos enquanto ela permaneceu em Portugal cui-

dando de todos os negócios da família e criando os filhos, revelam a mente brilhante de uma mulher que compreendia profundamente o mundo ao seu redor. Entendemos que as cartas exerciam a função do “principal meio de comunicação entre os distantes do século XVIII” e representavam “o remetente em corpo e voz diante do destinatário” (CONCEIÇÃO, 2013, p. 23). A escolha da espécie documental “carta” permite aces-

sar a esfera particular de Dona Leonor, pois nesse gênero textual, as fórmulas discursivas são menos rígidas e, por isso, a voz da autora se expressa com maior liberdade. A análise minuciosa dessas cartas permite que seja desvendada a complexidade de sua personalidade, a profundidade de seus sentimentos e a importância do papel feminino na construção da sociedade colonial.



Imagem de Freepik

Apesar de as cartas pessoais não conterem fórmulas linguísticas como outros gêneros textuais mais burocráticos como o ofício, por exemplo, havia padrões linguísticos que revelavam as sociabilidades do período. Em geral, os cônjuges tratavam-se mutuamente pela retomada do primeiro nome antecedido de “Dom/ Dona”. Dizia ela: “só falar e chorar por Dom Luís é o meu alívio.”, em que o interlocutor é mencionado

como uma terceira pessoa, forma que se mantém atualmente em Portugal. Do mesmo modo, o marido sempre fala a ela por meio de “Dona Leonor”. Nos primeiros anos apartados, o casal evitou pronomes de tratamento, que revelariam maior distanciamento. Entretanto, com o passar dos anos e o estremecimento da relação por assuntos mal resolvidos, ambos passaram a se chamar por “Vossa Excelência”.

A figura feminina de Dona Leonor de Portugal revela um exemplo de personificação da imagem de mulher idealizada na segunda metade do século XVIII. Seja com sua presença, seja por seu distanciamento, a figura da mulher europeia virtuosa e apartada dos tantos males das terras da América Portuguesa é impositiva ao olhar do colonizador. É comum que se busquem mulheres com virtudes e aparências similares para se

construir família no Brasil. Como decorrência dessa idealização da mulher branca e cristã, as mulheres nascidas da miscigenação brasileira acabavam por ocuparem um lugar de rebaixamento social. É fato que durante todo o período colonial, preservaram-se “os papéis tradicionais da mulher, [de modo a manter-se] fiel à antiga concepção da Igreja da autoridade do marido e da obediência da esposa” (FANINI, 2009, p. 37). Imagem de Aicandy por Freepik



Imagem de EyeEm por Freepik

RELIGIÃO CATÓLICA COMO PILAR DA VIDA SOCIAL

A fé católica era o alicerce da vida de Dona Leonor, a exemplo de todos os bons cidadãos da época. Ela via a religião não apenas como uma questão pessoal, mas como um elemento fundamental da sociedade e da política. Em suas cartas, há constantes referências a orações, missas e devoção a Nossa Senhora, demonstrando a importância da fé

em sua vida e a influência da Igreja na sociedade colonial. Dona Leonor usava sua fé para influenciar decisões políticas e para promover o bem-estar da comunidade, como evidenciado quando elogia que o marido faça seus funcionários rezarem em trabalho: “Folgo muito que os faça rezar o terço, porque quem é bom católico tem tudo o mais.”

CASAMENTO À DISTÂNCIA

A distância física imposta pelas responsabilidades do marido como governador manteve o vínculo entre Dona Leonor e o Morgado de Mateus. Suas cartas são, aparentemente, um testemunho da conexão familiar entre o casal. “Aparentemente”, porque o que pode parecer à primeira vista os vocativos “Meu amor” de início e a saudação de fecho das cartas “Adeus, meu bem, meu amor” pode revelar sentimento próximo de nosso amor passional contemporâneo. Contudo, a preocupação genuína com o bem-estar do marido e o apoio a suas decisões, pode ser compreendido

como instrumento de construção e manutenção da própria imagem de Dona Leonor enquanto autora material e intelectual dos textos. Com essa estratégia, ela prova ser sempre uma companheira leal e dedicada. A correspondência entre o casal revela um diálogo constante sobre assuntos pessoais e políticos, demonstrando que o casamento era principalmente uma parceria intelectual, dada a necessidade de ela manter em ordem os negócios da família em Portugal enquanto o marido desempenhava um cargo político e militar no além mar.



Imagem de Alena_bonn por Freepik



Imagem de Gpointstudio por Freepik

A MULHER COMO ADMINISTRADORA DE BENS E NEGÓCIOS DA FAMÍLIA

Enquanto o marido estava em São Paulo, Dona Leonor assumiu a responsabilidade pela administração da imensa propriedade que possuíam no norte de Portugal. Vale ressaltar que a Casa de Mateus, sede do patrimônio agrícola e vinícola do casal, permanece até hoje em Vila Real. Tornou-se um Os herdeiros afirmam que a liderança de Dona Leonor foi a mais impactante de todos os tempos, uma vez que ela deixou legados como a construção de poço e da capela, onde jaz enterrado o corpo do Morgado de Mateus. Fica claro, portanto, que ela demonstrou notável capacidade de liderança e de organização. Dona Leonor cuidava dos quatro filhos, da mãe,

dos negócios da família, supervisionava as obras, tomava decisões importantes e lidava com questões complexas, mostrando-se uma administradora competente e perspicaz. Suas cartas revelam um profundo conhecimento sobre finanças, agricultura e outros assuntos relacionados à administração. Sua figura extrapola, portanto, a atuação em ambiente doméstico. Mesmo com toda a produtividade de sua vida, mantinha-se deliberadamente com a imagem de uma figura sob as ordens do marido: “Enquanto Nossa Senhora me der vida e alento que me levante, espero não ache as coisas em pior estado, sempre peço a Deus me alumie para que o acerte



Imagem de Donbaron por Freepik

com o seu gosto.” O gosto do marido deveria imperar em todas as empreitadas. No entanto, a única forma de comunicação eram as cartas pessoais, que partiam de tempos em tempos via caravela e, no melhor dos mundos, chegava ao destinatário após três longos meses de viagem. Fica difícil, então, entender a constante busca por aval antes das ações. O mais plausível é que as respostas tenham chegado sempre tardias.



INFLUÊNCIA POLÍTICA EM PROL DA FAMÍLIA

Dona Leonor não se limitava a cuidar da casa e dos negócios da família. Como amiga pessoal do Marquês de Pombal, ela frequentava a sede do governo em Lisboa, o palácio real. Acredita-se até mesmo que a nomeação do marido tenha sido obra dela. Outro feito foi conseguir casar sua sobrinha com o filho do Marquês de Pombal. Essa é uma história interessantíssima, mas que ficará para um próximo número desta coluna. Como não poderia ser diferente, as cartas de Dona Leonor revelam uma mulher informada, engajada e com opiniões fortes sobre os assuntos políticos da época, sempre em busca de defender os interesses da Coroa Portuguesa.

A MULHER IDEAL DO SÉCULO XVIII

Dona Leonor personificava a imagem da mulher portuguesa idealizada no século XVIII: religiosa, dedicada à família, inteligente, culta, influente e líder. No entanto, apenas mulheres muito abastadas, de famílias da nobreza, poderiam desenvolver todas essas qualidades e habilidades. Sua história nos mostra que as mulheres daquela época desempenhavam papéis importantes na sociedade, mesmo que seus nomes não tenham sido registrados nos livros de história. Infelizmente, esse cenário de letramento exemplar em diversos idiomas, associado a um modelo de virtude, inteligência, resiliência e capacidade de liderança, personificados em

Dona Leonor não eram regra às mulheres do período, sobretudo as brasileiras. De maneira completamente oposta, a falta de acesso a qualquer tipo de escolaridade popular restringia a alfabetização a uma pequena elite que, via de regra, preferia que os filhos homens estudassem. Às mulheres ficava restrito um cenário de casamento arranjado pela família ou de convento. As atuações profissionais de uma mulher restringiam-se a casos de extrema necessidade da família, como vendedoras de rua ou funções que não exigissem letramento.

Os discursos masculinos sobre as mulheres brasileiras claramente baseiam-se no padrão feminino europeu de comportamento personificado por Dona Leonor. Interessante exemplo disso é a análise da mulher brasileira feita em uma carta do Vice-Rei do Brasil, o Marquês do Lavradio, em 1960: “Este país é ardentíssimo. As mulheres têm infinitas liberdades. Saem à noite sós, andam quase nuas a pouco mais de meia cintura para cima. E porque as camisas são feitas em tal desgarre, que um ombro e peito daquela parte é necessário que anda aparecendo todo. Saem em chinelas”. Somada às vestimentas estaria a aparência do corpo de uma nobre europeia em detrimento das brasileiras retratadas por Mary Del Priore “difícilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras da sociedade. Como não usavam coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado logo após a primeira juventude.” (PRIORE, 2012, p. 55)

À guisa de conclusão, contra as velhas e perversas desigualdades social e de gênero no Brasil

Nota-se que além da desigualdade de gênero, as diferenças entre mulheres de diferentes classes sociais já se evidenciavam no Brasil colonial. E pode-se afirmar, que, apesar dos avanços conquistados pelas mulheres ao longo dos séculos, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade no Brasil, bem como em muitas partes do mundo. As mulheres continuam a enfrentar desafios no mercado de trabalho, na política e na sociedade em geral.

Buscou-se, por meio do exemplo de uma mulher portuguesa, suscitar a importante reflexão sobre a ideologia, marcada pelo sexismo, que nos fundamenta socialmente. Dona Leonor deve incentivar, portanto, o reconhecimento

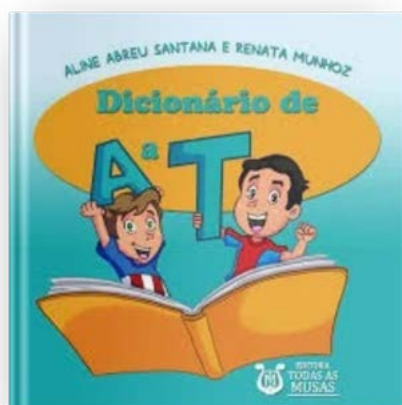
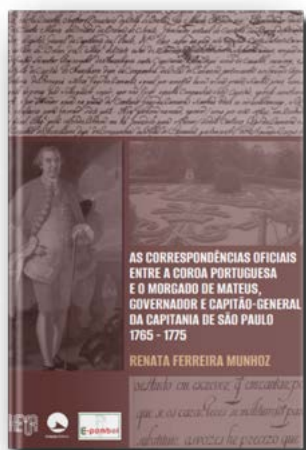
de outras personalidades femininas relegadas à sombra do segundo plano em relação ao gênero masculino. E ainda mais de outras completamente silenciadas histórica e socialmente devido a seu gênero e classe social.

Sendo assim, trazer parte da história de Dona Leonor nesta coluna intenciona nos lembrar da importância de seguirmos lutando por meio da educação de qualidade e do esclarecimento, em prol de uma sociedade com menos diferenças entre gêneros e classes sociais.

Referências Bibliográficas no site.



Imagem de Andreycherkasov por Freepik



LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard

[Clique aqui](#)



COLUNAS E COLUNISTAS

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM



LINKEDIN



POST NO SITE





LITERAR

Humani

09



SUELI LOPES



Autora, escritora, com 7 livros solo e 3 antologias publicadas. Na UFG, formou-se em Letras e foi professora, como na PUC-Go. Pós-graduada em Literatura (Univ. de Salamanca, Es). CEO do Gr. Int. de Escritores Vozes da Diáspora, Londres, onde promove visitas literárias e culturais. Acadêmica da AILB, NY e da FEBACLA, onde também é Chanceler da Emb. Cultural da Paz. Pesquisadora de Escrita Humanizada e Topofilia. Para ela, escrever é uma forma de fazer do mundo um lugar melhor.

A Coluna Humaniliterar tem como maior propósito mostrar os diferentes ângulos e processos de humanização da literatura. Entre eles, com certeza, estão a alma dos lugares, a memória ancestral e os cinco sentidos.

Nosso processo de escrita começa bem antes do lançar as palavras ou discorrê-las na composição pretendida: desde o observar as pessoas, os lugares que frequentamos, nossa visão de mundo, tudo conta.

Em minhas pesquisas, a Topofilia (a arte de descrever os lugares com afeto) e Escrita Humanizada sempre estão presentes. Para esta edição da The Bard, estes aspectos, em minha coluna, vieram em uma bonita analogia que compara o percurso das águas com o fluir da escrita.

Enquanto, de forma singular e criativa, alguns colunistas trazem maravilhosos artigos sobre o papel das bibliotecas no mundo, a Coluna Humaniliterar navegará em águas profundas, longínquas, simbólicas e significativas.

Quando visitei a cidade de **Jean La Fontaine (1621-1695)**, Chateau Thierry, na França, fiquei maravilhada com a linda fonte azul nos jardins de um dos cafés mais charmosos que conheci: Jardin Riomet. Aquela fonte é simbólica, como a **fonte Humaniliterar**. Mergulhe comigo nessas águas, onde a literatura é o percurso da humanização, do respeito e da diplomacia.

Conheça alguns escritores e obras que são exemplos marcantes dessa fonte. Deixa fluir!



Imagem de Wikimedia Commons por Google

O PODER DE HUMANIZAÇÃO DA LITERATURA, O PERCURSO DAS ÁGUAS E A DIPLOMACIA



Imagem de MichelGuenette por iStock – Rio Tejo

A literatura mostra sua beleza ao ser carregada de simbologia. A água, por exemplo, sempre foi um de seus maiores símbolos. Ao estudarmos a obra de Camões, por exemplo, encontramos uma vastidão de palavras que até se assemelham a um oceano infindável, fluindo e dançando. Nossa mente, inconscientemente, lembra as águas do Rio Tejo. A língua portuguesa, em sua riqueza e diversidade, espelha o próprio curso desse majestoso rio, onde as palavras correm, se entrelaçam e se transformam em uma corrente de significados que permeiam nossa literatura.

O Rio Tejo, descrito de forma grandiosa por Luís de Camões não é apenas um rio físico, mas

um símbolo poderoso do destino e das conquistas dos navegadores lusitanos. A linguagem poética de Camões ecoa como as ondas que banham as costas de Portugal, demonstrando que a História é tecida com as palavras, assim como o rio é tecido com seus afluentes.

Ainda imersos nessa água, em uma dimensão diferente, encontramos, noutro rio e noutro exemplo, o conto A Terceira Margem do Rio, de Guimarães Rosa (1908-1967). As profundezas e simplicidade do “quase lugar” chamado Codisburgo fluem no lindo conto de alguém que apreciava suas raízes, principalmente o Rio das Velhas, em Minas gerais, Brasil.

Nessa narrativa, o fluxo da água as-

sume um caráter simbólico e misterioso, representando a dualidade da vida e a busca incessante por significado. O rio torna-se um limiar entre a realidade e o desconhecido, em que o protagonista escolhe viver em uma canoa no meio do rio, na terceira margem. O conto nos convida a contemplar a fluidez da existência, a necessidade de transcender as margens convencionais e a coragem de seguir o chamado do rio, apesar das incertezas.

Como a água que escorre suavemente, a prosa de Guimarães Rosa flui, a exemplo do final do conto A Terceira Margem do Rio, numa linguagem poética, nos envolve em um universo lírico de reflexões profundas:



Imagem: Ponte da Matemática, Cambridge, Reino Unido. Arquivo pessoal - Sueli Lopes

*Sofri o grave frio
dos medos, adoeci.
Sei que ninguém
soube mais dele.
Sou homem, depois
desse falimento? Sou
o que não foi, o que
vai ficar calado. Sei
que agora é tarde, e
temo abreviar com a*

*vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao
menos, que, no artigo da morte, peguem
em mim, e me depositem também numa
canoinha de nada, nessa água que não
para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo,
rio a fora, rio a dentro — o rio.*

Ao atravessar o Atlântico, chegamos à Angola, onde Luandino Vieira nos oferece profundas interpretações por meio das obras *Nosso Musseque* (2003) ou *Nós, os do Mukulusu* (1974). Nelas, em tom metafórico, o Rio Kwanza, que serpenteia pela terra africana, é o pano de fundo para uma narrativa mais profunda: a que se desenrola na época da luta pela independência. O elemento água é usado, com o recurso da analogia, para representar a luta do povo angolano por sua liberdade.

O fluxo da **água**, presente de forma simbólica nessas obras, torna-se **um fio condutor que liga três distintos momentos e contextos culturais**. O *Tejo de Camões* simboliza a épica história portuguesa, o rio misterioso (*Das Velhas?*) de Guimarães Rosa nos conduz a uma reflexão existencial profunda, e o rio **Kwanza** de Luandino Vieira representa a luta pela liberdade em um contexto de opressão colonial.

No entanto, o que essas obras têm em comum é a habilidade dos autores de expressar seus gritos na linguagem, assim como as águas fluem, para transmitir emoções, significados e desejos.

A língua portuguesa se torna o meio pelo qual essas narrativas são tecidas e, ao fazer isso, os escritores reforçam a ideia de que somos todos feitos de água, conectados uns aos outros por meio das palavras que fluem como águas correntes em nossa literatura. Eles nos lembram que, embora os rios possam ter margens distintas, a água que corre em seu interior é a mesma, assim como a língua que nos une e que nos permite mergulhar nas profundezas da experiência humana. Assim como as águas do Rio Tejo, imortalizadas por Camões, as palavras desses renomados escritores transbordam vida, transformando-se em um curso lírico e humano, refle-

tido na Terceira Margem do Rio, tal como retratada por Guimarães Rosa, e ressoando as vozes de resistência e liberdade nas obras de Luandino Vieira.

O Tejo, em sua majestosa presença, se assemelha à própria escrita, fluida e repleta de significados que se renovam a cada verso, como águas em curso perene e constante movimento. Ao passo que *A Terceira Margem do Rio*, obra marcante de obra de Guimarães Rosa, projeta-se como um limiar entre o conhecido e o desconhecido, um espaço metafórico que reflete a ambiguidade da existência. Dessa forma, as águas que correm entre duas margens, o texto rosiano flui em múltiplas direções, desafiando convenções, explorando as profundezas da psiquê humana e convidando o leitor a imergir em um universo de significados amplos e simbólicos.



Imagem de Wirestock por Freepik

Luandino Vieira, por sua vez, um dos escritores mais influentes na literatura angolana, é conhecido por suas obras que clamam pela liberdade e autonomia do povo angolano, especialmente durante o período colonial. Sua escrita, repleta de linguagem popular e elementos da cultura angolana, evoca a resistência e o espírito de liberdade que ele via como fundamental para a identidade de seu povo.

Uma das citações emblemáticas de Luandino Vieira que reflete essa luta pela liberdade encontra-se em *A Vida Verdadeira* de Domingos Xavier, obra marcante que narra a opressão do colonialismo e o desejo de emancipação:

A liberdade, essa terra prometida, não se alcança sem luta, sem suor, sem o desejo ardente de quem sonha viver como gente. O povo é grande, e a esperança é maior ainda. Não há corrente que consiga prender o desejo de ser livre.

— *A Vida Verdadeira* de Domingos Xavier, Luandino Vieira



Imagem de J B por Pexels

A Vida Verdadeira de Domingos Xavier foi escrita por Luandino Vieira em 1961, mas sua publicação ocorreu apenas em 1974, um ano antes da independência de Angola. Isso se deu em grande parte devido à repressão do regime colonial português, que censurava obras de conteúdo anticolonialista. Durante esse período, Luandino Vieira foi preso e exilado no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, o que também dificultou a circulação de suas obras. Assim, *A Vida Verdadeira* de Domingos Xavier tornou-se um símbolo da resistência angolana e um grito pela liberdade, representando as dificuldades e a resiliência do povo angolano diante do colonialismo.

"Deixe meu povo ir!" Eis a voz implícita na obra de Luandino Vieira. E ressoa com a força das águas que rompe barreiras. Em suas páginas, o autor evoca a luta pela liberdade, utilizando o elemento água como metáfora da resistência e da busca por um destino desimpedido, assemelhando-se à história de um rio que anseia por desaguar no oceano. E conseguiu. Os rios da Angola alcançaram o Tejo, e a literatura em língua portuguesa passou a enxegar e valorizar escritas de diferentes povos. **Ex-clonizadores e ex-colonizados se unem no rio da fluidez das emoções humanas, retratadas no poder de humanização da literatura.** As palavras de Vieira, como um clamor, um grito de justiça, como um rio caudaloso, desafiou os obstáculos e marcou o caminho para a liberdade e a dignidade.

Nesse conjunto diversificado de obras, podemos afirmar que o elemento água transcende sua mera natureza física, emergindo como uma poderosa metáfora para a vida, transformação, resistência e liberdade. Ao mesmo tempo em que simboliza igualdade, respeito mútuo. Assim como as águas que fluem, a literatura desliza suavemente, desbravando novos caminhos, moldando paisagens

e irrigando a alma dos leitores com a riqueza e profundidade da língua portuguesa. Que esse fluir de palavras e ideias, como um rio em constante movimento, possa inspirar novas reflexões, promover a empatia e estimular a busca incessante por conhecimento e compreensão, tal como as águas que percorrem seu curso, imbuídas de vida e significados múltiplos.



Imagem de Bude, Cornuália, Reino Unido. Arquivo pessoal - Sueli Lopes

Água: Simbologia da Leveza de Ítalo Calvino

E por falar em água, no contexto de simbologia literária, vale destacar as sugestões de Ítalo Calvino (1923-1985), em sua obra *Seis Propostas para o Próximo Milênio* (1990), especialmente a leveza, tão presente no livro. Aliás, segundo ele, “A literatura (e talvez somente a literatura) pode criar os anticorpos que coíbem a expansão da peste da linguagem” – Citação esta que provavelmente seja o significado de toda a obra. Afinal, no milênio passado, estudos apontam que, embora tenha sido o tempo de ver o surgimento do objeto livro, foi o mesmo que viu de perto sua crise. Contudo, sugere Calvino: “Há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar.”



Imagem de Portsmouth (local do nascimento de Charles Dickens), Reino Unido. Arquivo pessoal - Sueli Lopes



Imagem de Bude, Cornualha, Reino Unido. Arquivo pessoal - Sueli Lopes

Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade são, na verdade, cinco conferências que Ítalo Calvino havia preparado para a Universidade de Harvard. Porém, devido à morte súbita do autor, nunca foram proferidas. De igual modo, são citadas como cinco das qualidades da escritura. **Consistência** (a sexta), seria o tema da última conferência, mas não chegou a ser escrita. Todas elas Calvino teria desejado transmitir à humanidade do milênio que estava por vir. A obra foi publicada no final do século XIX, e hoje, no “próximo milênio”, imaginado por ele, vivemos, de alguma forma, em busca de suas propostas. Nesse sentido, o ele-

mento **água** torna-se um **símbolo de leveza**. Não só de figura linguística ou escolha de vocabulário, mas também de união entre povos. Calvino, nascido em 1923 em Santiago de Las Vegas, Cuba, e radicado na Itália, na verdade, veio a morrer antes de apresentar “Leveza” e as demais conferências que deveria fazer na Universidade de Harvard- EUA. As conferências foram reunidas e publicadas na obra *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, que são: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

“Leveza” seria a primeira das seis conferências. Nela, Calvino observou:

Depois de haver escrito ficção por 40 anos, chegou o momento de buscar uma definição global de meu trabalho: no mais das vezes, minha intervenção se traduziu por uma subtração do peso; esforcei-me por retirar peso, ora às figuras humanas, ora aos corpos celestes, ora às cidades; esforcei-me sobretudo por tirar peso à estrutura da narrativa e

à linguagem.

Talvez Calvino estivesse certo, talvez seja viável estarmos leves para enfrentar o insuportável peso de ser, como sugere o livro: *Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida. Como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa.*

[...] O único herói capaz de decepar a cabeça da Medusa é Perseu, que voa com sandálias aladas;

[...] Para decepar a cabeça da Medusa sem se deixar petrificar, Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve, as nuvens e o vento.

Que nosso encontro de mentes e corações (falo em nome de todo escritor que almeja levar esperança) por meio das páginas, seja um convite para navegarmos juntos por esse **oceano de significados** e emoções, alimentando-nos da beleza e da poesia que as palavras, como águas infundáveis, podem oferecer.



Imagem de Tower Bridge, Rio Tâmbisa, Londres, Inglaterra. Arquivo pessoal - Sueli Lopes

Por meio da literatura, navegamos por rios simbólicos e reais, em busca de significados mais profundos, em direção a margens desconhecidas, em que o fluir das palavras é a própria essência da vida e da literatura. Como não nos emocionar em tempos tão difíceis ao refletir sobre a obra de Luandino Vieira, em que a água ganha um significado particular na luta pela liberdade? A água, fluida e inconstante, é um reflexo da complexidade da experiência humana, que flui como um rio em constante transformação.



Christopher Vogler, as Ondas do Mar e a Criação de um Livro

Não por acaso, Christopher Vogler (1949), em seu livro *A Jornada do Escritor* (2015), de forma extraordinária, faz analogias do processo de escrita e o fluir das águas:

Um livro começa como uma onda rolando na superfície do mar. Ideias irradiam na mente do autor e colidem com outras mentes, desencadeando novas ondas que retornam ao autor.

[...] Este é o meu relato das ondas que chegaram até mim e sobre as novas ondas que estou desenvolvendo.

[...] Para mim, o processo de edição assemelha-se muito à feitura de um barco de madeira, como aqueles estreitos, em formato de dragão, que os Vikings faziam. A espinha da história é como a quilha, os principais pontos do roteiro são as costelas e as cenas individuais e os diálogos

Imagem de Bude, Cornuália, Reino Unido. Arquivo pessoal - Sueli Lopes

são as tábuas e cordas que completam a embarcação- um veículo para a visão que, assim se espera, navegará nos mares da atenção pública.

É impressionante como a Literatura e a História muitas vezes se entrelaçam, formando conexões profundas e impactantes. Com a contextualização que as palavras oferecem para a liberdade de fazer, eu diria que hoje somos levados a refletir sobre as conexões entre a busca por liberdade retratada nas narrativas e a atual situação entre Israel e Palestina, por exemplo.

Charles Dickens e as Águas do Chamado de Volta à Vida

Os paralelos não param. Eles nos lembram a importância de buscar soluções pacíficas e justas, respeitando os direitos de todos os envolvidos. E o Rio Tâmbisa, de forma implícita se faz presente. De igual modo, O belo azul do mar de Portsmouth, onde um grande escritor inglês nasceu. Charles Dickens (1812-1870), como um grande afluente do mar, fez uso da antítese, que assentou a dualidade em *Um Conto de Duas Cidades* (2019), com um propósito maior: mostrar como a Queda da Bastilha gerou conflitos:

Aquele foi o melhor dos tempos, o pior dos tempos, foi a era da sabedoria, da loucura, foi a época da crença, da incredulidade, a era da luz, das trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero, tínhamos tudo bem diante dos nossos olhos, não tínhamos nada diante dos nossos olhos, iríamos todos para o paraíso, todos na direção contrária... (trecho do primeiro parágrafo do livro, DICKENS, Ed. Principis, 2019, P. 6)

Com essa frase inicial, Charles Dickens antecipa a marca de **profundo contraste** em seu romance histórico *Um Conto de Duas Cidades*. Obra na qual percebemos o confronto entre os retratos das sociedades inglesa e francesa, na contraposição entre a miséria da urbana Paris e o aristocrata do interior da França. E na representação da tirania dos nobres do antigo regime e da opressão popular que caracteriza a época do Terror Jacobino. Ele descreve, sem sutileza, massacres, guilhotinas, miséria, conflitos.

E, no meio de tantos problemas, a obra traz dois conceitos: o do **sacrifício pela revolução** (porém, acaba

tirando a vida de muita gente inocente!); mas há também **o sacrifício do amor** na obra, e é muito emocionante. Esse sim, vale a pena. Outro conceito bem presente na história é **o chamado de volta à vida, a ressurreição, fazendo mesmo um paralelo com o livro do Evangelho de São João**. Este traço é uma espécie de eco que vai estar muito presente em toda a narrativa.

Chamo a atenção aos inúmeros conflitos e sacrifícios atuais que acabam se tornando em vão, ou gerando ainda mais problemas. Hoje, presenciamos confrontos entre povos, entre fronteiras sangrentas que nos causam dor e angústia. O

amor sempre é o melhor caminho. **O chamado de volta à vida de Dickens, representado em *Um Conto de Duas Cidades* não poderia ser mais atual.**

Bendita literatura, que também cura, que pode ser um agente condutor para a melhoria de nossa saúde mental.

Ainda bem que os grandes artistas humanistas não se omitem: fazem que sua Arte também seja um instrumento de alerta contra as injustiças sociais de qualquer natureza. Graciliano Ramos (1892-1953) já dizia: “Qualquer romance é social. Mesmo a literatura de marfim é trabalho social. Porque só o fato de procurar afastar os outros problemas é luta social.”

A Função Social da Literatura

Sim, porque a Literatura, como toda Arte não se reduz e não pode ser reduzida ao prazer estético, ao desfrute momentâneo. Ela vai muito além. Como forma de expressão, individual ou coletiva, também é e deve ser instrumento de conscientização acerca dos problemas que afligem a Humanidade. E no decorrer de nossa História sempre houve artistas ousados, sensíveis, humanos. Eles também fizeram e ainda fazem de suas manifestações artísticas uma voz de compaixão. Vale ressaltar que em várias circunstâncias dessa História, a única forma de fazer denúncias era por meio de metáforas, das ficções, bem como de todas as modalidades artísticas.



Imagem de Freepik

E o orgulho que nós temos de nossos artistas e também ser um deles, é grande. Bendita literatura que nos abre os olhos, que eterniza momentos da história de povos, resumindo numa só voz aquilo que todos gostariam de expressar. Eis a função social da Literatura.

É nessa busca pela justiça e igualdade que podemos encontrar um caminho para a reconciliação e a paz. E não só, prosseguimos na esperança de que nossa arte, de algum modo, levará esperança a futuras gerações, deixando registrado nosso mais profundo desejo de fazer deste mundo um lugar melhor por meio da escrita. Em meio a essa reflexão, torna-se imperativo olhar para o futuro com uma perspectiva de compreensão mútua e diálogo, vislumbrando a construção de uma realidade na qual a dignidade e a liberdade sejam direitos inalienáveis para todos, independentemente de suas origens, crenças ou histórias. Somente assim, poderemos almejar um futuro em que **os rios da história fluam em direção a uma paz genuína e duradoura.**



Imagem de Freepik

A Literatura Quebra Barreiras Geográficas e Une Fronteiras Diplomáticas

Ao trazer uma coluna que sempre discorre sobre a alma dos lugares, me parece pertinente mencionar as barreiras geográficas. As fronteiras diplomáticas, aquelas linhas traçadas sobre os mapas para delimitar nações e territórios, são como costuras invisíveis que unem ou separam as histórias de povos. Elas moldam as relações internacionais e, muitas vezes, determinam a trajetória de nações inteiras.

No entanto, por trás dessas linhas frias e oficiais, encontra-se a poderosa influência da literatura, que atua como a narradora silenciosa

de nossa história comum, registrando as vidas e as experiências que transcendem fronteiras geográficas. As fronteiras diplomáticas são frequentemente associadas à política e aos tratados, mas é importante compreender que, sob a rigidez dessas linhas, há seres humanos com histórias, sonhos e lutas.

A literatura, como a linguagem da alma, e também com sua função social, tem o poder de atravessar essas fronteiras e unir pessoas de diferentes nacionalidades e culturas. Etambém um instrumento de registro da História. Por meio de narra-

tivas ficcionais ou autobiográficas, escritores capturam momentos de significado e impacto, preservando-os para as gerações futuras.

O holocausto, por exemplo, é documentado em obras como *O Diário de Anne Frank* (1995) e *Noite* (2021), de Elie Wiesel (02/07/2016), que iluminam o sofrimento humano e o horror do genocídio nazista. Por meio de suas palavras, essas testemunhas da História transcendem as fronteiras do tempo e do espaço, garantindo que jamais nos esqueçamos do passado.

A literatura também tem o poder de promover a compreensão e a empatia entre povos. No contexto das fronteiras diplomáticas, em que os interesses políticos frequentemente se sobrepõem à humanidade, a literatura atua como uma voz que une corações e mentes.

Romances como *O Caçador de Pipas* (2007), de Khaled Hosseini (1965), ou *O Apanhador no Campo de Centeio* (2019), de J.D. Salinger (1919-2010), abordam questões universais de amor, perda e busca de significado, transcendendo barreiras nacionais e culturais.

À medida que a História avança, as fronteiras diplomáticas podem se tornar mais rígidas ou flexíveis, dependendo das circunstâncias políticas. No entanto, a literatura permanece como uma constante, oferecendo-nos um vislumbre do que significa ser humano em diferentes partes do mundo. Ela nos convida a olhar além das fronteiras que nos separam e a reconhecer nossa humanidade compartilhada.

A diplomacia, moldada pela interação entre nações, é a essência da construção e manutenção de pontes entre fronteiras. Trata-se de um delicado balé de acordos, negociações e diálogos entre países, no intuito de estabelecer relações harmoniosas e produtivas. As fronteiras diplomáticas, em sua rigidez e flexibilidade, carregam consigo o peso das políticas, e a promessa de cooperação e de entendimento.



Imagem de VisualCreative1 por Freepik

Autores, Embaixadores da Palavra

A literatura, por sua vez, é a alma da História. Ela tece os fios do tempo, registrando as dores, alegrias, lutas e triunfos da humanidade. É a expressão mais pura da essência humana, transcendendo fronteiras e idiomas.



Imagem de Freepik

Autores, como embaixadores da palavra, cruzam fronteiras imaginárias, alcançando corações e mentes além de qualquer barreira geográfica. Nos livros, encontramos as crônicas da diplomacia não somente narradas por estadistas e líderes, mas também pelas vozes dos oprimidos, dos refugiados, dos esquecidos.



Imagem de Artifistock por Freepik



COLUNAS E COLUNISTAS

É por meio da literatura que a História se torna viva, registrando as marcas do tempo e as transformações culturais, políticas e sociais que transcendem as fronteiras. Ou seja, a literatura não apenas registra a História, mas também desafia as fronteiras impostas, quebrando os estereótipos e os preconceitos que muitas vezes dividem nações. Ela nos lembra da nossa humanidade comum, independentemente das fronteiras geográficas que nos separam. Portanto, a literatura e a di-

plomacia se entrelaçam, complementando-se, revelando a beleza da diversidade e a necessidade da compreensão mútua. Enquanto a diplomacia estabelece as bases para a cooperação entre as nações, a literatura preenche os vazios, conectando corações e mentes, transcendendo os limites geográficos para abraçar a complexidade e a riqueza de nossa humanidade compartilhada. Sejam rios. Sejam embaixadores. Sejam fontes de esperança.



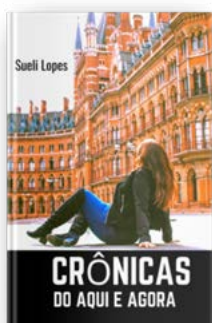
Imagem de Pdristi0078 por Freepik

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



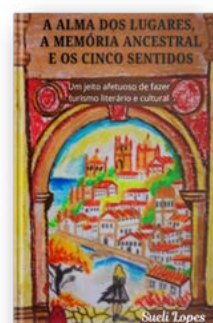
[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

Colunista Sueli Lopes

FACEBOOK

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



01

**SANDRA SANTIAGO**

Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: “A história da exclusão das Pessoas com deficiência”; “Memórias de Estágio”; “Problematizando a inclusão do estudante surdo” dentre outros.

A DEFICIÊNCIA COMO ESTIGMA E OS LIMITES DA INCLUSÃO

Não é de hoje que a sociedade exclui os diferentes do padrão instituído como normal e os marca com o estigma do indesejado, do incapaz e do anormal. Um estigma é uma espécie de marca que se atribui a alguém para desvalorizá-lo. Por vezes, essa marca é atribuída ao corpo que se apresenta fora de um padrão, portanto, no caso das pessoas com deficiência, esse estigma se identifica com o corpo que está em desalinho com o esperado. Muitos documentos e livros so-

bre o tema, ainda em circulação, usam termos considerados pejorativos (especiais, excepcionais, deficientes) para se referir às pessoas com deficiência, reforçando tal estigma. Certamente, são resquícios de uma história que ainda está bem viva e a partir de onde se evidencia a exclusão de pessoas com deficiência em diferentes épocas e contextos. Sobre essa tendência humana em atribuir marcas (estigmas) para excluir os indesejados pairam, pelo menos, duas explicações.

A primeira aponta para os primórdios da história, quando era premente possuir um corpo forte e, portanto, sem limitações físicas, a fim de que fosse possível garantir minimamente a própria sobrevivência e não comprometer a do grupo. Nesse contexto primitivo, a deficiência foi entendida como um estigma e, portanto, uma barreira intransponível para situações de fuga, enfrentamento, luta, trabalho etc. Consequentemente, o indesejado precisava ser eliminado.

Imagem do Filósofo Sêneca por Google

O famoso filósofo Sêneca retrata bem a ideia do estigma em sua obra “De Ira”, quando afirma: “matamos os fetos e os recém-nascidos monstruosos. Se nascerem monstruosos ou defeituosos, afogamo-los. Não é devido ao ódio, mas, a razão, para distinguirmos as coisas inúteis das saudáveis”.

A segunda razão que se atribui à exclusão de pessoas com deficiência se baseia na presença de um profundo misticismo presente durante a Idade Média. O fato de se compreender o nascimento de uma pessoa com deficiência como um castigo divino ou como uma marca diabólica que pairava sobre o sujeito e por toda sua família, legitimava o estigma e, por conseguinte, sua a legítima retirada desse ser do ambiente familiar, afastando o mal que a deficiência representava.



Em diferentes civilizações, as crianças surdas tinham a garganta cortada ou eram lançadas ao mar. O mesmo ocorria com as deficiências físicas, intelectual ou visual. Na Grécia há registros de sacrifícios aos deuses ou abandono em praças públicas, onde morriam prematuramente ou viviam da mendicância. Neste contexto, é óbvio que a deficiência colocava o indivíduo numa categoria sub-humana, e sua eliminação ou o seu abandono estavam em consonância com os ideais dos pensadores e

governantes da época. É sob essa premissa que as sociedades se desenvolvem e se modernizam, institucionalizando o estigma da deficiência. Práticas hoje consideradas grotescas foram amplamente adotadas em diferentes países para lidar com o crescente abandono das crianças com deficiências nas ruas. Assim, se cria a Roda dos Enjeitados ou Roda dos Expostos, uma instituição criada para oferecer abrigo às crianças abandonadas pelas próprias famílias, de maneira anônima.



Imagem de Folha do Progresso por Google



Imagem de Flowo por Freepik

Tais crianças rejeitadas em razão da deficiência eram colocadas numa roda feita de madeira e dividida em quatro (4) partes triangulares (uma espécie de janela) que se movimentava horizontalmente, permitindo que uma destas janelas ficasse aberta para a rua, onde a criança poderia ser colocada. Em seguida, bastava girar a roda para que a criança passasse para o lado de dentro da instituição, sem que a pessoa que praticava tal ato precisasse se identificar.

No Brasil, tal prática trazida por Portugal, permaneceu até 1930, em algumas capitais como São Paulo, Salva-

dor e Rio de Janeiro. Após serem recolhidas nesta roda, as crianças eram enviadas aos Hospitais ou Abrigos dos Órfãos. Há registros do ano de 1821, quando a instituição já contava com (13) anos de sua fundação, que aproximadamente 12.000 crianças tinham sido acolhidas em suas dependências, por meio da roda dos enjeitados. Mas, os dados revelam algo mais surpreendente: deste quantitativo, somente 1.000 tinham sobrevivido.

A esperança estava na modernidade! Contudo, mesmo na modernidade, com o advento da ciência, as muitas descobertas e todas as promessas anunciada para os

novos tempos, as pessoas com deficiência ainda seguiram vitimadas por práticas excludentes. Foi a própria ciência que cuidou de categorizar os indivíduos, dividindo-os em normais/anormais, capazes/incapazes, criando um arsenal de testes que legitimavam suas anomalias e defeitos por meio do famoso diagnóstico, que os encaminharia para as recém-criadas: escola especial ou instituição especializada, lugares capazes de educar/ensinar pessoas com deficiências, mantendo-as longe das ditas normais. Portanto, a resposta da modernidade ainda reforça o estigma dos corpos em desacordo com o padrão de normalidade instituído.

A educação especial foi uma educação apartada, em internatos, segregadas do convívio social e em condições precárias, pois, tais instituições sobreviviam, na maioria das vezes, de doações e ações filantrópicas. Agora, de modo mais sutil, as pessoas com deficiência continuaram na mendicância, carecendo da benevolência dos considerados normais.

De fato, não existia mais a Roda dos Enjeitados, mas, agora eram as instituições especializadas que cumpriam o papel de abrigá-los. Contudo, o resultado da famosa Educação Especial ofertada aos estigmatizados pode ser visto e questionado séculos

depois, quando nenhum destes estudantes conseguiram sair da instituição, concluir os estudos, almejar outros níveis de escolarização ou ainda adentrar no mercado de trabalho. A exclusão se mantinha noutros moldes. No caso brasileiro, é somente a partir dos anos 80 que novos discursos passam a ser produzidos em benefício da igualdade de direitos e uma vasta legislação alicerça as bases de uma sociedade inclusiva. Portanto, é muito recente a tentativa de retirar o estigma da deficiência e compreender as diferenças como parte da humanidade. É embrionário o movimento pela inclusão.

Com isso, não se pretende imprimir um tom pessimista à história, nem tampouco negar os avanços em prol de uma sociedade inclusiva, mas, tão somente demonstrar que esses ideais são ainda sementes que necessitam das condições adequadas (materiais e humanas) para germinar em solo brasileiro. Por isso, fica o convite para seguirmos discutindo o assunto.



Imagem de Freepik



COLUNAS E COLUNISTAS

Colunista Sandra Santiago

INSTAGRAM INSTAGRAM



POST NO SITE





ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

São muitos os desafios que os escritores enfrentam neste país, em se tratando de mulheres na escrita os desafios são muito maiores por questões culturais e históricas.

Não tenho a pretensão de apresentar ao querido leitor, um trabalho perfeito.

São considerações breves e leves sobre o assunto:

As Mulheres na Literatura Brasileira.

Agradeço o carinho e a oportunidade que a Revista "The Bard" me oferece.

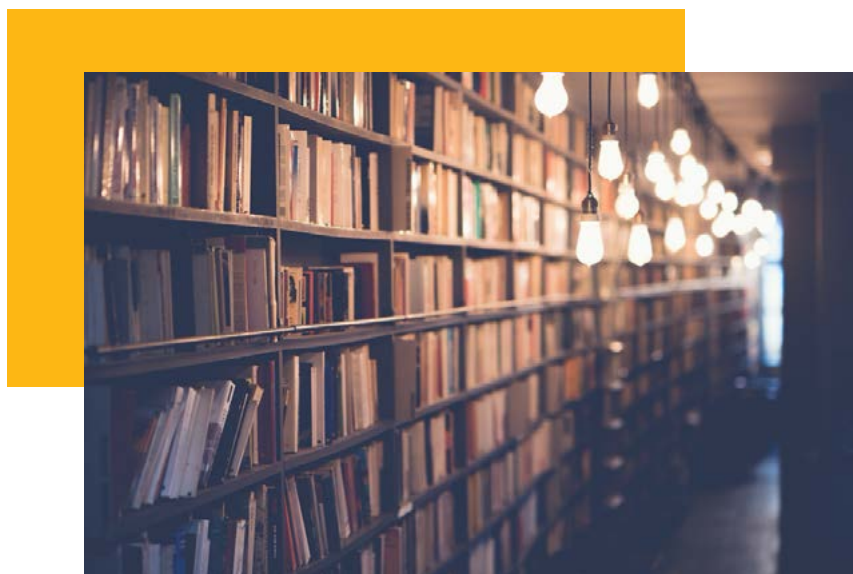


Imagem de CDN por Pixabay



Imagem de Freepik

As Mulheres Na Literatura Brasileira

A Academia Brasileira de Letras é uma instituição literária brasileira fundada na cidade do Rio de Janeiro em 20 de julho de 1897 pelos escritores Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Inglês de Sousa, Olavo Bilac, Afonso Celso, Graça Aranha, Medeiros e Albuquerque, Joaquim Nabuco, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay e Rui Barbosa. É composta por quarenta membros efetivos e perpétuos, por isso alcun-

hados de imortais, e por vinte sócios estrangeiros. A ABL tem como objetivo o cultivo da Língua Portuguesa. Somente em 04 de novembro de 1977 foi eleita a escritora Raquel de Queiroz para integrar a ABL, o que denota pouca atenção à literatura composta por mulheres. Raquel de Queiroz desbravou este terreno fértil porém, até então, pouco valorizado pelo universo das letras.



Imagem de Viagem e Turismo por Google



Imagem de Gatchenkoko por Freepik

Mulheres Pioneiras na Literatura Brasileira

A literatura composta por mulheres no Brasil, começou a surgir no século XIX, numa época que a expressão intelectual feminina não recebia qualquer reconhecimento. A luta continua, pois atualmente as mulheres da escrita buscam seu espaço que de forma desigual ainda é distribuído. Poucas autoras recebem a devida importância e mérito. A desigualdade de gênero é um tema antigo e atual, que se expressa pelo sexismo, misoginia e machismo. Está aí um problema que urge ser equacionado.

Sobre o pioneirismo das mulheres na Literatura, há que se destacar muitos nomes, alguns deles eu cito aqui:

Gilka Machado, Maria Firmina dos Reis, Julia Lopes de Almeida, Maria Carolina de Jesus.

Escritoras proeminentes do século 20:

Cecília Meireles, Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Hilda Hest, Marina Colassanti, Lyra Luft.

E salve as nossas heroínas das letras, de ontem, hoje e sempre!!!



Imagem de Senivpetro por Freepik

Vislumbres de Esperança para a Voz Feminina na Literatura Brasileira

O panorama atual na atmosfera vibrante da literatura brasileira tem sido enriquecido com o fortalecimento da escrita feminina no Brasil. As mulheres estão conquistando um espaço de forma sólida e gradativa, há acenos de esperança para nossas talentosas vozes femininas. A multiplicidade de vozes resulta em uma escrita complexa e envolvente criando narrativas que se tornam experiências únicas para o leitor. Somos

nós, os leitores, que saímos contemplados ao transitar nas mais variadas modalidades de escrita e nuances ricas em sensibilidade e mistério que as mulheres da literatura oferecem.

Muitas autoras têm experimentado com estilos e estruturas, misturando gêneros e convenções. O romance, a poesia e o conto se entrelaçam em obras que desafiam as expectativas convencionais.



Imagem de Muaz Sikder por Freepik

Passado e Presente Misturam-se no
Banquete Literário Oferecido por
Escritoras Imensas do Nosso País

Repito aqui que as mulheres ao longo da história tiveram que lutar para conquistar espaço na literatura. Nessa esfera, essa luta foi necessária pois em certo período a alfabetização foi negada às mulheres por ser vista como "coisa de homem". Fato esse que nos agride na condição de seres humanos.

Algumas autoras publicaram seus trabalhos sob pseudônimos masculinos e as que assinaram suas obras com seus verdadeiros nomes muito sofreram com sua dificuldade em publicar e obter alguma visibilidade nesse meio.

Não podemos esquecer que a literatura é o meio que mais pode representar a história de um país. E com o crescimento da voz feminina nesse universo quem ganha é a sociedade.

Imagem de Kcgdesigner009 por Freepik



Ler é expandir a consciência

"Ela era uma mulher que procurava um modo, uma forma. E agora tinha o que na verdade era tão mais perfeito: Era a grande liberdade de não ter modos nem formas".

(Clarice Lispector)

" Enquanto eu fiquei alegre, permaneceram um bule azul com um descascado no bico, uma garrafa de pimenta pelo meio, um latido e um céu

limpíssimo com recém -feitas-estrelas.

Resistiram em seus lugares, em seus ofícios, constituindo o mundo para mim, anteparo para o que foi acometimento: súbito é bom ter um corpo para rir e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo alegre do que triste.

(Adélia Prado)



Imagem de Fonc por Freepik

"Que este amor não me
cegue nem me siga.
E de mim mesma nunca se
aperceba
Que me exclua do estar
Sendo perseguida".

(Hilda Híst)

*"É sempre mais difícil
ancorar
Um navio no espaço."*

(Ana Cristina Cesar)



Imagem de Muslim por Pixabay

Cartilha da Cura

*"As mulheres e as crianças
São as primeiras que desistem
de afundar navios."*

(Ana Cristina Cesar)

Imagem de StockSnap por Pixabay



"Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias.
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico
Se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo

Sei que canto e a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa ritmada
Um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

(Cecília Meireles)



Imagem de Rawpixel.com por Freepik

Leia Mulheres

Em 2014 a ilustradora inglesa Joanna Walsh popularizou nas redes sociais a hashtag #readwomen2014, um projeto pessoal que consistia em ampliar seu contato com a produção de mulheres na literatura.

Essa iniciativa inspirou três amigas, Juliana Gomes (precursora no Brasil), Juliana Leuenroth e Michelle Henriques a abraçar essa campanha em São Paulo, na formação de clubes literários com este propósito: Ler mulheres.

O projeto cresceu e consolidou-se em 160 municípios (dados de 2021), e expandiu-se também no exterior. Aqui está uma bela sugestão ao querido

leitor que prestigia a revista @the_wolf_bard.

Forme seu clube de leitura com a premissa: Leia Mulheres. A razão: Prestigiar escritoras magníficas que muitas vezes atuam na obscuridade pelo único motivo de ter oportunidades menores comparadas aos homens.

Pessoas empáticas são mais felizes por compreenderem abertamente as variadas nuances da condição humana.

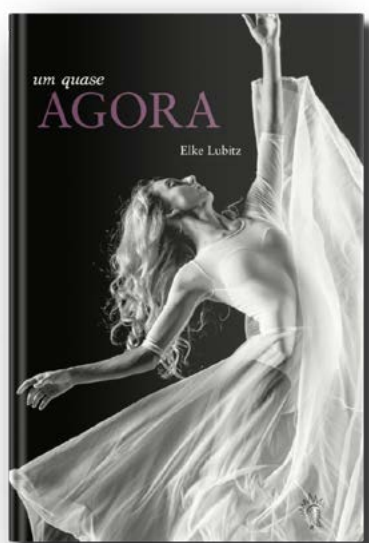
“ Ler nos humaniza”

Agradeço a equipe da The Bard e aos queridos leitores.

LIVRO DA AUTORA



COLUNAS E COLUNISTAS



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM



FACEBOOK



TWITTER



POST NO SITE



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



COLUNA Raízes DE MOÇAMBIQUE

09



Dany Amado Vasco



Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué na Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de revista interativa The Bard em Moçambique.

Bem-vindos à coluna Raízes de Moçambique, um espaço dedicado à celebração e exploração da rica cultura e herança do nosso país. Neste número, temos o prazer de apresentar um artigo especial que irá iluminar a vida e a obra de um dos ícones da arte moçambicana: Malangatana Valente Nguenha. Ao longo do texto, faremos uma viagem pelo seu breve historial, destacando suas contribuições inestimáveis para a arte e a sociedade.

Além disso, teremos uma entrevista exclusiva com o talentoso artista Mocks, que compartilhará suas inspirações e visões sobre o cenário artístico contemporâneo em Moçambique. Para enriquecer ainda mais nossa edição, incluiremos um conto fascinante e textos poéticos traduzidos na língua Xona, que refletem a beleza e a profundidade da nossa linguagem e tradições.

Acompanhe-nos nesta jornada que celebra a diversidade e a riqueza da cultura moçambicana!

Malangatana Valente Nguenha: Um Ícone da Arte Moçambicana

Malangatana Valente Nguenha foi um dos mais importantes artistas de Moçambique, conhecido não apenas por suas obras de arte vibrantes e ex-

pressivas, mas também por seu papel como poeta e defensor da cultura africana. Nascido em 6 de setembro de 1936, na localidade de Matalana, Malangatana se destacou em um período de profundas transformações sociais e políticas em seu país, especialmente durante a luta pela independência e a guerra civil.



Imagem de BigSlam por Google

Estilo e Temas Artísticos

O trabalho de Malangatana é reconhecido por suas cores ousadas e formas dinâmicas. Suas obras frequentemente abordam temas como identidade, justiça social e a condição humana, refletindo as experiências e os desafios enfrentados pelo povo moçambicano. Ele incorporou elementos da cultura

tradicional africana em seus trabalhos, criando uma fusão única entre a arte moderna e as raízes culturais africanas.



Imagem por Google

Malangatana utilizava técnicas mistas, incluindo pintura, colagem e desenho, o que lhe permitia explorar diferentes texturas e formas. Suas obras são carregadas de simbolismo, frequentemente representando a luta e a resiliência do povo moçambicano.



Imagem por Google

Contribuições e Legado

Além de seu trabalho como artista, Malangatana também foi um defensor ativo das artes em Moçambique. Ele acreditava no poder da arte como uma forma de resistência e conscientização social. Ao longo de sua vida, suas obras foram expostas em diversas galerias e museus internacionais, ajudando a colocar a arte moçambicana no mapa global.

Malangatana faleceu em 5 de janeiro de 2011, mas seu legado continua a inspirar artistas contemporâneos e a promover a cultura e a história de Moçambique. Seu impacto na arte e na sociedade é inegável, e ele é lembrado como um verdadeiro ícone da criatividade e da luta pela justiça.



Imagem por Google

INSTAGRAM



POST NO SITE



Otti, o louco?

Por Chabir Tadeu CT

Numa cidade, em que a maioria das pessoas não se importavam com a sujidade, deitavam os seus próprios resíduos em qualquer sítio e deixavam os contentores de lixo vazios. Pois, para eles a responsabilidade de recolher e organizar o lixo era exclusivamente do Município da cidade. Para eles o único culpado pelo lixo na cidade era o Município e o seu dirigente.

Certo dia, um homem visitava a cidade, enquanto caminhavam pela cidade o homem pergunta ao seu companheiro que o guiava naquela caminhada.

— Então amigo, onde deito isso?

O seu amigo olhou a mão do visitante que contia um pacote vazio de bolachas e de seguida olhou pelo chão e disse sorrindo.

— É só deitar no chão e o vento leva para onde quer que seja.

O visitante sem entender a atitude, questiona o seu amigo.

— Mas não é errado deitar o lixo no chão?

— Se é errado, eu não sei. Mas aqui o único culpado é o município que não faz o seu trabalho.

O visitante sem querer discutir com o seu amigo, deita o lixo no chão e continuam com a caminhada.

Caminharam por vários cantos da cidade e a situação da sujidade era quase a mesma em vários cantos, ate que passam por um bairro diferente dos outros, por incrível que pareça, era muito limpo, o visitante admirando aquela situação, apreciava como a rua estava limpa. Diante daquela vista limpa, ele vê um homem todo suado fazendo limpeza pela rua, falando palavras irreconhecíveis, sorrindo e fazendo gestos de saudação para quem passava por perto dele. Curioso pela atitude do homem, o visitante questiona ao seu amigo.

— Quem é aquele homem?

— Oh! Aquele, aquele é o Otti, o louco da cidade. Ele tem o habito de fazer limpeza de qualquer maneira.

Sem entender o titulo que deram ao homem, ele questiona ao seu amigo.

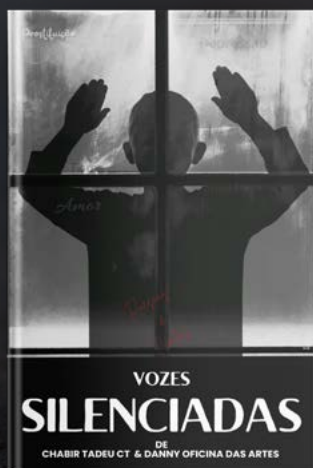
— O louco? Ele é considerado louco por manter a rua limpa? Por fazer limpeza do lixo que as pessoas deitam no chão?

— Si... Sim, por isso.— Responde o seu amigo com hesitação.

O visitando decepcionado, pergunta ao seu amigo.

— O louco é ele que limpa o nosso lixo ou nós que deitamos o lixo no chão?

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE





Fernando Jastene Sande, conhecido pelo nome artístico Fernando onthetrack produtor musical e vídeo, Sou natural de Gurué, Zambézia atualmente resido Vila de Ulongue, Angonia, Tete.

ENTREVISTA



MOCKS é um artista de música Rap, nascido aos 14 de Março de 2000, apaixonou-se pelo movimento do Hip Hop em 2013 quando ouviu o grupo de rap forçasuprema ngafs e prodigios. Conta uma história nas suas músicas, todo sobre o seu dia-a-dia nas suas obras musicais dificuldades que ele enfrenta e como ele agi para dar a volta de cada situação que enfrenta, assim ajudando e dando força aos outros que também passam por mesmas situações.

1- Fernando Jastene: Podes nos falar em poucas palavras, quem é Mocks?

Mocks: MOCKS é uma alcunha que me foi atribuído, devido ao meu próprio comportamento. MOCKS é uma ferramenta "computacional" posso assim dizer eu acho né, que um usado para testar novos sistemas/programações para avaliar o funcionamento de qualquer programa/aplicativo. E eu tenho esse hábito de testar/simular as pessoas para ver até onde a pessoa é capaz de chegar para alcançar alguma coisa e sou desafiador. Por isso essa Alcinha "MOCKS".

2- Fernando Jastene: Em que ano você começou no mundo musical?

Mocks: Em 2016.

3- Fernando Jastene: Qual foi a sua maior inspiração para começar a fazer rap?

Mocks: Mas comecei a levar a sério a carreira de rapper em 2018 quando comecei a frequentar studio profissionais. A minha maior inspiração surgiu quando ouvi o rapper NGA do grupo Força suprema, me identifiquei com ele, e vi que é possível transformar minha vida em musica em forma de desabafo.

4- Fernando Jastene: Como você descreveria seu estilo musical em três palavras?

Mocks: Meu estilo musical eu descrevo como: Vida, Retaliação e Liberdade.

5- Fernando Jastene: Quais temas você gosta de abordar nas suas letras?

Mocks: Eu gosto mais de abordar mais sobre, sacrifícios, trabalhos, atitudes que eu tomo em uma dada situação na qual vou me encontrar, nos meus pensamentos e assim ajudando direta/indiretamente os outros que estejam passando o mesmo que eu.

6- Fernando Jastene: Pode nos contar sobre o processo de criação de uma música sua?

Mocks: Para criação de uma musica minha é muito simples para mim, pois depende do momento ou circunstância que vou me encontrar para me inspirar num determinado tema... Não importa se é uma circunstância triste ou alegre, de ódio ou amor. Mas os dois lados de uma história tem sempre lado bom e ruim, e é uma questão de fazer o resumo dos momentos vividos, e o que esperar pela frente, contando com a realidade das coisas.

7- Fernando Jastene: Quais artistas você considera como referências na sua carreira?

Mocks: NGA, BOSS AC, MC K, LAYLIZZY e AZAGAIA (que descanse em paz).

8- Fernando Jastene: A sua cidade natal influenciou na sua música? Será que o recebe como deve ser?

Mocks: Bom, a minha cidade influenciou sim, mas não faço pela cidade, eu faço por mim e pelos que acreditam em mim. Pra mim é relativo.

9- Fernando Jastene: Você tem algum projeto futuro que possa compartilhar com os fãs?

Mocks: No dia 14.03.2025 teve o lançamento do EP "MÃO NA MASSA" que é feito para celebrar mais um aniversário de vida e 8 anos de carreira. Este EP conta com a participação de um rapper Brasileiro e um Moçambicano.

10- Fernando Jastene: Como você lida com a crítica e a recepção do público às suas músicas?

Mocks: Cada crítica serve como um aprendizado, e levo isso para o crescimento.

11- Fernando Jastene: O que você acha que é necessário para um artista ter sucesso na cena do rap hoje?

Mocks: Persistência e trabalho árduo naquilo que o artista acredita. Não siga moda.

12- Fernando Jastene: Qual mensagem você gostaria de passar para a nova geração de rappers?

Mocks: Que façam aquilo que acreditam ser o certo para eles e para a carreira deles, lembrar que a música é uma arte e arte é que identifica uma nação.

13- Fernando Jastene: Certo, para fechar tem algum comentário?

Mocks: Apenas agradecer pela oportunidade, e apoiar a iniciativa, dizer que estamos juntos ainda continuar a trabalhar para o que der e vier.

FACEBOOK



POST NO SITE





Dany Amado

Dany Amado Vasco conhecido pelo pseudônimo Danny oficina das artes, nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de gurué na província da Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais assim como internacionais. Colunista e representante da "Revista The Bard" em Moçambique.

PORTUGUÊS

O RITO DA MINHA TERRA

Nos campos vastos de Moçambique, a dança,
Canta o povo em coro, um eco de união,
Das ondas do Índico, surge a esperança,
Em rituais de amor, renasce a nação.

A vida pulsa em cada esquina e mercado,
Festas de Ngoma, a tradição a brilhar,
Nas vozes de ancestrais, o passado é sagrado,
E o presente é dor, mas também é lutar.

A luta pela paz, o suor na labuta,
A força de um povo que nunca se cansa,
Em cada vitória, a alegria que flutua,

E no horizonte, um novo amanhecer avança.
Oh, rito da terra, que a alma exulta,
Moçambique, meu lar, onde a vida é dança.

DIALETO KONA

RITE OF MY LAND

Muminda mikuru yeMozambique, kutamba,
Vanhu vanoimba mukoirá, maungira ekubatana,
Kubva mumafungu eIndian Ocean, tariro inobuda,
Mutsika dzerudo, rudzi runozvarwa patsva.

Hupenyu hunopfava pakona pese pamusika,
Ngoma Mhemberero, tsika inopenya,
Nemanzwi emadzitateguru, zvaka pfuura zvinoera,
Zvino marwadzo, asi zvakare kurwa.

Kurwira rugare, dikita mukushanda nesimba,
Simba revanhu vasinganeti,
Mukukunda kwega kwega, mufaro unoyangarara,
uye muchiedza, mambakwedza matsva anouya.

O, tsika yepasi, iyo mweya unofara mukati,
Mozambique, musha wangu, umo hupenyu huri
kutamba.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Filomena Sandra Nhandale, nascida aos 07/02/1998, natural Moçambique província de Maputo, escrevo e declamo, estudante do curso de enfermagem geral.

Filomena Nhandale

PORTUGUÊS

DIALETO XONA

A JUVENTUDE É A SEIVA DA NAÇÃO

YOUTH IS THE LIFEBLOOD OF THE NATION

Moçambique, Ora , Chora e implora

Mozambique, namata, chemera, kumbira, pwere dzarasi-
ka, Ko,

Os jovens estão perdidos,
Oh, o que será de Moçambique,
A nação em gritos contidos,
Caminhando por um abismo tão rico.

Mozambique, ichavei, Nyika inochema,
Ichifamba mugomba rakadzika-dzika.

Suicídios na noite escura,
O álcool e as drogas a seduzir,
Ai, como a dor é dura,
Um futuro que parece ruir.

Kuzviuraya murima usiku, Doro nezvinodhaka zvi-
nonyengera,
Oo, kurwadza kwakadini,
Ramangwana rinoita serichaparara.

O que será de Moçambique?
Se o poder nas armas ecoa direcionadamente
Enquanto os sonhos se tornam um bico,
E a esperança, aos poucos, enjoa.

Chii chichaitika kuMozambique?
Kana simba riri muzvombo richiita maungira akananga
Apo zviroto zvinova muromo, Uye tariro, zvishoma nez-
vishoma, inorwara.

Jovens empoderados em prantos,
Sem saber qual o caminho a tomar,
Quebrados em lamentos tantos,
A paz é um sonho a implorar.

Kupiwa simba vechidiki mukuchema,
Kusaziva nzira yekutora,
Kuputsika mukuchema kwakawanda,
Rugare ihope yekukumbira.

Em cada lamento, a tristeza ressoa,
Moçambique precisa de um novo tom,
Rimas de amor que nos perdoa,
Uma nação que dança no som.

Mukuchema kwese, kusuwa kunorira,
Mozambique inoda inzwi idzva,
Mitinhiro yerudo tikanganwirei,
Nyika inotamba ichirira.

FACEBOOK

POST NO SITE





Kelton Timana

Kelton Timana, engenheiro das palavras pseudônimo de kelton Samuel Timana nascido aos 11.03 .2003 na cidade de Maputo. Em 2019 ingressou na escola secundária da Machava- sede dando continuidade aos seus estudos abraçando as letras e ciências sociais, tendo concluído a 12ª classe no ano de 2020, e em meados do ano 2023 apaixonou-se pela literatura tendo se tornado poeta e escritor (...)

PORTUGUÊS

SINAIS DE PONTUAÇÃO INDICANDO DIREÇÃO PARA O TEU CORAÇÃO

(...)reticências faltaram -me palavras antes e agora, talvez se entre aspas eu colocar uma vírgula e separar os elementos serei capaz de respeitar os sinais de pontuação
Que se assentam sobre o teu coração

Não exclames ainda que seja surpresa para ti que eu queira colocar um travessão para que dialoguemos com os corações

Eu ti amo e se não acreditas posso colocar ponto e vírgula nesta frase para que acredites que sempre respeitei as orações

Talvez no final dessa declaração coloques um ponto de interrogação.

Mas acredite entre parentes curvos são rectos os meus sentimentos

Talvez me rejeites por ter te pego de surpresa é que quando te vejo tiro chapéu
Talvez seja complexo o que sinto, grave ou circunflexo o que se acentua no meu coração
Mas é que já preparei dois assentos no meu coração

Continuação no site...

DIALETO XONA

ZVIRATIDZO ZVEKUNYORA ZVINORATIDZA KUTUNGAMIRA KUMOYO WAKO

(...) ellipsis Ndakanga ndarasikirwa nemashoko kare uye ikozvino, zvichida kana ndikaisa koma pakati pezvinyorwa zvemashoko uye kupatsanura zvinhu ndichakwanisa kuremekedza zviratidzo zvepumikira Izvo zvinogara pamwoyo wako

Usadanidzira kunyange kana chiri chishamiso kwauri kuti ndinoda kuisa dash kuitira kuti tirege kukutendai kuti ndive nekutenda kuti ndinogona kukutendai nemoyo kuti ndagara ndichiremekedza minamoto Pamwe panoperera chirevo ichi muchaisa mubvunzo.

Asi nditendei, pakati pehama dzakakombama, manzwiwo angu akatwasuka. tichiverenga zvibereko zverudo rweedu Ita hongu, kuti nhasi ndipe pfungwa inoenderera kune rudo rwandinofanira

FACEBOOK



POST NO SITE





Zita Marnanda é uma talentosa poetisa e escritora, cujo amor pela literatura se entrelaça com sua jornada acadêmica na área da medicina. Atualmente no primeiro ano da faculdade de Medicina Geral, Zita busca equilibrar suas paixões por meio da escrita e do cuidado com a saúde.

Zita Marnanda

PORTUGUÊS

SEMPRE TU

Queria realmente te entregar aquela carta
não acabada,
Mostrar em meus versos que pode ser verdade,
Que não é como se eu não quisesse abafar o caso e
arquivar os dados...

Quisera mostrar-te a válvula de vida,
Aquele que acelerava sempre que vinhas, e...
Infelizmente parou desde que te foste,
Enferrujou!...

Ahhh...
Quem dera fosse um 13,
Se calhar seria mais belo,
Traria aquele significado que tenho
no coração guardado,
Não é como se ele não respirasse mais, mas está
a se afogar em sua própria melancolia!...

Minha utópica dor,
Veio como amor e deixou rancor,
Queria te ancorar aos meus pensamentos
e fazer de navio sua alma,
Talvez só assim seria para sempre!...

Continuação no site...

DIALETO XONA

ALWAYS YOU

Ini ndaida chaizvo kukuendesa iyo tsamba isina muga-
nho, iratidze mundima dzangu

kuti inogona kunge iri yechokwadi, iyo isiri senge ini
ndaizada kunyura

kunze uye kuchengetedza data ... ndaida kukurati-
dza vharafu yehupenyu, iyo yakakurumidza chero
payakauya, uye ... Nehurombo yakakumisa, ... uye aka-
siya ruvengo, aida kukusimbisai pfungwa dzangu uye
kuita mweya wako, zvichida izvo zvaizova chete ...

Ahff ... Kunyange kana ndichida kukanganwa, ma-
fungu anounza inzwi rako, mumhanzi mufaro wako,
unoziva ... zvakanana, ini handizokuzivisi

Tsoka dzakanyorova kuitira kuti ndirege kukuunza
pfungwa dzako, kwete kuita zvose

zvaunowanzoita, kuti ndikunyudze iwe zuva nezuva,
asi iwe zuva rega rega ndichiedza kukuyeuchidza iwe.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Magna Aspásia Fontenelle, professora e Mestre, graduada em Letras (Português/espanhol) e pós-graduada em diversas áreas. Residente em Uberaba-MG, atua como consultora educacional, palestrante, escritora, editora, pesquisadora com várias publicações em periódicos (inter)nacionais. É Doutora em Filosofia Universica e Doutora Honoris Causa em Literatura. É fundadora e Presidente da Academia de Letras do Brasil (ALB), Seccional Uberaba-MG, e presidente da Akademia Alternativa Pegasiane Brasil-Albânia. Membro de diversas Academias de Letras e colunista da Revista The Bard-'Coluna Nau Literária', Jornal Rol, Revista Poleart Brasil/Albânia. Agraciada com várias honrarias, incluindo o título de Cidadania Uberabense e o Grande Prêmio de Honra Gonçalves Dias. Recebeu também o título de "Condessa Fontenelle" pela Casa Real e Imperial dos Godos do Oriente em Exílio. Recebida como hóspede oficial do município de Paraguaçu Paulista-SP.

Bem-vindos ao Mar das Palavras

Navegantes das letras, sejam bem-vindos a bordo da Nau Literária, um espaço onde a arte da palavra encontra porto seguro e ganha asas rumo ao infinito. Este é o nosso ponto de encontro, um oceano aberto onde escritores, leitores e entrevistados tecem juntos as correntes que unem pensamentos, emoções e histórias.

Àqueles que se aventuram com a pena em mãos, dando vida a ideias e sentimentos, dedicamos nosso mais profundo respeito e admiração. Que este seja um lugar para ancorar sonhos e lançar novos projetos ao horizonte compartilhar visões, críticas e saberes, deixamos nosso convite para que sigam traçando rotas criativas que inspirem nossos leitores. Vocês são os timoneiros que nos conduzem por mares das descobertas.

Queridos leitores, fiéis companheiros de viagem, é por vocês que ajustamos nossas velas. Sintam-se parte dessa embarcação, onde cada página é uma nova paisagem, e cada palavra, um sopro de vida que transforma.

E aos entrevistados, capitães de suas próprias histórias, agradecemos por dividir conosco seus mundos e percursos. Que suas narrativas inspirem nossa tripulação a seguir navegando com coragem e curiosidade.

Nesta Nau, cada um de vocês é vento que impulsiona, corrente que guia, farol que ilumina. Que juntos possamos explorar os mistérios e as belezas da literatura, da arte e da cultura, cruzando fronteiras e descobrindo novas terras.

Levantemos as âncoras! Que esta jornada seja de sonhos compartilhados e de palavras que ecoem pelos quatro cantos do mundo.

Com gratidão e entusiasmo,

Jornalista Magna Aspásia Fontenele
MTE- 0023508/MG



Imagem de Gefoil por Freepik

POST NO SITE





Hekuran A. Rapaj, é professor, reitor, acadêmico, pesquisador, publicitário, escritor, poeta e oficial militar do Exército Albanês. Conselheiro de Segurança da Missão Diplomática de Paz e Prosperidade na Albânia, é graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Politécnica de Tirana e doutorado em História pela Universidade de Tirana. Possui mestrado em Segurança Militar pela Academia das Forças Armadas e especializações em linguística e história. Autor de várias obras e mais de 90 artigos publicados, destaca-se em investigação, ensaios e crítica literária. Foi agraciado com títulos como Embaixador da Paz pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos (OMDDH-RJ-Brasil) signatário da ONU e Causas Imortais pela Academia de Letras do Brasil, Seccional Uberaba-MG-Brasil.

“Na minha terra natal, quem a visita é tomada por uma sensação peculiar e uma inspiração literária que brota da alma, fundindo-se com as cores vibrantes da natureza repleta de flores e luz”

(-HekuranA.Rapaj,2025).

1



REVISTA THE BARD — Hekuran A. Rapaj, cidadão albanês e do mundo, conte-nos obre sua infância, adolescência.



HEKURAN A RAPAJ - Minha amada cidade natal, Shtepëzi, situada no distrito de Gjirokastra, é um lugar de beleza singular e magia natural. Shtepëzi, essa gloriosa varanda da Labëria, é onde o sol nasce e a luz nunca se extingue. Um lugar encantador, onde mulheres e homens se conectam com Deus, com as estrelas e com o universo. As crianças da aldeia crescem embaladas não por canções de ninar, mas pelo incessante chilrear dos pássaros, pelo balido das ovelhas e pelos aromas variados das flores e plantas medicinais que enriquecem o ambiente.

Na minha infância e adolescência vivi os melhores dias de minha vida, as manhãs agitadas, o frescor da montanha tingia nossas bochechas enquanto a orquestra dos pássaros nos envolvia na encosta chamada "Pé de Pássaro". Sob o canto das mães, partíamos para a escola com pão e queijo, abraçando nosso primeiro amor: o aprendizado. Na primavera, o ar se enchia do perfume

de flores e plantas medicinais, um milagre natural cuidado com dedicação humana. À noite, aguardávamos com curiosidade o retorno do rebanho vindo do pasto, atravessando o meu vilarejo, com o pastor à frente e, ao final, o cão "Gusho". Os balidos dos animais, junto com o som dos sinos e campainhas, formavam uma verdadeira sinfonia. Depois, como por magia, eles se separavam um a um da grande fila e seguiam para suas casas, até as cabanas cobertas de feno.

As mães, filhas e noras já as esperavam, prontas com potes para recolher o leite e ordenhá-las. O som rítmico do pilão de madeira, usado para bater o leite e extrair a manteiga e o leite ecoava no ar. Depois vinham o queijo e o iogurte, sob as cuidadosas canções das avós: uma sensação criativa única. Mas havia pobreza e sacrifícios. Esperávamos ansiosamente quando algum amigo recebia uma bola de futebol de plástico; o som do apito anunciava que era hora de nos alinharmos frente ao time adversário no campo de futebol. No final da partida, voltávamos de mãos dadas e abraçados às nossas casas, mesmo sob as críticas dos pais por termos ultrapassado o tempo permitido. E assim começava o horário das tarefas escolares, mergulhados em livros, cadernos e desenhos até tarde da noite.



2

**REVISTA THE BARD – Quando você iniciou seu processo criativo literário?**

HEKURAN A RAPAJ - Na minha terra natal, quem a visita é tomada por uma sensação peculiar e uma inspiração literária que brota da alma, fundindo-se com as

cores vibrantes da natureza repleta de flores e luz. Ali, até a noite perde seu significado habitual, enquanto a lua, cedendo espaço ao sol, parece pairar sobre nossas vidas, convidando-nos ao universo poético. Foi nesse ambiente que, ainda jovem, iniciei minhas primeiras tentativas de escritas criativas, escrevendo em páginas de caderno rasgadas, dialogando comigo mesmo, com amigos e com minha família, que se esforçava incansavelmente para me criar e educar.

Em meio ao ritmo intenso da vida, repleto de desafios e cores, não pude deixar de refletir e registrar essa dinâmica em palavras. Aos 10 anos, na 5ª série, comecei a escrever meus primeiros poemas, inspirados pela vida na aldeia, pela escola e pela cooperativa agrícola. Até a 8ª série, publiquei esses escritos no jornal “Pararoja”, do distrito de Gjirokastrë. Paralelamente, nutria um grande interesse por quadrinhos, enviando algumas criações pelo correio para a renomada revista albanesa de caricaturas “Hosteni”, em Tirana. Cursei o ensino médio em Tirana, na escola secundária Politécnica Militar “Skënderbeg”, onde convivi com jovens de diversas regiões da Albânia.

O ambiente era marcado pela disciplina rigorosa, o que nos ajudou a amadurecer precocemente e a equilibrar o tempo entre aprendizado, lazer, esportes e atividades criativas. Apesar de meu excelente desempenho acadêmico e das boas relações com colegas e professores, nunca abandonei minha paixão pela poesia e pela crítica literária. Minhas obras começaram a ser publicadas no jornal Drita, da Liga de Escritores e Artistas da Albânia, e no Zëri i Rinisë, da União da Juventude da Albânia. Momentos memoráveis surgiram, com meus poemas enriquecendo o canto literário da escola e recebendo elogios dos colegas e do professor de literatura, que me incentivou grandemente. Esse fluxo criativo tornou-se uma fonte constante de força e inspiração, iluminando minha alma, fortalecendo meu coração e abençoando meu futuro.

3

**REVISTA THE BARD – Sua literatura navega pelas experiências da vida, ou são técnicas?**

HEKURAN A RAPAJ - Minha trajetória de vida, que abrange áreas como engenharia, atividade criativa, carreira militar e acadêmica, é única e complexa. Essa experiência foi moldada pela minha origem, pelos meus

amados professores, pelo cuidado extraordinário dos meus pais e pela minha dedicação incansável. A escola secundária que frequentei era técnica e militar, com foco em engenharia de transportes militares, enquanto outra instituição ofereceu formação em engenharia mecânica. A Academia Superior de Defesa consolidou minha visão acadêmica sobre segurança, e a Faculdade de História e Fisiologia despertou meu interesse pelos estudos em relações internacionais, diplomacia e segurança internacional.

Apesar de minha carreira militar ser distinta, nunca deixei de atuar academicamente, lecionando ciências políticas, jurídicas, relações internacionais e diplomacia. Embora parecesse haver uma contradição entre minha profissão militar e minha vida acadêmica, alcancei os mais altos níveis em ambos os campos: como Comandante da Brigada de Transporte e Diretor de Transportes do Estado-Maior do Exército, e como docente, chegando ao cargo de reitor da faculdade de Direito. Minha biblioteca pessoal, repleta de poesia, contos, romances e textos científicos, continua sendo uma fonte constante de inspiração e criatividade, com livros que abrangem desde literatura técnico-engenheira até biografias de grandes figuras históricas.



4



REVISTA THE BARD — Conte-nos como se deu seu ingresso na Akademia Alternative Pegasiane Albânia?



HEKURAN A RAPAJ - Foi um dos momentos mais marcantes da minha vida, que, se eu tivesse perdido, jamais me perdoaria.

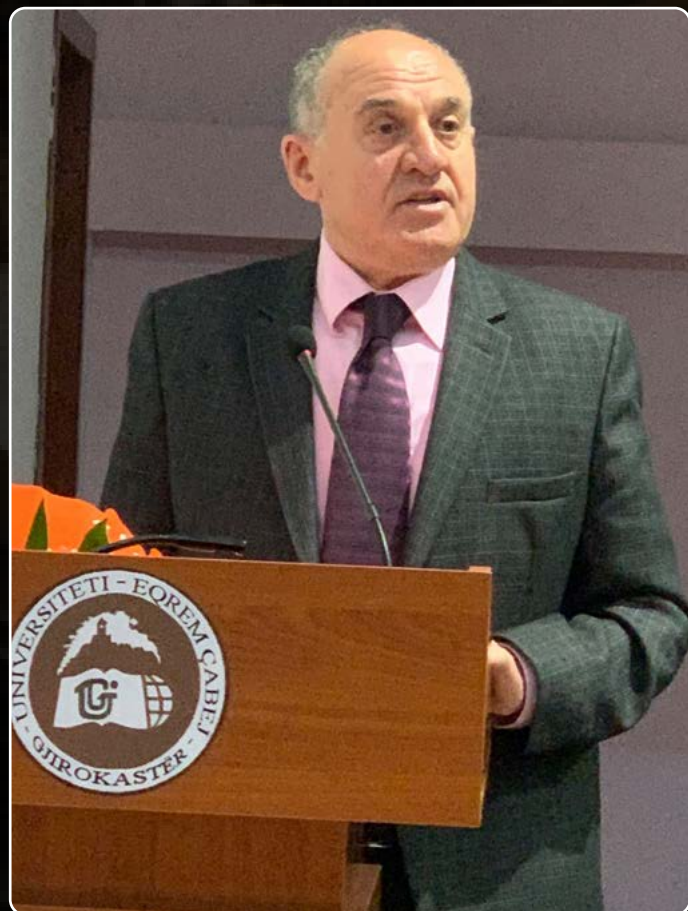
Era o início de 2013, e eu era professor na Universidade “Kristal” em Tirana. Tinha acabado de publicar o volume de poemas “Caderno de Juventude”. Os professores e colegas me incentivaram a fazer uma apresentação (lançamento) do livro nas instalações da universidade. Nesse período, conheci muitos amigos criativos, poetas e artistas, que me recomendaram conhecer o professor Kristaq F. Shaban. Demonstrando interesse por ele, como um girokastrita e patriota da minha cidade natal, fiquei também surpreso ao saber que o professor Kristaq era presidente da LNPSHA “Pegasi” na Albânia. Desde o primeiro encontro, a impulsividade, o espírito generoso e o apoio à cooperação do professor Kristaq me cativaram como por magia. Nos seus olhos, vi uma Eurídice¹, um criador com valores excepcionais em literatura, poesia, publicidade, ensaio e edição, além de ser um visionário na promoção dos valores criativos da literatura e da arte, tanto nacionais quanto internacionais. Este homem extraordinário, sempre inquieto, revelou a missão e o programa de médio e longo prazo para a LNPSHA “Pegasi” Albânia e a Academia Alternativa Pegasiana. Assim, o DNA criativo e o impulso humano me uniram para apoiar as metas e objetivos do professor Kristaq. Nesta instituição de criadores, conheci um mundo de poetas, literatos, artistas, pesquisadores e cientistas de diversas áreas e países. Com dedicação, cada um, em seu campo criativo, contribui diariamente para transformar energias, com o apoio do conselho de administração da Academia Alternativa Pegasiana, liderada pelo incansável Kristaq F. Shabani, indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2017, e de diversas instituições e organizações internacionais, incluindo os EUA.

A LNPSHA “Pegasi” Albânia é uma fonte inesgotável de criatividade, composta por criadores dignos que sabem

lançar mensagens importantes nos momentos em que a sociedade mais precisa. Com o reconhecimento de grandes nomes da literatura e da arte, promovemos valores em mais de 130 países ao redor do mundo. Desde então, o vínculo criado no primeiro encontro se tornou uma necessidade vital de cooperação, respeito, criatividade.

***Nota:

MA- ¹Eurídice- Ao usar essa referência, o autor eleva a pessoa que está descrevendo a um nível de beleza e importância quase mítico, e provavelmente sugere uma ligação emocional forte e significativa.





5

**REVISTA THE BARD – Quais escritores você considera que mais entendem a alma humana?**

HEKURAN A RAPAJ - Grandes obras criativas sobrevivem à turbulência do tempo porque permanecem conectadas aos problemas econômicos, sociais, históricos e políticos da humanidade, enquanto outras caem no esquecimento. É missão do criador alertar quando os assuntos de uma nação não estão bem, estando à frente para guiar a luta contra o mal, a pobreza, o terrorismo, o crime organizado e governos autoritários, em defesa da paz e do desenvolvimento.

As obras dos criadores contemporâneos antecederam a evolução, confrontando a corrupção, a poluição ambiental e a destruição dos valores tradicionais da vida, da sociedade, da nação, da família, da língua, da educação, da cultura e da história dentre outros.

A Albânia tem sido um país pobre e sofrido e sempre sob o domínio marcial de diferentes conquistadores. Assim, os criadores nunca se esgotaram, trazendo a verdade à luz do sol, desde a antiguidade, a Idade Média, o século XX e o presente. Seus nomes são exaltados com o passar dos anos. Como Naim Frashëri, Andon Zako Çajupi, Jeronim De Rada, Sami Frashëri, Fan Noli, Mijeni, Ndre Mjeda, Ismail Kadare, Dritëro Agolli, Kristaq F. Shabani, Fatos Arapi, Lasgush Poradeci, Mitrush Kuteli, Pashko Vasa, Sterio Spasse, Naum Prifri, e muitos outros, continuam a ser uma grande escola, uma inspiração constante para a nação albanesa. Portanto, todos os escritores entendem da alma humana, uns exploram esse tema com mais propriedade nos meios filosóficos, outros na literatura, de modo que a alma é essência vital do homem.



6

**REVISTA THE BARD – Conte-nos qual de seus livros mais te define?**

HEKURAN A RAPAJ - Sou um pouco enciclopédico por natureza. Pelo meu próprio caráter e visão de mundo educacional e cultural, bem como pela inclusão profissional e acadêmica, dominei e continuei minha escrita estando envolvido em diversas áreas. Isso me acompanhou em minha criatividade literária e acadêmica. Por exemplo:

Meu livro “Exército Albanês ‘97” é uma reflexão histórica e documental sobre aquele período dramático que meu país passou na primavera de 1997. Como resultado de uma absurda política antinacional do então governo, entre os muitos negros que a Albânia removeu, um desastre extraordinário foi a destruição do Exército Albanês.

Como militar oficial de carreira e como intelectual deste país, não pude vivenciar em silêncio esta catástrofe do mal para o exército. Tive a coragem de testar a minha lógica reflexiva e intelectual, sendo o primeiro albanês e, ao mesmo tempo, o primeiro militar oficial a publicar o livro repleto de reflexões e documentos da época.

O livro “Caderno da Juventude” é uma expressão poética que floresceu em minha adolescência. Sempre fui um apaixonado pela poesia. Com o tempo, minhas memórias escolares ficaram guardadas, comparáveis a alimentos esquecidos em um freezer: inicialmente frias, sem cheiro ou sabor, mas que, aquecidas, recuperaram forma, cor e essência. Assim são minhas lembranças adormecidas, repousando por anos nas páginas da memória.

Um dia, uma faísca provocada por minha neta, Lea Muça, trouxe essas recordações à tona, fazendo-as emergir e me transportar de volta aos momentos que pensei ter trancado no cofre do passado. Ao revisar antigos cadernos e diários, percebi que minha paixão pelo conhecimento e pela ciência é fruto de anos de esforço e sacrifício. O patriotismo sempre foi a base dessa criatividade, expressa em poemas dedicados à pátria, família, amigos e até em cartas de amor juvenil. Esses escritos refletem os sonhos e ideais de um jovem,



preparado para assumir com responsabilidade o peso de servir à sua pátria. Desde cedo, me dediquei a manter o transporte militar eficiente, estudando sua história desde 1912, com publicações como "História do Transporte Militar Albanês, 1912-1939" e "Transporte na Guerra de Libertação Nacional Albanesa, 1940-1945". Outros volumes e monografias estão em desenvolvimento.



7



REVISTA THE BARD — Conte-nos sobre seu país Albânia. Sua participação como cidadão albanês e militar nas relações internacionais. Parcerias são importantes? O ingresso da Albânia na comunidade europeia se efetivou?



HEKURAN A RAPAJ - A Albânia, embora pequena, é habitada por um povo antigo, presente em várias partes do mundo. Com uma longa tradição de hospitalidade e respeito por todas as raças, religiões e ideologias, os albaneses são cidadãos respeitados globalmente. O governo albanês, liderado pelo ativo e incansável primeiro-ministro Edi Rama, busca fortalecer relações diplomáticas com países vizinhos, como Itália, Grécia, Macedônia do Norte e Kosovo, enquanto cumpre as exigências da União Europeia para integrar plenamente o país ao bloco em um futuro próximo.

8



REVISTA THE BARD — Deixe uma mensagem para os leitores da Revista The Bard.



HEKURAN A RAPAJ - Uma mensagem de reflexão e compreensão: os livros que mais auxiliam são aqueles que mais nos levam a pensar. Assim, as vantagens das demandas almejadas são alcançadas por meio do trabalho árduo e do processamento contínuo de ideias. Desejamos pleno sucesso à revista The Bard e parabenizamos sua equipe pelo empenho. A publicação amplifica os resultados do esforço do LNPSHA "Pegasi" Albânia, assim como a frutífera colaboração entre a estimada professora Magna Aspásia Fontenelle e o professor Kristaq F. Shabani. A revista The Bard está, igualmente, ganhando reconhecimento em território albanês.

INSTAGRAM



FACEBOOK





COLUNAS E COLUNISTAS



LIVROS



MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

SITE



FACEBOOK



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





DAS CULTURAS TRADICIONAIS



Edna Brennand



Edna Gusmão de Góes Brennand – Possui Doutorado em Sociologia - Université Paris I Panthéon Sorbonne. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Realizou Pós-Doutorado nas seguintes Instituições: Université Catholique de Louvain-UCL Bélgica; Universidade de Valência, Espanha; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) Portugal. Coordena o grupo de pesquisa sobre Cultura Digital. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para abordagens interdisciplinares sobre cultura digital e sociedade.

A cultura alegre e vibrante do carnaval

O Carnaval na Cultura Tradicional

O Carnaval é uma das celebrações mais antigas e animadas do mundo. Possui registros históricos de que suas raízes estão presentes tanto em celebrações pagãs quanto em celebrações religiosas em todo o mundo. Ao longo dos processos históricos, tornou-se expressão cultural diversa, tendo em sua composição diversidades artísticas como músicas, danças, fantasias e tradições que variam de cultura para cultura. Suas origens estão registradas de diversas formas desde o culto agrário para afugentar os demônios e garantir boas colheitas em celebrações da Antiguidade, como os rituais egípcios das festas dedicadas à deusa de Ísis (deusa da magia e da ressurreição) e do boi Ápis (deus da fecundidade e do renascimento). Entre os greco-romanos, em honra a Dionísio, considerado o deus do vinho e da fertilidade e responsável pela fartura e prosperidade dos povos gregos. As chamadas Saturnália eram feitas em homenagem ao deus maior Saturno (deus da agricultura). Era festa dedicada a Baco, na mitologia romana. Exu, sob uma perspectiva moderna na mitologia yorubá.



Imagem de u_njc9a3kvvh por Pixabay

A análise de sua historicidade mostra que o carnaval como festa pagã era renegada pela Igreja Católica. No século XV o Papa Paulo II autoriza a ocorrência da festa na Via Lata em Roma. A partir daí, foi incorporado à tradição cristã, tornando-se um período de celebração antes da Quaresma. É uma data móvel e ocorre 47 dias antes da celebração da Páscoa. O domingo de Carnaval deve ser marcado no

sétimo domingo antes do domingo de Páscoa. A origem do nome Carnaval vem do italiano “carnevale”, que significa “tirar a carne”, que não é consumida na Quaresma cristã (Arantes, 2013).

Diversas culturas desenvolveram suas próprias formas de festejar o Carnaval, refletindo influências históricas locais, regionais e nacionais.



O carnaval pelo mundo

O Elegante Carnaval de Veneza, na Itália, se destaca pelo uso de máscaras elaboradas e trajes luxuosos que remetem ao século XVIII. A festa, que tem origem na Idade Média, é marcada por bailes de máscaras e desfiles pelas ruas e canais da cidade, atraindo turistas do mundo todo. Na França, o colorido Carnaval de Nice é um dos mais tradicionais. Combina desfiles de carros alegóricos decorados com flores, música e festividades ao ar livre. A "Batalha das Flores" é uma das atrações mais emblemáticas do evento. O alegre Karneval e Fasching na Alemanha é celebrado com desfiles, festas de rua e muita sátira política. As cidades de Colônia, Düsseldorf e Mainz são famosas por seus desfiles animados e fantasias criativas. Nos Estados Unidos, o vibrante Mardi Gras (terça-feira Gorda) em Nova Orleans é a mais expressiva versão norte-americana do Carnaval. Registram-se exuberantes, fantasias brilhantes e festas que tomam conta das ruas da cidade. As cores tradicionais do evento: roxo, verde e dourado representam justiça, fé e poder.

No Caribe, o ritmo do carnaval contém tradições carnavalescas marcantes, com festas em Trinidad e Tobago, Barbados e República Dominicana. Essas celebrações são influenciadas pela cultura africana, com ritmos como calipso e soca, além de desfiles e fantasias coloridas. Na África, a celebração do carnaval combina elementos da cultura africana, europeia e asiática. Os mais importantes são o Carnaval de Calabar, na Nigéria, e no Kaapse Klopse, na Cidade do Cabo, na África do Sul e em Angola. Inclui desfiles de carros antigos, concursos gastronômicos, desfiles de moda, danças tradicionais, festival de máscaras, apresentações musicais e competições esportivas.



Imagem de Annette por Pixabay

O carnaval no Brasil

O Carnaval é uma das manifestações culturais mais importantes do Brasil, sendo muito mais do que uma simples festa. Constitui-se um reflexo da diversidade, da criatividade e da história do povo brasileiro. Sua influência se estende para além dos dias de folia, impactando a música, a arte, a economia e a identidade nacional.



Imagem de Priscila Costa por Pixabay

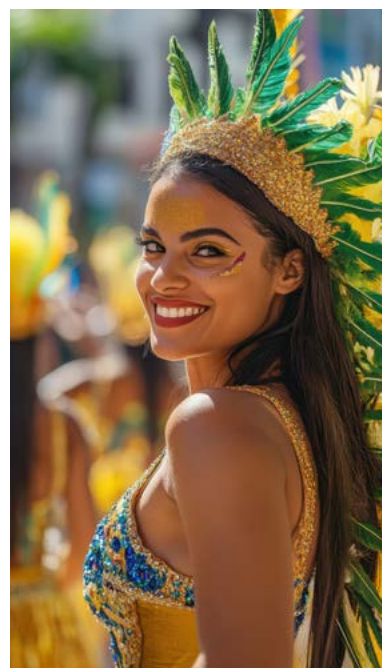


Imagem de Bramjanssens por Freepik

O Carnaval brasileiro do samba e da alegria é um dos mais famosos do mundo, conhecido pelos desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro e em São Paulo, além dos blocos de rua em cidades como Salvador e Recife. Misturando influências africanas, indígenas e europeias, a festa se destaca pela música, pelas fantasias e pela energia contagiante.

Sua história remonta ao período colonial, quando as festas trazidas pelos portugueses se misturaram às expressões culturais indígenas e africanas. O "Entrudo", uma brincadeira popular de origem portuguesa, foi uma das primeiras formas de Carnaval no país, caracterizando-se por jogos com água, farinha e limão. No século XIX, o Carnaval começou a tomar novos formatos com a influência dos bailes de máscaras europeus e das marchinhas populares. No início do século XX, o samba, gênero musical de raízes africanas, consolidou-se como a trilha sonora da festa, dando origem às primeiras escolas de samba no Rio de Janeiro.

“O carnaval é a celebração da alegria contagiante, onde cores, ritmos e tradições se encontram em uma explosão de cultura vibrante.”

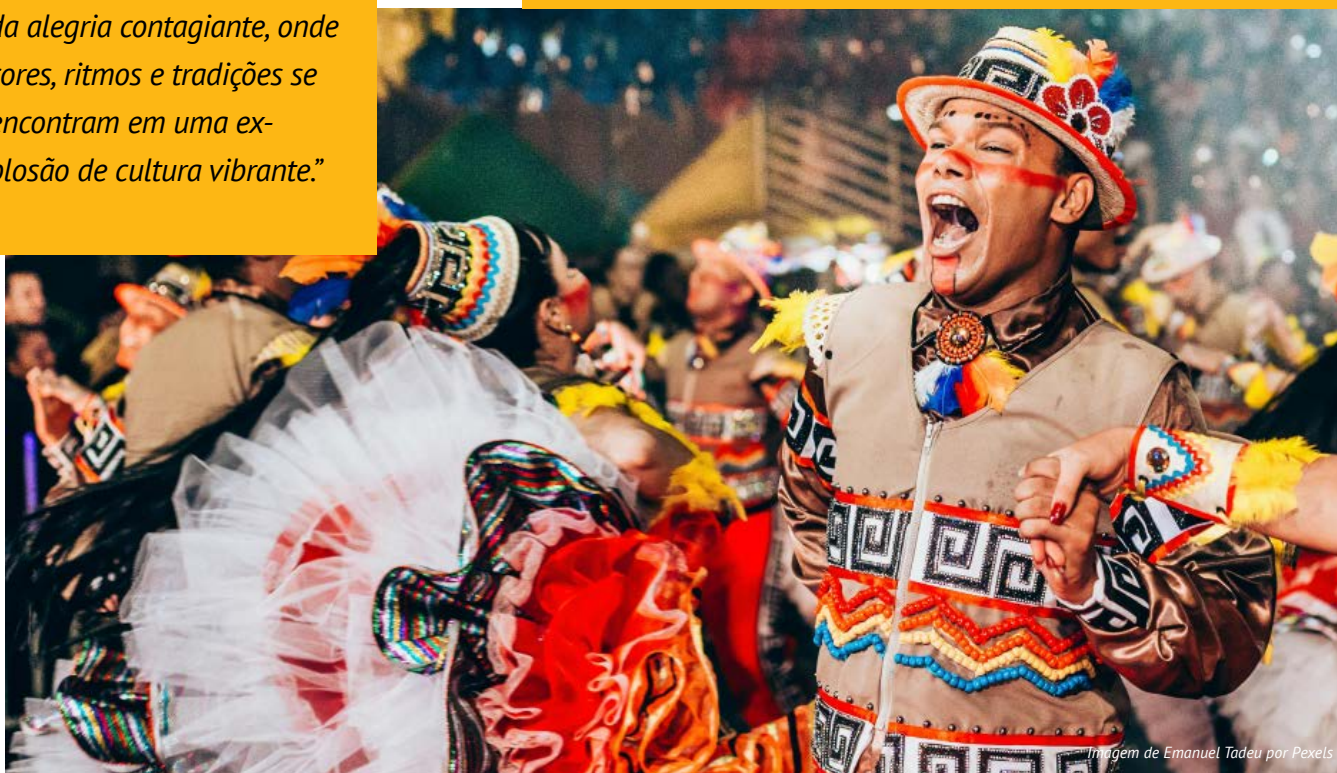


Imagem de Emanuel Tadeu por Pexels

Festejado em todo o país, o carnaval arrasta milhões de foliões que se divertem de variadas formas nas diferentes regiões. Nas grandes e pequenas cidades, as pessoas de distintas idades, sexo, cor, classe econômica e religião se reúnem em blocos, cortejos, escolas de samba, bailes, com ou sem máscaras e fantasias, e se divertem cantando e dançando. Além da festa e da folia, o Carnaval também tem um papel social e econômico, movimentando setores como o turismo, a moda e a música. A tradição carnavalesca reforça laços comunitários

e preserva a memória cultural por meio da criatividade e da expressão artística. Além de sua importância cultural, passou a ter grande relevância econômica, pois movimenta a indústria de turismo e outros setores que fornecem produtos e serviços para a festa, gerando quantidade enorme de empregos. O Carnaval tem uma importância singular, combinando elementos indígenas, africanos e europeus. As festas de rua, os blocos carnavalescos e os desfiles das escolas de samba são algumas das expressões mais conhecidas dessa celebra-

ção. Em cidades como Rio de Janeiro e Salvador, a festividade ganha proporções grandiosas, enquanto em outras regiões, como Pernambuco, destaca-se o frevo e o maracatu, fortalecendo a identidade cultural local. Mesmo com a modernização e a influência de novas formas de celebração, o Carnaval tradicional continua sendo um dos pilares da cultura popular, simbolizando a alegria, a liberdade e a diversidade da população brasileira (RIBARD, F. P. G., 2022)

A festa carnavalesca é um espelho da identidade cultural brasileira. Cada região do país tem sua própria maneira de celebrar: no Rio de Janeiro e São Paulo, os desfiles das escolas de samba são o ápice da festividade, misturando arte, dança, música e narrativa. Em Salvador, o Axé traz às ruas os trios elétricos e os blocos comandados por artistas de axé music que transformaram o Carnaval baiano em um dos mais animados do Brasil. Em Pernambuco, o frevo, o maracatu e os

bonecos gigantes fazem do Carnaval de Recife e Olinda uma festa rica em cultura popular. Nas regiões Norte e Nordeste, o Boi-Bumba e as festas de influência indígena dão ao Carnaval dessas regiões um toque único. Além dessas manifestações, há festas tradicionais em Minas Gerais, com blocos de rua que resgatam marchinhas antigas, e em várias cidades do interior, onde as tradições se mantêm vivas de geração em geração (CARVALHO, C.A. E MADEIRO. 2025)



Imagem de Frevo – Recife por Jovem Pan

A tradição das Escolas de Samba

As escolas de samba são uma das maiores expressões culturais do Carnaval brasileiro, combinando música, dança e artes visuais em desfiles grandiosos que encantam multidões. Surgidas no início do século XX, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, essas agremiações carnavalescas têm raízes na cultura afro-brasileira e se tornaram um símbolo da identidade nacional. O samba, ritmo trazido e desenvolvido por descendentes de africanos ao Brasil, ganhou força no início do século XX nas festas e terreiros do Rio de Janeiro. Em 1928, foi fundada a primeira escola de samba, a “Deixa Falar”, no bairro do Estácio, considerada precursora do modelo de desfile que conhecemos hoje. A partir daí, outras escolas surgiram e os desfiles se tornaram cada vez mais organizados e competitivos.

Os desfiles das escolas de samba são eventos altamente planejados, nos quais cada agremiação apresenta um enredo, ou seja, uma história contada por meio da música, das alegorias e das fantasias.



Imagem de atelierlouisecostume por Pixabay



Imagem de Mestre-sala e Porta-bandeira por Agência Brasil – EBC

Os elementos principais de um desfile incluem: o Samba-enredo é a canção que narra a história apresentada pela escola; a Bateria é formada por um grupo de percussionistas que dá ritmo ao desfile, e é considerada o "coração" da escola; o Mestre-sala e porta-bandeira apresenta um casal responsável por conduzir e apresentar o pavilhão da escola; as Alegorias e adereços contêm carros alegóricos e fantasias luxuosas que ajudam a contar a história; a Comissão de frente é formada por um grupo coreografado que abre o

desfile, representando uma introdução teatral ao enredo. Atualmente, os desfiles mais famosos acontecem no Sambódromo do Rio de Janeiro, projetado por Oscar Niemeyer, e no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo. Outras cidades, como Porto Alegre, Florianópolis e Manaus, também realizam grandes desfiles. As escolas competem entre si em categorias chamadas "grupos", sendo o Grupo Especial a elite do Carnaval. Cada detalhe do desfile é avaliado por jurados, e a pontuação final determina a campeã do ano.



Imagem de Google

As escolas de samba são muito mais do que uma atração de Carnaval. Elas funcionam como verdadeiras comunidades culturais. Durante todo o ano, promovem ações sociais, oficinas de música e dança e mantêm viva a tradição do samba. Além disso, o Carnaval movimenta a economia, gerando empregos e incentivando a indústria criativa.

Considerações finais

O Carnaval influencia fortemente a produção cultural brasileira. Sambas-enredo, axé music, frevo e marchinhas carnavalescas são parte essencial da identidade musical do país. Muitas músicas lançadas no Carnaval tornam-se verdadeiros hinos populares. A arte também está presente nas fantasias, nos carros alegóricos e nas expressões visuais da festa carnavalesca. O trabalho de carnavalescos, estilistas e artistas plásticos transforma os desfiles em verdadeiras obras de arte ao ar livre. O Carnaval não é apenas festa, é também um grande motor econômico. Turismo, indústria do entretenimento e pequenos negócios são beneficiados. A produção dos desfiles e blocos gera milhares de empregos em áreas como confecção de fantasias, montagem de estruturas e produção musical. Além disso, muitas escolas

de samba funcionam como centros comunitários, promovendo projetos sociais, cursos de capacitação e atividades para jovens em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, o Carnaval se torna um agente de transformação social. É um dos maiores símbolos da cultura brasileira. Ele expressa a alegria e a criatividade do povo, mantém vivas as tradições ancestrais e movimenta a economia do país. Mais do que uma festa, é um patrimônio cultural que reflete a essência do Brasil: diverso, vibrante e acolhedor. A tradição das escolas de samba representa a força do povo brasileiro, a criatividade e a resistência cultural. A cada ano, os desfiles encantam milhões de espectadores e mantêm viva a essência do Carnaval como uma celebração da identidade nacional.



COLUNAS E COLUNISTAS

EDNA BRENNAND

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



LINKEDIN



POST NO SITE



07

**CRIS GOMES**

Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ

Para este questionamento que venho me fazendo há algum tempo, a resposta é sempre afirmativa. Mostra-se muito nítida a certeza de que o universo é grande demais para apenas uma raça habitá-lo. É muita prepotência acreditar que somente os humanos detêm o direito de reinar absolutos na imensidão desse sistema ou em outros ainda.



Imagem de Freepik

Dominamos o planeta e passamos pelas eras da pedra, do fogo, dos metais, da informação e galgamos degraus rumo à nova era que se desenha à nossa frente: a era da inteligência artificial; ainda assim engatinhamos quando o assunto é a existência de seres de outros mundos e a ideia negacionista afasta qualquer perspectiva plausível de convivência entre nós e eles. Surreal ou não, o fato é que cada dia

mais, ouvimos histórias a respeito da existência de seres de outros mundos. Sabendo que o universo tem mais de 2 trilhões de galáxias, isso torna a possibilidade de vida extraterrestre muito alta, embora ainda não haja evidências definitivas além dos limites do planeta Terra. A questão em pauta não é “se”, mas “quando” os cientistas conseguirão efetivamente comprovar tal fato.

Segundo Jacques Vallée, um renomado pesquisador dos fenômenos OVNI, eles não são apenas espaçonaves extraterrestres, mas parte de um espectro mais amplo, possivelmente interdimensional ou psíquico. Ele afirma que os OVNI podem não ser simples espaçonaves alienígenas, mas sim manifestações de uma realidade paralela ou interdimensional que interage com a nossa. Tal teoria revolucionou a ufologia, pois propõe que essas criaturas não são apenas visitantes de outros planetas, mas um fenômeno bem mais profundo e enigmático que abre possibilidades para manifestações interdimensionais, energéticas ou parte de um sistema de controle que influencia a humanidade.



Imagem de Karenori por Pixabay

Há diversos pesquisadores que defendem outras teorias e abordagens sobre o fenômeno OVNI; teorias essas que foram propostas ao longo de décadas, além da teoria de Jacques Vallée. Cada uma oferece uma visão diferente sobre a natureza dos OVNI e a possibilidade de vida extraterrestre. Algumas versam sobre realidades alternativas e dimensões paralelas, outras sobre portais interdimensionais, outras ainda sobre manipulação psicológica de larga escala ou deuses astronautas que ajudaram civilizações antigas, enfim há inúmeras teorias escancaradas à nossa frente suscitando o medo coletivo, controle da mente, abdução e viagens astrais, mas todas têm um ponto em comum: o fascínio pelo desconhecido.



Imagem de User10860774 por Freepik

Já que a humanidade considera-se senhora do sistema solar que habita, é imperioso não desencadear pânico nas pessoas, dessa forma as informações são sempre controversas e os detalhes distorcidos a fim de que haja a todo momento a dúvida, o que tranquiliza a grande massa que ainda não está preparada para essa nova página na História.



Imagem de Thetrimhub por Freepik



Imagem de Piranka por iStock

É curioso como o ser humano teme e ao mesmo tempo busca conhecer e se conectar com outras formas de vida. Essa dualidade motiva curiosos e promove movimentos de ocupação em cidades consideradas portais para conexão interestelar. Aqui no Brasil, na região sudeste, há várias localidades que se destacam por seu histórico de avistamentos de OVNI, fenômenos inexplicáveis e até mesmo por seu apelo para pesquisas sobre vida extraterrestre. Algumas têm sido associadas à busca por contato com extraterrestres ou fenômenos paranormais, atraindo pesquisadores, entusiastas de ufologia e curiosos:

- Varginha/ MG é um desses locais que se tornou conhecido no Brasil e no mundo com o caso Varginha em 1996. A cidade hoje é um polo de pesquisa sobre ufologia e é considerada a "capital dos OV-

NIs" no país, com muitos eventos e exposições sobre o caso.

- São Tomé das Letras/MG é outro local conhecido por suas lendas místicas, energia espiritual e avistamentos de OVNI. Segundo moradores, há um campo magnético incomum que atrai teorias sobre a presença de extraterrestres ou outras inteligências.

- Ilha de São Sebastião/SP é outro local muito procurado por ufólogos e pessoas interessadas no fenômeno OVNI. Há relatos de avistamentos de luzes misteriosas e outros fenômenos inexplicáveis.

- Ubatuba/ SP é um dos locais de avistamentos de OVNI mais conhecidos no Brasil, especialmente devido ao famoso caso ocorrido em 1957. A cidade tem diversas áreas de preservação ambiental e praias onde são realizados encontros e observação de fenômenos misteriosos.



Imagem de Um dos monumentos criados em Varginha por Wikipedia



Imagem de Porapak Apichodilok por Pexels

Há uma série de outros locais em diversas regiões do país que também são palco para observação, encontros, conferências e principalmente, avistamentos de fenômenos misteriosos que despertam o

interesse de estudiosos, pesquisadores e principalmente de curiosos a respeito do assunto. Cada local com suas histórias e particularidades, mas todos com semelhantes relatos.

Em países como Estados Unidos, Argentina, Austrália, México, Rússia, também foram relatados casos relacionados ao assunto, movimentando pesquisadores e cientistas até os locais para estudar e observar.

O fato é que a comunidade científica se debruça sobre esses fenômenos e vive em busca de provas para ratificar de uma vez por todas a existência de vida além da humana. Fico me perguntando, qual será o próximo passo depois que se comprovar a existência de vida além da Terra? Será criar laços,

aprender novas tecnologias, promover coexistência pacífica, formar parcerias ou explorar, manipular e aprisionar? Seremos os senhores ou os escravos? Nossa tecnologia será superior e ofereceremos misericórdia e escola ou perceberemos nossa inferioridade e ficaremos acuados com medo da manipulação? A Terra será lar ou prisão? Nossa relação será amistosa ou predadora? A inteligência deles será superior à nossa? Terão eles armas com tecnologia desconhecida por nós? Vêm em missão de paz ou querem nos subjugar?

Será que a hipótese interdimensional, proposta por J. Allen Hynek, astrônomo e consultor científico dos estudos de OVNI's da Força Aérea dos EUA, de que os OVNI's e fenômenos associados podem proceder de outros universos que coexistem com o nosso, podendo estar coabitando conosco na Terra e transcendendo tempo e espaço, abrirá caminho para discussões cada vez mais acirradas? Parece "coisa" de cinema essa história de universos paralelos... e, por isso, personagens e tramas vêm à minha mente e como nas telas, essa multiplicidade de mundos suscita ações e realidades complexas demais para os meros mortais humanos. Pensem comigo - se é complicado lidar com uma realidade, imaginem várias onde nada é o que parece e tudo é apenas uma parte do todo. Imaginem múltiplos universos, cada com suas próprias versões de nós mesmos... isso desafia-

ria nossas noções de identidade e existência. Seriam diversas versões de cada pessoa coexistindo em mundos paralelos. Loucura, não acha? Pensando bem, creio que o termo mais adequado é fantástico. Essa complexidade parte da ficção como em Alice no país das maravilhas, Coraline, A torre Negra ou Dr. Estranho ou é o contrário? Voltando ao questionamento inicial, penso que estar sozinho no universo é algo pouco provável. Se há paralelismo ou não, se eles estão entre nós ou não; se manipulam nossas realidades ou não; se são superiores a nós ou não, o que conta é que a corrida para a nova era já começou, quer queiramos ou não. Não adianta querer fincar o pé no chão e se recusar a aceitar. Essa questão é mais real que imaginamos. Definitivamente não estamos sós e ponto final. Todo o resto é apenas uma questão de tempo.



Imagem de PhotoTeo por Freepik



Imagem de Nomannoor943 por Freepik

Você pode me dizer que não acredita em nada disso, que não há comprovação nenhuma, mas é no mínimo, interessante ou curioso, como autoridades do mundo todo insistem em negar e/ou esconder informações, imagens, pesquisas e relatos a respeito do assunto; ou então como têm aparecido tantas pessoas importantes no cenário mundial discutindo ou revelando informações sobre áreas secretas ou construindo máquinas para explorar e habitar outros planetas.

Estranho é o mínimo que se pode dizer a respeito. Há um algo a mais por trás de ações que envolvem fortunas e homens bilionários. Apenas pesquisa? Não sejamos ingênuos a ponto de acreditar que esses poderosos, sem nenhum interesse particular, "doam" seu dinheiro. Pare, pense e comece a prestar mais atenção. Filtre as fontes de suas pesquisas e depois me conta se conseguir unir os pontos dessa espiral de possibilidades. Fique atento e boa pesquisa!

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





BETH BALTAR



Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora da Literatura de Cordel. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, cadeira n. 52.

Das feiras livres às cordeltecas

A literatura de cordel é uma fascinante expressão cultural que tem suas raízes plantadas na tradição oral, principalmente no sertão nordestino do Brasil. Essa forma de literatura popular é caracterizada por sua simplicidade, ritmo cativante e narrativas envolventes. O termo “cordel” vem da prática de pendurar folhetos com histórias, poemas e notícias em cordas ou varais, onde eram vendidos nas feiras, como exemplo a Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro e mercados, muitas vezes acompanhados por declamações eloquentes dos vendedores, conhecidos como “cordelistas”. A forma como os cordéis eram vendidos, foi determinante na disseminação desse tipo de literatura, cujo estilo era marcado pela métrica e rima simples, recitados oralmente o que facilitava a memorização.

Feira de São Cristóvão – Rio de Janeiro



Imagem de Flickr

Vejamos o que tem nas Feiras Livres, pelo Poeta Chico Fábio:



Imagem de Google

Com o surgimento da imprensa os folhetos passaram a ser impressos em papel. A passagem dos versos para a escrita, no entanto, nunca retirou da tradição o caráter da oralidade, que é característica essencial do cordel até os dias de hoje.

O primeiro cordelista a imprimir seus versos foi Leandro Gomes de Barros (1865-1918), um dos maiores nomes desse estilo literário. Seu folheto foi impresso em 1907 e nas décadas seguintes foram surgindo várias editoras de cordel, possibilitando a produção em maior quantidade e distribuído em diversas regiões, ampliando seu público e permitindo que aspectos importantes da cultura nordestina fossem registrados e preservados.

Mesmo com os desafios enfrentados com outras formas de entretenimento e pela disseminação da cultura digital, observamos que a literatura de cordel também se adapta, sem perder sua essência, aos tempos modernos, entretanto necessita ser preservada para as futuras gerações. Para isto, são criados espaços para divulgar e preservar a Literatura de Cordel, um patrimônio cultural brasileiro: as **Cordeltecas**.

Vamos conhecer algumas Cordeltecas?

Cordelteca Maria das Neves Baptista Pimentel



Imagem de Google

Inaugurada em 2019, na Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - Ceará, em homenagem Maria das Neves Baptista Pimentel, a primeira mulher a publicar um folheto de cordel (1938), com um acervo de 1.606 títulos e 3.173 exemplares de folhetos de cordel disponíveis para consultas locais pela comunidade em geral.

Cordelteca Arievaldo Viana



Inaugurada em 2024, na Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE), em homenagem ao Poeta Arievaldo Viana, idealizador do projeto “Acorda Cordel na Sala de Aula”, que tinha como objetivo levar o cordel para as escolas. Com um acervo de 1.192 títulos e 1.600 exemplares de folhetos de cordel.

Cordelteca FMS



Imagem de Google

Localizada na Biblioteca Central da Faculdade de Medicina do Sertão (FMS), na cidade de Arcoverde – Pernambuco. O acervo de cordel está em desenvolvimento e estão disponíveis para consultas locais pela comunidade em geral.

Cordelteca Raquel de Queiroz

Inaugurada em 2021, na Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em homenagem a escritora regionalista Raquel de Queiroz, primeira mulher a

ingressar na Academia Brasileira de Letras e a receber o Prêmio Camões.



Imagem de Google

Cordelteca Poeta Edmilson Providência

Inaugurada em 2021, localizada na Biblioteca Prof. Luis Palhano Loiola da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Cratêus (FAEC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em homenagem ao Poeta Edmilson Providência, Compositor, Radialista, Professor de Matemática Antonio Edmilson de Sousa Lopes. O acervo é formado por 180 folhetos de cordel, doados por cordelistas, populares, organizações culturais e instituições públicas.



Imagem de Google

Cordelteca dos Inhamuns

Inaugurada em 2021, na Biblioteca da Faculdade de Educação, Ciências e Letras dos Inhamuns – CECITEC, na cidade de Tauá – Ceará, com um acervo de folhetos de cordel dos Poetas da Região dos Inhamuns e, aberta à visitação da comunidade acadêmica.



Imagem de Google

Cordelteca Gonçalo Ferreira da Silva

Uma iniciativa de um garoto, na época, com 13 anos, Pedro Popoff (Pedro Cordel), um apaixonado pela cultura nordestina, na cidade de Bauru – São Paulo.



Imagem de Google

Cordelteca do Instituto Federal de Sergipe

Inaugurada em 2022, na Biblioteca do Instituto Federal de Sergipe, com objetivo de facilitar mais o acesso a Literatura de Cordel, com trabalhos de diversos escritores, para toda comunidade, que passa pelo Campus Propriá – Sergipe.



Imagem de Google

Cordelteca Poeta Djalma Mota

Inaugurada em 2016, no Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em homenagem ao Poeta Djalma Mota que doou seu acervo pessoal, com 600 títulos de cordéis, além de acervos do Monsenhor Tércio e da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com o objetivo de salvaguardar folhetos de cordel em um espaço para estudos, pesquisas e encontros de cordelistas. A Cordelteca possui um acervo com mais de dois mil títulos de folhetos de cordel.





Imagem de Google

Cordelteca Alda Cruz

Inaugurada em 2022, no Centro de Excelência Manoel Messias Feitosa, em Nossa Senhora da Glória, no alto sertão sergipano, em homenagem a poeta, professora e cordelista Alda Cruz. Uma iniciativa a partir do Projeto “Representação da Mulher no Cordel”, com o objetivo de popularizar o legado feminino do cordel em escolas públicas.



Imagem de Google

Cordelteca Itinerante

Inaugurada em 2023, a Cordelteca Itinerante idealizada pela Cordelista paraibana Aurineide Alencar, que reside no Mato Grosso do Sul, desde 1990. O acervo é composto por folhetos de cordel, livros e antologias do gênero cordelista, venda de livros autorais da escritora e cordéis de outros cordelistas brasileiros, cujo acervo é composto por cordéis autorais e mais de dois mil títulos de folhetos de cordel clássicos e contemporâneos de cordelistas de todo o

Brasil. A ação faz parte do projeto “Caravana Cultural de Cordéis – Cordelteca Itinerante” em Dourados (MS), incentivado pelo Fundo de Investimentos à Produção Artística e Cultural.

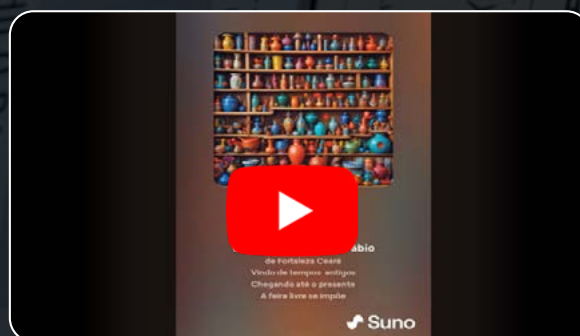


Imagem de Google

Apresentamos, portanto, o universo da Literatura de Cordel nas feiras livres, espaços públicos determinantes para a divulgação desse tipo de literatura, e as Cordeltecas, como lugares de memórias, preservação e salvaguarda deste rico Patrimônio Cultural Brasileiro.

VÍDEOS

Feira Livre, por Chico Fábio



Clique aqui para assistir

VÍDEOS

Cordelteca Maria das Neves Baptista Pimentel



Clique aqui para assistir

Cordelteca em homenagem ao Poeta Arievaldo Viana



Clique aqui para assistir

Cordelteca da região de Bauru



Clique aqui para assistir



COLUNAS E COLUNISTAS

BETH BALTAR

FACEBOOK



INSTAGRAM



SITE



POST NO SITE





01



Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

BENGUELA MINHA HERANÇA/ MINHA CIDADE

408 ANOS DE EXISTÊNCIA- 17 de Maio de 1617-2025

A cidade de Benguela, localizada bem no sul da República de Angola, abre a nossa participação nesta coluna cultural, e, não é por acaso. Uma cidade Histórica onde muitos escravos foram enviados para o Brasil, desde o seu porto, cito no Museu Nacional de Arqueologia na Praia morena em Benguela, talvez tenhamos mais semelhanças do que imagina. Benguela cidade muito cantada, amada e adorada, não só pelas lindas praias, a praia-morena, a praia do pequeno Brasil, a caotinha, a praia do Santo António, a baía-azul, as casuarinas do meu tempo. Cidade que interessa visitar. Assim vou lhe fazer uma visita a Benguela do meu tempo, porque muitos tiveram o seu tempo, as suas festas, o seu viver. Eu começo pela Rua Dr. João Ornelas, nome colonial, deve ter o mesmo nome em Portugal, no Brasil, em Cabo- Verde, na Guiné-Bissau, Moçam-

bique ou em Tomé. Sim porque os nomes eram dados conforme os médicos, poetas, advogados do tempo colonial, quando estes países ainda eram colónias de Portugal e em África depois das Reformas de Norton de Matos, eram as Províncias ultramarinas, o além Portugal. (curioso...)



Imagem de Benguela por Google



Imagem de Benguela por Google

Sim meu postal começa na casa nº11 da Rua Dr. João Ornelas, bem próximo do Hospital Central de Benguela, da Antiga Jota MPLA e a cinco minutos da praia do matadouro. Estes lugares são lindos, asfaltados, casas residenciais que chamamos de vivendas e muito amor. Amor que encontramos nos poemas de Carlos Gouveia "Goya"... Dona Madalena, clara, que teve seus filhos com o Sr. Branco e não sabia ler, mas tinha bons modos, falava baixo, sempre bem vestida a tarde, de batam com preguinhas. É assim, Benguela minha cidade, minha herança.

Continuamos a viagem pela Benguela do meu tempo, a Igreja da Nossa Sra. Do Pôpulo, um cartão de visita obrigatória até os dias de junto, igreja do estilo Barroco, que encanta qualquer um, não, encanta quem tem amor ao belo, a história dos homens e seus detalhes. Bem próximo da igreja, encontramos o colégio das irmãs Doroteias, e ao lado o Banco Nacional de Angola, parece uma basílica, construída na administração portuguesa antes de 1975- data da Independência de Angola.



Imagem de Sé Catedral de Benguela por Google

Respiro fundo, e continuo minha visita pela cidade de Benguela, onde fui com aproximadamente quatro (4) anos e passei toda minha formação como pessoa e como académica e mãe. Portanto uma herança que muito me orgulho.



Imagem de Igreja da Nossa Senhora do Povo (Benguela) por Tripadvisor

Depois vou para o ciclo velho, onde estudei a quinta e sexta classe, o pessoal que morava na Massangarala, Cotel, Quioche, Casas Novas, Rua do Hospital, Rua Egas Moniz, Sociedade de Geografia, Câmara Municipal de Benguela, Escola Paula Vicente, estudavam no Ciclo Velho; os que moravam, perto da Companhia Eléctrica, Alda Lara, Corinje, Camunda, cambanda, Escapira, estudavam no Ciclo novo e o Liceu, escola do III Nível Comandante Kassanje era o ponto de Encontro de todos.

Por isso, a minha geração se conhece, se respeita e se admira. Assim são os de Benguela. São amigos, se respeitam e admiram os outros, são solidários. Nunca vi tamanha solidariedade e amizade. Por isso o meu passeio pela cidade de Benguela, também conhecida como a Cidade das Acácias Rubras, a terra da banana e do tambarino não termina por aqui.



Imagem de Benguela por Google

Benguela, foi pioneira em quase tudo na República de Angola: **Benguela foi pioneira** nas Mídias no território do país, a partir do lançamento do "Jornal de Benguela", em 1912, criado e editado por Manuel Mesquita; foi o primeiro periódico de jornalismo profissional, e também o primeiro a possuir tipografia própria.

Houve também pioneirismo nas emissões de radiodifusão em 1931 e o lançamento da primeira emissora eminentemente angolana, a Rádio Clube de Benguela, em 28 de Fevereiro de 1933. Posteriormente esta rádio foi absorvida para formar a estação local da Rádio Nacional de Angola. A primeira transmissão televisiva em Benguela apareceria somente em 1964, sob os auspícios da mesma rádio clube, tornando-se a se-

gunda cidade do país a ter uma emissora em Benguela apareceria somente em 1964, sob os auspícios da mesma rádio clube, tornando-se a segunda cidade do país a ter uma emissora.

É em Benguela que inicia-se um dos primeiros movimentos independentistas de Angola, quando, entre 1822 e 1823, soldados da capitania-distrito de Benguela rebelam-se e declaram formada a Confederação Brasileira, uma entidade nacional que buscava inspiração no recém-formado Império do Brasil. Nos anos 1960, a cidade atingiria os 30 800 habitantes, como reflexo do aumento de trabalhadores do sector industrial em plena expansão: **fábricas de óleo, açúcar, sabão, lacticínios, cal, tijolo, refrigerantes, secagem e congelação de peixe.**



Imagem de Salinas na estrada a caminho da Baía Azul, arredores de Benguela por Google

Esta é a minha Benguela, que completa 408 anos de Cidade, de invejar.

E ainda pelo passeio a cidade de Benguela, queria fazer dos poetas, que marcaram outras gerações, mas que, no meu tempo estudamos, no livro Textos Africanos da 7ª e 8ª Classe do Liceu, Alda Lara, de Benguela; Aires de Almeida Santos, de Benguela, Raul David, de Benguela; e sobretudo as festas de S. João com jogos florais e Jincanas.

Este passeio que marca meu primeiro encontro com vocês, nesta linda revista é uma assinatura, para conheceres ao longo de

nossas futuras edições um pouco da História de Benguela, de Luanda, Huambo, Malanje e outras províncias, mas para conhecer a Cultura deste povo maravilhoso de Angola, um País que está na zona Austral do Continente africano e também no Sul do Continente. Conhecer como temos muitas semelhanças culturais, o funje de milho e o calulu, que se come no Brasil como Angu ou Muteta, a nossa música do Semba ao Samba e a nossa forma de viver e conviver. Conto consigo noutras edições e vais gostar. Uma acácia para todos.



Imagem de Baía Azul, Benguela por Google



Imagem do Museu Nacional de Arqueologia, em Benguela por Google



COLUNAS E COLUNISTAS

FÁTIMA MONIZ

FACEBOOK



INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



COLUNA *Vai um livro aí?* Resenhas

03



ARELY SOARES



Arely Soares Reis é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.

Caros leitores, sejam bem-vindos a 31ª edição da Revista Internacional The Bard. O intuito da coluna "Vai um livro aí?" é estimulá-los a se tornarem excelentes leitores, por isso oferecemos obras fascinantes consideradas clássicas da literatura norte-americana que serviram de inspirações para várias adaptações na televisão, teatro e cinema.

Se você está em busca de ótimas recomendações literárias, veio ao lugar certo!

Para começar a se deleitar, temos a obra "Anne e a Casa dos Sonhos, Lucy Maud Montgomery" que é um romance apaixonante, envolvente e cheio de grandes surpresas. Este é considerado o quinto livro da série "Anne de Green Gables" que destaca temas sobre o amor, casamento, sonhos e amizades.

Se prosseguir a frente encontrará a obra "Anne de Ingleside, Lucy Maud Montgomery" a qual é o sexto livro da série que conta a história da ruiva mais encantadora da literatura, Anne Shirley; uma personagem insubstituível capaz de conquistar o coração de todos que atravessarem o seu caminho. Um romance incomparável e muito marcante.

Percorrendo um pouco mais você chegará ao "Vale do Arco-Íris" também da escritora canadense Lucy Maud Montgomery, um romance que roubará as suas gargalhadas mais altas e deliciosas; uma história recheada de aventuras, amizades, descobertas e superações. Assim como nas outras obras citadas, a temática do amor não pôde faltar.

E para encerrar esta jornada a obra "Rilla de Ingleside, Lucy Maud Montgomery" é aquela obra que podemos afirmar que a autora "terminou com chave de ouro". Um enredo belíssimo capaz de roubar seus olhos, lágrimas e coração. Um romance que apresenta temas sobre a família, guerra, amadurecimento e coragem nos proporcionando a cada passo da leitura conforto e transformação.

Convido-os a abrir o coração e percorrer o caminho iluminado pelas suas emoções, permitindo-se ser conduzido e elevado por estas leituras encantadoras.

Espero que ao final desta leitura já esteja convicto para responder a esta pergunta "Vai um livro aí?"

"Vai um livro aí? Sua Chance de Brilhar no Cenário Literário Internacional"

Queridos autores brasileiros,

Imaginem ver seu livro ganhando vida nas páginas da The Bard, uma revista internacional de arte e literatura. Através da nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos abrindo um portal para que suas histórias alcancem leitores ao redor do mundo. Esta não é apenas uma oportunidade; é um convite para fazer parte de uma comunidade literária global.

Sabemos o quanto vocês se dedicam à sua arte. Cada palavra escrita, cada personagem criado, cada enredo tecido com cuidado merece ser celebrado. E é exatamente isso que queremos fazer. Uma resenha na The Bard pode ser o impulso que sua carreira precisa, abrindo portas que você talvez nunca tenha imaginado.

Mas além do reconhecimento, pensem na chance de tocar vidas além das fronteiras. Suas histórias, impregnadas com a rica cultura brasileira, têm o poder de emocionar, inspirar e conectar pessoas de diferentes cantos do planeta. Não é incrível pensar que suas palavras podem ecoar em corações do outro lado do mundo?

Participar é simples e acessível:

Conecte-se conosco: Siga a The Bard e nossa colunista nas redes sociais. Vamos construir uma relação!

Compartilhe sua obra: Envie-nos um exemplar do seu livro. Cada página será lida com carinho e atenção.

Confie no processo: Nossa colunista escolherá o momento perfeito para que sua obra brilhe em nossas páginas.

Lembrem-se: cada livro é único, assim como cada autor. Estamos ansiosos para descobrir a magia das suas palavras e compartilhá-la com o mundo. Esta é mais do que uma oportunidade de divulgação; é uma chance de fazer parte de algo maior, de um diálogo literário que transpõe oceanos.

Então, o que me dizem? Vamos juntos nessa jornada? O mundo está esperando para conhecer o talento brasileiro. Sua voz merece ser ouvida. Vai um livro aí?

Contamos com vocês para enriquecer nossa revista e o cenário literário global com a beleza da literatura brasileira.

INSTAGRAM



POST NO SITE



LIVRO: ANNE E A CASA DOS SONHOS
AUTORA: LUCY MAUD MONTGOMERY



CLICK AQUI

A saga de Anne continua nesta narrativa que promete muitas surpresas e acontecimentos muito esperados pelos fãs da coleção. Em “Anne e a casa dos sonhos”, podemos afirmar que a nossa doce menina finalmente agora é uma mulher que está construindo uma nova fase de sua vida de forma leve, alegre e satisfeita; sem perder a sua doçura e encanto. Anne e Gilbert se mudam para Four Winds, uma cidade portuária e é lá onde pequenos e grandes acontecimentos são presenciados.

Ler esta narrativa é como sentir que o tempo passou, porém, a alma da personagem não envelheceu; este é um dos méritos da escritora Lucy em não se perder nas fases de Anne ao traçar o perfil da personagem principal. A incapacidade de quebra de identidade é o que torna a escrita e a linguagem da autora cada vez mais singular. Mas o que torna esta história tão fascinante? É um desafio selecionar o livro preferido da série Anne, pois cada um possui características únicas que nos instigam a curiosidade e o interesse em lê-lo.

O livro destaca a relevância da amizade genuína em épocas de grandes tempestades, romances em formação, famílias, emoções e temperamentos variados. Ler este livro é ter o coração aquecido pelo anseio de encontrar indivíduos verdadeiros na existência. Trata-se de um tema atual, pois confronta os valores que a sociedade deveria preservar e que, com o passar dos anos, têm sido negligenciados.

O elemento principal na história é a solidificação do amor que acontece entre as personagens, onde a autora transmite que o amor verdadeiro é uma conquista depois de tempos de espera. Não podemos afirmar que este livro é o melhor da coleção, mas é a parte que mais ficamos apaixonados e uma das histórias mais românticas e bonita. O livro discute tópicos como a procura por identidade, a relevância da amizade, as consequências das decisões e o valor de ser leal a si mesmo.

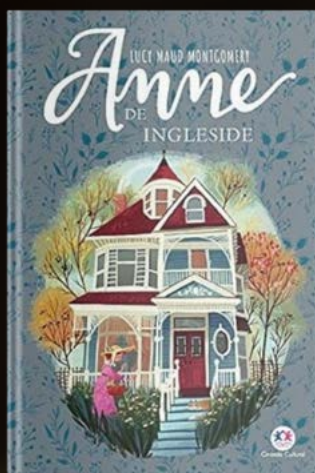
Sabe o que é impressionante nesta leitura? São as milhares possibilidades que Anne consegue desvendar ao viver; mostrando que em cada pessoa há um novo mundo; e em cada mundo uma nova história. Quanto aos personagens novos, sempre bem alinhados com o enredo que a obra propõe em torno de Anne. Lá encontraremos desde o capitão Jim até os vizinhos que são autores de histórias surpreendentes; momentos de dificuldades e grandes alegrias.

Anne e a casa dos Sonhos é um convite para você fazer morada em uma nova casa tranquila e aconchegante pronta para construir memórias felizes. A porta da casa dos sonhos está aberta! E aí vai querer entrar?

POST NO SITE



LIVRO: ANNE DE INGLESIDE
AUTORA: LUCY MAUD MONTGOMERY



CLICK AQUI

A obra Anne de Ingleside, de Lucy Montgomery, pode ser vista mundialmente como o maior espetáculo já visto, devido à sua singularidade na literatura. Apesar de ter sido redigida em 1939, é pertinente ao cenário da sociedade contemporânea. Nesta série, a inovação do enredo é o que atrai os leitores. Anne está cada vez mais intensa e repleta de sentimentos. Mãe de cinco filhos em Ingleside, ela leva uma vida bastante agitada, mas que não trocaria por nada neste mundo. As aventuras de Anne não foram suficientes, a alegria e contentamento foram multiplicados, pois, seus pequenos filhos compartilham do mesmo espírito altruísta e repleto de grandes invenções. E não termina aí, a família Blythe nos prepara muitas surpresas.

Há fatos intrigantes na história que nós leitores desejamos entrar dentro do livro para intervir; o que parece tão simples de solucionar se torna bastante complicado. Visitas inesperadas, tarefas para serem realizadas, a rotina adulta que sobrecarrega, a vida há dois e seus desafios fazem parte deste belíssimo romance. O interessante é que a magia dos dias alegres, o amor e a felicidade acompanham a vida de Anne e Gilbert apesar de tantas mudanças e obstáculos. Em cada passo da leitura enxergamos o realce em detalhes de traços psicológicos e físicos de cada personagem; e essa riqueza nas minúcias é o que torna nós leitores mais curiosos.

De fato, como a própria fala da personagem Anne, a autêntica criadora Lucy não economizou na sua imaginação quando escreveu este livro; as pérolas que encontramos na fala dos personagens é de tocar o coração e transformar os nossos pensamentos e caráter. Trata-se de uma obra que consegue intensificar o impacto das palavras em nossa alma e mente de maneira unânime; um cenário onde as imagens se entrelaçam com as palavras e geram efeitos de introspecção.

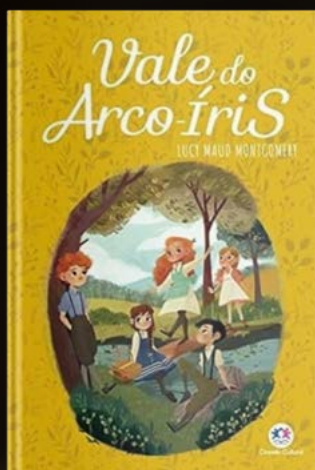
Uma obra que traz consigo ensinamentos que nos levam a reflexões profundas sobre a vida, a família, a paz, a tristeza, alegria, superações, fé e valores. Esta continuação da história de Anne Shirley é adorável, e é contada com o mesmo charme e poesia vista nos livros anteriores da série “Anne de Green Gables. Sem dúvidas você vai ficar encantado pela sexta vez com mais uma fase da protagonista.

Sigamos as paisagens, trilhas e os personagens que se movem na narrativa e vamos juntos descobrir como reacender o fogo do amor quando ele está prestes a se apagar?

POST NO SITE



LIVRO: VALE DO ARCO-ÍRIS
AUTORA: LUCY MAUD MONTGOMERY



CLICK AQUI

O vale do arco-íris de Lucy Montgomery é o sétimo volume da série de Anne de Green Gables que ganhou o coração de milhares de pessoas. A narrativa que sempre realçava a protagonista Anne Shirley, desta vez a autora faz questão de detalhar com bastante riqueza a vida dos filhos de Anne. Isso mesmo! Agora que eles estão mais crescidos e animados para novas aventuras conheceremos os seus passos em Glen St. Mary. A família Blythe nos revela que sempre temos algo novo para contar não importa o quanto o tempo passe.

A adorável Anne não é apagada de forma alguma com o fato da narrativa ser em torno de seus filhos, ao contrário disso, encontramos uma personagem fortalecida pelo tempo; sempre com falas maduras e cheia de ensinamentos para transmitir. Uma personagem onde a autora não deixa calhar sua essência e encanto, o que transmite uma sensação de eternizá-la na alma do leitor. Vale destacar que Lucy colocou em evidência a construção de uma infância real dentro do imaginário; a identidade das crianças é construída mediante a cenários reinventados pois vemos que cada um mostra a sua capacidade de ressignificar os elementos da natureza enquanto brincam.

As influências nas amizades é tema principal da obra, pois enfatiza a amizade dos Blythe com os novos personagens, os travessos filhos dos Merediths. Posso assegurar que vocês irão chorar de rir e se surpreender em cada capítulo. Entre

todos os volumes da coleção sem dúvidas esta história é a mais engraçada. Se você acha que Anne era sem limites nas suas aventuras e atrapalhadas esperem só conhecerem suas crias que ultrapassaram todas as nossas expectativas em suas travessuras.

O livro nos dá aquela sensação de que teremos que desfazer uma pequena história que se tornou em um grande mal-entendido público. O Vale do Arco-íris é onde acontece o retorno dos sonhos, magias, laços de amizades, as boas conversas diárias, brincadeiras, celebração da imaginação, diversão do fim do dia e principalmente o sentimento de amor e compaixão. Nesta obra aprendemos que o verdadeiro lar é onde o amor se multiplica e este amor é um verbo que encarna nos filhos. Anne e Gilbert mostram que a criação de filhos pode ser prazerosa ao invés de um fardo quando sabemos ensinar fazer o bom uso da liberdade. Jem, Walter, Nan, Di, Shirley, Rilla são provas vivas disso.

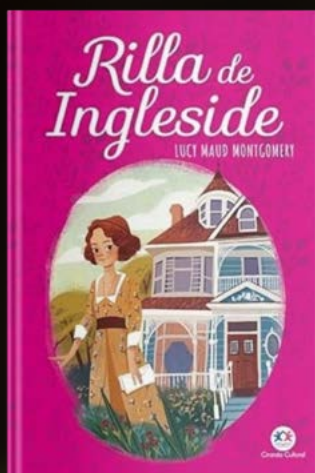
Uma história que você jamais ouvirá algo semelhante se você não ler este livro.

No Vale do Arco Íris é aonde as fofocas vão muito longe, mas é onde tudo acaba bem e comove o nosso coração com a doçura da verdade. Venha comigo escutar uma “boa fofoca”?

POST NO SITE



LIVRO: RILLA DE INGLESIDE
AUTORA: LUCY MAUD MONTGOMERY



CLICK AQUI

Rilla de Ingleside é o último livro da série Anne de Green Gables de Lucy Maud Montgomery que retrata a vida da filha mais nova de Anne Blythe, Bertha Marilla, mais conhecida como “Rilla”, motivo pelo qual a obra foi intitulada. Posso afirmar que a autora consegue chegar ao final dessa linda história com muita emoção e fluídos sentimentos. O contexto da obra é um período bastante ressaltado por muitos autores ingleses conhecidos, a Primeira Guerra Mundial. Ao debruçarmos nas páginas desta leitura nos impactamos com a longa trajetória da mais querida personagem ruiva Anne e até onde ela conseguiu chegar e nos levar juntos.

O coração da narrativa está nas expectativas de Rilla em relação aos relatos da guerra, seus sentimentos, lamúrias, choros e angústias provocados pela tensão das batalhas entres os países. Ler “Rilla de Ingleside” é como ler um diário escrito há muito tempo; é como trazer à memória as mortes honrosas que se foram na luta em favor do país; é como presenciar um cenário onde as famílias aflitas abrem mãos de seus filhos queridos em favor de sua nação. Em cada passo dessa história, não tenha dúvidas, você irá derramar lágrimas e seu coração irá bater mais forte; mas acredite há um conforto eterno enquanto superamos as dificuldades juntamente com cada personagem; há ecos de vitória e triunfos no final desta jornada.

Por ser o término da saga, a autora inovou bruscamente ao trazer temas distintos e únicos em relação as outras obras, mas você não se decepciona com esta mudança de cenário reproduzido por Lucy. Assim como Anne, Rilla é uma persona-

gem cativante e audaciosa, e é fácil se enxergar em suas lutas e desafios durante a guerra. Neste último romance veremos como a vida de Anne, Gilbert, Rilla e tantas outras famílias podem ser afetadas por um conflito externo e o que eles farão para superar os momentos mais dolorosas que a vida poderia proporcionar a uma pessoa.

A leitura da obra traz muitas lições, entretanto vale ressaltar que a autora transmite o ensinamento de que podemos nos surpreender com os limites de nossas forças, e que descobrimos que há uma fortaleza desconhecida dentro de nós capaz de se erguer nas horas mais difíceis. Se você é fã de Anne de Green Gables e está à procura de uma obra histórica com personagens envolventes, “Rilla de Ingleside” é uma escolha incrível que destaca assuntos importantes em uma linguagem sensível e atraente. E, finalmente, é maravilhoso dizer a vocês que a presença da linguagem poética, da essência continua sendo o grande marco da autora.

Vamos juntos fortalecer a nossa fé, aquecer o nosso coração, e encontrar motivos para nunca desistir!

POST NO SITE



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



ADRIANA STRELLA



Adriana Strella é Dr^a h. c. em Neurociência; Formadora; Palestrante. Escritora, autora, colunista. Coautora em treze antologias, escreveu 3 livros solo. Em 2023 foi nomeada e venceu a Premiação Melhor do Brasil no Mundo que aconteceu no Palácio do Parlamento britânico, o famoso Big Ben em Londres, na categoria escritora. Em 2025 foi nomeada na categoria da área da saúde na mesma premiação.

Autossabotagem

A autossabotagem influencia negativamente todas as áreas da nossa vida. O comportamento de quem se sabotava é autodestrutivo porque está criando obstáculos para a sua realização e o seu bem-estar.

A pessoa sabotadora desenvolve um padrão de comportamento que se manifesta de maneiras variadas, ela sabota os seus relacionamentos e até a

procrastinação se torna crônica, ela acaba estragando suas metas pessoais e oportunidades na área profissional.

Se você está buscando uma vida plena de realização, é crucial ter clareza para compreender o que te leva a ter resultados que não te satisfazem. É importante compreender como a autossabotagem se manifesta e de onde se origina.



Imagem de Freepik

As raízes da autossabotagem estão na profundidade do subconsciente e por isso a pessoa age inconscientemente. Por exemplo: ela teve uma experiência que causou dor, a forma como interpretou a situação foi como sementinha plantada no subconsciente, essa semente germinou e foi criando raiz profunda que se fortaleceu ao longo dos anos.

Essas experiências vêm se acumulando desde a infância, tudo que a criança vê e ouve em seu meio, fica guardado e começa a construir crenças pessimistas sobre a vida, relacionamentos e sobre si mesmo. Ao longo da vida a pessoa vai agindo e reagindo, fazendo escolhas de acordo com essas crenças, e com o tempo, devido aos maus resultados vai gerando traumas.

A forma mais comum de autossabotagem é a procrastinação, onde a pessoa que não se sente merecedora, adia ações que contribuiriam para o seu crescimento e não toma decisões importantes para sair de onde está. O adiamento contínuo pode levar a um sentimento de culpa e grande frustração que cada vez mais vai alimentando o comportamento autodestrutivo.

Os padrões autodestrutivos se manifestam nos relacionamentos, na escolha dos parceiros. A pessoa sabotadora cria briga desnecessária por ter uma visão deturpada das situações, ou rejeita boas conexões por medo de sofrer. Tudo

que ela faz é baseado naquilo que ela vivenciou.

Quando criança, devido ao que presenciei em minha família eu desenvolvi uma crença que pessoas ricas não tinham bom coração e colocava o dinheiro acima dos sentimentos. Mais tarde estudando arquétipos entendi que o dinheiro tem mais o lado luz do que o lado sombra, o mal não está no dinheiro, a pessoa já é arrogante por natureza, depende da maneira que a pessoa lida com o dinheiro. O dinheiro desperta aquilo que a pessoa já é. Se a pessoa é arrogante, ela fica mais.



Imagem de Freepik



Imagem de Flowo por Freepik



Imagem de Freepik

Então, quando entendi isso, eu prosperei, e a crença em relação ao dinheiro teve outro significado, mas me perguntei muitas vezes, porque eu trabalhava e fazia tanto dinheiro e não prosperava, descobri a crença e resignifiquei. Estraguei amizades por causa dessa crença.

O sabotador procura se distanciar de relacionamentos que poderiam ser saudáveis por receio de sofrer, pois acredita que irá experienciar situações que trarão sofrimento e muitas pessoas preferem o isolamento.

Na área profissional, a pessoa sabotadora pode impedir seu crescimento minando oportunidades que a levariam a rejeitar desafios que impulsionariam a sua carreira evitando o sucesso. O sabotador rejeita promoções por sentir medo de não ser bom o suficiente, até mesmo criando conflitos que prejudique os seus relacionamentos no trabalho.



Comportamentos autodestrutivos, são manifestados através da autossabotagem, como exemplo o sabotador pode se alimentar de forma inadequada, tratar sua aparência com desleixo e até ser negligente com a sua saúde mental e física. Com tais padrões, o sabotador se sente cada vez mais inadequado e a autossabotagem se perpetua.

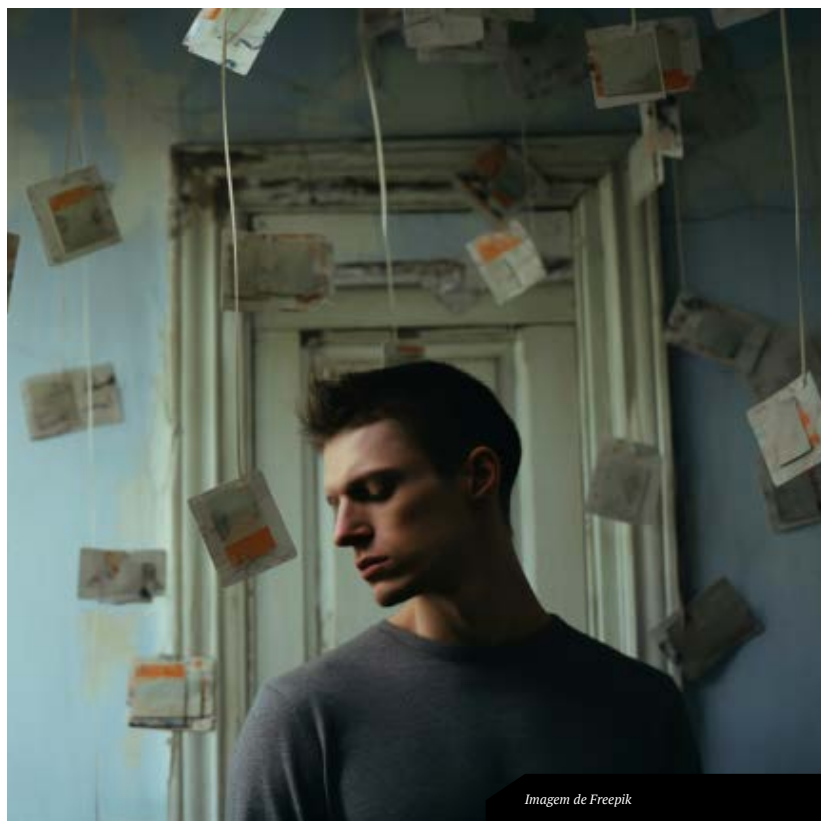


Imagem de Freepik

O autoconhecimento é importantíssimo para a superação da autossabotagem. É necessário existir a auto-compassão, muitas vezes, o autossabotador espera que os outros se compadeçam dele, mas é ele quem precisa se cuidar, se amar e se compadecer da própria vida se dando o melhor. Só ele sabe o que está sentindo.

Buscar apoio de um profissional seria o ideal para ajudar não só a identificar as crenças pessimistas e negativas, como descobrir de onde elas vêm. Um profissional pode desenvolver estratégias que desafiarão esses padrões destrutivos ajudando a substituir os pensamentos que mudarão comportamentos desastrosos.



Imagem de Freepik

As abordagens terapêuticas, o Coaching são valiosos recursos no processo de transformação pessoal. É necessário o reconhecimento desses padrões viciosos e autodestrutivos para começar a cultivar padrões mentais positivos e mais otimistas. É possível ter sucesso em todas as áreas e relacionamentos felizes.

Meditação: Se Livre da Autossabotagem

Encontrar momentos de tranquilidade pode auxiliar no combate da autossabotagem e na construção de uma mentalidade mais positiva. Reserve um tempo para esta meditação, projetada para ajudar a liberar padrões autossabotadores.

Encontre um local tranquilo, sente-se confortavelmente com a coluna ereta, feche os olhos e concentre-se na respiração. Sinta o ar entrando e saindo, permitindo que a calma tome conta de cada inspiração e expiração.



Imagem de Tee.k18 por Freepik

Visualize um campo vasto à sua frente, representando sua mente cheia de possibilidades. Observe as flores e cores vibrantes simbolizando seus talentos, habilidades e potenciais inexplorados. Durante essa exploração mental, perceba algumas pedras no caminho, simbolizando os padrões autossabotadores que têm impedido seu progresso.

Com cada respiração profunda, imagine-se recolhendo essas pedras, reconhecendo os padrões autodestrutivos associados. Conscientize-se de como esses padrões não contribuem para seu crescimento e bem-estar. Visualize um grande recipiente à sua frente e, com cada expiração, solte suavemente cada pedra nesse recipiente, sentindo o peso sendo retirado dos seus ombros. Este ato simboliza a liberação consciente da autossabotagem. Continue respirando profunda-

mente e note como o campo à sua volta se ilumina, refletindo a energia positiva que agora flui livremente em sua mente. Permaneça neste espaço por alguns momentos, absorvendo a sensação de liberdade e renovação.

Sinta-se fortalecido para enfrentar desafios futuros com uma abordagem positiva e confiante. Conclua a meditação trazendo gradualmente a atenção ao momento presente, abrindo os olhos com uma sensação de clareza e determinação.

Lembre-se de que esta meditação é uma ferramenta útil para liberar a autossabotagem, mas a prática regular é fundamental. Ao cultivar a consciência e a positividade, você pode transformar sua mentalidade e criar um caminho mais leve e promissor para seu próprio crescimento pessoal.



COLUNAS E COLUNISTAS

ADRIANA STRELLA

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





01



Luiz Solrak Lima



Natural de Pernambuco. Escritor, poeta, professor de Língua portuguesa e Literatura. Autor do livro de poesia "Terra Alheia" ganhador de dois Prêmios Municipais em 2023. Criador de conteúdo digital por amor aos livros e produtor cultural por amar a arte como um todo essencial. Diretor e Produtor Cultural do Curta metragem "Legião Estrangeira" lançado em fevereiro de 2025. Editor Digital e Colunista da Revista Internacional The Bard. Amo ler, ensinar, encontrar amigos e está em constante mudança.

A banalidade da vida e a utilidade morte

A coluna Caldeirão Cultural surge como um espaço para refletirmos sobre as inúmeras narrativas que abordam as questões mais complexas e profundas da sociedade humana. Embora esses temas se mostrem diversos, sua essência converge para uma busca comum: entender o significado da existência, das ações humanas e dos valores que moldam o mundo em que vivemos. Em cada edição, nos lançamos em discussões que atravessam os campos da filosofia, ética, moral, política, e tradições, entre outros saberes que, ao longo da história, têm buscado compreender e ordenar o caos da experiência humana. Através da reflexão sobre essas questões, somos convidados a explorar a vida como ela se ma-

nifesta na arte e a arte como uma expressão genuína da vida, sua interpretação e recriação. Esta jornada, que exige paciência e discernimento, propõe um mergulho no cerne das quimeras — as ideias e mitos que surgem da caixa de Pandora da contemporaneidade — e que, frequentemente, escapam à compreensão imediata, mas que, ao serem reveladas, nos desafiam a reimaginar as normas, as tradições e os valores que ainda sustentam as sociedades e suas práticas. No fundo, busca-se não apenas decifrar os tempos atuais, mas também projetar uma visão crítica sobre as influências e os legados que moldam a cultura, o comportamento ético e as relações políticas da atualidade.



Imagem de 1413rabbani8833 por Freepik

Para iniciar, vamos refletir sobre um filme recente que, de forma contundente, aborda a condição humana, o amor e a estrutura de nossa sociedade. O filme em questão é Mickey 17, uma obra-prima que se encaixa perfeitamente nesta coluna. Ele mistura filosofia existencial, amor, política, religião e distopia, gerando uma experiência cinematográfica que desafia a mente do espectador, muitas vezes provocando desconforto ao expor as contradições da "humanidade" do protagonista.

Mickey 17 é o nono longa-metragem do cineasta sul-coreano Bong Joon-ho. A produção americana é baseada no livro Mickey7, de Edward Ashton, publicado em 2022. A história segue um protagonista enviado a uma expedição humana para colonizar o mundo gelado de Niflheim. Após sua morte em uma missão, sua memória é regenerada em um novo corpo, que preserva a maior parte das suas recordações.



As mortes

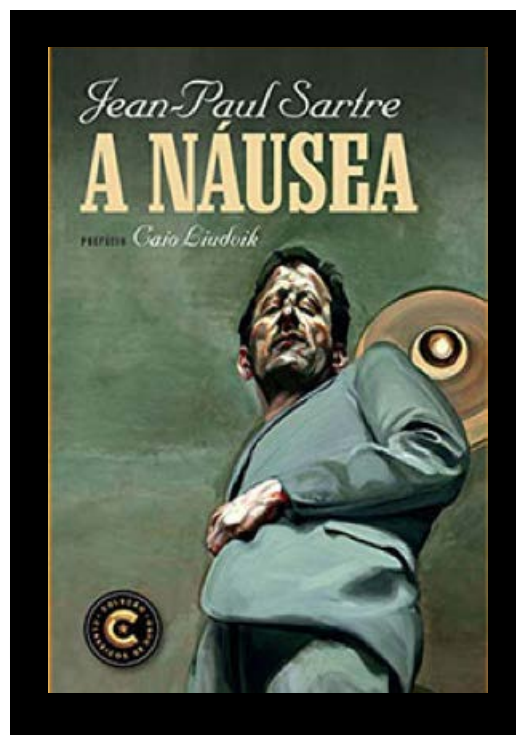
É a partir deste ponto sombrio que começa a nossa análise. A morte repetida do protagonista perde, ao longo do tempo, seu caráter trágico, tornando-se banal e desprovida de significado. Esse processo de "reimpressão" da vida assume um tom de negligência por parte da equipe científica, que, a cada morte do protagonista, simplesmente imprime uma nova versão dele. A banalidade da morte e a indiferença do processo, que poderiam ser objetos de uma dissertação de Hannah Arendt, se transformam drasticamente quando Mickey descobre que sua última morte foi antecedida por uma impressão feita antes do evento fatal, ou seja, ele se encontra com uma versão de si mesmo.



Imagem: cena do filme Mickey 17 por Google

A múltipla existência e o paradigma do existir

Este dilema nos leva a uma reflexão existencialista. O existencialismo, enquanto corrente filosófica que foca na experiência subjetiva do indivíduo, na liberdade e na responsabilidade pessoal, está presente na obra ao questionar a essência da existência humana. Se agora é possível ter infinitas vidas sem perder a memória, o que significa ser humano? O medo da imortalidade se reflete na sociedade distópica que proíbe a coexistência de duas versões de uma mesma pessoa, considerando isso um crime. A busca por identidade e autenticidade se torna ainda mais complexa nesse cenário, onde a vida, longe de ser única, se torna descartável e repetível. Como Sartre afirmou, "o homem está condenado a ser livre", ou seja, a liberdade absoluta



impõe uma responsabilidade imensa, pois somos os criadores do nosso próprio significado, e, ao dividir a essência do protagonista em múltiplas versões, a obra questiona a capacidade humana de lidar com tal liberdade e responsabilidade sem desmoronar.



Imagem de Babee por Freepik



Imagem de Milankov por Freepik

O protagonista é o narrador, e isso faz com que ainda mais o existencialismo seja presente na obra pois "(...) para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo. É isso que ilude as pessoas: um

homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado por suas histórias e pelas histórias dos outros, vê tudo o que lhe acontece através delas; e procura viver sua vida como se a narrasse. Mas é preciso escolher: viver ou narrar." (SARTRE, 1938, pg. 55) Ao contar sua própria história, foi a maneira que ele achou de se perceber no controle de sua existência.

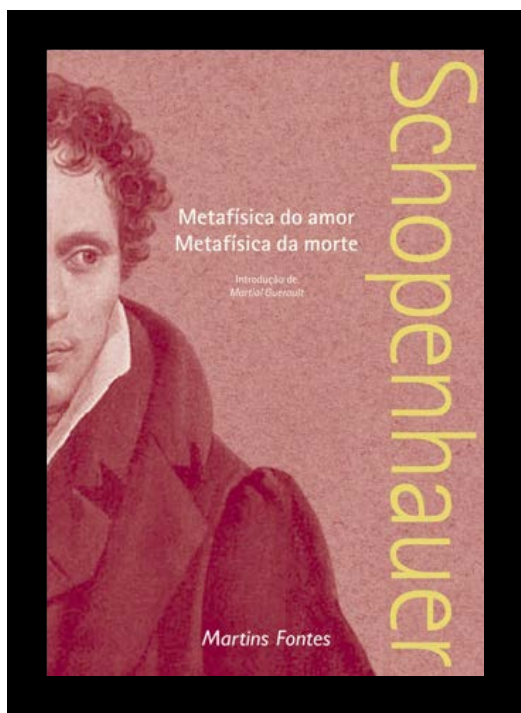


Imagem de Agarthai2030 por Freepik

Amor só vale a dois

O dilema amoroso que surge entre as duas versões de Mickey e a mulher que ambos amam revela outra faceta dessa distopia. O amor, em sua complexidade, é apresentado de forma ambígua: a protagonista feminina ama as duas versões igualmente, sem conseguir escolher qual delas deveria "viver". Esse dilema remete à reflexão do filósofo Arthur Schopenhauer, que via o amor como uma

ilusão do "vontade de viver" — uma força cega que nos impulsiona a nos reproduzir e perpetuar a espécie, independentemente da razão ou do desejo individual, o que seria de extrema importância para o nosso planeta, mas os três estão além dessa necessidade prática. Para Schopenhauer, o amor não é uma busca pela felicidade, mas uma manifestação da vontade de poder da vida, que age por trás de nossas escolhas afetivas, levando-nos a acreditar que estamos escolhendo, quando na verdade somos levados por essa força irracional. A protagonista de Mickey 17 vive essa tensão, entre a paixão e a ilusão do amor, sem conseguir escapar da armadilha de um desejo que se revela maior do que ela própria e dessa maneira a escolha final parece impossível para ela.



Imagem de LKA por Freepik



Imagem de Freepik

A obra também coloca em evidência o papel da religião, não como um princípio conciliador, mas como um instrumento de controle. A figura de um comandante religioso e autoritário, obcecado pelo poder e pela imagem pública, remete a regimes totalitários. Essa dinâmica se assemelha a lideranças políticas contemporâneas, como a do ex-presidente Donald Trump, cuja postura midiática e performática exibia uma constante busca por validação. A religião, nesse contexto, não apenas controla a moralidade, mas se une à política de maneira destrutiva.



O mortal progresso

Além disso, o filme aborda a ciência, que é negligenciada em favor de uma abordagem agressiva e destrutiva diante de formas de vida alienígenas. Ao se depararem com novas criaturas no planeta, a primeira reação dos colonizadores é a destruição em massa. A superioridade humana é alimentada pela ideia de que, em comparação com essas criaturas, somos mais civilizados, uma crença

que os cientistas tentam refutar, mas que o comandante ignorou. Essa imagética do progresso acima de tudo que é muito típico dos estadunidenses desde o seu início que é muito bem representado na pintura de 1872 de John Gast. A imagem central feminina representando os Estados Unidos da América traz o iluminado progresso para os incultos indígenas como o capitão ver os seres do novo planeta.

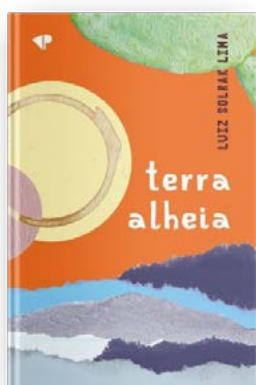
Imagem de Nattysiri por Freepik





Em Mickey 17, o caldeirão de ideias filosóficas e culturais cria um espelho distorcido da realidade. O filme nos apresenta uma sociedade onde a vida é vista como uma sucessão infinita de chances, o amor como um sentimento incontrolável e a política-religião como forças manipuladoras. Ao final, o que nos parece ser uma distopia aceita coletivamente, onde as fronteiras entre o humano e o desumano, o ético e o cruel, são tão tênues que nos perguntamos: a realidade em que vivemos não seria ela também uma distopia disfarçada de normalidade? Essa obra é uma reflexão potente sobre a condição humana, sobre as escolhas que fazemos e as implicações dessas escolhas em uma sociedade que, aos poucos, parece aceitar suas próprias mazelas como parte de sua identidade.

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



DESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

12



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino” e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.

Vamos falar de....



Olá, leitores da coluna DesNUda em Palavras!

Sou Tônia Lavínia, escritora e colunista da revista The Bard Internacional na categoria erótica. Hoje, mergulharemos no universo de Emmanuelle, explorando sua história, impacto cultural e os tabus que desafiou.

Para enriquecer nossa conversa, teremos a presença da misteriosa senhorita "S", além de textos meus que prometem despertar os sentidos. Que tal nos acompanharem com uma pequena taça de licor de amoras enquanto nos aventuramos por esse universo fascinante? Preparem-se para uma leitura intensa e envolvente.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)



GRANDES AUTORES

Emmanuelle Arsan A Pluma do Desejo Proibido

Nascida Marayat Rollet-Andriane, em 1932, na ex-Indochina Francesa, Emmanuelle Arsan tornou-se um nome envolto em mistério e sensualidade. Escritora e embaixatriz, desafiou as convenções morais de sua época ao dar voz a uma protagonista feminina cuja liberdade sexual rompia com os grilhões do pudor.

Publicada originalmente em 1959, sua obra-prima, *Emmanuelle*, foi um sussurro ousado em meio ao conservadorismo, elevando o erotismo à categoria de arte literária. Envoltas em controvérsias, a autoria do romance foi, por vezes, atribuída a seu marido, Louis-Jacques Rollet-Andriane, numa tentativa de diluir o impacto da mulher por trás da narrativa transgressora.

O nome Emmanuelle Arsan consolidou-se como ícone cultural da literatura erótica, transposto ao cinema e reverenciado como um dos pilares da revolução sexual. Seu legado persiste, não apenas como um marco da literatura erótica, mas como um manifesto pela liberdade dos sentidos e do corpo.

Faleceu em 2005, deixando para trás um rastro de fascínio e desejo, eternizada na

pele de sua personagem e na inquietação de seus leitores.



Imagem de Emmanuelle Arsan por Wikipedia



Os Livros de Emmanuelle e a Liberação Feminina



Imagem de Wattpad

No ano de 1959, em meio a uma sociedade presa a grilhões morais, emergia *Emmanuelle*, uma obra que não apenas ousoava narrar os anseios e prazeres de uma mulher, mas também reivindicava, em suas entrelinhas, o direito ao desejo feminino, livre das sombras da culpa ou da submissão.

Sob o pseudônimo de Emmanuelle Arsan, a autora desenhou, com sofisticação e lirismo, uma protagonista que transitava livremente por experiências sensoriais, rompendo com os padrões vigentes e desafiando a hipocrisia que condenava o prazer feminino ao silêncio.

De imediato, a obra encontrou resistência, foi proibida e relegada à clandestinidade, mas sua força era indomável. À medida que os ventos da revolução sexual sopravam pelas décadas de 1960 e 1970, *Emmanuelle* ressurgia como um símbolo, não apenas da

libertação carnal, mas da emancipação da mulher enquanto sujeito do próprio prazer.

O Legado Literário e Cinematográfico

O impacto do romance ecoou além das páginas, originando sequências que aprofundavam a jornada de *Emmanuelle* por diferentes filosofias sensoriais e culturais. Dentre essas, destacam-se *Emmanuelle: The Joys of a Woman* (1974) e *La Philosophie d'Emmanuelle* (1980), obras que consolidaram sua figura como um arquétipo da feminilidade liberta.



Imagem de CdnCulture

O cinema, ávido por narrativas que desafiassem convenções, imortalizou a personagem na película de 1974, estrelada por Sylvia Kristel, elevando-a ao patamar de ícone da transgressão refinada. Contudo, se a literatura trouxe nuances filosóficas à sua jornada, o cinema, em suas inúmeras adaptações e derivações, muitas vezes reduziu sua essência a uma visão estetizada do desejo feminino.



TRECHO DE LIVRO DE JOANNA HARRIS

Entre Transgressão e Empoderamento



Imagem de Histoires Libertines

— Quer mesmo ser minha amante?

— Mas, Emmanuelle...

Ela cala-se, acaricia o cabelo solto e fica à espera. As mãos de Emmanuelle afastam-lhe as longas pernas, roçam a abertura que as separa, penetram-na devagar. Bee suspira, deixa cair os braços ao longo do corpo e fecha os olhos. Emmanuelle aproxima a ponta da língua da fenda estreita e regular como o sexo de virgem. Ela humedece toda a extensão dos bordos da vulva, lambe o interior e depois procura o clítoris, estimulando-o, fazendo-o vibrar, amaciando-o com a saliva, fazendo-o ir e vir entre os seus lábios como se fosse um pénis minúsculo.

Ao mesmo tempo, introduz na sua própria vagina o dedo médio dobrado. Com a mão livre, continua a estimular o sexo da amiga. Seus dedos estão húmidos e deslizam entre as nádegas. Estas levantam-se para que Emmanuelle possa penetrar mais facilmente pelo orifício mais apertado. O dedo enterra-se até ao fim. Só então Bee grita. Continua a gritar durante todo o tempo em que Emmanuelle a lambe, a chupa e movimenta a mão entre uma e outra abertura do seu corpo. É Emmanuelle quem primeiro cede ao cansaço. Deita-se de novo sobre o corpo da sua amante. Nem uma nem outra parecem ter força para falar.

— E... gostou da experiência? Está contente?

Bee tem o ar de quem tomou uma súbita resolução. — Desta vez, diz ela, sou eu quem vai acariar-te.



Imagem de TBsArt por Pixabay

Emmanuelle nem tem tempo de responder. Bee agarrou-a firmemente pela cintura e obrigou-a a deitar-se. Beija-lhe o sexo como faria à boca. In-



clina a cabeça de lado, para que seus próprios lábios fiquem paralelos aos outros lábios. Desliza a língua pela fenda dócil até onde consegue atingir.

Com um único sobressalto, Emmanuelle sente-se mergulhada, ao mesmo tempo, em amor e volúpia. Bee não pode experimentar outras carícias: surpreendida por este orgasmo repentino, começa a fazer um gesto de recuo. Mas, quando vê que Emmanuelle continua a ser sacudida por estremecimentos, coloca de novo a boca e lambe minuciosamente o suco que escorre de sua amante. Quando se recompõe, diz, rindo:

– Nunca pensei que pudesse um dia gostar de beber desta fonte! Pois bem, como vês, agora já gosto.

Entre Transgressão e Empoderamento



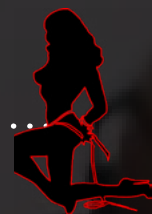
Imagem de Imgstocker por Freepik



Imagem de Handmadefont por Freepik

POST NO SITE





IDENTIDADE LIBERTINA

Senhorita "S" Divã Libertino

Caros leitores e, especialmente, estimados cavalheiros, é com prazer que os recebo em meu espaço, onde as palavras dançam e os desejos encontram voz. Sou a Senhorita "S", e este é o meu quadro, um refúgio para aqueles que buscam compreender os mistérios do coração e da carne.

E os cavalheiros vêm se deitar em meu divã. A presença masculina aqui não é apenas bem-vinda, mas celebrada. Adoro homens que se aventuram em minha coluna, que se permitem questionar, sentir e explorar os labirintos do desejo. Juntos, desvendaremos os segredos que permeiam as relações humanas, sempre com elegância, respeito e uma pitada de ousadia.

Sintam-se à vontade para compartilhar suas dúvidas, anseios e curiosidades. Estou aqui para guiá-los nesta jornada de autoconhecimento e prazer.

Com carinho,
Senhorita "S"



Imagem de Cdn1ozone

Miguel, de Salvador, Bahia:

Senhorita "S", minha esposa tem sido fria comigo. Já tentei conversar, já a envolvi com carinho, mas parece que algo nela se fechou. Sinto-me rejeitado, como se o desejo dela tivesse se apagado. O que faz uma mulher perder o fogo que um dia teve? E há um caminho de volta?

Resposta da Senhorita "S"

Ah, monsieur, o desejo de uma mulher não é uma chama que se acende ao simples estalar de dedos, nem um rio que corre eternamente no mesmo curso. Ele é um santuário, um segredo velado que só se revela a quem souber tocá-lo com a devida reverência.

Se sua esposa se tornou fria, pergunte-se: quando foi a última vez que a fez sentir-se viva? Não apenas amada, mas admirada? O desejo feminino não morre; ele se esconde onde não há espaço para ser cultivado. Ele se ressent quando se torna rotina, quando a mulher deixa de se enxergar como musa e passa a ser apenas presença.

Não a pergunte o que falta—descubra. Observe seus gestos, seus silêncios, o brilho (ou a ausência dele) em seus olhos. E, acima de tudo, não tente reacender um fogo que talvez nunca tenha sido dela, mas sim uma chama acesa por conveniência. Se deseja tê-la de volta, seja para ela não apenas um homem, mas um mistério a ser desvendado, uma promessa a ser cumprida.

POST NO SITE



IDENTIDADE LIBERTINA

Domada

Minha querida, você pode fingir que não sente, pode se esconder atrás da sua teimosia, pode tentar resistir ao que já é inevitável. Mas o desejo... ah, ele sempre nos trai. Ele está nos seus olhos quando me encara desafiadora, no seu corpo quando estremece ao som da minha voz, na sua respiração quando me aproximo demais.

Eu vejo como você luta contra si mesma, como suas mãos tremem levemente quando tocam as minhas, como seu coração dispara quando minhas palavras roçam sua pele. Você se veste de força, mas eu sei... sei que, no fundo, tudo o que deseja é que eu a tome para mim, que eu a conduza sem hesitação, que eu a faça perder o controle sem que precise pedir. E eu o farei.

Lentamente, sem pressa, saboreando cada fragmento da sua rendição. Quero ouvir seu suspiro vacilante quando meus lábios tocarem sua pele, sentir seu corpo arqueando sob minhas mãos, ver seus olhos escurecerem de prazer. Quero sua boca entreaberta, seu corpo entregue, sua alma nua diante de mim.

Você pode lutar, pode me desafiar, mas, no fim, será domada. Não porque eu queira quebrar sua resistência, mas porque, no fundo, você deseja se perder em mim. E eu? Eu prometo não ter piedade.

Tônia Lavínia

**"SE FOSSE MINHA" AUTORA:
TÔNIA LAVÍNIA**

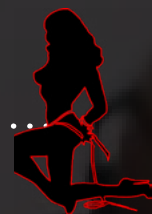
**"ENTRE SOMBRAS DE SAUDADE. A JORNADA
DE MILEYDE GWENDOLYN" - TÔNIA LAVÍNIA**

"Se Fosse Minha"
Autora Tônia

"Entre sombras de saudade:

Clique aqui para assistir

Clique aqui para assistir



DICAS PARA OS AMANTES DA LITERATURA E DO CINEMA ERÓTICO

Se você aprecia histórias que exploram o desejo e a sensualidade com elegância, tenho duas recomendações imperdíveis:

Livro: Emmanuelle – Escrito por Emmanuelle Arsan, este clássico da literatura erótica acompanha a jornada de uma jovem francesa que descobre os prazeres do corpo e da mente em uma viagem exótica. Uma obra provocante e envolvente que marcou gerações.

Livro: Laure – Também de Emmanuelle Arsan, essa obra segue a jornada de uma jovem que mergulha em descobertas sensuais e filosóficas, explorando os limites do desejo e da liberdade. Com uma narrativa sofisticada e provocante, Laure é uma leitura irresistível para quem busca erotismo com profundidade.

Filme: Emmanuelle 2: A Anti-Virgin (1975) – A sequência do icônico Emmanuelle (1974), estrelada por Sylvia Kristel, traz a protagonista explorando novas experiências sensuais em Hong Kong. Com uma fotografia refinada e uma abordagem artística do erotismo, esse filme se tornou um dos mais memoráveis da série.

Já leu ou assistiu? Qual outra obra do gênero você indicaria?



COLUNAS E COLUNISTAS

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE



INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



Poesía



رعرشلا



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro "Para Além de Mim - a Essência do Olhar" e coautora de dez Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas), Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021) e Coisas de Sala de Aula e outras Crônicas (Anônimos Edições/2024). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

Sejam muito bem-vindos à 31ª edição da Coluna Poetas e Poetisas, um espaço dedicado à celebração da arte sublime que é a poesia. Nesta edição da Revista Internacional The Bard, rendemos homenagens à beleza e à profundidade de cada poema aqui compartilhado — obras que transcendem palavras e revelam a alma de quem as escreve.

Cada verso é uma entrega sincera de sentimentos, um convite ao mergulho nas emoções humanas. Assim, cria-se um elo sutil e poderoso entre poeta e leitor(a), transformando cada leitura em um encontro único e inesquecível.

A Coluna Poetas e Poetisas é mais do que um espaço literário — é um verdadeiro portal para os apaixonados pela palavra poética. Aqui, a escrita pulsa como vida e ressoa em cada coração na forma mais pura de arte.

Abraços poéticos, e que a poesia continue a nos guiar e inspirar, sempre.

Por Edna Lessa

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

Poetas & Poetisas



Edna Lessa

– BÁLSAMO –

O crepúsculo extasia meu ser
E prover todo refrigério que postulo
A noite adentra Minh 'alma
Como um pergaminho
escrito a muitas mãos

Já não tenho nada em secreto
Para ti, sou livro aberto

As palavras transbordam em escritos
Sou verso, poema manifesto
Concedo-te o cálamo de minhas entranhas
Imortalize sua poesia em mim.



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



Cidade: Fortaleza
Estado: Ceará
País: Brasil



Marcelo Guido

B-SIDE: VOCÊ É MINHA POESIA MAIS LINDA, AINDA QUE OCULTA

Quando a vejo, eis que ainda não sei como me portar
... Conheci você tão a fundo, seus segredos e medos
Partilhávamos sonhos e metas de um agridoce futuro
Que não se fez real e meu castelo de areia desabou...

Hoje somos quase dois estranhos em corredores
Não significa que eu não me lembre de nós juntos
... Mas nada mais é tão engraçado... Nem pueril:
Anos passaram, lágrimas secaram, mas ainda dói...

Meu "preciso de ti" se fez um triste "que se dane"
E o "eu te amo" agora é um "odeio-a com toda ira"
Ainda que eu sequer saiba o que meu coração quer
E que sem você, eis que ele, inexoravelmente, morre:

Sempre a vejo com seus olhos verdes: Ruiva? Loira?
Nem sei: de almas gêmeas, agora um indiferente duo:
Só que eu me pego esquecendo de sofrer, até sorrio
Penso em te ligar, mas o orgulho nem me permite...

Permito-me ser aquele tolo feliz que corria ao seu "alô"
Por segundos, sinto seu perfume e suas unhas nas costas
... Embora tudo tenha findo, resta amor e a saudade boba
Mesmo sendo seu, seguir em frente é o que me resta ...



Cidade: Itapeva
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD

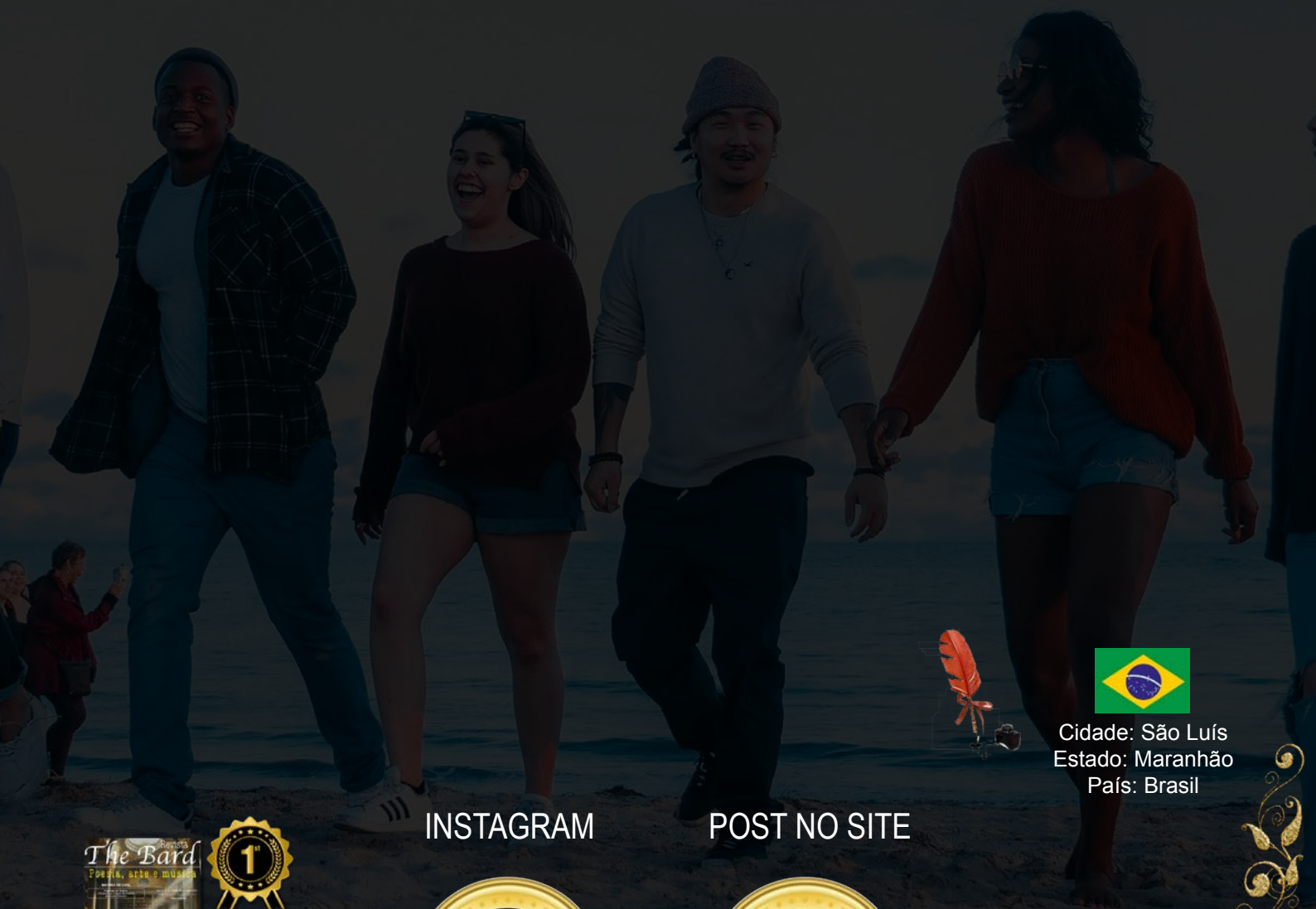
Poetas & Poetisas



Ilze Matos

GENTE

Tem gente que a gente gosta porque tem o jeito da gente.
Tem gente que a gente gosta porque é diferente da gente.
Tem gente que a gente gosta porque gosta, e está tudo certo.
Afinal, o importante é gostar de gente e acreditar na gente.



Cidade: São Luís
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD





Mauri Oliveira

ESTILHAÇOS DE SI

Acalenta,
Acalenta,

Acalenta as tuas desarmonias,
os traços curvos da tua história,
os nós que te fazem ser humano.
Ama aquilo que tu não podes controlar,
os ventos que bagunçam teus planos,
o imprevisível que te ensina a respirar.

Acalenta o acaso,
que dança sem aviso,
e as impossibilidades,
que desafiam tua força de existir.

Aceita,
Aceita,

Aceita o grande eletrocardiograma da vida,
os altos e baixos que te desenham.
Permita que os dias cinzentos
te lembrem do valor do sol,
que os tropeços te façam notar
a firmeza de teus passos.

Viva,
Viva,

Viva o instante em toda sua plenitude,
como um grande mosaico com suas
cores misturadas,
porque a beleza do caos
é que te faz inteiro.

Afinal, bom mesmo é compreender a vida como
terreno do transitório.
Ressignificar os espaços inabitáveis dentro de si
com as possibilidades que o agora oferece.



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Stella Gaspar

O SOL LUZINDO NAS FLORES “PRÍMULAS”

Esse sol, essas flores.
Recriando meus sorrisos.
Me vestindo de poesias.
Degusto a luz de teus olhos.
Como uma flor de Prímula
Em uma composição suave.
Na cor amarela e lilás.
Com deslumbramento,
sou apaixonada com saudades.
Com lágrimas de estrelas.
Sinto-me abraçada.

Ah! Meu amante, amor.
Amoroso e generoso.
Você é soma.
Como a confluência,
de ventos em flautas.
Nada em mim se divide.

A nossa fórmula está em meus lábios.
Te amando, sou uma fera faminta.
Com febre de delírios.
Em um leito nupcial.



Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Arely Soares

VOU

Quando dizem que não posso voar,
Eu voo!
Quando dizem que não posso ir
Eu vou!
Em ambos,
Tenho um par
De asas
Um sonho
E uma liberdade.



Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Ubertam Santos

A BELEZA DA NOITE

A beleza da noite esconde um segredo,
também os prazeres disfarçam o medo,
estranha e bela a lua,
isso eu notei enquanto andava na rua.
e de repente o tempo mudou,
e uma forte chuva caiu,
e a noite que era quente,
equilibra o frio do peito da gente.
pensava enquanto andava a passos lentos para frente,
qual o segredo da noite???
mas ela sempre nos surpreende,
com algo jamais esperado
um dia é esquecido
em outros é lembrado,
aos poucos fui me lembrando
E também me sentindo cansado.
Sem se quer notar quantas coisas naquela noite
por mim haviam passado.



Cidade: Canoas
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





J.B Wolf

APRESSA PRESA VIDA

Enclausura em ti minha não sorte,
Sussurras em noites infinitas,
Qual voz confina taciturna morte?
Urra teu viril verbo em trêmulas finitas.

Captura minha livre pele, não tua!
Rubra-me rostos e lábios aos teus saís, rendida,
ao refém das inutilidades vivas...
Sou cega seiva morta vida de meus ideais.

Encarcerada por tua crua nua obsessão,
rude monólogo me encolho a ti,
Póstero horizonte, vem e rouba minha aflição,
Traga-me força justa memória ao fraco coração.

Flagela minha culpa amada,
rasga minha imprópria razão,
rompe meu silêncio absurdo,
finjas e não escolha submissão.

Aprisiona teu medo sincero ,
Livra-te falta atitude,
brota em seio teu o próprio amor,
que nunca foi meu, mas por agora o quero.

Por que tardas cavalheiro sol?
quem me trará vista aos meus distantes grilhões?
Sou sombra lamento de tuas opções...
Apressa presa vida, liberta meu ar e meus
gritos em mil multidões.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE





J.B Wolf

VAZIO

Cá, eu estou incrédula de mim,
Se pudesse recordar...
Ah! Se pudesse reviver...

Mas rompe em meu peito
um soluço solitário.

Estiga-me* a permanecer
em meus lamentos,
Eis minha sombra
enamora o luar.

E a mim só resta,
monologar minh'alma
como um jardim de
pétalas de um vaso vazio.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE



Letras Músicas



Fagner Lima. O projeto “Turma do Faguinho” foi criado pelo jornalista Fagner Lima em 2008 e é composto por quatro CDs lançados entre 2009 e 2022. Além dos produtos audiovisuais, o grupo roda por cidades da Região Metropolitana do Recife e outras regiões de Pernambuco em apresentações ao vivo.

Fagner Lima

Jornalista, compositor e músico

Há mais de uma década, o grupo acumula centenas de apresentações, milhares de visualizações em canais como “YouTube” e “Instagram” e centenas de CDs vendidos, além de três indicações na categoria infantil do Prêmio da Música Pernambucana, promovido pela Associação dos Cantores e Intérpretes de Pernambuco, a Acinpe, nas edições de 2019 e 2022.

Em 2019, a “Turma do Faguinho” investiu pesado nas redes sociais, através de sua página no Instagram. Com o intuito de turbinar o canal de comunicação, foram produzidos vídeos musicais voltados para as crianças de 0 a 5 anos. Os clipes trazem uma compilação das canções gravadas pelo grupo com mensagens de respeito, religiosidade e educativas.

Com a repercussão positiva da exibição no YouTube, a “Turma” produziu um novo projeto no final de 2019, reunindo os vídeos das canções. Em 2020, o trabalho foi lançado em formato físico (CD e DVD). Os produtos foram comercializados nos eventos que contam com a presença de Fagner Lima e os personagens Faguinho e Tigre Camarada.

No quarto trimestre de 2022, a “Turma do Faguinho” voltou a lançar um novo trabalho. O terceiro álbum de inéditas chegou as principais plataformas digitais contendo cinco músicas. “Dança do João Bobo”, “Eu sou especial para Deus”, “Sim ou não”, “Deus é bom” e “Calendário” seguem a risca a receita de sucesso do projeto, unindo letras simples e mensagens positivas.

Em 2024, Fagner Lima continua colecionando frutos do seu trabalho. Além de receber o terceiro prêmio consecutivo como melhor animador da cidade de Jaboatão dos Guararapes, eleito por votação popular nas redes sociais, ele acaba de lançar seu quarto álbum de música inéditas, intitulado “Festa”, que traz canções que celebram datas comemorativas como Natal, São João e aniversário. O audiovisual de seis faixas ainda brinca com as cores, fala de educação e coloca todo mundo para “Tirar o pé do chão”. O novo trabalho já acumula milhares de audições nas plataformas digitais.

Eu sou especial para Deus

Autor: Fagner Lima

Ei, você sabia que você é muito especial para Deus?

Eu sou especial para Deus
Eu sou especial para Deus
Pois do jeitinho que eu sou
Fui criado por Deus

Se sou magro, gordinho, baixinho ou grandão
Eu faço parte da sua criação.

Eu sou especial para Deus
Eu sou especial para Deus
Pois do jeitinho que eu sou
Fui criado por Deus.

MÚSICA: EU SOU ESPECIAL PARA DEUS



[Clique aqui para assistir](#)



COLUNAS E COLUNISTAS



APOIADOR(A) THE BARD

YOUTUBE



POST NO SITE



03



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

Coluna Nem te conto

Bem-vindos à "Nem te conto", um espaço dedicado à magia dos minicontos, histórias que cabem na palma da mão, mas têm o poder de expandir mundos inteiros! Aqui, cada palavra é escolhida a dedo, e cada frase é carregada de impacto. Criar um miniconto é um desafio criativo, onde o menos é mais.

A origem dos minicontos remonta aos antigos epigramas e fábulas, mas eles ganharam destaque na literatura moderna como uma forma de experimentação e acessibilidade. O objetivo não é apenas resumir, mas criar um universo que se desenrole na imaginação do leitor.

Escrever um miniconto pode ser um ótimo exercício para aprimorar habilidades de escrita e aprender a comunicar ideias de forma concisa. É como contar uma história inteira com o mínimo de palavras, quase como capturar um instante em uma fotografia literária. Você tem algum interesse em experimentar escrever um?

Se você tem uma história curta pulsando para ser contada, queremos ouvi-la! Envie seus minicontos com até 300 caracteres e faça parte desse universo de grandes ideias em pequenas doses. A palavra agora é sua!

CONTISTA

Fabiana Francisco



Ritmo da Saudade

A bateria ecoava no peito como coração acelerado. Ela, vestida de confete, dançava entre serpentinas que flutuavam como sonhos. Um olhar, um sorriso – e o amor nasceu no compasso do samba. Mas à quarta-feira, as máscaras caem, e o bloco da vida segue sem ensaio. O Carnaval ficou na saudade.

Latido Distante

A chuva pintava poças na calçada enquanto Nina corria, chamando por Max, seu fiel amigo de quatro patas. Uma semana de buscas e nada. Até que, ao anoitecer, ouviu um latido distante. Lá estava ele, enlameado, mas com o rabo abanando, como se dissesse: "Nunca deixei de te procurar também."

O Reflexo Escondido

Na penumbra do escritório vazio, apenas o som do relógio quebrava o silêncio. Marcos revisava papéis antigos quando encontrou uma chave enferrujada presa a uma nota: "Para o arquivo que ninguém deve abrir". Curioso, seguiu a pista. Ao girar a chave, descobriu um cofre. Dentro, apenas um espelho. E no reflexo, algo que não era ele.



Horizonte Desconhecido

O aeroporto estava cheio, mas para Miguel, tudo parecia vazio. Com a passagem na mão, olhava pela janela o avião prestes a decolar. Ao fundo, uma voz feminina chamava seu nome. Ele hesitou, virou-se e viu um sorriso. Deixou a passagem cair no chão. A viagem que realmente importava começava ali.

Sombras da Criação

Na galeria esquecida pelo tempo, Clara encontrou uma tela incompleta. Era o seu rosto, imortalizado em pinceladas firmes, mas com um vazio inquietante nos olhos. Cada visita trazia mudanças na pintura – formas emergiam, cores ganhavam vida. Até que, em uma noite silenciosa, o cavalete estava vazio. No lugar da tela, Clara viu apenas um espelho, refletindo uma versão de si que nunca conhecera.



Imagem de Viktorvisuals por Freepik



COLUNAS E COLUNISTAS

LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

INSTAGRAM



INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE





MINI Contos

O livro fantasma

Por J.B Wolf

Na penumbra de uma biblioteca esquecida,
repousa o enigmático Livro Fantasma,
cuja capa surrada e páginas amareladas
guardam segredos obscuros.

Cada folha exala aromas de tempos remotos,
despertando arrepios e incitando a enfrentar
mistérios sombrios e paixões proibidas.

Abrindo caminho a um mistério que
clama por continuidade.

WOLFBIO



POST NO SITE





Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

Calçadão de Copacabana e suas pedras e morros

Por Lúcia Roldão

Falar, sobre o Calçadão de Copacabana no Rio de Janeiro/Brasil, é uma honra! Como carioca amo minha cidade.

Cidade esculpida por Deus, cercada por morros e mares. Cidade respira cultura, natureza e luz.

Falar, que o Brasil importou de Portugal as sobras das pedras brancas e pretas, para a cidade do Rio de Janeiro. E pelas mãos do Engenheiro Pinheiro Furtado e o arquiteto e paisagista Burle Marx, deram início a criação dos desenhos ondulares, bordando em pedras as grandes ondas brancas e pretas, e assim, nasceu o Calçadão de Copacabana de pedras portuguesas, num zig e zag... Num mosaico incrível!

Calçadão é o nome dado em toda calçada da orla, mas Copacabana é um ícone da cidade carioca.

Falar, que o paisagista Burle Marx, bordou as palmeiras, amendoeiras e outras espécies sobre o calçadão e trouxe sombra, harmonia e equilíbrio para o meio ambiente. Agregado, a um pôr do sol colorido, digno de um país tropical.

Falar, que o calçadão fica entre o Forte Copacabana, e o do Forte do Leme. Ambos erguidos sobre charmosos morros onde podemos caminhar e apreciar uma vista panorâmica e única de toda orla e do magnífico calçadão de Copacabana. Ambos exuberantes e o morro do Leme é mais íngreme, mas ambos imponentes.

Falar, que ao longo do calçadão de Copacabana, encontramos bancos de pedras para apreciarmos o mar.

E num deles em especial, foi esculpido em bronze o poeta Drummond, sentado, do jeito que ele adorava ficar e se inspirar. E ao caminharmos pelo calçadão de Copacabana, os anjos do mar sopram em nossos ouvidos os poemas do poeta. "No meio do caminho tinha uma pedra". Também, cravaram uma frase do poeta, em seu banco: "no mar estava escrita uma cidade".

Calçadão de Copacabana e suas pedras e morros

Por **Lúcia Roldão**

Falar, que quando passamos por cada escultura em bronze dos brasileiros pelo calçadão de Copacabana, que encheram nosso país de orgulho e fizeram histórias: Dorival Caymmi, os anjos do mar tocam suas músicas, Ayrton Senna, os anjos do mar, tocam a música da vitória "tam tam tam....." fico arrepiada de emoção. E passando por Tom Jobim no Leme, os anjos do mar cantam suas canções da bossa nova, e me arrepio de novo. É tudo mágico"

Falar, dessa imensa mistura cultural: as pessoas fazendo caminhadas, ginásticas, natação, esculturas em areia imperdíveis exaltando a cidade ou protestando, músicas, artes bordadas no calçadão, literatura, quanta história em um único espaço!

Falar, que se o calçadão falasse, ele iria contar muitas histórias e segredos das personalidades famosas que já pisaram nesse solo das ondas: presidentes, primeiras damas, rainhas, reis, príncipe e princesas, artistas, músicos, escritores e muitos outros....

Falar, que o show da queima de fogos do Ano Novo, é no Calçadão de Copacabana. Muita alegria na virada!

Falar, que não existe cenário mais elegante e requintado, como o nosso Copacabana Palace, de frente para o calçadão e para o mar. Lugar, onde todos os visitantes, preferem se hospedar.

E para encerrar, os anjos do mar estão soprando no meu ouvido a canção do bairro "Copacabana Princesinha do Mar". Calçadão encantador!

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CRÔNICAS

O BRILHO DOS MEUS OLHOS

Por Mayara Lopes

Há muitas coisas que as pessoas acreditam que eu não vejo ou que eu não entendo... com base em qual premissa eu já não sei, perguntem a elas. Indago-me se algum dia deixarão de ter raiva do brilho dos meus olhos. Ou, se algum dia irei perdê-lo, esse brilho, que só me gera estrago. Se algum dia terei a malícia necessária para não ser vista como esta, a enganada. Se algum dia pararão de dizer frases soltas e ambíguas, pensando que não compreendo. Aguardem só.

Eu preferia não entender mesmo; e às vezes finjo que não entendo, pois, quando a maldade ocorre assim, bem debaixo do nosso nariz, é tão mais difícil deixar de inalar seu cheiro, que entranha por todo o corpo, e é quando passo a duvidar se seguirei sendo a mesma. É quando tenho vontade de arrancar o brilho, este brilho dos meus olhos, mas, também é quando meus olhos lacrimejam e o brilho só aumenta. Ainda assim lamento, porque é tão mais doloroso encarar a maldade dita e feita sem o menor pudor, nos restando apenas encarar suas minúcias e observá-la passando por nós em câmera lenta. Às vezes eu me pergunto: o que será de tão dolorido, passaram essas pessoas para me olharem com os olhos sem brilho?

A única parte ruim de ter brilho nos olhos é que não haverá um dia em que não aparecerá alguém tentando apagá-lo. Mas, tudo bem, porque são eles de lá, e eu (e Deus) daqui todo dia também brilhando novamente e deixando essas pessoas confusas sobre quem elas pensam que são. “Bobinha”; “ingênua”, podem chamar do que quiserem! E que fiquem sentados esperando que caia algo do céu, pois eu irei atrás do que acredito.

Já vi e passei por tantas, tantas coisas, mas ainda sei que meus olhos sempre irão brilhar no fim do dia.

O brilho dos meus olhos

Por Mayara Lopes



COLUNAS E COLUNISTAS

E se querem saber, prefiro mesmo ser a enganada, a rejeitada, a esquecida e a humilhada, do que viver com o fato de que eu mesma tenha deixado algum rastro de dor e mágoa por onde passei ou deixei legado. No entanto, não se deixem confundir, porque pelo brilho dos meus olhos são vocês os enganados. Mas eu estou tão certa de quem sou eu, que aceito as consequências pela forma de olhar com a qual encarnei neste mundo. Com este brilho, que eu gostaria que também me olhassem por alguns segundos, com a lente que eu tanto gostaria de emprestar ao mundo.



APOIADOR(A) THE BARD

INSTAGRAM



POST NO SITE





João Batista Londe, J Londe. Imortal da Academia Internacional de Literatura Brasileira, com sede em New York-USA, João Batista Londe nasceu na cidade de Patos de Minas-MG, em 20 de setembro de 1959. É poeta, professor, jornalista profissional e escritor. Membro imortal da Academia Interamericana de Escritores, com sede em Fortaleza-CE. Licenciado em matemática; licenciado em Ciências Biológicas; Especialista em Biologia pela Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.

SER PROFESSOR

Sobre ser professor, há várias definições:
Umhas estranhas, bizarras, outras até vazias.
Às vezes sem sentido, cheias de indefinições,
Calorosas, eloquentes, outras tristes e frias.

Que cada um encontre a que lhe agrade!
É democrático, mas não explica nem define.
O que se sente não se ostenta nem se alarde.
Vive-se. Só isso. Com palavras não se exprime.

Mas há que se definir o termo indefinido!
Para quem não o sente ou ainda não faz sentido
Esmerando-se em vocábulos. Ó filisteus!...

Por que não dizer apenas... ó mente insana.
Que ser professor é trabalhar com Deus
Na imensa edificação da criatura humana?!



BEING TEACHER

Being teacher, there's a lot of definitions:
Some are weird, bizarre, and others, even empty.
Sometimes senseless, full of indefinitions,
Some warm, eloquent, others sad and cold.

May you find that one that delights you!
It's democratic, but doesn't explain or defines.
The feeling is not flaunted or boasted.
It lives. Just that. You can't express by words.

But still, we shall define the indefinite term!
For those that doesn't feel it or still don't make sense.
Focusing on words. Oh, filisteu!...

Why just not say... oh, insane mind.
That being a teacher is working with God
Above the huge edification of the human creature?!



APOIADOR(A) THE BARD

INSTAGRAM

POST NO SITE



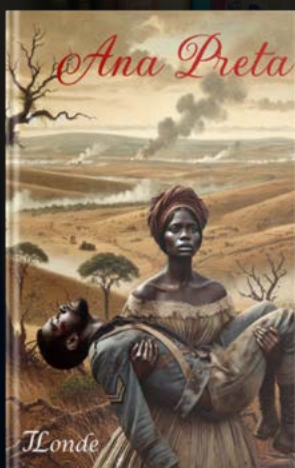
Resenha LIVROS



ANA PRETA

Por J Londe

Mulher, negra e pobre, no interior do Brasil do século XIX, acompanha o marido soldado à guerra do Paraguai, a pé, por mil quilômetros. Ana luta bravamente, encorajando os soldados, cuidando de suas feridas, ou pegando em armas. Quando seu marido falece, na “Retirada da Laguna”, decide carregar o seu corpo nos braços para ser enterrado no Brasil. Mesmo na situação de miséria e fome a que estavam sujeitos, Ana não desiste e, ao ver um tenente ferido sendo abandonado para morrer, decide carregá-lo também. Assim, anda com o corpo do marido por uns quatrocentos metros, deposita-o no solo e volta, buscando o tenente ferido, perfazendo o trajeto três vezes. Sepulta seu esposo no solo brasileiro, quando já não tem mais forças para continuar.



Clique aqui

ANA PRETA

Por J Londe

Woman, black and poor, inner Brazil of the XIX century, follows your soldier husband to the war in Paraguay, on foot, for one thousand kilometers. Ana fights bravely, encouraging the soldiers, caring their wounds, or even taking in guns. When her husband dies, on the “Laguna’s Retreat”, she decides to carry her husband body on her own arms to be buried in Brazil. Even on that miserable and starving situation, Ana doesn’t give up, and, meeting a injured lieutenant abandoned to death, decides to carry him too. So, she carries her husband’s body by four hundred meters, lay him on the ground, walk back and picks up the injured lieutenant, which means walk three times that distance (going, backing and then, going again). She burries her husband in Brazilian territory, when she has no longer strengths to carry on.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Resenha LIVROS



Título da Resenha do Livro

Seu Nome aqui

Se você é daqueles que mergulha nas páginas de um bom livro e sente vontade de compartilhar tudo o que sentiu, pensou e descobriu — a coluna Resenha de Livros, da Revista The Bard, está te esperando!

Estamos convidando leitores apaixonados, críticos por natureza e amantes de histórias para enviarem suas resenhas e fazerem parte de um espaço dedicado à leitura com profundidade e emoção.

Seja ficção, poesia, ensaio ou aquele livro que mudou a sua vida — queremos saber sua opinião, suas impressões e sua forma única de ver o mundo através da literatura.

Envie sua resenha e venha inspirar outros leitores como você.

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE A
SUA RESENHA DE LIVROS



COLUNAS E COLUNISTAS

SUA REDE SOCIAL



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

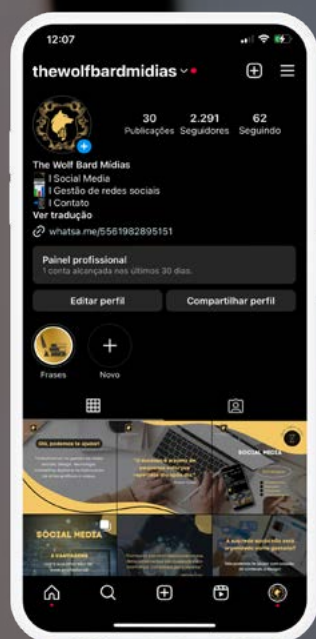
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO

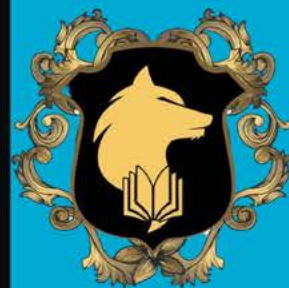
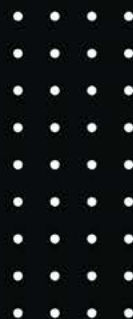


E-MAIL





AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOCUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



CEIDENTES

ODONTOLOGIA



CeiDentes

Dr. Bruno Rodrigues

ESPECIALIDADES QUE A CEIDENTES OFERECE

- 1 Implante dentário
- 2 Prótese dentária
- 3 Cirurgias
- 4 Clínica Geral
- 5 Clareamento
- 6 Ortodontia
- 7 Canal
- 8 Dentística

AGENDE SUA CONSULTA
ODONTOLÓGICA

Clique nos ícones

AGENDAMENTO

INSTAGRAM

LOCALIZAÇÃO



Estamos no endereço QNP 27 Conjunto B Lote 01 Loja 02.
Ceilândia, Brasília - DF

Entre em contato pelo link da Bio,
ou pelos telefones: (61) 3374-3643 ou (61) 98633-8294



LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS

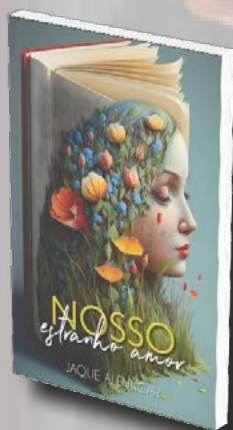


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



Jaque Alennear, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras – Português, pós-graduada em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamadas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

INSTAGRAM



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LU NASCIMENTO, nascida em São Paulo sob o manto da primavera de 1986, carrega a dualidade de ser paulista com raízes nordestinas. Unida em matrimônio, é uma entre as cinco filhas de Rose, matriarca cujo nome ressoa em Lu com orgulho. Profissionalmente, Lu é uma talentosa manicure e gestora de seu próprio salão, um oásis de beleza em seu bairro. Contudo, é na poesia que Lu encontra sua verdadeira essência. A paixão pelas letras brotou nas aulas de literatura do ensino fundamental, um universo onde poetas lhe sussurravam segredos literários. Foi ali, imersa em versos, que Lu descobriu sua voz poética. Sua trajetória literária se destaca com participações em antologias como "A poesia delas" e "Estação Primavera". Em 2021, iniciou um capítulo digital ao criar uma página no Facebook, onde seus poemas reverberam em almas sedentas por inspiração. Lu, uma sonhadora inabalável, acredita que sonhos devem ser perseguidos até se tornarem realidade palpável.



"O Pôr do Sol e Outras Coisas que se Parecem com Você" resplandece com a força de sua linguagem poética, capturando a complexidade das emoções humanas de forma magistral. A autora nos convida a explorar um universo onde o amor, a melancolia e a beleza das pequenas coisas da vida são dissecadas com uma sensibilidade aguda.

Por que esperar para mergulhar neste universo mágico criado por Lu Nascimento? Um mundo onde cada pôr do sol é um convite para sentir, para se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma prosa poética que toca a alma com uma doce melancolia.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



JULIANA ROSSI, nascida em 1976, em São Caetano do Sul, SP. É auxiliar administrativa na saúde de Americana, Residente em Americana interior de São Paulo, estudante de pedagogia, poeta e escritora, começou a escrever para lidar com a dor, mas agora ama escrever sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida, da morte e de tudo ao nosso redor. Autora do Livro “Meu Baú de Poesias e pensamentos” e escritora nas redes sociais. Instagram e Facebook @escritorajulianarossi @meubaudepoesias e Administradora do coletivo @somostigris e diretora da equipe de Marketing da Revista The Bard.



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

INSTAGRAM



EDITORIA
INVITRO

LIVRO COM SELO

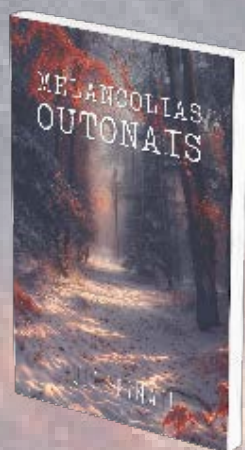


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUIZ PRIMATI é escritor de vários gêneros literários, no entanto, seu primeiro livro foi infantil: "REVOLUÇÃO NA MATA", publicado pela Amazon/2018. Depois escreveu romances, crônicas e contos. Hoje é editor na Valleti Books. Em março lançou seu livro de Prosas Poéticas, "Melancolias Outonais" e o romance de suspense "Peter manda lembranças do paraíso".



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LAINÉ BOTTARO é uma escritora e poetisa brasileira, nascida em Lençóis Paulista, cidade localizada no interior de São Paulo. Formada em Artes Visuais e atualmente cursando Ciências Econômicas e Administração. Desde a infância, foi apaixonado por livros e histórias de aventura e fantasia, o que a levou a começar a escrever suas próprias histórias. Seus livros são marcados por uma narrativa envolvente, personagens cativantes e tramas cheias de reviravoltas. Além disso, possui uma habilidade única de criar poemas marcantes que tocam o coração de seus leitores. Sua sensibilidade para a escrita poética é evidente em suas obras, transmitindo emoções profundas e reflexões sobre a vida em versos belos e inspiradores.

Laine Bottaro também vem se destacando como coautora em diversas Antologias nacionais e internacionais, além de participar de inúmeras seleções literárias.



“Poesias sem fronteiras: Duetos Poéticos” é uma obra literária única e encantadora que reúne escritores de todo o mundo em uma composição de duetos poéticos. Neste livro, você terá a oportunidade de mergulhar em um universo de versos e sentimentos, onde cada poema é um diálogo entre diferentes culturas e perspectivas. Através dessas composições poéticas, as vozes dos escritores se entrelaçam em uma dança harmoniosa, criando uma sinfonia de palavras que ecoa nos corações dos leitores.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"Memórias Excêntricas" trata-se de um romance cristão e LGBT na Bahia do Brasil. Em meio à bipolaridade, Leonardo busca compreensão e o amor divino numa sociedade intolerante. Uma jornada de autoconhecimento e transformação em busca de aceitação e amor próprio.

SITE



LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"A Arte de Ressignificar", mergulhe numa jornada de autodescoberta e transformação. Aprenda a fortalecer o amor próprio, expressar-se com clareza e cultivar a saúde mental. Descubra o poder da comunicação e floresça em todo seu potencial.

SITE



LIVRO COM SELO



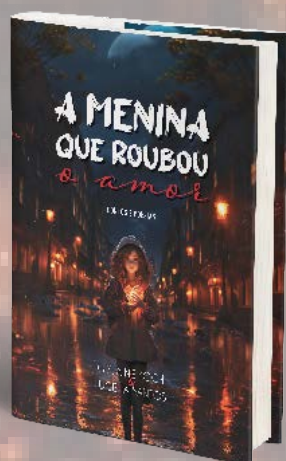
Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUCÉLIA SANTOS é uma escritora e poetisa de Itabuna-Bahia, residindo atualmente em Brumado-Bahia. Desde os 13 anos, dedica-se à escrita para expressar seus pensamentos e sentimentos, com um forte toque de romantismo. Ela é graduanda em Terapias Integrativas Complementares e membro de várias academias literárias, incluindo a ALSPA e a AIBL.

GISLAINE KOCH, nascida em 1981 em Curitiba, é uma escritora multifacetada que atua como Ghost Writer, Beta Reader, poetisa, roteirista e prefaciadora. Desde a adolescência, tem uma paixão fervorosa pela escrita. Ela é membro ativo do Moto clube Lokas MC, um grupo filantrópico de motociclistas focados em ações sociais. Gislaine é membro imortal da Academia Internacional de Letras (AIBL) e da Academia Interamericana (AINTÉ)



O livro "A Menina que Roubou o Amor", de Lucélia Santos e Gislaine Koch, é uma obra profunda e emocionante que explora as complexidades do amor por meio de uma narrativa poética e envolvente. Com um texto que flui como dois rios que se entrelaçam, o livro oferece uma visão única sobre o amor, desdobrando-se em um caminho repleto de solidão, melancolia e uma alegria que se confunde com a tristeza. Mais do que um livro de poesia, é um universo de sentimentos, onde cada emoção ligada ao amor é cuidadosamente explorada. A leitura promete ser intensa e capaz de roubar a atenção e o coração do leitor, deixando uma marca indelével de saudade e uma melancolia bela e tocante, desafiando o leitor a encarar o paradoxo de emoções que convivem dentro do espírito humano.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



SIMONE APARECIDA DA SILVA GONÇALVES (1979), "Simone Gonçalves" como nome de trabalho é poetisa / escritora, natural de Taubaté SP. Com participação em 17 Antologias. Uma das organizadoras da Copa de Poesias pela @cronopolisbr e colaboradora no blogsite / podcast da @valletibooks. Instagram: @apoetizar_se



"Poesias ao Luar - Confissões para a Lua" de Simone Gonçalves é uma obra que celebra o amor em suas diversas manifestações, evocando a sensação de ser um eterno amante das emoções, paixões e estações. Mediante um diálogo íntimo com a lua e as estrelas, Simone transmite a intensidade da paixão que aquece o coração e ilumina a alma. Este livro nos convida a explorar o amor e o romantismo em cada estação do ano, permitindo-nos sentir e expressar esses sentimentos sem hesitação. A autora usa o luar como metáfora de um trem que viaja através das estações, onde cada parada nos permite adquirir novas experiências e emoções leves, característica marcante da escrita envolvente de Simone. A obra é um tributo à lua, eternamente aclamada pelos apaixonados, e um convite para se deixar levar pela beleza do luar e pela poesia das confissões amorosas.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

MEMÓRIAS AFETIVAS 1 e 2 Organizado por Luiz Primati Vários Autores

"Memórias Afetivas" é uma coletânea emocionante que reúne 24 autores em dois volumes, com um total de 12 contos em cada um e um conto adicional oculto no segundo volume. A obra é uma celebração da singularidade das experiências humanas, onde cada escritor compartilha fragmentos de suas vidas, criando um mosaico diversificado de recordações que variam da infância à idade adulta, abrangendo alegrias, tristezas e lições aprendidas. Esta antologia mergulha nas nuances das memórias que definem nossa existência, reconhecendo a importância desses momentos no conjunto de nossa identidade. Os leitores são convidados a uma jornada emocional que reflete sobre a doçura e amargura da vida, as intensas primeiras paixões, as decepções e a esperança eterna no amor verdadeiro. Através de suas páginas, "Memórias Afetivas" oferece não só histórias para aquecer o coração, mas também um convite para refletir sobre o rico mosaico das experiências humanas que conectam cada um de nós. Instagram: @valletibooks



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

AMOR PARA RECORDAR 2 Organizado por Lucélia Santos Vários Autores

“Amor para Recordar II” é uma coletânea que explora o amor em suas diversas formas através das vozes de 23 novos autores. Diferentemente do primeiro volume, este livro traz reflexões sobre amores infantis, platônicos, perdidos no tempo, proibidos, impossíveis, ternos e até mesmo ignorados. A obra aborda as complexidades do amor, que muitas vezes evoca lembranças melancólicas de depressão, tristeza, saudade, ódio e arrependimento, transportando-nos para uma solidão profunda. No entanto, mesmo diante da dor, emerge uma paixão vibrante que transcende gerações, trazendo alegria e inspiração. Ideal para aqueles que vivenciaram o amor em suas tempestades e calma, o livro oferece um refúgio e um espelho das próprias experiências amorosas. Com uma narrativa que incentiva a esperança e a crença no amor, os autores, eternos aprendizes, nos convidam a embarcar numa jornada emocionante de descoberta e reflexão sobre a natureza enigmática e transformadora do amor. Instagram: @poetisafalandodeamor



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa - Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

Acesse os links
clikando no **botão verde**



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui



COLUNA



Espaço

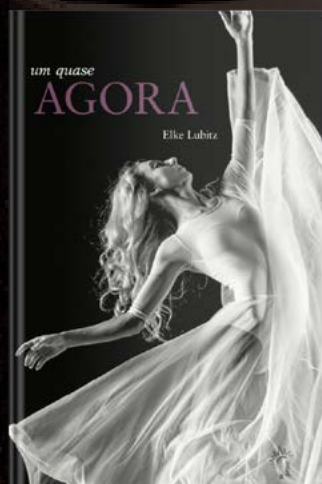
VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

Acesse o link
clicando no **botão verde**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está à sua volta.



Versão Impressa

[Clique aqui](#)



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clcando no botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

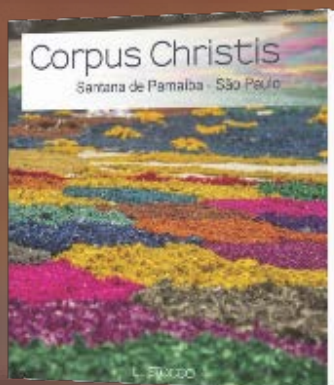
**Acesse o link
clcando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





Espaço

VITRINE

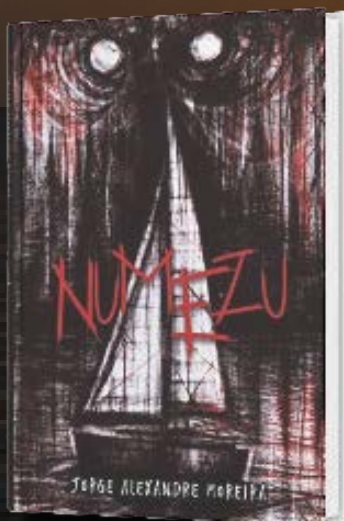
THE BARD

Escritor

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clikando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sono, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br



COLUNA

Escritora

Vanina Sigrist

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

Clique aqui





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão verde**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli





Espaço

VITRINE

THE BARD



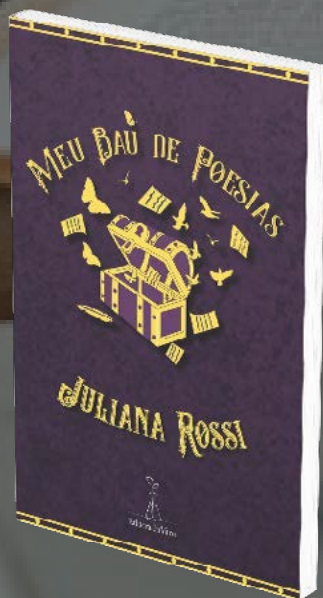
COLUNA

Escritora

Juliana Rossi

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi**



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



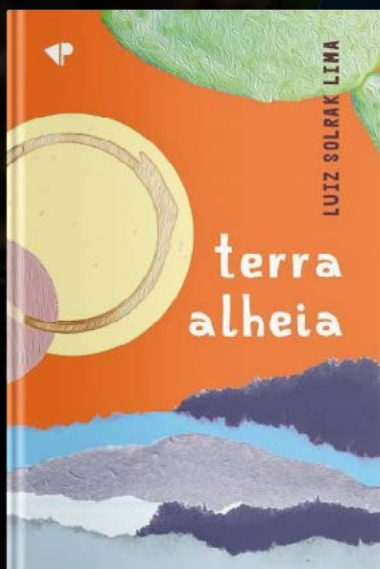
COLUNA

Escritor

Luiz Solrak Lima

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro Terra alheia
de Luiz Solrak Lima**



Terra Alheia é um lembrete poético de como mudanças podem ser necessárias ao mesmo tempo que transformadoras. E essas transformações demanda de cada indivíduo perdas e ganhos na sua estrutura cultural composta de sua linguagem, de seus costumes e de sua ligação com a terra natal. Com isso o livro faz um convite poético para sentirmos o saudosismo, o estranhamente espacial e o estado crítico dos múltiplos eus-líricos que compõem os poemas. O livro, no seu ano de lançamento, ganhou o Prêmio Cultural de Americana -SP 2023 e o Prêmio Destaque Cultural de Americana-SP 2023.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

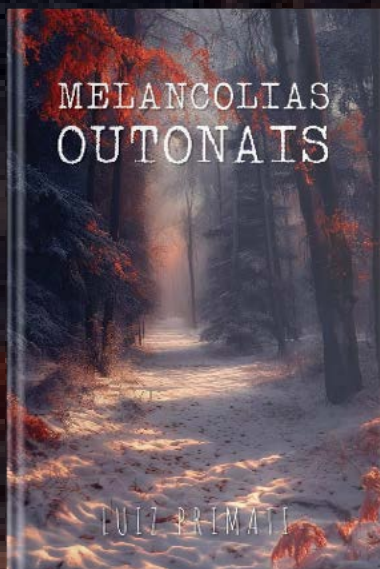
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



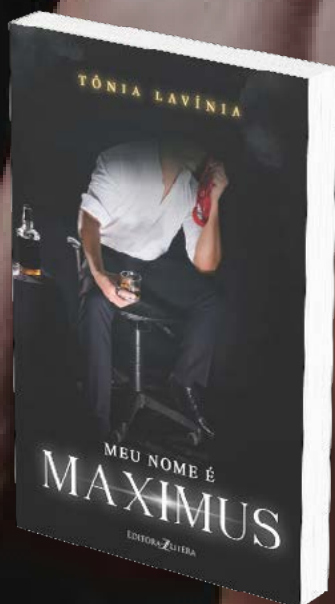
COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clcando no botão verde**

**Livro “Meu nome é Maximus”,
de Tônia Lavínia**



Um homem italiano apaixonante...

Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador.

Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas.

Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte.

Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz:

Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade.

Acredite, se você não quer, ele faz querer.

Sexo, luxuria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história.

Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição...

O universo de Maximus.

Clique aqui

amazon.com.br





COLUNA



Espaço

VITRINE

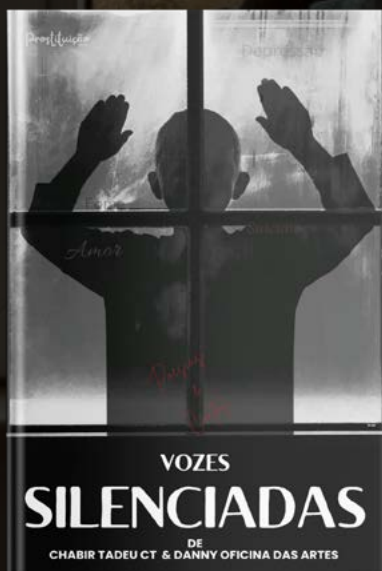
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Sueli Lopes

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Nossos Outonos: Uma analogia entre os ciclos da vida e as estações do ano, adornada de crônicas e ilustrações do outono, nos vilarejos ingleses e nos parques londrinos. Nessa jornada, há um convite e sugestões a você, leitor, para desvendar o lugar das histórias, onde a escrita é o recurso que determinará o seu percurso das águas. Que você saia da ilha. Seja qual for o seu deserto, traga água a ele, comece pela escrita. Ela é o início da materialização de suas ideias. Deixe fluir, pois suas ondas irão amenizar a seca de afeto que invade o mundo. Bem-vindo/a ao oceano de metáforas, ao mar da catarse. Bem-vindo-a às ondas que amenizam os desertos da humanidade.



Crônicas do Aqui e Agora: Crônicas criadas no ordinário, no simples, no cotidiano, com destaque à nossa forma de ver o mundo, tão inerente às nossas crenças, fé, alma, capacidade de contemplar. Uma sugestão de que os lugares que frequentamos e a forma que os enxergamos, são uma excelente fonte de escrita, e das mais afetuosas. As crônicas transitam entre a Estação de St Pancras, Londres, à travessia literária do Rio Tejo, Lisboa. Uma excelente fonte de escrita humanizada.



Rubem, Um Gato Descolado: o túnel secreto: Rubem é um ex-gato de rua, adotado por um milionário e culto senhor londrino, de quem se torna herdeiro. Ele descobre um túnel secreto, um portal, que lhe dá poder para viajar no tempo e no espaço, nos levando, de forma bem lúdica, ao encontro de escritores, histórias e lugares incríveis. "O Gato que viajara no tempo e no espaço" é um gato intelectual, descolado, que adora livros e visitas culturais. É caridoso, tem muita compaixão e se interessa pelo resgate de animais abandonados. A história mostra como é importante fazermos as pazes com a nossa própria história de vida, e muitas respostas que Rubem busca, só vai encontrar na literatura, em seus encontros com Ernest Hemingway, Bukovski, Allan Poe e Guimarães Rosa.



A Alma dos Lugares, a Memória Ancestral e os Cinco Sentido: um jeito afetuosos de fazer turismo literário e cultural: Crônicas de turismo literário na França, Inglaterra e Portugal. Quando o escritor se envolve com a alma do lugar, não escreve apenas sobre a paisagem que vê, mas também sobre as camadas invisíveis que compõem aquele espaço. O lugar se transforma em personagem, a história local dialoga com a experiência individual, e o resultado é uma narrativa profundamente humanizada, que conecta leitor, escritor e espaço de forma íntima. Ao explorar a alma dos lugares, descobrimos também partes ocultas de nós mesmos. E ao escrever sobre esses lugares, damos voz às histórias que eles contêm, perpetuando suas memórias e, de certa forma, reescrevendo nossa própria história, enriquecida pela troca e pelo encontro.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



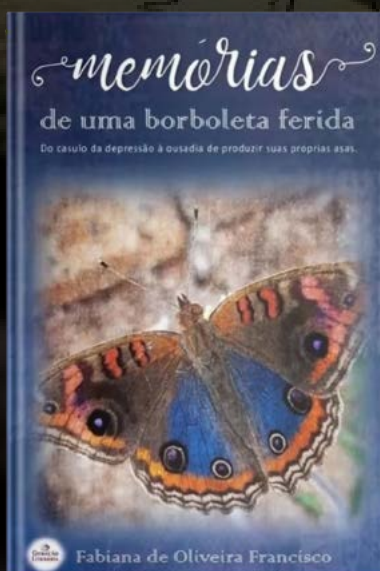
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

Acesse o link
clicando no botão verde

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida**
de Fabiana Francisco



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



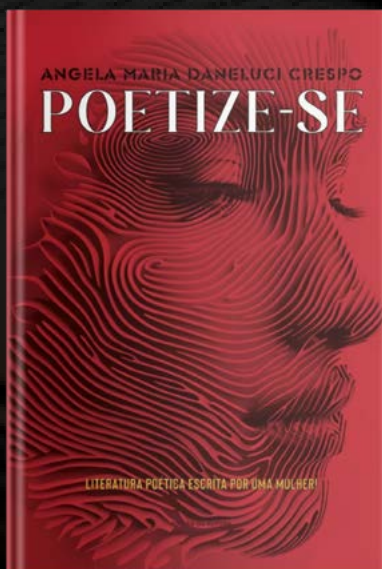
COLUNA

Escritora

Angela Daneluci

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro Poetize-se
de Angela Daneluci**



Em "Poetize-se", somos convidados a embarcar numa jornada através das palavras, quando a poesia se torna um espelho das nossas próprias emoções e experiências. Neste livro, cada verso é uma porta aberta para o universo íntimo da autora, que nos guia por paisagens emocionais profundas e reflexões que tocam o cerne da nossa humanidade. Com uma linguagem lírica e sensível, a autora revela a beleza escondida nos detalhes do cotidiano, transformando o ordinário em extraordinário através da magia das palavras. "Poetize-se" não é apenas um convite à contemplação, mas também uma celebração da vida em todas as suas nuances, da alegria efervescente à melancolia sutil. Cada poema é uma pequena joia lapidada com cuidado e dedicação, transmitindo uma gama de sentimentos que ressoam com o leitor, tocando-o profundamente. Com uma voz única e autêntica, a autora nos leva a explorar os mistérios da existência e a descobrir a beleza escondida nos recantos mais obscuros da alma.

Clique aqui



COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD

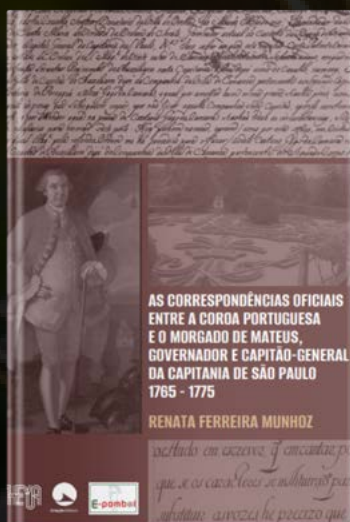


COLUNA

Escritora

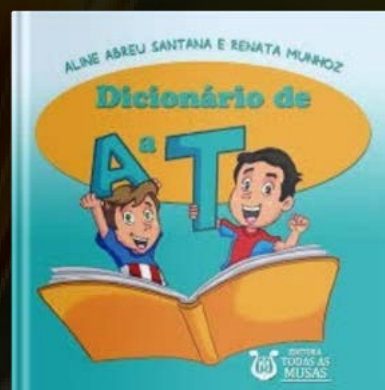
Renata Munhoz

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de textos curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.



LANÇAMENTO

MAIO & JUNHO DE 2025

Páginas de Pedra:

"A Arquitetura e o Legado das Grandes Bibliotecas Históricas"



31ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

**Participe do edital da Revista
acessando o botão abaixo**

Editais da 33ª - Ago/Set

**Tema: Entre os Tons do Nordeste:
Olhares artísticos do Sertão**

Edições anteriores



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES**



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.